DEUS É VERMELHO

a história secreta de como o cristianismo sobreviveu e floresceu na China comunista

liao yiwu

DEUS É VERMELHO

A HISTÓRIA SECRETA DE COMO O CRISTIANISMO SOBREVIVEU E FLORESCEU NA CHINA COMUNISTA

Traduzido por DANIEL FARIA

Sumário

Apresentação

Prefácio

Parte 1: A viagem a Dali

1. O cemitério

2. A velha freira

3. O tibetano

4. O ancião da Igreja (1)

5. O episcopal

6. O paciênte com câncer

7. A comunidade

Parte 2: As aldeias Yi e Miao

8. O médico

9. O mártir

10. O ancião da Igreja (2)

11. O ministro Yi

12. O banquete

Parte 3: Pequim e Chengdu

13. A visita secreta

14. O pastor clandestino

15. A poetisa e o padre

16. O músico cego

17. O orfanato

18. O novo convertido

Compartilhe

Apresentação

Liao Yiwu é o escritor contemporâneo mais censurado hoje na China. Seu poema épico “Massacre”, composto em 1989 em condenação à sangrenta repressão do governo na Praça da Paz Celestial [ou Praça de Tiananmen], o levou a quatro anos de prisão. Seu livro *The Corpse Walker: Real Life Stories, China from the Bottom Up* [O cadáver andarilho: histórias da vida real, a China de baixo para cima], de 2008, que narra a vida dos marginalizados da sociedade comunista, permanece proibido no país. Os líderes chineses consideram seus textos subversivos, pois são críticos do sistema socialista.

Apesar do ambiente adverso na terra natal, Liao não se abala e continua a soltar as rédeas da curiosidade. Em *God in China* [Deus na China], ele direciona a atenção para uma área há anos escondida do Ocidente, e que permanece um assunto de imensa controvérsia: o ressurgimento do cristianismo na China. O centro de estudos World Christian Database estima a existência de setenta milhões de cristãos praticantes no país, ou 5% da população total. Numa sociedade abertamente ateia, o cristianismo é a maior religião formal da China.

O número, sem dúvida, surpreenderá muitos ocidentais, mais inclinados a associar a China aos budistas e taoístas queimadores de incenso, ou aos pragmáticos confucionistas, ou aos comunistas ateus ambivalentes, empunhando bandeiras vermelhas e convertidos espiritualmente ao consumismo.

O cristianismo ingressou na China no início do século 7. Embora os intercâmbios científicos envolvendo jesuítas na corte de Kublai Khan estejam bem documentados, a religião não se enraizou de forma sólida até o século 19, quando melhorias no transporte e acesso ao interior possibilitaram o trabalho de ondas de missionários europeus no Império do Centro.[1] Antes da tomada do poder pelos comunistas em 1949, a liderança cristã local, formada no exterior ou tutelada pelos missionários, acelerou o crescimento da religião entre os nativos. Segundo a China Soul for Christ Foundation [Fundação Alma da China para Cristo], o número de adeptos chegava a setecentos mil quando os missionários estrangeiros foram expulsos após a tomada comunista, em 1949.

Antes da morte de Mao Tsé-tung, em 1976, muitos cristãos chineses foram presos ou executados. Nos últimos anos, com o afrouxamento do controle governamental sobre a religião, o cristianismo experimentou um crescimento explosivo, embora o Partido Comunista procure fiscalizar o movimento cristão, exigindo que todas as igrejas pertençam também ao Movimento Patriótico das Três Autonomias ou à Associação Católica Patriótica Chinesa. Em 2007, o jornal oficial *China Daily* informou que havia uma estimativa de quarenta milhões de protestantes professos e cerca de dez milhões de católicos — Pequim considera os católicos à parte da corrente principal do cristianismo — na China. Enquanto um elevado número de chineses optou por reconhecer a realidade política e praticar a religião dentro dos limites prescritos pelo governo, outros resistiram, acreditando que somente Deus, não o partido, poderia reivindicar suas crenças. Eles evitaram as igrejas “oficiais” e se reuniram para cultos nas casas — o chamado “movimento das igrejas domésticas” — apesar da perseguição permanente por parte das autoridades governamentais. O movimento tem ganhado impulso.

O interesse de Liao no cristianismo começou em julho de 1998, quando visitava um amigo

em Pequim e encontrou Xu Yonghai, um neurologista que se tornou pastor numa igreja protestante clandestina. Pela primeira vez, Liao entrou em contato com um cristão chinês. O encontro é descrito num relato chamado “A visita secreta”:

> […] com os fragmentos de conversa que pude reunir, deduzi que planejavam imprimir alguns materiais proibidos. Yonghai estava tenso e, quase de minuto em minuto, erguia a cabeça furtivamente e olhava para fora a fim de ver se havia alguém lá. Aparentemente eles haviam terminado suas atividades quando Yonghai se aproximou de mim e sussurrou: “Temos de ser cuidadosos. Acho que a casa de Wenli está grampeada.” Assenti com a cabeça, reconhecendo sua cautela.
>
> Ele queria a ajuda de Xu com uma publicação para os membros das igrejas domésticas de Pequim e, com entusiasmo, falou sobre o conceito de salvação por intermédio de Deus. Eu sabia pouco sobre o cristianismo na época e estava interessado no que ele tinha a dizer, mas no fundo rejeitei seu proselitismo. Por fim, eu disse:
>
> — Eu não vou à igreja.
>
> Ele riu:
>
> — Eu também não vou à igreja… Elas são todas controladas pelo governo.

Tendo crescido sob o regime de Mao, quando as práticas religiosas foram banidas e o comunismo foi tratado como uma religião nacional com Mao no centro, deificado e adorado, Liao permaneceu cético em relação a qualquer forma de religião. Ele possuía conhecimento escasso do cristianismo, há tempos demonizado pelo governo como “ópio espiritual” trazido pelos imperialistas estrangeiros. No entanto, para um escritor que entrara e saíra da cadeia por seus textos críticos contra o governo, Liao tinha firmes convicções a respeito da liberdade de expressão e da liberdade religiosa. Ele não partilhava da fé de Yu, mas admirou sua coragem.

Após retornar a sua cidade natal na província de Sichuan, Liao começou a pesquisar a fé cristã na China e aprendeu sobre o movimento cristão clandestino, do qual Xu Yonghai estava na vanguarda.

Liao manteve contato com Xu e se envolveu em longas conversas com ele sobre política e fé até o início de 2004, quando o telefone de Xu foi desligado. Xu havia sido preso durante uma pregação numa casa particular na província de Zhejiang, no sudeste do país, e foi condenado a três anos de cadeia.

A prisão de Xu despertou o interesse de Liao nas questões cristãs. Quando voltou a Pequim em 2005, seu amigo Yu Jie, escritor e notório ativista cristão, presenteou-o com a cópia de um documentário produzido por Yuan Zhiming, *The Cross: Jesus in China* [A cruz: Jesus na China]. O filme narra a história e o crescimento do cristianismo na China e lança alguma luz sobre os primeiros mártires cristãos e os crentes individuais que integram o “movimento das igrejas domésticas” na China de hoje. A experiência de assistir às extensas imagens das grandes reuniões cristãs foi um abrir de olhos para Liao, e ele se sentiu compelido a incluir os cristãos em um projeto mais amplo sobre as pessoas que vivem à margem da atual sociedade chinesa.

Uma oportunidade surgiu em dezembro de 2004, quando Liao, fugindo de agentes do governo que haviam invadido seu apartamento enquanto ele entrevistava membros da Falun Gong,[2] um grupo semirreligioso ilegal, escondeu-se na província de Yunnan. Em Lijang, encontrou um médico chinês cristão, identificado no decorrer deste livro somente pelo nome de família, Sun, que desistiu de uma prática lucrativa na cidade para realizar trabalho missionário nas regiões remotas e montanhosas do sudoeste da China. Como o território de

Sun cobria uma extensa área de regiões minoritárias, onde atuaram os primeiros missionários cristãos da Europa e da América, Liao pediu para juntar-se a Sun numa jornada de um mês, que o levou a aldeias com grandes populações dos povos *miao* e *yi*, dois dos maiores grupos étnicos do país.

Nesses enclaves étnicos, empobrecidos pelo isolamento e um tanto negligenciados pela modernização, Liao deparou com uma vibrante comunidade cristã que havia se originado do trabalho de missionários ocidentais no fim do século 19 e início do século 20. Liao obteve acesso raro para um forasteiro.

Liao entrevistou cristãos numa igreja branca e luminosa, "posicionada orgulhosamente entre os picos das montanhas, com uma cruz vermelha exibida com destaque na parte superior do campanário". Ele presenciou uma reunião de oração num pátio abarrotado, onde "animais e humanos viviam lado a lado, compondo um quadro harmonioso". Nos cultos celebrados como festivais, Liao ouviu aldeões analfabetos expressarem com eloquência seu amor a Deus.

Muitos dos entrevistados por Liao para este livro nunca haviam se aberto para um forasteiro. Eles partilharam histórias sobre estrangeiros "altos e loiros ou ruivos", que salvaram as aldeias durante a devastadora terceira pandemia de peste bubônica que assolou a China e grande parte do mundo no início do século 20. Contaram sobre como os estrangeiros promoveram a saúde pública e ensinaram os moradores a proteger o suprimento de água; como espalharam a alfabetização ao construir escolas; como aprimoraram a saúde por meio de seus hospitais; e como salvaram bebês e crianças abandonadas pelos pais por causa da pobreza. Os aldeões também se abriram a Liao e falaram sobre a repressão brutal e a perseguição a notórios líderes cristãos na era Mao, incluindo a trágica e heroica história do reverendo Wang Zhiming, ministro protestante executado durante a Revolução Cultural e honrado pela Abadia de Westminster, com uma estátua acima de sua entrada a oeste, como um dos dez mártires cristãos do século 20.

Liao se emocionou com o poder de sustentação da fé e com o espírito otimista entre as congregações que encontrou. Por exemplo, após recontar a trágica história do reverendo Wang Zhiming, seu filho, reverendo Wang Zisheng, disse a Liao: "Não sinto amargura. Como cristãos, devemos perdoar o pecador e seguir adiante. Somos gratos pelo que temos hoje. Há tanto que fazer. [...] Em nossa sociedade atual, a mente das pessoas está confusa e caótica. Elas precisam das palavras do evangelho mais do que em qualquer outra época".

Nas cidades, Liao presenciou as tensões políticas entre as igrejas sancionadas pelo governo e as igrejas domésticas não registradas, mas se sentiu reanimado pela abordagem mais liberal por parte das autoridades governamentais quanto à religião na área rural. Os moradores dos vilarejos tratavam política e religião de maneira mais pragmática. Ainda que tivessem sido batizados numa das igrejas patrióticas das Três Autonomias do governo, não sentiam desconforto em ouvir e orar com os líderes das igrejas domésticas. "A figura santa na cruz sobre o púlpito é o meu Senhor, seja acima do púlpito numa igreja governamental ou dentro de uma sala de estar", disse um jovem de 24 anos a Liao. Além disso, Liao descobriu ser comum para as famílias exibir um retrato do presidente Mao numa parede e uma imagem de Jesus em outra.

No final da primavera de 2009, Liao e eu começamos a discutir a possibilidade de

desenvolver um livro baseado em suas experiências na província de Yunnan. Ele queria explorar a questão mais ampla da espiritualidade na China na era pós-Mao, quando a perda generalizada da fé no comunismo, assim como a corrupção desenfreada e a ganância resultantes da tendência inexorável do país para a modernização, criaram uma crise de fé. Embora *Deus é vermelho* utilize o cristianismo como tema, seu objetivo é aprofundar as experiências passadas e presentes de determinado grupo de pessoas em busca de indícios sobre o futuro da China.

No verão de 2009, Liao retornou a Yunnan e permaneceu um mês na parte antiga de Dali, uma cidade famosa por suas diversas e robustas culturas religiosas. Ali ele conduziu uma série de novas entrevistas para expandir o escopo deste livro. Visitou as duas igrejas mais antigas da cidade, construídas por missionários ocidentais no início do século 20, e localizou ativistas e líderes cristãos locais para registrar a história de vida deles.

Em *Deus é vermelho*, Liao traz aos leitores, pela primeira vez, uma coleção de dezoito entrevistas vagamente interligadas e ensaios escritos entre 2002 e 2010. O passado, o presente e o futuro coexistem nas páginas de *Deus é vermelho*. Algumas histórias, embora únicas e pitorescas, tipificam as experiências de cristãos chineses comuns e evidenciam as controvérsias políticas e sociais que envolvem e, por vezes, ofuscam a questão da fé cristã na China de hoje. Outros trechos capturam os anos sombrios da era Mao, quando as garras da perseguição política não deixaram nenhum local intacto na China e quando milhares de cristãos, além de inumeráveis outros, foram torturados e assassinados. Mais importante, cada história coloca um rosto humano sobre as batalhas políticas históricas e contínuas, encenadas por pessoas comuns contra o que ainda é um Estado policial.

Em *Deus é vermelho*, os ensaios pessoais de Liao também documentam sua própria transformação. Ele iniciou o projeto como um forasteiro — um escritor urbano, não cristão, da etnia majoritária *han* — empurrado para uma multidão de camponeses cristãos das etnias rurais *miao*, *yi* e *bai*, cuja linguagem, tradições culturais e fé lhe eram estranhas. Por vezes, Liao se sentiu perdido e confuso. No fim da jornada, a hospitalidade, honestidade e sinceridade dos aldeões, sua busca objetiva pela fé, assim como seu otimismo pelo futuro, dissiparam qualquer sentimento de alienação e o ajudaram a obter uma compreensão melhor do país. Ele ficou profundamente comovido com o que ouviu e presenciou. Na história “A comunidade”, ele observa:

> As mulheres da vila, muitas das quais semianalfabetas, estiveram privadas do direito de falar por um longo tempo e agora não apenas “contavam” suas histórias, mas também realizavam performances, articulando suas ideias com eloquência, como se cada uma fosse uma atriz profissional treinada. As histórias eram contadas com narrativas vívidas. A variação de tom e ocasionais explosões de lágrimas reforçavam o efeito, elevando suas performances a um alto nível emocional. Eram verdadeiras contadoras de histórias. Eu era um pobre escrevinhador comparado ao dom delas.

Ainda que Liao continue um “descrente”, as viagens lhe proporcionaram afinidade com milhões de cristãos chineses que estão encontrando sentido numa sociedade tumultuada, onde o consumismo desenfreado está soterrando tradicionais e arraigados sistemas de valores. Liao enxergou paralelos entre a perseverança dos cristãos chineses e sua própria luta pela liberdade de escrever e viajar. Em setembro de 2010, quando o governo chinês finalmente concedeu a Liao uma permissão para apresentar suas obras literárias e realizar suas

apresentações musicais na Alemanha, após catorze tentativas nos dez anos anteriores, ele enviou um *e-mail* a seus amigos:

> Para obter e preservar sua liberdade e dignidade, não há outro caminho, a não ser lutar. Vou continuar a escrever e a documentar o sofrimento das pessoas que vivem no degrau inferior da sociedade, mesmo que o Partido Comunista não esteja satisfeito com meus textos. Tenho a responsabilidade de ajudar o mundo a compreender o verdadeiro espírito da China, que irá durar mais que o atual governo totalitário.

Wenguang Huang,
tradutor do texto original para o inglês.
Chicago, novembro de 2010

Prefácio

O CAMINHO DA MONTANHA É VERMELHO

“Cada centímetro de solo sob meus pés era vermelho, brilhando sob o sol fraco de inverno, como se fora encharcado de sangue.”

Anotei essa observação em meu diário no inverno de 2005, enquanto trilhava um caminho estreito de uma montanha em Yunnan, província no sudoeste da China.

Eu havia chegado a Yunnan um ano antes, fugindo dos agentes de segurança pública que apareceram para me interrogar por entrevistar membros da Falun Gong. O medo da prisão me levou a saltar do segundo andar de meu apartamento. Fugi para a cidade ensolarada de Dali, onde consegui abrigo temporário na casa de um amigo. Como um rato se esgueirando do esconderijo, nesse caso a bacia de Sichuan, sacudi a poeira, estiquei meus ossos na praia do lago Erhai e retomei minha vida de escritor e músico, tocando minha flauta chinesa na rua e nos bares, e entrevistando pessoas e escrevendo sobre elas.

Falido e deprimido numa cidade estranha, eu me desliguei de meus amigos em Pequim e Chengdu. Durante o dia, perambulava pelas ruas, acompanhava mendigos, vendedores ambulantes, músicos e prostitutas, ouvindo-lhes a história de vida. À noite, encharcava minha solidão com licor, por meio do que fiz até uma inesperada amizade com policiais à paisana enviados para monitorar minhas atividades. Ao contrário do que acontecia em Sichuan, os policiais em Yunnan nunca recusavam uma bebida grátis e não tinham escrúpulos em serem meus companheiros de bebida. Mesmo num estado de alta embriaguez, eles não se esqueciam de andar na linha do Partido, dizendo quanto tentavam proteger o sistema comunista, e que isso era bom para a China. Mas beber não foi uma boa saída e até piorou meu sentimento de solidão.

Então, no final de 2004, encontrei um cristão, conhecido entre os aldeões locais como dr. Sun, um médico. Depois da conversão ao cristianismo, ele abandonou a posição como reitor de uma grande escola de medicina perto de Xangai e partiu para as áreas rurais de Yunnan, curando os doentes e espalhando o evangelho. Naquele dia, ele estava realizando uma cirurgia de catarata dentro do barraco onde vivia meu amigo em Lijiang. A paciente era uma velha senhora, pobre demais para pagar pelo procedimento no hospital estatal.

Usando óculos, uma jaqueta informal verde e uma camiseta branca, o dr. Sun parecia mais um professor do que um cirurgião. Com cabelos ralos no topo da cabeça, ele me lembrava Xu Yonghai, um neurologista que se tornou pastor, que eu conhecera seis meses antes em Pequim. Xu, um ativista do movimento das igrejas domésticas, havia sido preso alguns meses antes por pregar na província sudeste de Zhejiang. Nesse dia em especial, o dr. Sun não fez proselitismo.

Para minha surpresa, ele disse que lera meus livros, versões contrabandeadas que conseguira comprar na rua. Quando me cumprimentou com cortesia por meus esforços literários, comecei a me perguntar o que havia no cristianismo que levara esses médicos bem-sucedidos a abandonar a carreira lucrativa em grandes cidades para adotar uma vida cheia de riscos e dificuldades.

Quando pedi permissão para entrevistá-lo, o dr. Sun em princípio recusou. “Eu levo uma

vida normal”, disse, com humildade. “Se você tiver interesse, venha comigo às montanhas. Você vai descobrir histórias extraordinárias nas aldeias de lá.”

Claro que eu estava interessado. Eu havia passado metade da vida em busca de histórias extraordinárias de pessoas comuns.

Um ano depois, em dezembro de 2005, o dr. Sun e eu nos encontramos em Kunming, a capital de Yunnan, e iniciamos uma viagem de um mês que nos levou montanhas adentro, primeiro de ônibus e depois num pequeno trator, em perigosos caminhos montanhosos pavimentados com pequenas pedras, que os moradores chamam de “balas duras”. Passamos pelas comarcas de Fumin e Luquan, das quais eu nunca tinha ouvido falar, e depois pelo distrito de Sayingpan, onde a pavimentação acabou. Arrastando-nos ao longo de trilhas sinuosas de barro vermelho, chegamos a um aglomerado de pequenas aldeias cercado por altas montanhas. Segundo o dr. Sun, existia ali uma vibrante comunidade cristã.

O lugar me lembrou um velho ditado chinês: “O céu está muito alto e o imperador muito longe”, referência às regiões tão distantes e isoladas, que parecem se encontrar além do alcance tanto dos poderes divinos quanto seculares. Fiquei curioso por saber como era possível o cristianismo, uma fé estrangeira, encontrar esse caminho e crescer em localidades tão isoladas, onde a vasta modernização que estava arrebatando outras partes da China ainda não havia chegado. Camponeses ainda levavam uma vida escassa, lavrando minúsculas porções de terra com enxadas e pás. A televisão ainda era um luxo, e muitos nunca tinham ouvido falar de geladeiras, para não mencionar computadores ou internet. A assistência médica era quase inexistente. Quando um dos moradores adoeceu, por exemplo, os camponeses precisaram carregá-lo durante seis horas até o hospital mais próximo. No caminho, na estrada irregular, ele morreu. O serviço médico itinerante do dr. Sun constituía a única esperança para os habitantes daquelas aldeias remotas.

Nos dias seguintes, depois que comecei a conversar com alguns dos aldeões, minhas suposições iniciais mudaram gradualmente. Era verdade que pessoas no frio e elevado planalto de Yunnan estavam desamparadas e afastadas dos centros urbanos desenvolvidos. No entanto, num nível mais profundo, a região nunca esteve imune às influências políticas e culturais do mundo exterior. De fato, essa região estava bem ao alcance, tanto dos poderes divinos quanto seculares.

Na aldeia de Zehei, habitada por pessoas da etnia *yi*, os moradores me levaram à cabana lamacenta de Zhang Yingrong, um ancião da igreja de 86 anos, cujo aspecto pacífico e benevolente me fez pensar em meu falecido pai. Zhang Yingrong falou com carinho sobre a China Inland Mission [Missão para o Interior da China], de Londres, que enviara o primeiro grupo de missionários para Xangai há mais de 150 anos. Naquela época, vários desses missionários do século 19 voltaram a atenção para as aldeias *yi* escondidas nas montanhas. Devido à falta de transporte moderno, esses estrangeiros, com “cabelos loiros e nariz grande”, montaram no lombo de jumentos, viajando por muitos dias para chegar às aldeias *yi*, bem a tempo de salvar o povo das montanhas de uma devastadora epidemia bubônica, com a medicina ocidental e o conhecimento de práticas modernas de higiene. Eles também levaram consigo, em traduções inexatas do mandarim, cópias da *Shengjing*: a Bíblia. A Palavra de Deus, disse Zhang Yingrong, penetrou gradualmente toda a região, ganhando o coração e a mente dos aldeões que, por gerações, haviam encontrado consolo no canto dos xamãs locais e

na adoração a deuses pagãos. O pai de Zhang Yingrong estava entre os primeiros adeptos e levou a família inteira consigo. Com o tempo, os missionários fundaram escolas e hospitais. Bem cedo na vida, Zhang Jirong frequentou o Seminário Teológico do Sudoeste e, antes de chegar aos 20 anos, já estava pronto para seguir os passos missionários.

As histórias cativantes de Zhang Yingrong despertaram meu interesse no cristianismo, sobre o qual eu sabia muito pouco. Cresci numa época em que os missionários ocidentais eram retratados como “agentes malignos dos imperialistas”, que subjugavam a mentalidade chinesa, matavam os bebês chineses e arruinavam as culturas nativas do país. Decidi conversar com alguns cristãos locais e, sob a orientação do dr. Sun, me aventurei ainda mais a fundo nos vales das montanhas.

Outro líder cristão, o reverendo Wang Zisheng, da etnia *miao*, vivia numa aldeia do outro lado de um rio. Ele contou uma história semelhante sobre os missionários de olhos azuis que salvaram vidas e espalharam as palavras do evangelho. E a mesma coisa fez o reverendo Zhang Mao-em, em Salaowu. Com o progresso das entrevistas, descobri um padrão: os moradores haviam herdado a fé cristã dos pais e avós, os quais se beneficiaram dos ensinamentos de determinado missionário estrangeiro. O missionário era inglês, alemão, americano, australiano ou neozelandês? Eles não sabiam. Para eles, isso não era importante. Por meio dos esforços do missionário estrangeiro, que encontrara um terreno fértil para plantar as sementes da fé, o cristianismo fincara raízes mais cedo do que havia acontecido em outras partes da China. Três ou quatro gerações depois, o cristianismo fazia parte da herança de cada família e integrava a história local.

Foi um caminho repleto de conflito e de sangue.

“Algumas vezes, demônios costumam seguir os passos de Deus para desfazer seu trabalho”, sussurrou-me um cristão local, referindo-se ao período na década de 1940, quando os comunistas forçaram caminho para lá e a ideologia ateísta de Mao Tsé-tung colidiu violentamente com a fé cristã. Zhang Yingrong, pregador em formação quando os comunistas iniciaram a campanha de redistribuição de terras em 1950, foi rotulado de “latifundiário”, embora não tivesse propriedades em seu nome. Os espancamentos implacáveis, o ajoelhar forçado em telhas quebradas sob chuva torrencial e uma situação perto da inanição o reduziram a um estado de quase paralisia por vários anos.

Outro pastor, Wang Zhiming, liderou o movimento cristão depois que os missionários ocidentais se retiraram da China. Na década de 1950, os oficiais comunistas locais fecharam a igreja e o enviaram ao trabalho no campo para ser reeducado. Ele aceitou em silêncio a realidade da existência sob o comunismo e cessou temporariamente suas atividades eclesiásticas. Durante a Revolução Cultural, quando o Partido lhe desrespeitou um ponto fundamental — ou seja, negou-lhe o direito de orar —, sua atitude foi de rebeldia, e ele estava disposto a abrir mão da vida. Como esperado, ele foi preso enquanto conduzia uma reunião de oração dentro de uma caverna nas montanhas e foi brutalmente executado após uma sessão pública de condenação. Sua língua foi cortada e seu corpo foi feito em pedaços.

Na era Mao, os cristãos locais não tinham permissão para orar e frequentar igrejas e eram forçados a aceitar a ideologia comunista. Eles obedeciam, mas eram poucos os que revelavam sua fé em público. A fim de proteger a fé para que não fosse totalmente suprimida na região,

alguns corajosos cristãos se reuniam para cultos dentro das cavernas nas montanhas. Em consequência, o cristianismo sobreviveu, e, poucos anos após a morte de Mao Tsé-tung, veio a desforra. Aldeia após aldeia se tornava território cristão.

Nessa jornada até o povo *yi*, participei de uma celebração da eucaristia, que os moradores comemoram como um dia festivo, com abate de porcos e galinhas para um banquete suntuoso.

Cresci em metrópoles onde o cristianismo também tem revivido e florescido na era pós-Mao, mas com uma identidade estrangeira distinta. Muitos novos convertidos são profissionais ricos ou aposentados, muito instruídos. Eles abraçaram o cristianismo do mesmo modo que abraçam a Coca-Cola ou a Volkswagen, acreditando que uma fé estrangeira, tal como produtos feitos no exterior, possui melhor qualidade. Muitos cristãos urbanos mais jovens atiram-se aos pés de Jesus porque é considerado moderno usar uma cruz e cantar um hino com sonoridade estrangeira.

Nas aldeias *yi* e *miao*, o cristianismo faz parte da cultura regional tanto quanto a *qiaoba*, um bolo especial *yi* feito de trigo sarraceno. A maioria dos cristãos que conheci eram agricultores pobres e analfabetos, que nada tinham a compartilhar com um visitante, exceto uma rica variedade de histórias. Assim como a *qiaoba*, o cristianismo é a sustentação da vida para os *yi*. Para o reverendo Wang Zisheng e o ancião da igreja Zhang Yingrong, a fé lhes permitiu sobreviver à perseguição brutal durante os anos sombrios de Mao. Para Zhang Meizhi, que perdeu o marido, os irmãos e os filhos para as campanhas políticas de Mao, a conversão recente ao cristianismo dissipou sua raiva e lhe proporcionou enfim um pouco de paz. Para um aldeão que fora exilado após matar uma cobra, que os moradores locais acreditavam poder causar lepra, sua recém-adquirida fé cristã o colocou no meio de uma comunidade ampla e acolhedora.

Nas grandes cidades da China, o cristianismo providenciará um refúgio espiritual que acalme a população inquieta, presa na busca incessante por riqueza e conforto material? Certamente mudou a vida do dr. Xu Yonghai e a do dr. Sun. Ou a fé cristã, como o budismo e o taoísmo, irá tornar as pessoas mais submissas ao poder totalitário? Há um debate contínuo entre os estudiosos chineses quanto ao fato de alguns cristãos perdoarem os assassinatos do governo como uma demonstração genuína da benevolência de Deus — ou como uma desculpa para a covardia. Enquanto o partido continua a perseguir cristãos, e mantém um olho atento a qualquer movimentação espiritual que possa desafiar sua autoridade, a disposição dos cristãos em perdoar, no entanto, não é comum a todos. Quando perguntei a uma freira centenária se ela estava disposta a orar e a perdoar o governo comunista que havia destruído sua igreja, ela pulou da cadeira e bateu com os pés, enfaticamente: “Não, claro que não! Eles ainda ocupam as propriedades da igreja! Eu me recuso a morrer! Vou esperar até eles devolverem tudo!”.

Após voltar da viagem com o dr. Sun, o assunto me deixou inquieto. Para continuar minha pesquisa sobre o cristianismo em Yunnan, retornei a Dali em 2009 para rastrear os passos dos primeiros missionários cristãos, muitos dos quais haviam se estabelecido ali e usado a cidade como base de lançamento para missões em lugares mais distantes. Essas viagens me animaram, erguendo-me de minha depressão etílica. As histórias de cristãos heroicos como Zhang Yingrong, o reverendo Wang Zhiming e o dr. Sun me inspiraram, impelindo-me a escrever um livro durante um período em que o Oriente e o Ocidente estão se encontrando e se

confrontando em diversas frentes. Nesses cantos remotos, descobri um ponto central, onde o Oriente encontrou o Ocidente, e, embora tenha havido um choque de culturas, existe agora uma nova identidade cristã que é distintamente chinesa.

O caminho tortuoso da montanha na província de Yunnan é vermelho, porque durante muitos anos foi encharcado de sangue.

Liao Yiwu
Chengdu, província de Sichuan, novembro de 2010

O CEMITÉRIO

Ze Yu parecia uma daquelas estátuas budistas sorridentes e barrigudas encontradas em restaurantes por toda a China: benevolente, rosto redondo, cabeça raspada, rechonchudo e de queixo triplo. Ele é monge e conhece todas as piadas. E quando sugeri que ele poderia ser o Maitreya, o Buda ainda por vir, Ze Yu respondeu com uma gargalhada e disse que nós, isto é, minha mãe e eu, havíamos chegado bem na hora do almoço e nos levou à parte antiga da cidade de Dali, em Yunnan, província do sudoeste do país. Meu relógio mostrava que acabara de passar do meio-dia. Era o dia 3 de agosto de 2009, e tínhamos viajado dois dias e uma noite de Chengdu, uma província vizinha de Sichuan, para nos hospedar numa casa com pátio emprestada por um amigo meu, o poeta de vanguarda Ye Fu, numa vila rural ao pé da montanha Changshan.

Comemos num restaurante muçulmano *halal*.[3] Uma pintura de peregrinos em Meca decorava o salão principal. Pedimos bife e carne de cordeiro, enquanto o monge Ze exaltava a variedade de pratos vegetarianos do restaurante. Durante a conversa, falamos sobre a “Carta 08”, o manifesto para promover reformas políticas e os direitos humanos na China, do qual ele é signatário. Cumprimentei-o por sua coragem, mas lhe perguntei se um monge não deveria se manter longe da política. Seu rosto alegre se tornou sério: “Sem democracia, o budismo não vai sobreviver aqui”.

Ao sairmos do almoço na cidade velha, Ze apontou pequenos detalhes, despercebidos para o turista comum, que trouxeram à vida mil anos de história de Dali. A velha cidade era pequena para os padrões chineses: apenas 3 ou 4 quilômetros de uma ponta à outra, com uma população permanente de trinta a quarenta mil habitantes. Mas se concentravam ali adoradores de muitos deuses e divindades. Os nativos *bai* veneravam milhares deles em seus templos, desde o lendário Rei Dragão do mar da China Oriental e a Rainha Mãe do Céu aos antigos imperadores e guerreiros. Ele nos mostrou mesquitas muçulmanas e templos budistas, além de igrejas cristãs, tanto católicas quanto protestantes. Menos visíveis, disse, eram os praticantes da Bahá’i e da Falun Gong, que usavam suas casas, assim como os cristãos que se recusavam a reconhecer as igrejas sancionadas pelo governo.

Como foram os cristãos que despertaram minha curiosidade, Ze queria me mostrar um conhecido cemitério para missionários ocidentais que haviam viajado para o interior da China mais de um século atrás. A seu ver, eu poderia aprender algo. E assim, alguns dias mais tarde, após muito caminhar entre trilhas nas montanhas e diversas viagens de ônibus, monge Ze e eu chegamos à aldeia Wuliqiao. Depois de mais caminhada, subidas na maior parte, estávamos sob um sol escaldante à beira de um cemitério.

— Aqui? — perguntei, mas Ze balançou a cabeça.

— Este — respondeu — era para muçulmanos, principalmente da etnia *hui*.

Eu sabia algo a respeito da rebelião muçulmana contra o domínio chinês na metade do século 19 e da violência que assolou Dali. Muitos *han* e *bai* foram massacrados. O imperador Qing enviou tropas e reprimiu de forma brutal o levante muçulmano, deixando milhares de vítimas. O cemitério estava delimitado por um muro de pedra. “Somente os fantasmas muçulmanos são permitidos aqui”, disse Ze. Com a supressão da rebelião muçulmana, veio um

período de calma, e foi durante a trégua que missionários da China Inland Mission, entre outros, se espalharam pela região.

"Estamos próximos", falou Ze, e continuou andando. Após cerca de 300 metros, a estrada se encerrou diante de ervas aromáticas e grossas plantas de cânhamo que batiam na altura da cintura. Encontramos uma trilha lateral que conduzia a um cume, e, daquela posição vantajosa, Ze limpou o caminho para avistar cinco lotes de plantação de milho com uma escavadeira no centro, o braço metálico da máquina em convulsão, como a perna de uma barata gigante. "Ali está o cemitério dos missionários", disse Ze.

Ziguezagueamos a descida por uma trilha íngreme, os braços estendidos como pássaros para manter o equilíbrio, mas eu ainda não conseguia ver nenhum sinal do cemitério. A escavadeira ergueu seu braço mecânico e golpeou a terra, ergue e golpeia, ergue, golpeia.

— Eles estão reformando o cemitério? — perguntei.

Ze me ofereceu um sorriso cínico:

— Se você assim preferir. Eles estão retirando as lápides. Rocha de alta qualidade, muito procurada por promotores imobiliários.

Ao olhar o chão irregular debaixo de meus pés, pude ver pedaços quebrados e entalhados de pedra, e, ao focalizá-los, grupos de letras do alfabeto romano e, por fim, palavras inteiras, em inglês, e cruzes.

Encontramos os alicerces do muro do cemitério e conseguimos medir duas quadras semelhantes, cada uma com cerca de 2 mil metros quadrados. Espaço suficiente para os corpos de muitos cristãos estrangeiros ou chineses, mas não sobreviveram registros completos para afirmar a quantidade exata.

Minha pesquisa me revelou o seguinte: o missionário britânico George Clarke comprou o terreno e construiu o cemitério. O nome chinês de Clarke era Hua Guoxiang, que significa "fragrância de flores e frutas". Membro ativo da londrina China Inland Mission desde 1865, Clarke deixou a Inglaterra em 1881 com Fanny, a esposa suíça, e chegou à cidade ancestral de Dali passando por Mianmar e pela província de Guizhou.

George e Fanny Clarke foram, quase certamente, os primeiros missionários na região. No início, imprimiam panfletos cristãos e os entregavam em mercados e ao longo da estrada. Distribuíam também balas para as crianças. Mas logo perceberam que os panfletos eram um tanto inúteis, pois os *bai*, na maioria, eram analfabetos, e o próprio conhecimento de mandarim chinês do casal foi de pouca utilidade na comunicação com um povo que falava apenas a língua *bai*. Decidiram-se então a aprender *bai*, ao mesmo tempo que iniciavam programas de alfabetização nas aldeias e ensinavam as pessoas a cantar hinos em chinês. Eles também aprenderam a imitar as danças ancestrais de adoração dos *bai* e incorporaram algo daquela cultura em seus ensinamentos cristãos. Logo, o casal Clarke passou a se vestir com trajes *bai* e a dançar ao ritmo de gongos e tambores na rua, a fim de atrair pessoas e espalhar o evangelho. Eles escreviam hinos usando um popular formato local de quintilha. Ouvi histórias sobre como os Clarke visitavam as aldeias *bai* para passar o tempo com músicos e eram vistos dançando nas noites de luar perto do lago Erhai.

Os Clarke viveram em Dali por dois anos, mas tiveram sucesso limitado. Eles criaram uma escola, que atraiu apenas três alunos. Fanny ficou grávida e deu à luz um filho. Deram-lhe o

nome de Samuel Dali Clarke.

Dois meses após o parto, Fanny adoeceu seriamente. A notícia da doença se espalhou com rapidez entre seus vizinhos chineses, que vieram consolá-la. Eles se comoveram profundamente por sua bela voz e pelo otimismo demonstrado durante a doença. Ela havia deixado instruções com o marido para que fosse enterrada em Dali, de modo que pudesse fazer parte da montanha Changshan e do lago Erhai. Sua morte inspirou muitos, e seus amigos e vizinhos chineses, e os amigos e vizinhos *deles*, afluíram para a igreja e foram batizados.

Assim teve início o cemitério cristão ao pé da montanha Changshan. Nos muros que cercavam o cemitério, artesãos gravaram cruzes e versículos bíblicos, em chinês e em inglês. George Clarke enterrou a esposa na manhã de 30 de outubro de 1883. Foi o primeiro funeral do tipo a que a população local assistiu. Para eles, despachar os mortos envolvia queima de incenso, entoação de sutras e danças xamânicas. Agora, eram convidados a compreender que a alma de Fanny estava ascendendo ao céu, onde ela estaria com Deus.

Nos anos seguintes, pelo menos cinquenta cristãos estrangeiros serviram às comunidades em Dali. Segundo o livro *The History of Christianity in Dali* [A história do cristianismo em Dali], escrito e publicado em 2005 por Wu Yongsheng, entre 1881 e 1949 a cidade se tornou uma importante base cristã no sudoeste da China. Na linda região pontilhada de lagos e margeada por montanhas, as igrejas se espalharam por toda a área rural, atraindo mais de cem mil seguidores. Os missionários construíram hospitais, orfanatos e escolas.

Fiquei impressionado com a dedicação dos missionários. Uma dessas histórias diz respeito a uma médica missionária do Canadá, Jessie McDonald. Ela veio para a China em 1913 e trabalhou num hospital em Kaifeng, cidade do centro do país, na província de Henan. Em 1940, quando Kaifeng sucumbiu às forças japonesas, ela se mudou para o sudoeste, em Dali, onde fundou o Hospital Evangélico. Seu trabalho teve um fim abrupto em 4 de maio de 1951, quando oficiais comunistas tomaram o hospital e seus equipamentos e ordenaram que a dra. Jessie deixasse o país. Por cima de um grande símbolo da Cruz Vermelha na parede frontal do hospital, um *slogan* foi pintado: “Expulsando imperialistas da China”. Muitos adeptos cristãos se assustaram; ou abandonavam a igreja ou renunciavam publicamente a sua fé. Dizem que Jessie McDonald foi a última missionária estrangeira a deixar a China, e que, no último dia, ela ignorou as ameaças dos soldados e foi orar no que hoje é a Igreja da Cidade Velha, construída por missionários em 1870. Ela estava sozinha na igreja, cercada por bancos vazios.

No topo da cúpula da igreja, havia um relógio de 150 quilos modelado com base no Big Ben de Londres. O sino foi dado por Richard Williams e William J. Embery, que o entregaram pessoalmente por via marítima em Saigon [atual Ho Chi Minh], no Vietnã, de onde foi levado ao longo do rio Mekong a Yunnan e, por fim, a Dali. A viagem total durou três meses.

A médica se dirigiu ao sino e o bateu pela última vez. O som ecoou por toda a cidade. Três senhores de idade bebendo chá na velha cidade lembram-se do fato. “O repicar dos sinos veio em ondas, ondas ressonantes, uma após outra; as pessoas em Xiaguan podiam sentir a vibração”, contou um deles.

Na tarde de 28 de janeiro de 1998, um casal da França, descendente de George e Fanny Clarke, reuniu-se em Dali com Wu Yongsheng. O casal havia se inspirado após ler a história de Alvyn Austin, da China Inland Mission, *China’s Millions* [Os milhões da China], e queria visitar o local onde os bisavós estavam enterrados.

Essa história me lembra dos versos de um poema de Paul Valéry, “O cemitério marinho”:

> Mas na noite densa, oprimida com mármores,
> Um povo ensombrado, entre raízes de árvores,
> Recobriu-se a teu lado, lentamente.

O poeta retorna na imaginação ao cemitério de Sète, sua cidade natal, no Mediterrâneo. Ele está sentado sobre um túmulo ao meio-dia, olhando fixamente para um mar calmo, contemplando a vida e a morte. Mas as coisas raramente são como imaginamos que elas sejam, e, embora o casal francês talvez estivesse à espera de um quinhão da beleza natural da China, o cenário com que depararam em 1998 era um tanto parecido com o que encontrei uma década mais tarde. Sem cemitério, sem jardim, apenas um campo vazio e — ainda que rochoso — arado para o plantio. Wu me contou que os aldeões se reuniram em torno dos visitantes franceses e tentaram relatar o que havia acontecido com os túmulos. Um deles disse que, durante a Revolução Cultural, a Guarda Vermelha usava o cemitério como alvo na luta contra os imperialistas estrangeiros, agitando bandeiras vermelhas, gritando palavras de ordem e cantando canções revolucionárias. Os guardas saquearam o cemitério, vez após vez, afirmando que iam acabar com os túmulos ancestrais dos imperialistas. Outro aldeão recordou que usaram explosivos nas lápides, destruindo-as em pedaços. Outro disse que a destruição do cemitério remontava à década de 1950; a cada campanha política, o cemitério se tornava alvo de ódio contra os imperialistas estrangeiros. Isso sem levar em conta a pilhagem local. Lápides e placas eram reutilizadas em chiqueiros, muros de quintal e alicerces para diversas casas. Mesmo antes do início da Revolução Cultural, metade dos túmulos já havia sido demolida. O cemitério dos missionários foi uma profanação a mais em nome do comunismo, que lançou no lixo uma coleção de tesouros da história chinesa.

O casal francês não encontrou o sepulcro de Fanny Clarke. Mas deve ter se animado com o fato de Fanny ter sobrevivido nas histórias que os aldeões locais contaram de geração a geração. Sinto-me movido a citar Paul Valéry novamente:

> Ergue-se o vento! Há que tentar viver!
> O sopro imenso abre e fecha meu livro:
> Ousa a onda saltar em pó além das rochas!
> Voai, perplexas e ensolaradas páginas!

Wu diz que o casal colheu flores silvestres e teceu uma grinalda, que foi posta no meio do milharal. Eles tinham consigo um pequeno acordeão, e a mulher começou a cantar uma canção, a favorita de Fanny Clarke, segundo ela. Quando Wu me contou sobre a canção, eu a reconheci de imediato. Foi composta a partir de um poema de 1805 de Thomas Moore [intitulado “The Last Rose of Summer”, ou “A última rosa do verão”], e permanece popular entre cantores e compositores, e até mesmo em Hollywood:

> Eis a última rosa do verão
> Sozinha a desabrochar;
> Todas as adoráveis amigas
> Esmaeceram e partiram;
> Nenhuma flor de sua parentela,

Nenhuma outra entreaberta,
Para refletir seus rubores,
Para suspirar por ela.

Ali estava eu no mesmo lugar, onze anos depois. O anoitecer se aproximava. A canção estava em minha mente, e eu me balançava ao ritmo de um acordeão invisível. “É hora de partir”, avisou o monge Ze.

Retrocedemos nossos passos, de volta ao ônibus, de volta aos arbustos de cânhamo, de volta à rodovia. Eu podia ver o campanário de uma igreja, e uma nova lua crescente se erguera com as estrelas. Pude ouvir o cantar do hino dissipando-se ao longe.

A VELHA FREIRA

Zhang Yinxian era veloz para alguém com mais de 100 anos, e, ao acompanhá-la pelo adro da igreja na parte antiga de Dali, ocorreu-me que ela era um bocado parecida com um pedaço de ginseng fresco, ligeiramente recurvada, mas cheia de vida e energia. Ela me ignorou enquanto eu a seguia, tentando me fazer agradável, e por fim expressou em palavras minha dificuldade de compreender que ela estava ocupada demais para conversar. “Ela é uma verdadeira celebridade por aqui”, disse o amigo que me convidara e a outros dois escritores em agosto de 2008 para ir ao monte Weibo visitar a antiga igreja católica romana, na avenida Renmin, onde um velho companheiro de escola era padre.

A irmã Zhang permaneceu em minha mente, e, uma semana depois, procurei-a novamente na igreja, mas logo ficou claro que seu pesado sotaque do sudoeste e a surdez parcial tornariam impossível qualquer conversa significativa. Meus gritos e gesticulações atraíram a atenção de algumas outras freiras, a mais jovem, supus, na casa dos 70 anos, e ela começou a me interrogar: De onde você é? O que você quer? Você é um paroquiano? Você é cristão? Eu disse a ela que era um escritor e queria entrevistar a irmã Zhang. “Quer dizer que você é jornalista ou algo do tipo?”, perguntou, e me disse que eu teria de partir e adquirir uma carta de aprovação do Gabinete de Assuntos Religiosos local. Repreendido, parti.

Visitei Dali novamente no ano seguinte e, após ter aprendido a lição, utilizei uma abordagem mais cautelosa, passando uns dias a recolher mais informações a respeito da igreja e da irmã Zhang. Também contei com a ajuda de meu amigo Kun Peng, que era cristão e bem versado em teologia. Peng tinha um contato, a irmã Tao, de seus trinta e poucos anos e dona de olhos brilhantes que irradiavam simpatia. Ela cuidava da irmã Zhang e disse que tentaria arranjar minha entrevista e atuaria como intérprete.

Kun Peng e eu retornamos no domingo seguinte, depois da missa da manhã, e fomos encaminhados a uma sala de conferências. Após cerca de uma hora, a irmã Tao apareceu com a irmã Zhang, atuando como uma intérprete fluente e necessária, pois achei difícil compreender a irmã Zhang. “A irmã Zhang perdeu todos os dentes”, disse a irmã Tao. “Ela é facilmente irritável e possui uma voz alta. Para pessoas de fora, soa como se ela estivesse berrando numa língua estrangeira.”

Durante toda a entrevista, a irmã Tao se sentou próxima a ela, um pouco atrás e à direita. A irmã Zhang era surda do ouvido esquerdo e a visão de seu olho esquerdo estava prejudicada, mas logo se tornou evidente que ela possuía uma memória incrível. Quando falava a respeito de temas sobre os quais tinha opiniões particularmente fortes, ela se levantava e batia os pés, lembrando-me um pouco das reclamações do rei Lear, de Shakespeare, contra os elementos. A irmã Zhang era louca, sim, mas não era uma loucura qualquer.

Nossa conversa teve um ritmo acelerado, mas, quando sugeri uma pausa para deixar a irmã Zhang descansar, a irmã Tao disse que isso era desnecessário. “Ela é muito mais resistente do que você pensa. A irmã Zhang cozinha as próprias refeições e tem um apetite muito saudável.” Em determinado momento, quando falávamos sobre seu estado de saúde, a irmã Zhang se dirigiu a um vaso de flor grande e pesado e atravessou toda a sala com ele. Todos nós rimos, e eu percebi que a risada da irmã Zhang se assemelhava à de uma criança, fluindo livremente, e

as rugas em seu rosto quase desapareceram.

A irmã Zhang me mostrou três cruzes que carregava. Uma delas fazia sessenta anos que lhe pertencia. Conversamos por duas horas, até que a irmã Tao sugeriu que encerrássemos, porque era hora do almoço. A irmã Zhang não queria sair. Quando tentamos levantá-la da cadeira, ela nos repreendeu e continuou a falar, gesticulando repetidamente com os braços no ar. Não consegui entender o que ela tentava dizer e me virei para a irmã Tao em busca de ajuda. “Ela ainda está expressando seu desagrado com o fato de que uma extensa porção de terra pertencente à igreja foi confiscada pelo governo durante a Revolução Cultural”, disse a irmã Tao. “Ela quer de volta. Ela quer presenciar a devolução do terreno antes de deixar este mundo.” Um daqueles velhos ditados me veio à mente: “Pessoas de pavio curto têm vida curta”. Claramente, a irmã Zhang era uma exceção, pensei.

Liao Yiwu: Eu estava ansioso por falar com a senhora já há algum tempo.
Irmã Zhang Yinxian: Eu estou aqui na igreja todo dia, orando, cozinhando, fazendo exercícios, jardinagem, amaciando a terra para as formigas e as minhocas. Se não estou por perto, é porque saí para comprar verduras no mercado.

Liao: Quando a senhora nasceu?
Irmã Zhang: Nasci no dia 3 de agosto de 1908 em Qujingcheng, na província de Yunnan. Não consigo sequer me lembrar da aparência de meus pais. Eles morreram quando eu tinha 3 anos. Fui órfã. Eu tinha um irmão. Ele foi levado por um caudilho local. Acho que morreu num campo de batalha. Fui enviada por um tio a Kunming para servir ao Senhor.

Liao: Seu tio?
Irmã Zhang: Ele era padre. Na dinastia Qing, sob o imperador Tongzhi [1856-1875], missionários católicos vieram do Vietnã para Yunnan. Quando eu era criança, havia muitos missionários estrangeiros, em particular da França. Eles me ensinaram a ler e a escrever. Estudava a Bíblia, assistia à missa e rezava.

Às vezes, fazia alguns bicos. Naquele período, as pessoas sofriam terrivelmente. O pequeno mosteiro me abrigou do caos exterior.

Quando completei 13 anos, acompanhei minha tia a Dali. Na época, havia várias igrejas na parte antiga da cidade. Apareceram então mais missionários católicos. Eles representavam diversas ordens religiosas: jesuítas, paulinos, franciscanos, e assim por diante. Nossa diocese expandiu rapidamente, indo para as regiões de Lijiang, Baoshan, Diqing, Lin Cang, Dehong e Xishuangbana. No auge, tivemos mais de oitenta mil paroquianos de todas as etnias: *han*, *bai*, tibetanos, *yi*, *dai*, *jingpo*. Esqueci alguém? Enfim, para acomodar o crescimento, os Missionários do Sagrado Coração compraram uma extensa faixa de terra, na década de 1920. Eles colocaram um bispo francês no comando. Seu nome chinês era Ye Meizhang. Sob sua liderança, a organização construiu um mosteiro, um orfanato e esta igreja aqui.

Naquele tempo, tínhamos cerca de quatrocentas pessoas vivendo dentro da igreja, e aos domingos os moradores locais lotavam a missa, vindos de toda parte. A igreja não conseguia

conter tantas pessoas. Alguns acabavam em pé ou se ajoelhavam no pátio. Crianças vinham com seus pais. Quando se aborreciam, elas subiam nas árvores.

Como ingressei muito cedo na igreja, eu conhecia todos os hinos, e quando o padre citava uma passagem bíblica, eu poderia lhe dizer imediatamente o capítulo e o versículo, e conhecia todas as histórias associadas àquela referência. As pessoas sempre me cumprimentavam, dizendo quão inteligente eu era, mas minha tia me olhava com severidade e dizia: “Ei, não fique se exibindo assim”.

Liao: Eu cresci na década de 1960. Minha geração aprendeu que a religião era a ferramenta empregada pelos imperialistas para escravizar pessoas e que as freiras realizavam experimentos médicos em crianças nos orfanatos estrangeiros.

Irmã Zhang: Mentiras, mentiras. Numa sessão de denúncia pública durante a Revolução Cultural, fomos acusados de assassinar órfãos. Eles diziam que os padres eram vampiros.

Em tempo de fome ou de guerra, os pobres abandonavam seus filhos na beira da estrada. Alguns escolhiam uma noite de luar agradável, cobriam o bebê com camadas de roupas e o abandonavam na entrada da igreja. Quando encontravam o bebê, as freiras traziam a criança para dentro, não importava se estivesse saudável ou doente. Alguns pais eram bastante astutos. Eles deixavam a criança conosco e voltavam depois que o período de dificuldades havia passado. Mas a maioria das crianças daqui nunca foi reivindicada. As pessoas eram pobres na época, e era comum uma família ter muitos filhos. Os pais tratavam seus bebês como pequenos animais. Se os bebês eram fortes e sobrevivessem, permaneciam com eles. Se os bebês adoecessem, os pais os abandonavam para estranhos ou então os deixavam morrer.

Vi muitos casos assim, sobretudo com meninas. Elas eram abandonadas à beira de trilhas das montanhas ou na praia. As felizardas eram apanhadas pelos viajantes, mas muitas se tornaram vítimas de animais, como cães. No caso dos meninos, se nasciam com deformidades ou doenças, eram sujeitos ao mesmo destino das meninas. Quando as freiras viam um bebê abandonado do lado de fora, levavam-no ao padre ou ao bispo que conhecesse medicina ocidental. Se o bebê tivesse permanecido lá fora por pouco tempo, havia esperança. Os que ficavam por um longo tempo podiam ter os braços ou as pernas destroçadas por animais selvagens. As chances de sobrevivência eram muito pequenas. Quando morria um bebê, fazíamos preces e o enterrávamos no cemitério católico. Localiza-se no lado sul da aldeia Wuliqiao, é aquele que foi destruído.

Liao: Visitei o cemitério. É um milharal agora.

Irmã Zhang: Na verdade, havia dois cemitérios ali, um para católicos e outro para protestantes. Os dois se localizavam próximos um do outro. Ambos estão destruídos agora. Não conseguimos sequer a devolução da terra por parte do governo. Muitos católicos locais foram enterrados ali. Assim como as crianças abandonadas que não fomos capazes de salvar. Pobres bebês! Nós realizávamos uma cerimônia simples e lhes oferecíamos um enterro apropriado. Nos cemitérios, fazíamos sepulturas para todos, fosse você um bispo, um padre, uma freira, um monge, um paroquiano ou um bebê abandonado. Nas lápides, encontravam-se inscrições do nome, data de nascimento e morte, esse tipo de coisa.

Liao: Como vocês descobriam o nome dos bebês abandonados?

Irmã Zhang: Se não estivesse com o bebê, a freira que o encontrasse daria um nome, chinês ou francês. Aí anotávamos quando e onde nós o encontramos.

Por volta da década de 1940, nossa igreja havia adotado mais de duzentos órfãos. As freiras, na maioria, se tornaram babás em tempo integral. As que tinham treinamento médico viraram pediatras. Minha tarefa era trabalhar na cozinha, esquentando leite, cozinhando mingau de arroz. Às vezes, trazíamos quatro ou cinco bebês abandonados num único dia. Eles estavam tão famintos. Acho que um casal de antigos órfãos ainda vive aqui perto. Eles têm seus setenta ou oitenta anos agora. Mas, apesar do clima de mudança política, ainda não admitem suas relações com a igreja.

Liao: Por que isso?

Irmã Zhang: Eles renunciaram à igreja durante a Revolução Cultural, com medo de serem acusados de conluio com os imperialistas estrangeiros. Mesmo hoje, embora a situação tenha mudado para melhor na última década, eles provavelmente continuam com medo da perseguição.

Olhando em retrospecto para a primeira metade da minha vida, eu fui feliz de verdade. Todo dia a igreja causava um rebuliço entre o povo. No outono, quando a brisa soprava as folhas das árvores — Deus amado — o chão se cobria com uma camada de ouro. Durante as orações ou a missa, a igreja ficava repleta de fiéis, mas em outros momentos todo este pátio se mantinha em silêncio, um lugar de feliz tranquilidade. Nos velhos tempos, nossa igreja era enorme, e eu estava tão ocupada todos os dias que as costas doíam o tempo todo. Meu trabalho favorito era limpar o interior da igreja, tirando a poeira do altar, dos bancos, das estátuas. Tínhamos mais de uma dezena de padres da França, Suíça e Bélgica. Se eu fizesse algo errado, eles gracejavam comigo, dizendo: "Como castigo, você precisa cantar três hinos. Solo". Eles se uniam a mim, e iniciávamos uma disputa de hinos.

Liao: E quanto à segunda metade de sua vida?

Irmã Zhang: Em agosto de 1949, às vésperas do golpe comunista, um sacerdote sueco, padre Maurice Toruay — não consigo acreditar que ainda lembro o nome dele — viajou para a região de Cizhong [perto do Tibete] para pregar o evangelho. Ele foi baleado e morto. A notícia nos atingiu duramente. Era como ouvir o grasnar sinistro de corvos sombrios. Podíamos sentir o perigo à espreita. Nós todos ajoelhamos e oramos por proteção na nova fase. Durante uma missa em particular, nós nos fortalecemos, à espera do sofrimento que sabíamos iminente. Estávamos prontos para seguir os passos do padre Toruay e sacrificar a vida, se necessário, para glorificar a obra do Senhor. Sabíamos que o caminho à frente não seria fácil, mas estávamos preparados.

Em pouco tempo, as tropas comunistas invadiram a cidade. Pessoas agitavam bandeiras vermelhas e batiam tambores e gongos para receber os soldados. O país inteiro se tornou "vermelho". As montanhas e o lago Erhai se tornaram "vermelhos". Até a igreja foi decorada com bandeiras vermelhas e retratos do presidente Mao. Missionários estrangeiros foram segregados numa fileira de pequenas salas com as cortinas fechadas. Os soldados vigiavam as portas, e ninguém tinha permissão de se aproximar.

Liao: Em que ano isso aconteceu?

Irmã Zhang: Em 1952. Por volta de fevereiro daquele ano, todos os estrangeiros haviam ido embora.

Liao: Vocês realizaram uma última missa ou algo do tipo para se despedir deles?
Irmã Zhang: Não. A capela foi lacrada e ninguém tinha autorização para entrar. Após a partida dos estrangeiros, todos na igreja tiveram que passar por um processo de revisão política. Tanto os leigos quanto os clérigos estavam assustados e partiram em bandos. Eles atenderam ao chamado do governo e foram para casa trabalhar na lavoura. Alguns renunciaram abertamente à igreja. Diziam: "Vou ouvir as palavras do presidente Mao e cortar todas as relações com a Igreja Católica que escraviza pessoas". O governo alvejou os bens da igreja por toda a China. Bispos estrangeiros foram obrigados a entregar tudo ao novo governo e a assinar documentos preparados com antecedência. Eles diziam que as propriedades da igreja haviam sido obtidas através da exploração das massas. Dessa forma, todos os bens foram confiscados.

Nunca esquecerei 1952, o ano em que a igreja ficou vazia. Costumava ser tão gloriosa. Da noite para o dia, tudo se perdeu. Ratos tomaram conta do lugar. Tínhamos nos acostumado a ter quatrocentas pessoas trabalhando na igreja. Sobraram apenas três: eu, minha tia e o bispo Lui Hanchen. Fomos obrigados a sair. O bispo Liu argumentou e recusou-se a partir. "A igreja é nosso lar e não temos para onde ir".

No início, permitiram que ficássemos. No fim do ano, membros da milícia local apareceram armados e nos levaram a uma aldeia aos pés da montanha Cangshan. As autoridades locais realizaram uma sessão pública, anunciando que estávamos sob a supervisão dos aldeões dali. Ordenaram que nos dedicássemos ao trabalho físico e reformássemos nosso modo de pensar. Construíram uma escola primária e uma escola secundária no terreno que haviam tomado da igreja e converteram o mosteiro num alojamento para funcionários do governo.

Liao: E assim, a senhora se tornou uma lavradora.
Irmã Zhang: Uma cidadã de classe baixa espezinhada entre as massas.

Liao: Por quantos anos?
Irmã Zhang: De 1952 a 1983. São 31 anos, não?

Liao: Como conseguiu sobreviver?
Irmã Zhang: Cultivávamos a própria colheita e hortaliças para nos sustentar. Quando saímos da igreja, não obtivemos permissão para trazer nada conosco. Caminhamos todo o percurso até a vila, e, antes mesmo de conseguirmos um copo de água, os líderes locais nos arrastaram a uma sessão de denúncia pública. Eles nos fizeram desfilar em torno da aldeia, junto com alguns monges e monjas budistas, sacerdotes taoístas e vários líderes das igrejas protestantes locais. Mandaram que formássemos três filas na frente de uma plataforma. Demos de cara com centenas de aldeões de punhos erguidos, gritando palavras de ordem revolucionárias. Alguns cuspiram em nós. Esse tipo de ódio. Enquanto o líder agitava a multidão, um ativista camponês surgiu e estapeou o rosto do bispo Liu. Minha tia deu um passo à frente. "Como você ousa dar um tapa nele?" O ativista havia sido um lavrador pobre, e, quando os

comunistas confiscaram as propriedades dos latifundiários, ele foi um dos beneficiários. Ele apontou para minha tia e berrou: "Você é uma contrarrevolucionária, e nós a derrotamos. Vocês são lacaios dos imperialistas que nos exploravam". Minha tia disse: "Não somos. Viemos de famílias pobres e nunca exploramos ninguém". O ativista gritou novamente: "Ainda por cima é teimosa e não vai admitir sua derrota. Você precisa ser punida". Punhos se levantaram, e a multidão começou a entoar: "Abaixo a freira contrarrevolucionária!". Minha tia não recuou. Ela disse ao agressor: "Bata em mim, se quiser. Se você me bater no lado esquerdo do rosto, eu lhe darei também o lado direito".

Liao: Oferecer a outra face...
Irmã Zhang: Aqueles sujeitos não tinham ideia do que minha tia queria dizer. Tivemos de suportar muitos outros encontros políticos, mas, depois de um tempo, os comentários humilhantes não nos incomodavam mais. Ficamos mais espertos. Aprendemos a nos proteger. Essas campanhas todas, para denunciar tanto latifundiários, como budistas, católicos, ou intelectuais, eram todas iguais. Pessoas gritavam palavras de ordem —"Abaixo fulano!", "Espanquem Li até ele não poder se levantar!", "Viva o presidente Mao!", "Viva o Partido Comunista!", "Viva a vitória do que quer que seja!" — e a cada vez, obrigavam-nos a confessar. Em pouco tempo, já sabíamos o procedimento de cor; tudo o que fazíamos era alterar algumas palavras.

Liao: Como era viver na aldeia?
Irmã Zhang: A aldeia nos alojou numa casa de pedra com dois quartos, que eram muito frios. Parecia mais um chiqueiro do que uma casa. A nova vida foi realmente difícil para o bispo Liu e minha tia; ambos já estavam bem velhos. Eu era relativamente jovem. Então me dirigi ao líder da aldeia e pedi panelas e frigideiras, alguns grãos e roupas de cama. Ele me fez assinar um pedaço de papel, dizendo que eu iria reembolsar o valor depois que tivesse ganhado dinheiro suficiente.

O que se seguiu foi trabalho árduo. A atividade agrícola não era tão difícil, mas exigia bastante força física. Eu cuidava da maior parte do cultivo. Minha tia e o bispo Liu me ajudavam. Quando não havia sessões públicas de denúncia, podíamos viver a vida calmamente. A aldeia nos emprestou um boi para que pudéssemos arar o campo. Também criávamos porcos e galinhas e cultivávamos legumes. Fazíamos picles com os vegetais excedentes e vendíamos no mercado local. Ovos também. Com o dinheiro obtido, comprávamos óleo vegetal, molho de soja, esse tipo de coisa. A vida era dura, mas nos virávamos, e em pouco tempo pudemos respirar um pouco mais aliviados.

Liao: E aí, é claro, veio o Grande Salto Adiante [4]...
Irmã Zhang: Subimos todos às montanhas para derrubar árvores, a fim de abastecer as fornalhas da produção de aço e ferro. Diziam que, se trabalhássemos duro, a China poderia se tornar uma nação industrializada em dois ou três anos. Na aldeia, tivemos de abrir mão de todas as nossas coisas, inclusive utensílios de cozinha. Mas ninguém se importou com as lavouras. A fome chegou. Muitas pessoas morreram. Foi horrível, realmente horrível. Nós nos mantínhamos com um caldo de milho ralo, quase tão incolor quanto água pura. Dava para ver o reflexo do sol no fundo da tigela; parecia uma gema de ovo. O bispo Liu costumava brincar

que o desenho de um ovo era melhor que ovo nenhum, e minha tia levantava a tigela com as mãos e dizia, com seriedade: “Estamos comendo o caldo de ovo ensolarado oferecido pelo Senhor. Tenho certeza que o caldo dessa tigela possui mais nutrientes”.

Em pouco tempo, não restava mais nada. Tínhamos que buscar comida nas montanhas. Procurávamos verduras silvestres, raízes de capim, musgos, até mesmo cascas de árvore. Alguns dos aldeões se desesperaram tanto a ponto de desenterrar cadáveres e se regalar com a carne. Até monges budistas caçavam e comiam ratos. Vou lhe contar, havia caos em todo lugar. Se a fome tivesse durado mais, estou certa de que os aldeões teriam nos devorado. Graças a Deus, sobrevivemos.

Orávamos, na estrada, na subida de uma colina, em casa. Havíamos passado muitos anos lendo a Bíblia, e as palavras de Deus estavam esculpidas, martelada após martelada, na minha mente e no meu coração. Não importa quanto o governo tentasse, tais palavras não podiam ser apagadas. Quando nos sentíamos atordoados pela fome, nunca pedíamos ajuda, pois eles não podiam sequer ajudar a si próprios. Rezávamos para que o Senhor nos concedesse paz.

Certo dia, eu me juntei a outros aldeões para procurar comida numa área nas montanhas. Quase metade do dia se passara, e eu não havia encontrado nada. Estava exausta e caí no chão e não conseguia mais me levantar. Foi quando notei alguns cogumelos selvagens coloridos perto de mim. Eram os cogumelos venenosos que ninguém ousava tocar. A fome enfraquecia minha vontade e meu juízo. Apanhei os cogumelos e os levei à boca. Cresci na região e conhecia as terríveis consequências de se engolir cogumelos venenosos. Oh, bem, se eu tivesse de escolher entre morrer de fome e morrer envenenada... Escolhi a última opção e orei pelo perdão de Deus. Alguns minutos depois, tive uma dor de estômago intensa. Coloquei os dedos no fundo da garganta, na esperança de conseguir vomitar. Mas, como não havia nada em meu estômago, os cogumelos venenosos foram digeridos e absorvidos muito rapidamente. Minhas mãos e pés começaram a tremer. Meu corpo todo começou a chacoalhar. Enrolei-me em torno de uma árvore e continuei rezando. Se fosse morrer, queria morrer em oração.

Quando acordei, a lua já se achava no céu. Consegui ficar em pé. Ainda estava muito faminta, mas a dor de estômago sumira. “Amém”, murmurei para mim mesma. “Amém. Obrigado, Senhor, por sua proteção”. Eu estava viva, mesmo sabendo que deveria estar morta.

Liao: Vocês três sobreviveram.

Irmã Zhang: Durante a Revolução Cultural, o bispo Liu foi levado a algum lugar em Haidong para mais interrogatórios. Ele foi espancado várias vezes. Sua saúde se deteriorou muito. Em 1983, quando o Partido revogou sua política religiosa, nós nos reencontramos. O Gabinete de Assuntos Religiosos local encontrou para nós uma casa de dois quartos em frente à antiga igreja. Assim, nós três nos mudamos para lá e tentamos convencer os moradores e as autoridades escolares a nos devolver a igreja e a propriedade da igreja. O bispo Liu mencionou a política do partido nas negociações e disse a eles: “Embora sejamos velhos e fracos, não iremos ceder: esta é a igreja de Deus”. Os moradores lhe disseram: “Para o inferno com seu Deus”.

Depois, tentamos convencer os funcionários do Gabinete de Assuntos Religiosos local. Carregando minha tia nas costas, nos dirigimos ao prédio da prefeitura de Dali, mas ninguém quis falar conosco. Saí então do prédio e coloquei minha tia nas escadas externas. Sentei-me

perto dela, jejuando e protestando pacificamente.

Liao: Qual a sua idade na época?
Irmã Zhang: Acho que 75 ou 76 anos. Minha tia já tinha passado dos 90. Chegávamos em casa à noite e voltávamos para lá na manhã seguinte. Minha tia tinha asma e mal podia respirar. Eu lhe dizia para ficar em casa, mas ela recusava. “O Senhor pertence a todos nós, não só a você”, falava. Na década de 1980, a estrada da parte antiga de Dali a Ziaguan, capital da província, era realmente ruim. Todo dia, eu acordava ao romper da aurora. Primeiro eu orava, depois varria o quintal e preparava o café da manhã. Minha tia havia se tornado freira aos 21 anos. Era uma bela mulher e se cuidou muito bem. Ela me censurava por eu ser meio moleca. Bem, eu precisava agir feito um homem. Tinha de trabalhar no campo, criar porcos e galinhas. Nunca tive tempo para mim. Na primeira manhã de nosso protesto oficial, minha tia me disse para usar roupas novas. “Estamos realizando um protesto no meio da rua. Não se vista como um mendigo para envergonhar o Senhor.” Levei-a ao terminal rodoviário fora do portão sul da cidade. Duas horas depois, estávamos na parte externa do edifício do governo da província. Estendi uma colcha no chão e deitei minha tia. Sentei perto dela e comecei a rezar. Logo, estávamos cercadas por uma multidão de curiosos. Disse a eles o que havia acontecido. Estávamos lá todos os dias. Fizesse chuva ou sol, não nos importávamos.

Tudo o que sabíamos era que um grande número de pessoas estaria ali diariamente. Às vezes a multidão era tão densa que parecia um muro humano. Sentia-me um pouco desconfortável. Então eu me levantava, erguia a cruz sobre a cabeça e pedia que se dispersassem. Mais pessoas, porém, paravam e olhavam. Algumas se aproximavam de minha tia e sussurravam para o grupo: “A velha ainda respira. Ela está resmungando algo para si”. Eu corrigia a pessoa, dizendo: “Ela não está falando sozinha. Está rezando”. E eles perguntavam: “O que ela está rezando?”. E eu repetia suas palavras em voz alta: “Querido Senhor, você me colocou aqui para me testar neste mundo secular. Por favor, perdoe meus pecados e corrija meus pensamentos. Por favor, resgate-me das forças más deste mundo. Amém”.

Liao: As pessoas entendiam?
Irmã Zhang: Não, não entendiam. Muitos diziam que estávamos loucas. Algumas pessoas de bom coração sugeriam que desistíssemos. “Vocês deveriam pensar do ponto de vista do governo”, diziam. “Eles têm uma província inteira para dirigir. Não é fácil. Vocês deveriam ser patriotas e amar seu país.” Eu não discutia com eles. Nós permanecemos do lado externo do prédio do governo da província por 28 dias. Durante o dia, eu jejuava. Bebia somente água. Tendo em conta a saúde ruim de minha tia, eu a alimentava com um pouco de sopa de macarrão por volta do meio-dia. Quando o sol começava a se pôr, eu a carregava até o terminal rodoviário e voltávamos para casa em Dali.

Com o passar do tempo, achei cada vez mais difícil carregar minha tia, já que eu só tomava o café da manhã e jejuava o dia todo. Estava perdendo peso. Minhas pernas estavam fracas. Começamos então a passar a noite na rua. Os guardas do prédio e a polícia tentavam nos expulsar dali. Nós os ignorávamos. Ninguém se atrevia a nos prender. Éramos duas senhoras

de idade. Tenho certeza que eles se sentiam mal por nós.

Depois de um tempo, as pessoas na rua começaram a se acostumar com nossa presença. Alguns nos cumprimentavam quando passavam. Não havia mais multidão nenhuma. Um casal de crianças costumava aparecer e brincar conosco. Mas acredito que nossa presença causou uma impressão bem ruim ao governo, pois, no 28º dia, um oficial superior apareceu, acompanhado de dois assistentes. Ele se manteve ali por vários minutos, depois agachou perto de mim: "Você é Zhang Yinxian?". "Sim", eu disse. "E esta é minha tia, Li Huazhen". Ele era um pouco sarcástico, e eu disse: "Não queremos lhe causar problemas. Só precisamos de um lugar para viver". Ele se intrigou com minha resposta e disse: "Vocês têm um lugar. Uma casa de dois quartos não é grande o suficiente para vocês?". Eu disse rapidamente: "Não somos esses idosos sem filhos que vivem numa pensão. Vocês não podem simplesmente nos jogar numa casa e nos calar. Queremos nossa igreja de volta. Precisamos de um lugar apropriado para adorar o Senhor". Ele recuou um pouco e disse: "Bem, nós devolveremos os bens da igreja, afinal. Isso leva tempo". Fiquei impaciente. "Tempo? Estamos esperando há 31 anos. Eu tenho apenas 70 anos, então ainda posso esperar, mas e minha tia? Ela já passou dos 90 e tem muitos problemas de saúde. Não acho que ela possa esperar." O oficial se irritou. Ergueu a voz: "Quem você pensa que é? Você não pode ameaçar o governo e nos dizer o que fazer. Estamos trabalhando duro para que isso aconteça, mas leva tempo. Você terá de esperar ao menos mais três ou quatro anos". Minha tia estava ouvindo, meio adormecida, e então me pediu para ajudá-la a levantar. Ela disse: "Se esse é o caso, eu vou morrer exatamente aqui, bem no meio da rua". Acrescentei: "E eu também; nós duas estamos prontas para morrer aqui mesmo, na frente do prédio do governo". O oficial respondeu: "Façam como quiser". Ele estava com raiva e, antes de partir, virou-se para mim e vociferou: "Você está ameaçando o Partido Comunista?". Com calma, eu disse: "Tudo o que eu quero é conseguir a igreja de volta. Não vou mantê-los responsáveis por nossa vida".

Liao: O que aconteceu depois?
Irmã Zhang: Poucos meses após o confronto, informaram que poderíamos obter nossa igreja de volta: a capela antiga, duas fileiras de casas ao redor da capela e as duas casas com pátio. As pessoas na parte antiga ficaram chocadas. Diziam: "Essas duas velhas más. São bem teimosas. Até o governo cedeu". Bem, isso não é o bastante. Nós só tínhamos conseguido reaver um quarto dos bens da igreja. As duas escolas do outro lado da rua também faziam parte da igreja. A propriedade era tão grande quanto três ou quatro campos de futebol. Nunca teremos aquele terreno de volta.

Liao: Vocês três vivendo neste lugar imenso; não era como um sonho realizado?
Irmã Zhang: A igreja não nos pertence. Só cuidamos dela para o Senhor.

Liao: Como a senhora se sustentou naqueles dias?
Irmã Zhang: A essa altura, os outros dois se encontravam velhos e doentes. Eu criava porcos e galinhas, cultivava legumes. Podíamos dar conta das despesas. Estávamos felizes. Minha tia morreu em 1989. Tinha 93 anos. O bispo Liu morreu em 1990, com 90 anos. Eles foram enterrados na montanha Cangshan. Há um local que me espera próximo à sepultura deles. Um dia antes de falecer, o bispo Liu me disse que queria celebrar uma missa na igreja, mas ele

mal havia colocado sua batina quando se prostrou e caiu. Rezei por ele, e, ao suspirar pela última vez, seus olhos se fecharam. Ele sorria. O crepúsculo se aproximava. Eu podia sentir os anjos lá fora, voando em direção ao sol poente. Senti uma brisa suave.

Agora eu estava sozinha e me sentia muito triste. Às vezes eu me via procurando por eles dentro da igreja, no pátio e nos lugares onde eles passavam o tempo. Um dia, fechei meus olhos. Senti que eles tocavam minhas mãos. Fiquei tão feliz. Acordei e vi que era um cão, lambendo minhas mãos.

Em 1998, as coisas mudaram. Tínhamos um novo bispo. Uma nova geração de freiras, como a irmã Tao, apareceu. Sinto-me mais relaxada. Vou continuar a pressioná-los para que o governo devolva o restante da propriedade da igreja. Mesmo que não possamos recuperá-la, precisamos deixar registrado na história da igreja. As gerações futuras devem saber o que aconteceu.

Estou esperando que o Senhor me leve. Estou ansiosa para me reunir com o bispo Liu e minha tia. Sem que eu percebesse, mais dez anos se passaram. Vou completar 101 anos. As pessoas por aqui são trinta, quarenta anos mais jovens do que eu. O que posso fazer?

Liao: O que a senhora gostaria de fazer?
Irmã Zhang: Gostaria de continuar a louvar o Senhor. Gostaria de continuar a ter certeza de que nossa igreja receberá de volta nossa terra. Gostaria de continuar...

Capítulo 3

Bares e clubes noturnos da rua Foreigner, em Dali, parecem diferentes à luz do dia, sem os cortejadores letreiros em neon e a hipnótica batida *tum tum tum* de sua música; imagino uma modelo acordando muito cedo, sem maquiagem nem roupas glamorosas. O cheiro era também diferente no ar fresco da manhã: o odor corporal e a fumaça rançosa de maconha. Há, ainda, as vendedoras de legumes, mulheres *bai* em vestidos coloridos chamando a atenção para as frutas e verduras de sua terra, suas bancas de exposição com cheiro natural e autêntico, folhas extraordinariamente viçosas e espessas. Parei para admirar a couve chinesa e, sem maldade, perguntei se era geneticamente modificada. A mulher *bai* olhou para mim com olhos semicerrados, riu com sua boca desdentada e ralhou: "Ê assombração maldita de Sichuan!".

Um pouco depois das 9 horas, no dia 3 de agosto de 2009, virei à direita na avenida Renmin, numa pequena travessa de paralelepípedos, seguindo a sinalização indicativa para "A Igreja Católica". A porta para um pátio estava aberta, e, da travessa, a "igreja" parecia, à primeira vista, nada diferente de qualquer outra das antigas casas residenciais do bairro. Embora os beirais estivessem esculpidos com pássaros e animais das lendas *bai*, estendendo-se até o céu, havia uma torre encimada por uma cruz pintada de dourado. No interior, o teto arqueava vários andares acima, e o prédio tinha o formato de uma borboleta, as asas esticadas, prontas para voar.

A missa dominical havia acabado de começar, quando deslizei silenciosamente por entre as ondas do canto dos mais de cem fiéis e me guiei até um banco, para me juntar a meu amigo Kun Peng. Como não sabia cantar os hinos, eu cantarolava a melodia. No altar, diante de um fundo de quatro grandes caracteres chineses proclamando "Deus é amor", um padre de meia-idade e dois jovens coroinhas estavam absortos numa cerimônia ancestral. "Pois Jesus sabia desde o princípio quais deles não criam e quem o iria trair", entoou o padre. Senti-me um pouco constrangido a respeito de minha presença na igreja, um não crente a observar o comportamento dos crentes. Eu conhecia a passagem que o padre estava lendo e esperava que não pensassem que eu fosse o traidor.

O serviço tinha um ritmo de sobe e desce, como o fluir da maré junto a uma praia: em pé para cantar o hino, sentado para ouvir o sermão, ajoelhado para rezar, em pé novamente para cantar outro hino. Kun Peng havia me dito que, com a repetição de cada ato, o coração se tornava mais puro, mais piedoso e mais arrebatado. Todos nos levantamos mais uma vez quando o órgão começou a tocar, e a congregação enfileirou-se no corredor para receber a sagrada comunhão — a hóstia e o vinho, que eram o corpo e o sangue de Cristo.

Eu não fui o único a permanecer sentado; havia um punhado de outros não crentes ali, presentes por curiosidade ou simplesmente para apreciar a música. Às 11 horas, a missa se encerrou, e Kun Peng me levou para conhecer o mosteiro ao lado. Paredes altas dividiam a vista das duas casas com pátios tradicionais ao estilo *bai*, onde plantas e flores cresciam no jardim, exuberantes e em plena floração. As casas pareciam dilapidadas. Freiras e frades iam e vinham, alguns de hábitos, outros não, cuidando de seus afazeres dominicais. Entre eles havia um jovem que disse ter 24 anos, tibetano, católico e seminarista. Tal como a maior parte

dos chineses, eu tinha a impressão de que cada tibetano era um seguidor devoto do budismo tibetano.

Jia Bo-er estava agachado sob o beiral, lavando seu hábito numa bacia. Seu cabelo encaracolado, preto e brilhante balançava para cima e para baixo ao sol enquanto ele torcia e batia o tecido escuro. Disse que seu nome cristão era Gabriel, e, quando terminou de lavar a roupa, procuramos uma sombra para conversar. Ele disse que vinha de Shangri-lá.

Liao Yiwu: Shangri-lá? Não é aquele famoso paraíso descrito no romance de James Hilton, *Horizonte perdido[5]*?
Jia Bo-er: Sim, sim. A maioria dos meus amigos leu o romance. Foi escrito em 1933, acho. O paraíso que Hilton descreve no livro supostamente estaria na região de Cizhong, jurisdição de Diqing, parte da província de Yunnan. Na década de 1990, líderes da jurisdição atestaram de forma oficial que nossa aldeia era a "Shangri-lá perdida". Acho que foi um truque para atrair turistas. Tenho muito orgulho de que minha cidade natal seja tão bem conhecida.

Gerações da minha família viveram na região de Cizhong. Antigamente, éramos todos budistas. Cerca de duzentos anos atrás, soldados do mosteiro de lamas se envolviam com frequência em lutas contra as tropas chinesas. A guerra durou muitos anos e deixou muitas aldeias em situação de pobreza e caos. O pessoal mais velho me dizia que, na região devastada pela guerra, pessoas morriam o tempo todo. Em meados do século 19, vários padres de uma organização católica chamada Missões Estrangeiras de Paris apareceram. Eles mudaram a vida de muitas pessoas comuns.

Liao: Há mais budistas ou cristãos na região de Cizhong?
Jia: Acho que é meio a meio. Vivemos todos na mesma aldeia, temos a mesma cor de pele, usamos casacos de pele de cabra semelhantes, pastoreamos cabras e trabalhamos no cultivo juntos. É bastante harmonioso, portanto. Quando nos reunimos para jantar com amigos ou vizinhos, eles entoam mantras budistas e nós fazemos orações para buscar a bênção de Deus. Depois brindamos uns aos outros com licor. Vez ou outra, tiramos nossos colares e comparamos quais pingentes são mais bonitos, a cruz ou as pequenas imagens de Buda. Você leu a respeito do encontro entre o papa e o dalai-lama? Eles se elogiaram calorosamente durante o encontro. É bom promover harmonia inter-religiosa, não acha? Quatro gerações da minha família foram cristãs. Tenho sido cristão minha vida toda.

Liao: Seu nome não soa tibetano.
Jia: Você tem razão. É um nome ocidental. Fui batizado numa igreja. O padre me nomeou "Gabriel". Gabriel é um dos anjos de Deus, e o nome significa "homem de Deus". Como você sabe, nós, tibetanos, nomeamos nossos filhos de forma bastante espontânea. Um pai deve aparecer com um nome imediatamente após o nascimento do filho. Muitas vezes, ele recebe inspiração daquilo que vê primeiro quando pisa fora de casa. Se for uma flor *kalsang* brotando sobre o gramado, ele chamará sua filha recém-nascida de Kal Sang, ou Ge Sang. Se for uma manhã de ventania, é bem provável que nomeie seu filho recém-nascido de Anil, que

significa “vento” ou “ar”. Eu gosto muito do meu nome bíblico.

Liao: Onde você foi batizado?
Jia: Na igreja de Cizhong, que foi construída pelos missionários franceses cerca de 150 anos atrás.

Liao: É a igreja mais antiga na província de Yunnan?
Jia: Provavelmente. Quando se está na região do vale, é possível ver, de certa distância, o campanário no estilo ocidental sobre o fundo dos picos das montanhas cobertos de neve, rodeado por templos budistas. O rio Lancang flui e então encurva em torno das aldeias dali. O pessoal mais velho na aldeia dizia que Cizhong era uma zona fronteiriça para os missionários cristãos. Da metade do século 19 ao início do século 20, os missionários tinham a esperança de que o evangelho se infiltrasse no Tibete, mas os lamas não gostaram da concorrência religiosa e muitos padres foram mortos. O Kashag, ou o conselho governante tibetano, colocou milhares de tropas nas principais passagens das montanhas para impedir que forasteiros entrassem no Tibete. Não importava se você fosse um *han* ou um ocidental, e não importava se você carregasse um revólver ou uma Bíblia. As tropas iriam prendê-lo ou matá-lo. Muitas pessoas foram e nunca mais voltaram. No fim, os missionários estabeleceram bases em Cizhong, de onde serviam às aldeias do Tibete.

Liao: Há muitos cristãos lá?
Jia: Não. Acho que há apenas uns setecentos e pouco. Em Cizhong, os missionários católicos foram os primeiros a chegar, mas, como o percurso se tornou mais acessível, as igrejas protestantes também se expandiram. Em anos recentes, Cizhong se tornou um destino popular para turistas franceses, americanos, britânicos, canadenses, australianos, suecos e neozelandeses. No caminho para escalar a montanha de neve Meili, muitos param para rezar na igreja de Cizhong.

Liao: Você ouviu algumas histórias a respeito dos primeiros missionários ocidentais na região?
Jia: Sim. Vi as lápides da sepultura deles. Algumas foram danificadas durante a Revolução Cultural, mas agora foram restauradas e estão protegidas. Vi também as árvores plantadas pelos missionários estrangeiros no início do século passado. Os missionários escolheram as encostas das montanhas voltadas para o sol para plantar uvas. Nós as chamávamos de “mel rosa”. Elas tinham um gosto forte, denso e doce. Faziam parte de uma variedade ancestral na França. Os missionários trouxeram as técnicas de vinicultura para a região.

Liao: Eu provei o vinho de mel rosa. É vermelho e suave.
Jia: Não arranha a garganta, como faz a cerveja. A intenção original dos missionários franceses era usá-lo apenas para a sagrada comunhão. Mas, depois que eles se estabeleceram em nossas aldeias e construíram uma igreja ali, o povo superou com facilidade a diferença cultural e os tratava como uma família. Os tibetanos ofereciam a cerveja do planalto aos amigos franceses, e estes ofereciam o vinho vermelho de mel rosa em troca.

Comerciantes e agricultores tibetanos iam à igreja não para rezar ou cantar hinos — eles ainda eram budistas —, mas para visitar os amigos franceses e beber vinho com eles. Eu

soube que, vez ou outra, um agricultor local saboreava copos de vinho em excesso, e os padres arrumavam uma cama para deitá-lo.

Durante as épocas de colheita, os padres franceses traziam vinho para o campo de cevada e ajudavam os agricultores com a colheita e o plantio. Também tentavam ensiná-los a cantar hinos. Você sabe, os tibetanos são bons em sair berrando cantigas pelas montanhas. Eles abrem a boca e uivam. O padre os interrompia, dizendo: “Amém; Deus abençoe a sua voz. Mas vocês não precisam uivar. Deus não é surdo. Ele pode ouvi-los”. Os padres franceses fizeram muitas adaptações para os hinos. Hoje em dia, salmos são cantados com melodias do planalto tibetano. Na missa dominical, às vezes há a apresentação de uma dança ao redor de uma fogueira. O Natal é celebrado com danças em torno de fogueiras.

As relações entre tibetanos locais e missionários estrangeiros nem sempre foram tranquilas, entretanto. Nós, tibetanos, sofremos muito, por vezes devastados pela guerra, outras vezes por pandemias, e às vezes tanto pela guerra quanto pelas pandemias.

Contam que, na época de meu tataravô, a região foi atingida por uma grave seca. Por vários anos consecutivos, não havia chuva ou neve. O leito do rio ficou exposto. Cabras e bois morriam de fome, pois não havia capim para alimentá-los. As safras secavam como gravetos. A vida das pessoas estava em perigo. Os lamas cantavam e oravam pela chuva. Não adiantava. Pessoas queimavam incenso para deuses e divindades locais. Nada. Alguns tibetanos começaram a descarregar sua frustração nos missionários estrangeiros. Alguns reclamavam que os tibetanos haviam ofendido seus ancestrais, pois tinham convidado forasteiros a suas aldeias e permitiram que eles alterassem sua fé. Numa determinada região, os moradores cercaram a igreja local e capturaram o único padre. Amarraram-no e o levaram até as montanhas, onde planejavam sacrificá-lo a seus ancestrais. Quando a faca transpassou o pescoço do padre, a cabeça dele se transformou num pedaço de rocha azul. Do pescoço não jorrou sangue, mas leite, que escorreu montanha abaixo, em direção à aldeia. Todos saíram correndo. Pularam no córrego para beber o líquido nutritivo. Desse modo, a terra ressequida foi rejuvenescida. As pessoas estavam agradecidas. Carregaram o corpo do padre montanha abaixo e o enterraram nos fundos da igreja. Desde então, eles oram em frente ao túmulo do padre para buscar a proteção de Deus quando ocorrem desastres.

Liao: História e lendas estão separadas apenas por uma linha tênue. Às vezes, não há problema em atravessá-la.

Jia: Vou lhe contar outra: “A história das agulhas douradas”. A peste bubônica e a cólera atingiram nossa região muitas décadas atrás. Uma extensa faixa da população morreu. Os sobreviventes fugiram para outros lugares. Aldeia após aldeia se esvaziava. Até as tropas *han* e tibetanas tiveram de interromper a prolongada guerra que travavam entre si. Havia silêncio por toda parte. Por sorte, os missionários apareceram com muitas agulhas douradas. Eram vacinas para a praga, e eles tinham pílulas contra a cólera. Alguns se recuperaram rapidamente, outros mais devagar, mas logo todo mundo melhorou.

Liao: Eu ouvi muitas histórias sobre como os missionários ocidentais salvaram vidas por meio do serviço médico. Eles desempenharam um papel importante em impedir a propagação de epidemias em muitas partes da China.

Jia: Quando criança, eu me lembro de ver os adultos sentados ao redor de uma fogueira à noite. Após uns goles de licor, começavam a contar histórias desse tipo, mas eu era jovem demais para relembrar todas elas. Meus pais tiveram sete filhos. Vários dos meus irmãos têm melhor memória do que eu.

Liao: Sete filhos?
Jia: Eu tenho três irmãs mais velhas e três irmãos mais novos. Sou o do meio, mas o mais velho dos homens. Tenho muita sorte por eles terem me enviado a Chengdu para estudar teologia. Sempre me senti atraído pela igreja. Seja qual for o desejo do Senhor para minha vida, eu obedeço.

Mas, às vezes, não sou tão determinado quanto deveria. Muitos de meus superiores, tais como a irmã Tao e o padre Ding, são bem mais devotados. Muitos de meus colegas seminaristas renovam seus votos de compromisso a cada três anos. Três vezes três é igual a nove. Após nove anos, farão um voto final para permanecer no celibato e servir ao Senhor pelo resto da vida. Ainda estou hesitando e ponderando meu futuro. Não sou tão devotado quanto meus superiores.

Liao: Você só tem 24 anos. Está hesitante quanto a seu futuro com a igreja porque quer se casar?
Jia: Não. Não estou pensando sobre o assunto no momento.

Liao: Você planeja voltar para Cizhong após o seminário?
Jia: Não.

Liao: Por que não? Cizhong é sua cidade natal e é um ótimo lugar.
Jia: Eu pertenço à igreja. Vou para onde a igreja me enviar. A Bíblia diz que Jesus deixou sua cidade natal e vagou pelo mundo por muitos anos. Assim, uma vez que já saí, não irei voltar. Estou pronto para viajar pelo país e servir a Deus.

Liao: A Igreja Católica prende você à regra do celibato. As igrejas protestantes são diferentes.
Jia: Algumas pessoas acham que os católicos sãos mais conservadores. Talvez isso seja verdade. É por isso que o governo secular se sente mais ameaçado pelos católicos.

Liao: Sério?
Jia: Vou lhe dar um exemplo. Há um cartaz na entrada a respeito de uma pessoa desaparecida que viveu há mais de dois mil anos. Diz: "Jesus de Nazaré, 1,80 metro de altura, com cabelo castanho encaracolado, olhos brilhantes e penetrantes, cheios de vigor, voz sonora e contundente. Ele não se curva às forças do mal e detesta hipocrisia. Deus é o caminho, ele representa a verdade e a vida. Se você encontrá-lo, por favor, siga-o".

Liao: Você tem compromisso de lealdade ao Vaticano?
Jia: Na verdade, não. Bispos e padres que possuem relações com o Vaticano são monitorados de perto pelo governo, que tenta com toda a força bloquear quaisquer contatos com o Vaticano. O Partido Comunista plantou muitos de seu pessoal dentro da igreja. O governo

relembra com frequência aos clérigos que não se desviem ou façam algo que viole a política do partido. Antes de qualquer missa em grande escala, o governo precisa aprovar o conteúdo do sermão.

Liao: Você se curva às forças do mal?
Jia: Ainda não fui testado.

Liao: E seus pais?
Jia: Eles passaram pela destrutiva Revolução Cultural. A única coisa que disseram foi que não desistiriam de Deus. Eles rezavam em segredo. Não querem se alongar muito sobre o passado. Acredito que a maioria dos católicos na China pensa da mesma maneira.

Capítulo 4

O ANCIÃO DA IGREJA (1)

No decorrer da minha pesquisa, deparei com um exemplar de *The History of Christianity in Dali* [A história do cristianismo em Dali], de Wu Yongsheng, que descreve o trabalho dos primeiros missionários no sudoeste da China. Eu estava determinado a conversar com o autor a respeito da difusão da religião cristã no passado e atualmente.

A Igreja da Cidade Velha, construída em 1870, ocupa mais de 300 metros quadrados e é arquitetonicamente mista: o residencial da etnia *bai* encontra o gótico europeu. A fachada é de pedra, e uma cruz pintada em vermelho se põe em destaque no alto de uma torre de telhado tradicional chinês, semelhante a uma águia prestes a voar. As antigas casas de pátio e as edificações *bai* nas imediações são diminuídas pela presença da igreja.

A capela se achava vazia quando a visitei, na tarde de 11 de agosto de 2009, com meu amigo monge Ze Yu. Ao chegar, viramos numa pequena e tranquila travessa perto da capela. Com base no endereço fornecido pelo pessoal da igreja, batemos na porta de uma pequena casa com pátio. Uma senhora idosa, de cabelos grisalhos, pôs a cabeça para fora, com olhar severo e irritado. Quando ouviu que éramos amigos da igreja, refletiu por alguns segundos e nos levou a uma casa mobiliada de forma austera, onde havia cruzes penduradas, pergaminhos de provérbios da Bíblia e um retrato de família, que deduzi ser de Wu e a esposa, Zhang Fengxiang (a senhora de cabelos grisalhos), e seus descendentes, uns vinte no total.

Wu Yongsheng nasceu em 1924. Ancião na Igreja da Cidade Velha de Dali, ele era altamente respeitado na comunidade cristã. Três meses antes de nossa visita, teve um derrame e desmaiou. Ele recebeu tratamento adequado e, embora os movimentos estivessem prejudicados e caminhasse com uma bengala, conservara todas as faculdades e era articulado, com a mente lúcida. Ele me presenteou com um exemplar do livro de Salmos. Aceitei, dizendo que iria "estudá-lo". Wu me corrigiu: "Você deve usá-lo como um espelho para confessar seus pecados e transformar-se". Ele incentivou o monge Ze a abdicar da busca pela iluminação por meio de Buda e procurar Jesus para a salvação. Ze respondeu com um sorriso.

Durante nossa entrevista naquele agosto de 2009, Wu foi cauteloso, até evasivo, quando perguntei seu ponto de vista sobre as campanhas políticas do passado, embora a razão para a relutância em discutir tais questões se evidenciasse ao fim de nossa visita.

Wu Yongsheng: Nasci na capital da província de Kunming. Em 1937, quando estava terminando o ensino fundamental, o irmão mais novo de minha mãe retornou a Kunming, vindo de Dali, e me disse para abandonar a escola. "O país inteiro está em caos", disse ele. "Os desastres são iminentes. Qual é a utilidade de frequentar a escola?" Esse tio me pediu para ajudá-lo como aprendiz e que me tornasse um carpinteiro. Embora a guerra [com o Japão] ainda não tivesse começado oficialmente, era possível senti-la. Sirenes tocavam o tempo todo. Os preços dos alimentos subiam de forma drástica e as pessoas estocavam bens. Nossa

família vivia com medo constante. A oferta do tio alegrou meus pais, e eu retornei com ele para Dali num ônibus antiquado que levava tanto pessoas quanto mercadorias. Passamos quatro dias numa estrada pavimentada com pedras grandes, feito batatas. Uma viagem bastante instável. Sentia como se meu corpo inteiro estivesse se despedaçando. Atualmente, você vem de Kunming para cá em meio dia.

Liao Yiwu: Seu tio possuía um negócio próprio em Dali?
Wu: Sim. Ele gerenciava a própria loja na parte antiga de Dali. Na função de aprendiz, no início eu apenas o ajudava com algumas tarefas simples. Ele era cristão e conhecia muitos missionários estrangeiros na cidade. Toda vez que precisavam realizar algum trabalho, procuravam-no. Ele me tratava como filho e me levava aos cultos dominicais toda semana. Em pouco tempo, aprendi a Bíblia e sabia cantar hinos. Em 1940, um casal americano chegou a Dali.

Liao: Você se lembra dos nomes?
Wu: Deixe-me ver... sr. e sra. Harold Taylor. Eles alugaram uma casa com pátio na rua Foreigner. Colocaram uma placa na porta. Dizia: “Igreja Cristã”. Pediram que reformássemos a casa. Durante a reforma, moramos no segundo andar. Os Taylor saíam de casa pela manhã e voltavam tarde da noite. Eles nos tratavam muito bem. Todos os dias, pediam que fizéssemos uma oração ou lêssemos a Bíblia antes de iniciar o trabalho. Seguíamos seus conselhos. Por volta de junho de 1941, me senti inspirado por Deus e fui batizado. Tinha 17 anos.

No dia do batismo, meu tio me acordou de madrugada. “Hoje é o dia de seu renascimento”, disse ele. O muro da antiga cidade ainda estava em boas condições na época, e era possível ver, do centro da cidade, todos os quatro portões das torres. Atravessamos o portão oeste e aguardamos perto de um riacho que escorria da montanha Cangshan. Um moinho de água havia sido construído ali para moer grãos. Ele possuía duas grandes rodas de madeira e operava dia e noite. Em 1940, o moinho de água era uma novidade. O reverendo Taylor tinha somente seus trinta e poucos anos e gostava de tecnologia. Ele considerava o riacho do moinho um local apropriado para me batizar. Ele me pôs dentro de um tanque no lado direito da roda d’água e recitou alguns versículos. Suas mãos grandes seguraram meu corpo pequeno e magro. Lentamente, ele me afundou na água, da cabeça aos pés. Mantive meus olhos abertos e pude ver o topo do muro da cidade, a montanha Cangshan, e as nuvens brancas e o céu azul. Pensei que veria meu Criador que reside lá em cima, no céu, mas estava contente por me sentir rodeado por belas nuvens brancas.

Liao: Deve ter sido uma sensação maravilhosa.
Wu: Após a cerimônia, o reverendo Taylor segurou minhas mãos e disse, com seu chinês mal falado: “Irmão Wu, obrigado por assumir o controle”. Não compreendi o que ele queria dizer até que os Taylor tiveram de deixar Dali. As tropas japonesas haviam invadido Mianmar e ocuparam a cidade vizinha de Tengchong. Estavam bombardeando Kunming e Xiaguan. Muitos americanos decidiram partir.

Liao: Havia muitos estrangeiros em Dali?
Wu: Muitos, muitos. Alguns, porém, não ficavam muito tempo. Eles apenas vinham e partiam.

Liao: Os Taylor eram conhecidos na região?
Wu: Na verdade, não. Eles permaneceram em Dali não mais que dois anos. Construíram uma pequena igreja e tinham um número limitado de seguidores. O casal de missionários mais famoso era o sr. e a sra. Liang Xisheng. Os nomes ingleses eram, deixe-me lembrar, sr. e sra. William Allen. Eram muito conhecidos na região. Eles serviram na região de Dali por mais de dez anos e se tornaram conhecidos por sua generosidade, tanto material quanto espiritual. Ao contrário dos Taylor, eles foram bem-sucedidos e reuniram um amplo número de seguidores. Muitos estudantes do ensino médio tiveram aulas de inglês na casa deles. Uma noite, ao realizar suas orações noturnas, a sra. Allen notou de repente o pé de um homem saindo debaixo de sua cama: um dos antigos alunos havia se esgueirado na casa para roubar comida. Antes que ele tivesse tempo de fugir, a sra. Allen entrou no quarto. O rapaz se escondeu debaixo da cama, na esperança de escapar depois que ela adormecesse. A sra. Allen pulou e gritou, com medo. Assustado pelo barulho, o ladrão se arrastou ainda mais para o fundo. O reverendo Allen entrou correndo, vindo da sala de estar. Ele se curvou, tentando convencer o ladrão a sair: “Você não precisa se preocupar. Não vamos denunciá-lo à polícia. Eu sei que sua família é pobre. Apenas saia e leve o que você quiser. Eu não me importo”. O ladrão começou a chorar e prometeu engatinhar para fora se o reverendo Allen se afastasse da cama. Enquanto isso, a sra. Allen dizia: “Meu querido, eu vou orar por você. Vou pedir a Deus que perdoe seus pecados”. O ladrão respondeu: “Não, obrigado, não preciso que você ore por mim. Eu não sou cristão”. Após finalmente sair, o ladrão viu algo brilhando na mão do reverendo Allen. Pensando ser uma arma, o ladrão puxou sua faca e esfaqueou a coxa do missionário. No fim das contas, o reverendo segurava um copo de água para o ladrão. O esfaqueamento chocou a sra. Allen, que correu e gritou: “Socorro, socorro”. Os vizinhos ouviram o barulho e ajudaram a apanhar o ladrão.

Liao: Que história! O que aconteceu com o ladrão?
Wu: No dia seguinte, o reverendo Allen foi à delegacia de polícia e pagou a fiança do ladrão. Ele sabia que o pobre garoto foi levado a roubar por causa da pobreza. Nunca cobrou nenhum encargo. Por um tempo, foi uma grande notícia por aqui, que se espalhou rapidamente na região. As pessoas realmente se comoviam com a generosidade do casal. Quando viam o reverendo Allen na rua, dirigiam-se a ele como um “santo”. Ele balançava as mãos e respondia em seu dialeto local: “Eu não mereço essa honra. Estou apenas fazendo a obra do Senhor”.

Desde os tempos antigos, Dali tem sido um terreno fértil para todo tipo de religião. Deuses e divindades preenchem cada centímetro de terra deste lugar. O budismo e o islamismo já estavam aqui quando o cristianismo chegou, mas este se espalhou com velocidade porque havia muitos cristãos maravilhosos como o reverendo Allen, que, através de seu comportamento, demonstrava a benevolência de Deus.

Liao: Você se considera um deles?
Wu: Eu sou apenas um cristão comum. Eu era um carpinteiro, nada digno de menção. Enfim, depois que o Japão bombardeou Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram na guerra. Alguns ocidentais que trabalhavam em territórios ocupados por japoneses foram presos e

assassinados. Muitos foram forçados a fugir para o sul. Um grande número deles veio para Dali. A China Inland Mission havia fundado um hospital cristão na província de Henan, perto de 1906, e o hospital se transferiu para Dali por volta dessa época.

Liao: Li a respeito da China Inland Mission, uma organização missionária britânica fundada em Londres, no ano de 1865, por James Hudson Taylor. No livro que você escreveu, descobri que o reverendo Taylor e outros dezesseis missionários chegaram a Xangai em 1866. Eles provavelmente estavam entre os primeiros missionários cristãos estrangeiros na China.
Wu: Provavelmente.

Liao: Por favor, prossiga com sua história.
Wu: Em 1942, as tropas japonesas ocuparam Mianmar. Cidades como Wanding, Tengchong e Baoshan sucumbiram, uma após outra. Kunming e Xiaguang eram bombardeadas com frequência. O hospital cristão estava aberto a todos. Os médicos estavam ocupados cuidando de civis e soldados feridos. Apareceu um surto de cólera. Havia muito que fazer ali. Eu realizava trabalhos de carpintaria para o hospital e me tornei um funcionário permanente. Fiquei interessado em medicina, tive aulas e me tornei um médico no hospital. Permaneci ali até me aposentar, em 1988.

Liao: Isso não simplifica demais sua vida nos últimos sessenta e poucos anos?
Wu: Não quero viver no passado. Além disso, após sofrer o derrame, minha memória já não é mais tão boa. Nosso hospital cristão era o melhor de toda a região sudoeste. Ajudamos milhares de pacientes.

Ainda me lembro do nome de muitos missionários. Pessoas como De Meichun (Jessie McDonald), Bao Wenlian (Frances Powell), Shi Airen (M. E. Scott) e Ma Guangqi (Doris M. L. Madden) se transferiram da província de Henan para Dali em 1937. Eles dedicaram a vida para servir às pessoas daqui. Mas, quando as tropas comunistas apareceram, obrigaram todos os missionários estrangeiros a partir. Ainda me lembro da data, 4 de maio de 1951, quando as tropas tomaram o hospital. Elas inspecionaram os inventários de bens e depois ordenaram ao presidente, Jessie McDonald, que assinasse a cessão de todos os bens do hospital. Então o expulsaram.

Liao: Você foi condenado?
Wu: Comparando, os ataques contra mim foram mínimos. Afinal, eu era apenas um membro da equipe de funcionários no hospital. Na época, tínhamos cerca de cinquenta funcionários; apenas dez de nós éramos cristãos.

Liao: Você compareceu a sessões de denúncia pública?
Wu: Eu não fui selecionado, mas tínhamos de participar de muitas sessões de estudo político.

Liao: Eles questionavam suas relações estreitas com os missionários estrangeiros?
Wu: Os missionários estrangeiros tinham ido embora. Não havia nada a questionar. Eu tive, sim, que escrever muitas confissões. Escrevi centenas de confissões em minha vida.

Liao: Eles permitiam que as pessoas frequentassem os cultos da igreja?

Wu: Tivemos permissão no início. Depois, todas as atividades religiosas foram banidas. Muitas pessoas temiam ir. No começo, algumas participavam dos cultos, até que renunciaram abertamente a suas crenças. Eu persisti todo o tempo. Por fim, eu orava apenas em casa.

Liao: Deve ser estranho frequentar as sessões de estudo comunistas durante o dia e orar a Deus em casa à noite.
Wu: Eu fazia o que as autoridades queriam que eu fizesse no trabalho. No entanto, a política secular não podia substituir as práticas espirituais.

Liao: Na década de 1950, o reverendo Wu Yaozong, em Pequim, fundou a Igreja Patriótica das Três Autonomias, que depois foi aprovada pelo governo. Você apoiou os princípios das Três Autonomias?
Wu: Quando os ocidentais partiram, as igrejas já seguiam os princípios de governo autônomo, propagação autônoma e sustentação autônoma. Em Dali, fundamos também o Comitê Patriótico das Três Autonomias. O reverendo Duan Liben era o diretor. Apoiei as doutrinas expostas na Bíblia.

Liao: Você declarou abertamente essa posição na era Mao?
Wu: Ah, eu não ousaria. Em 1952, o Departamento da Frente Unida de Dali ordenou a fusão das igrejas cristãs de diferentes denominações. Tínhamos a Igreja Católica, a Igreja Episcopal e a Igreja da Cidade Velha. Realizávamos cultos juntos até que as campanhas políticas se tornaram realmente perversas. As massas revolucionárias foram mobilizadas para atacar cristãos. O lema era: “Ferir a carne para mudar a alma”. Em consequência disso, as pessoas deixaram as igrejas aos bandos. No final, os únicos cristãos declarados em Dali eram o reverendo Hou Wuling e sua esposa, Li Quanben, e Yang Fengzhen...

Liao: O que aconteceu com eles?
Wu: Morreram, tragicamente. O reverendo Hou Wuling fora denunciado publicamente diversas vezes. Morreu durante uma sessão pública de estudo, um aneurisma... Mas, por favor, não vamos falar sobre ele. Meu coração se parte só de pensar nisso.

Antes do término da Revolução Cultural, todas as atividades religiosas públicas foram proibidas. As igrejas e seus bens foram apreendidos. Só se podia orar e ler as Escrituras em silêncio. Mover os lábios e formar o nome de Deus já era um deleite.

Eu não podia me dispor a boicotar abertamente as políticas do governo. Não me atrevia a revelar minha verdadeira fé em público. Quando percebi que não podia fazê-lo, pedi perdão a Deus. Graças ao Senhor misericordioso, consegui sobreviver às campanhas políticas da década de 1950.

Liao: Você sofreu durante a Revolução Cultural?
Wu: A Guarda Vermelha queria eliminar todo tipo de “cobras e demônios”. Minha esposa e eu não podíamos fugir. Nossa casa foi saqueada, fomos interrogados. Colocaram chapéu de burro em nossa cabeça e nos fizeram desfilar pelas ruas. Queimaram nossas preciosas coleções de livros bíblicos. Oh, foi tão triste... Mas o passado é como nuvem passageira. Eu apenas o deixo ir.

[Zhang Fengxiang, percebendo quão afetado o marido estava ao falar sobre o passado, interveio neste momento da entrevista e se ofereceu para continuar a história. "O passado é traumático demais para meu marido", disse ela. "Ele não quer revisitá-lo, especialmente após o derrame".]

Zhang Fengxiang: Nasci numa família pobre em 1933, na cidade de Chuxiong, na província de Yunnan. Havia uma Igreja Betel perto de minha casa. Quando eu tinha cinco anos, comecei a me juntar a muitas crianças no bairro para participar das aulas gratuitas na igreja. Nossos professores eram estrangeiros com olhos azuis e nariz grande. Eles sorriam o tempo todo e eram muito pacientes. Eles nos ensinaram a ler e a escrever em inglês. Depois, aprendemos a orar e a cantar hinos. Poucos anos depois, começamos a aprender as histórias da Bíblia. Eu adorava ir às aulas, pois os professores distribuíam doces e brinquedos, se acertássemos as respostas a suas perguntas. Sob a influência dos professores, tornei-me cristã e fui batizada aos 15 anos. Em 1950, fui matriculada numa escola de enfermagem afiliada ao hospital cristão em Dali e me tornei enfermeira após a graduação. Em 1953, aos 20 anos, eu me casei com Wu Yongsheng numa igreja local. Nós dois trabalhávamos no mesmo hospital.

No início da Revolução Cultural, viramos o alvo principal no hospital. Sofremos todo tipo de torturas. Os rebeldes maoístas nos acusavam de espiões. Eles nos ajuntaram à frente da nossa igreja, batendo tambores e gongos, e cantavam canções revolucionárias. Realizaram ali uma sessão de denúncia pública. Primeiro, empilharam todos os documentos e livros bíblicos e depois tacaram fogo. Eles aplaudiam e dançavam. Muitos cristãos, incluindo meu marido e eu, foram forçados a se curvar num ângulo de 90 graus junto ao fogo.

Os rebeldes ainda não estavam satisfeitos. Quebraram os vidros, os bancos, as prateleiras de livros, a mobília, pinturas em pergaminhos antigos, e até o órgão de tubos, que foi levado para lá pelos missionários ocidentais. Havia um sino gigantesco instalado dentro da torre superior da igreja. Eles o levaram para baixo e tentaram quebrá-lo, mas não conseguiram produzir uma única rachadura. Por fim, levaram-no embora. Ninguém sabe onde está o sino hoje. Uma pena. O sino foi construído em Londres e transportado para Dali em 1905.

Fizeram o trabalho completo. Não deixaram nada para trás. Um deles pensou que, por sermos espiões, poderíamos ter escondido um telégrafo ou armas. Meu marido insistia que não éramos espiões. Mas o líder deles não quis ouvir: "Quando partiram, aqueles imperialistas plantaram vocês aqui. Eles atribuíram tarefas especiais a vocês. É melhor confessar se quiserem um tratamento brando". Dei um passo à frente e expliquei em nome de meu marido: "Não é permitido esconder nada ilegal na igreja. É um lugar sagrado". Eles me repreenderam por ser teimosa feito uma pedra. Em seguida, pegaram algumas pás e britadeiras elétricas. Em poucas horas, destruíram o assoalho e cavaram um buraco enorme no meio da capela.

Liao: Eles devem ter assistido a muitos filmes de espionagem.

Zhang: Mais tarde, a igreja foi ocupada por dezenas de moradores que decidiram morar ali. A capela foi transformada em oficinas para ferreiros, fabricantes de fogão, oleiros e carpinteiros. Fomos detidos e torturados. Toda vez que nos soltavam, retornávamos ao trabalho no hospital e continuávamos a cuidar dos doentes. Certo dia, um grupo de camponeses fixou um cartaz escrito "Obrigado". O cartaz se achava ao lado de uma porção de

palavras de ordem: “Esmaguem a cabeça dos miseráveis Wu Yongsheng e Zhang Fengziang”.

Tentávamos tirar o melhor de uma situação ruim. Aceitamos a humilhação sem resistência.

Meu marido mencionou o reverendo Duan Liben, que dirigia o Comitê Patriótico das Três Autonomias. Em 1956, ele viajou a Pequim para uma conferência nacional sobre a reforma das igrejas cristãs na China. Em julho de 1966, o governo o deteve por ter participado de uma “conferência religiosa” — eles prenderam todos os líderes católicos e protestantes locais. O reverendo foi enviado ao campo para “reformar seu pensamento através do trabalho duro”. Ele sofreu muito, mais do que cristãos comuns como nós. Ele não está mais entre a gente.

Em 1980, o Departamento da Frente Unida informou que poderíamos realizar os cultos dominicais. Os cultos de adoração foram proibidos por mais de duas décadas. Eles não devolveram muitos dos bens da igreja, e duvidamos que devolvam algum dia.

Capítulo 5

O EPISCOPAL

Em 1937, após o Japão invadir a China, Cai Yongchun e Wu Shengde, dois professores da Universidade de Huazhong, na cidade central de Wuhan, transferiram-se para Dali e fundaram a Igreja Episcopal de Dali. Em 1943, os dois fundadores receberam fundos das dioceses em Xangai e compraram vinte prédios e casas num terreno de cerca de 6 mil metros quadrados. Eles transformaram as edificações em uma capela, um orfanato e uma escola de ensino fundamental, a fim de acelerar a propagação do evangelho. Em 1948, um jovem sacerdote, Hou Wuling, assumiu a igreja. Em 1964, durante uma sessão de estudo político, o reverendo Hou retirou do bolso do casaco uma cruz escondida e caiu ao chão. Ele morreu em decorrência de um aneurisma (Wu Yongsheng, *A história do cristianismo em Dali*).

Quem foi o jovem sacerdote Hou Wuling? A menção no livro de Wu Yongsheng é tão sucinta que não traz luz suficiente sobre a vida desse homem ou as circunstâncias que envolvem sua morte. Como pôde um líder religioso dessa grandeza — pois ele claramente era um dos grandes — passar como um meteoro, que cintila por um momento e desaparece sem quase deixar rastros? O que lhe aconteceu sob o regime comunista? O que o induziu a exibir a cruz escondida naquela sessão de estudo político? Fiquei intrigado; gosto de um bom mistério. Comecei a investigar a existência de registros das igrejas, mas não consegui encontrar nada a respeito de Hou.

No livro de Wu, encontrei também uma breve menção ao fato de que, quando o governo revogou o veredicto contra Hou, Wu se responsabilizou por entrar em contato com a família do reverendo. Wu me dissera que Hou dirigia a Igreja Episcopal de Dali, mas recusou fornecer mais detalhes. Estaria ele se esquivando de um campo minado político?

Contatei Kun Peng, que parecia conhecer todo mundo que interessava. Eu precisava de mais informações e esperava que Kun pudesse me apontar a direção correta. Em particular, queria encontrar os membros da família de Hou. Kun me ligou de volta alguns dias depois. Ele não conseguira rastrear a filha de Hou, mas encontrou três outros cristãos idosos que talvez soubessem algo sobre a vida do reverendo episcopal. Entrevistei cada um deles, e as conversas renderam alguns dados.

Hou assumiu a Igreja Episcopal de Dali em 1948, período em que o país estava envolvido na guerra civil. Ele se responsabilizou pelos bens que a igreja havia acumulado ao longo dos anos, mas a principal preocupação era ministrar aos milhares de seguidores que viviam em medo constante da guerra. Aplicado em suas funções, ele vivia seu melhor momento. Wu relembra que Hou tentara manter a igreja neutra na guerra entre os comunistas e os nacionalistas dominantes, e se afastou da política após a vitória de Mao Tsé-tung em 1949. Mas o novo governo comunista considerava os missionários estrangeiros “forças hostis”. As redes de relações religiosas de todos os credos se desintegraram. Cristãos renunciaram à fé nas sessões públicas como “um capítulo vergonhoso” na vida. Hou se sentiu arrasado com o rumo dos acontecimentos. A recusa em renunciar à fé fez dele um alvo político. Em conferência realizada pelo Departamento da Frente Unida, um oficial confrontou Hou: “Você está tentando desafiar o poder das massas revolucionárias?”. Ele permaneceu em silêncio. A

resposta estava em suas ações: ele continuava a seguir o Senhor e era o guardião da igreja. Hou foi apelidado de “o cordeiro silencioso”.

A cada campanha política sucessiva, os oficiais comunistas escolhiam-no como alvo. Em 1953, o governo queria que ele renunciasse à posse da Escola Fundamental de Huiyu, que havia sido fundada e conduzida pela Igreja Episcopal de Dali. Os oficiais propuseram mudar o nome para Escola Fundamental de Dali nº 2. Hou não permitiu a entrada de oficiais do governo na escola. Eles contra-atacaram, enviando uma conta com as taxas de serviço da escola e os custos de uma reforma. Com todas as fontes de financiamento cortadas no novo regime, Hou não tinha como pagar. Ele então desligou a energia elétrica e disse aos estudantes: “Nosso coração está aberto e iluminado pela verdade; não precisamos de luzes elétricas”.

Enquanto orava à luz de velas na capela da escola, milicianos locais invadiram o local e levaram-no embora. Eles o acusavam de sabotar as instalações da escola e de promover atos contrarrevolucionários. Depois que o governo tomou a igreja de assalto e inspecionou as finanças de Hou, acusaram-no de corrupção contrarrevolucionária. Pouco tempo depois, o governo apresentou outra acusação: estupro de órfãs menores de idade. Com uma acusação após a outra contra si, Hou foi detido e encarcerado por um ano, mas não havia provas suficientes para a condenação, e ele foi então liberado.

Como Hou continuava a zelar por seu rebanho, o conflito com o partido prosseguiu. Um dia, uma cristã chamada Li Huijun bateu à porta com a filha de 10 anos. As duas fugiam de sua aldeia rural, onde a família de Li fora perseguida como membros da “classe dos latifundiários corruptos”. Hou e a esposa as acolheram. Poucos meses depois, a filha de Li, que tinha tuberculose, morreu. Na sequência, o comitê de rua notou a presença de Li na igreja e, após verificar seu histórico familiar, enviou-a de volta para sua aldeia. Li escapou de novo. Os milicianos locais caçaram-na e a trouxeram de volta. Em 1954, ela fugiu pela terceira vez e se escondeu na igreja. Os captores a seguiram até Dali. Ela foi encontrada numa sala ao lado da biblioteca da igreja. Li havia se enforcado.

No mesmo ano, Hou foi convidado a apoiar e se juntar à recém-formada Igreja Patriótica das Três Autonomias. Ele recusou, chamando-a de “rendição coletiva”. Líderes religiosos locais pró-governo realizaram uma conferência e, “por unanimidade”, votaram pela destituição de seus direitos e impediram-no de participar de qualquer atividade religiosa. Em 1957, rotularam-no de direitista. Em 1958, o governo local em Dali confiscou oficialmente a propriedade da Igreja Episcopal de Dali e a transformou num complexo químico. Hou foi ameaçado de prisão, caso se recusasse a sair. Ajeitaram-lhe uma cama num dormitório para operários. A esposa e uma filha retornaram a Chengdu para viver com os pais dela.

Hou era presença habitual nas denúncias públicas, que prosseguiam, mesmo depois que a fome assolou a China em 1959. Um cristão sobrevivente me disse que as pessoas estavam fracas demais para espancar os inimigos de classe. Assim, em vez das pancadas, as massas os mordiam e os beliscavam. Ele se lembra de ver Hou coberto de hematomas.

Em 1963, o governo do presidente Liu Shaoqi adotou uma série de políticas para desacelerar os programas radicais de industrialização e nacionalização de Mao e para ajudar a aliviar a situação de fome. Mao recuou. A perseguição aos cristãos diminuiu, e havia mais

comida. Em 1964, Mao contra-atacou com a “Campanha de Educação Socialista”, e Hou foi convocado a participar de uma sessão de estudo político de uma semana com quarenta direitistas e contrarrevolucionários num prédio isolado vigiado por soldados. Forçaram-no a responder pergunta após pergunta, até que ele simplesmente parou de falar e caiu no chão, morto. Não há registro oficial sobre as especificidades da morte, e os presentes sofreram uma amnésia coletiva. Tudo que possuo para ir adiante são as linhas do livro de Wu: que Hou pegou sua cruz, perdeu o equilíbrio, caiu e morreu por causa de um aneurisma. Os interrogatórios, as sessões de denúncia pública e as sessões de estudo político foram demais para ele.

Sabemos que o corpo de Hou foi cremado várias horas após a morte. Não se realizou autópsia. Muitos dias depois, a esposa de Hou veio de Chengdu e levou para casa uma urna com as cinzas. Segundo o sr. Wu, ela nunca ousou perguntar como o marido havia morrido. “Talvez tenha sido bom que a morte acontecesse antes da Revolução Cultural”, disse Wu.

Em 1980, o Departamento da Frente Unida de Dali emitiu uma nota oficial isentando Hou de qualquer delito. Wu recebeu a notificação em nome da família de Hou e a enviou para Hou Mei-en, a filha que morava em Chengdu. Ele tem certeza de que a esposa e a filha de Hou ainda estão vivas, embora não tenha informações delas há trinta anos. Perguntei se o governo compensara a família pelo sofrimento, e Wu balançou a cabeça: “Nem um único centavo”. Os bens da igreja foram vendidos pelo governo para incorporadores privados. O complexo químico estatal construído sobre o terreno da igreja faliu e foi fechado. Hoje, o terreno é ocupado pelo Departamento de Medicina Interna do Hospital do Povo de Dali nº 2.

Capítulo 6

O PACIENTE COM CÂNCER

Faixas de luz do sol poente ocupavam um canto do minúsculo pátio de Li Linshan. Enquanto falava, Li massageava uma grande porção de massa de farinha a fim de produzir cascas para bolinhos. A face pálida enrubesceu pelo esforço, o suor na testa frisada. Eu ouvira falar que ele sabia cantar e pedi que me apresentasse algumas árias da ópera de Shanxi. Ajeitou-se para trás e respirou fundo. Expirou. Disse que a ópera exigia que o cantor soltasse a voz num registro maior, mas ele já não possuía resistência, e o melhor que seria capaz de conseguir estaria uma oitava abaixo. “Talvez pareça uma mulher”, alertou. Eu realmente apreciei a versão; achei que mesclava alguns elementos do cântico de hinos. Aplaudi com entusiasmo.

Quando os bolinhos fumegantes foram colocados sobre uma mesa baixa no pátio, nós nos sentamos, e Li conduziu uma oração de agradecimento, que se prolongou por algum tempo: “Hoje é dia de oração pela paz mundial. Senhor, tu trouxeste o irmão Kun Peng e o sr. Liao para ouvir minha humilde história de vida. Eles são intelectuais de destaque, mas estão dispostos a estabelecer amizade comigo. Agradeço por tuas bênçãos e espero que os abençoes com boa saúde...” As cabeças se curvaram em silêncio ao redor da mesa. Observei os bolinhos esfriarem. Após experimentar a fome da década de 1960, nunca recusei comida e sou um tanto glutão, mas comi devagar e sorri durante toda a refeição. Sorri quando terminamos a entrevista e trocamos apertos de mão na hora da despedida. Sorri por cerca de um quilômetro ao longo da estrada. Eu não queria sorrir, e meu rosto doía por causa do fingimento; eu estivera numa casa de grande dor.

Uma tempestade acumulada finalmente rompeu, com torrentes de chuva e ventos fortes, mas logo se ergueu a lua úmida, e as nuvens esparsas se assemelhavam a farrapos pendurados de musgo molhado da montanha contra a luz lunar.

Ouvi falar em Li Linshan pela primeira vez por intermédio de meu amigo Kun Peng, na primavera de 2009. Kun me incentivou a visitar Li imediatamente. “Caso contrário, será tarde demais”, disse ele.

As providências foram tomadas, e, por volta do meio-dia, em 16 de agosto, iniciei minha jornada ao longo de um trajeto estreito e lamacento, através de uma vasta extensão de pastagens. Longe, à esquerda, eu podia ver vacas e matilhas de cães na campina. Ao me aproximar do sopé de uma montanha, ouvi o estrondo de uma trovoada distante. Nuvens grandes como navios suspensas no ar. Houvera uma grande tempestade na noite anterior, e meus sonhos tinham sido repletos de perturbadoras imagens de sublevação das águas, que submergiam a cidade e atingiam o cume de uma montanha. Eu era o único sobrevivente, pulando as montanhas de topo em topo, feito um macaco.

Li morava na parte antiga de Dali, e Kun Peng encontrou-me na avenida Renmin para me guiar no restante do caminho. Descendo as ruelas estreitas, virando à esquerda e à direita, chegamos à rua Guangwu, onde paramos em frente a uma porta, com um cartaz horizontal vermelho sobre o batente de madeira desbotada, proclamando em quatro proeminentes caracteres chineses: As bênçãos de Deus.

Da rua, Kun gritou o nome de Li. Uma mulher com a pele queimada pelo sol abriu a porta.

Era a atual esposa de Li. Eles estavam casados havia cinco anos. Kun me levou até o meio do pequeno pátio e me apresentou a Li, que estava agachado num canto, uma faca de cozinha em cada mão.

— É um prazer conhecê-lo — disse Li. — Desculpe, não posso apertar sua mão, estou fazendo bolinhos para vocês.

E voltou a cortar e fatiar. Kun me pegou pelo braço e sussurrou:

— O irmão Li é pouco mais do que um esqueleto.

Surpreso pela intervenção contundente de Kun, falei:

— Ele é um pouco magro, mas parece possuir bastante energia.

Li me ouviu e deu risada:

— Tenho energia porque hoje é um dia especial. Estou muito animado com a visita de vocês. Por isso estou fazendo bolinhos. É a primeira vez que cozinho desde que adoeci. Quem sabe, pode ser também a última.

Li disse que estava usando uma receita tradicional de sua província natal, Shanxi:

— Tenho de cortar a carne e os vegetais bem finos. Quero deleitá-los com um autêntico banquete de bolinhos de Shanxi.

Li terminou em pouco tempo, e, após limpar as mãos num pano velho, iniciamos nossa conversa.

Liao Yiwu: Como você ficou doente?
Li Linshan: Hum... Na verdade, eu não sei. Acho que sempre estive doente. Nasci em 1963, ao cabo dos três anos de fome. Na época em que engravidou, minha mãe não tinha o suficiente para se alimentar na cidade. Ela retornou à aldeia natal na província de Shanxi. Segundo minha avó, quando nasci, parecia um gatinho minúsculo, agarrado a mim mesmo, fraco demais até para chorar. Meus pais não acreditavam que eu pudesse sobreviver e decidiram me abandonar, mas minha avó impediu. Ela disse: "Ele está respirando. Se o agasalharmos perto do fogo, provavelmente poderemos aquecê-lo e salvá-lo". Meu pai suspirou e disse: "Por três anos não fomos capazes de nos alimentar. Como você vai conseguir criar esse garoto? Além disso, ele não parece ter pulmões para cantar".

Liao: Seus pais eram cantores?
Li: Eles eram cantores profissionais num grupo local de ópera chinesa. Eram bastante conhecidos na ópera Luozi. Meus pais se apresentavam com o grupo de ópera há vários anos, mas os tempos eram difíceis. Assim, voltaram para a aldeia de origem, no distrito de Danshan. Eles acreditavam que a agricultura providenciaria uma renda estável, mas nunca deram muita sorte. A principal fonte de angústia de meus pais era minha saúde. Eu fui constantemente atormentado com toda sorte de doenças. Mas os pobres não podem pagar um médico.

Liao: E agora?
Li: Eu tenho o que o médico chama de "carcinoma gástrico de cárdia". O câncer está aqui, onde a garganta encontra o estômago. Quando o médico deu o diagnóstico, em 2007, ainda

estava num estágio inicial. Agora, porém, o câncer se espalhou. Cirurgia, radioterapia, quimioterapia, tudo isso custaria pelo menos 20 mil iuans [aproximadamente 5 mil reais em valores atuais]. Eu conserto roupas, 1 iuan [aproximadamente R$ 0,25] para remendar um furo ou pregar um botão. Não havia como juntar tanto dinheiro. Mesmo com a cirurgia, os médicos disseram que eu só viveria mais ou menos uns cinco anos. Não tínhamos dinheiro. Eu não tinha sequer um lugar para pedir dinheiro emprestado. E, ainda que pudesse tomar emprestado dinheiro suficiente para estender um pouco mais minha vida, seriam necessárias gerações da minha família para pagar a dívida. Eu sou chinês e nasci numa área pobre. O que posso fazer?

Liao: Sua cidade natal serviu de base para os comunistas nos primórdios da revolução. O presidente Mao mencionou as contribuições da cidade para a revolução em diversos artigos.
Li: Você está certo. Nos primeiros dias, o povo de minha cidade se uniu a Mao em sua campanha guerrilheira e apoiou as tropas comunistas no período mais difícil. Quando a revolução obteve êxito, as pessoas supostamente se tornariam mestres da nação, mas a vida piorou ainda mais.

Veja, não havia água. Cavávamos poços profundos, da altura de duas pessoas, mas eles estavam sempre secos. Água era como ouro. A água da chuva era gratuita, mas não durava muito. Tinha gosto de sopa lamacenta, cheia de insetos. Se você enchesse uma concha, era possível ver os insetos se contorcendo na água. No período de seca, toda poça era preciosa. Infelizmente, o período de seca durou muito. Naquele tempo, toda a gente montava numa carroça puxada por um burrinho com um balde grande em cima. Escalávamos montanhas para obter água a 5 ou 6 quilômetros de distância.

As coisas mudaram um pouco atualmente. O governo iniciou uns projetos hídricos para ajudar a aliviar a situação. Mas, entenda, antes de deixar minha aldeia, aos 30 anos, eu só tinha me lavado na chuva torrencial, completamente nu no pátio, nossa limpeza anual. Após o nascimento de minha primeira filha, a parteira lavou minha esposa e o bebê somente com uma bacia pequena de água.

Liao: Você não se preocupou com infecção?
Li: Nunca consideramos a infecção uma doença. Pessoas com câncer não podem pagar o tratamento. Na verdade, nem mesmo de uma infecção comum. Ela se curava sozinha. Em minha cidade natal, havia uma alta incidência de câncer de estômago ou de esôfago. Se bem me lembro, a única pessoa que pôde pagar o tratamento foi um respeitado professor que trabalhou na cidade e tinha se aposentado. Depois que descobriu o câncer, foi hospitalizado e passou pela cirurgia. Todas as contas médicas foram cobertas pelo governo. A cirurgia foi um sucesso. Foi uma das grandes notícias, algo praticamente inédito. Quando retornou do hospital, a aldeia havia planejado uma enorme celebração. O professor aposentado contribuiu com 600 iuans [aproximadamente 150 reais]. Grupos locais de ópera montaram um palco e se apresentaram por três dias. Pessoas vinham de longe para assistir às óperas.

Liao: Qual era a média de vida para as pessoas de lá?
Li: Por volta de 60 anos, ou algo assim. Havia exceções. Meu avô viveu até os 80 anos, mas ele não tinha ideia de como conseguira viver tanto tempo. Meu pai era o mais saudável da família. Nos campos, parecia um touro grande, trabalhando de manhã à noite sem pausa.

Morreu com 50 anos. Envenenamento. Antes de ir trabalhar no campo, ele borrifava inseticida por todo o corpo para matar pulgas. Era um dia quente e ensolarado. Em pouco tempo, estava todo suado. Acho que o inseticida penetrou em sua pele através dos poros abertos.

No começo, ele teve uma dor de estômago. Depois, o sofrimento se tornou insuportável. Ele voltou cambaleando para casa e deitou na cama. Lembro que soltou uns gritos e então desmaiou. Antes que as estrelas surgissem na noite, seu corpo se contraiu algumas vezes e então ele se foi.

As pessoas normalmente utilizavam DDT ou outros pesticidas. O inseticida que meu pai usava era mais potente. A coceira das picadas de pulgas o deixava maluco, e ele queria alívio rápido. Sem água, as pessoas nunca tomavam banho nem lavavam suas roupas ou colchões. Perfeito para pulgas.

Liao: Muitas pessoas morriam por causa de inseticidas, tal como seu pai?
Li: Era bem raro. Começávamos a mexer com inseticidas quando crianças. No início, sentíamos alguma ardência, e alguns de nós tínhamos manchas de cicatrizes arroxeadas. Depois a pele descascava. Em casos mais sérios, a pele ficava vermelha e irritada. Às vezes, sentia-se alguma tontura. Podia-se superar a situação em três ou quatro horas. Gradualmente, o corpo se acostumava ao veneno. Além disso, no verão, depois que aplicávamos o inseticida, em geral esperávamos secar antes de sair de casa. Meu pai era impaciente demais e saía correndo para o sol quente quando ainda estava molhado.

Liao: O que você fazia antes de vir para Yunnan?
Li: Em 1998, vi um anúncio no jornal a respeito de uma escola para alfaiates na capital da província, Taiyuan. Deixei a aldeia e viajei para Taiyuan, usando todas as minhas economias para pagar as mensalidades e as despesas pessoais. Após a graduação, retornei para a aldeia. Eu era o “famoso alfaiate” que havia conhecido o mundão. Isso aconteceu pouco antes do ano-novo chinês. Muitas famílias apareciam à porta, trazendo tecidos novos e pedindo que eu lhes costurasse algumas roupas. Você não pode imaginar como eu estava tenso, um recém-formado sem experiência nenhuma. Tive de improvisar. Mas sobrevivi. Poucos anos depois, minhas técnicas haviam melhorado, e meu material se tornou apresentável. Em 1994, um tio do lado materno veio nos visitar. Ele vivia em Chuxiong, na província de Yunnan. Foi logo depois de meu divórcio, e eu estava me sentindo infeliz. Esse meu tio me incentivou a ir para Chuxiong e até pagou a passagem de trem. Ainda assim, a viagem durou quatro dias.

Liao: Como diz o ditado chinês: “A árvore morrerá se replantada, mas a pessoa prosperará quando trocar de morada”.
Li: Eu posso utilizar a água que jorra livremente de uma banheira e me lavar quanto quiser. Às vezes, sinto-me culpado por ser tão extravagante. Uma noite, tive um sonho em que estava sentado dentro de uma banheira. Então, meus conterrâneos apareciam a minha volta, com blasfêmias e maldições: “Canalha! Como pôde desperdiçar tanta água que poderia suprir gerações do povo daqui?” Aí começaram a me morder. Acordei suando.

Liao: E você continuou aqui o trabalho de alfaiate?
Li: Sim. No início, trabalhei para um alfaiate na rua Foreigner. Por fim, abri minha própria

loja. Havia muitos estrangeiros e pretensos estrangeiros na cidade. Encontrava-se ali todo tipo de trajes exóticos e esquisitos. Um lugar realmente muito cosmopolita. Mas eu era um caipira de Shanxi, não havia como competir com os outros alfaiates. Decidi, assim, me especializar em consertar roupas. Fazer bainha, consertar zíperes, remendar furos, esse tipo de coisa. Custo baixo, mas somava. Desse modo, prosperei. Tinha 32 anos quando cheguei aqui. Em quinze anos, economizei uma boa quantia e pude enviar algum dinheiro para casa.

Liao: Quem cuida de seu negócio hoje?
Li: Não tenho mais de me preocupar com meu negócio. Fechei a loja. Estou fraco demais para lidar com a máquina de costura. Não me restam muitos dias.

Liao: Você se sente perdido?
Li: Não, não estou perdido. Deus faz planos para mim.

Liao: Quando você começou a acreditar em Deus?
Li: Ouvi falar no cristianismo quando criança. Não sei se em livros didáticos ou em reportagens de jornais, mas nos diziam que os imperialistas estrangeiros escravizavam o povo chinês com o cristianismo, que era uma espécie de ópio espiritual. Éramos ateus. Não havia cristãos em minha aldeia. Alguns entre os mais velhos acendiam incenso e adoravam deuses budistas e taoístas em templos durante os feriados. Eu costumava olhar para eles com desprezo, até condenando-os por serem supersticiosos. Depois que cheguei a Yunnan, minha mente se abriu. Vi pessoas de todas as cores e países. Comecei a sair com algumas delas. Havia protestantes, católicos, muçulmanos, bahaístas, toda sorte de credos.

Eu era uma vítima da ideologia comunista ateia. Não possuía nada com que me apegar espiritualmente. Não fazia ideia de onde seria o fim. Cada vez que as coisas começavam a me incomodar, eu planejava um modo de escapar, ou por meio do cigarro ou da bebida, ou simplesmente enterrando o sentimento lá dentro. Minha filha mais velha sofreu de uma febre severa, que se revelou meningite. Demoramos a iniciar o tratamento. Ela acabou tendo epilepsia e, mais tarde, ficou surda e muda. Morreu antes de completar 9 anos. Naquele momento, meu coração sangrava o tempo todo, mas eu não sabia o que fazer nem onde procurar ajuda.

Quando descobri que tinha câncer, vivi uma fase muito difícil de reflexão. Contava meus dias com os dedos e dizia para mim mesmo: “Eu quase não tive felicidade nenhuma em vida. Qual é o sentido da vida?”.

Liao: Se você possuísse 20 mil iuans, poderia ter se tratado. Talvez as coisas tivessem sido diferentes.
Li: Se tivesse feito a cirurgia, talvez pudesse ter prolongado minha vida em mais cinco anos. Mas qual é a vantagem? Seria como esperar a morte. O câncer é uma faca cega, que me golpeia e me corta lentamente em pedaços. A dor é insuportável; era tudo o que eu podia fazer para aguentar. Não tinha sequer força para cometer suicídio.

Liao: O que mudou?
Li: Havia um sujeito, o irmão Yang. Ele nasceu em Baoshan, Yunnan, e morava perto daqui. Ele costumava passar sempre pela loja. Começamos a nos conhecer melhor, e ele entrava e

conversava comigo, perguntando sobre minha vida e os negócios. Um dia, contei sobre meu câncer. Ele ficou muito chocado. Sentou-se e ouviu minha história. Ele se preocupou de verdade comigo. Disse: “Vai custar um monte de dinheiro tratar o câncer”. Eu lhe disse que não possuía o dinheiro. Tudo que podia fazer era esperar a morte me levar. Ele não concordou. Disse: “Não desista tão facilmente. Vamos acreditar em Deus. Deus irá oferecer uma cura”.

Eu não o levei a sério. Ele me visitou muitas vezes e dizia coisas como: “Velho Li, em sua condição atual, ter fé em Deus é a única saída. O hospital não pode ajudá-lo. Seus parentes estão desamparados. O governo não pode ajudá-lo. Pessoas comuns como nós, especialmente pessoas pobres como nós, precisam de algum suporte espiritual e ter fé. Você está à beira da morte. Por que então hesita assim? Entregue-se aos cuidados de Deus”.

Com isso, as lágrimas surgiram em meus olhos. Para dizer a verdade, eu era um patético fantasma vivo, mas havia sido um tanto arrogante, preocupado em ser desonesto, à espera da desgraça alheia. Mas Deus estendeu a mão para mim, vez após vez, por intermédio do irmão Yang. Assim, eu disse em alto e bom som: “Deus, me aceite”.

O irmão Yang fez uma oração de libertação por mim no mesmo instante. A balbúrdia na rua prosseguia a mesma. O sol continuava a brilhar sobre a cidade. As telhas permaneciam nos telhados, e os pássaros se empoleiravam nelas, gorjeando como sempre. A natureza seguia seu caminho. Somente eu havia mudado.

Acompanhei o irmão Yang, as mãos apertadas ao peito, as lágrimas escorrendo como pingos de chuva. E, vou lhe contar, eu não estava dominado pela tristeza. Eu me sentia grato. Pela primeira vez na vida, não pensava em mim mesmo ou nos seres humanos. Eu pensava em Deus, que se encontra acima de nós, acima de todas as coisas vivas, acima das mais altas montanhas e acima do lago Erhai. Meus pais me deram à luz, mas Deus me deu a vida. Eu não sabia disso. O câncer ajudou a abrir meu entendimento, concedeu asas a meu coração chafurdado na lama, e o fez voar e sentir a bem-aventurança do paraíso.

Liao: Estou comovido por sua descrição poética. Fale-me mais sobre o irmão Yang.
Li: Ele é ministro de uma igreja doméstica local. Ele acredita que ir à igreja não torna alguém necessariamente um crente em Jesus. Mas, como você sabe, o governo não reconhece a existência legal das igrejas domésticas. Durante a Páscoa, em 2008, fui batizado numa antiga igreja daqui, que tem mais de cem anos de história. Muitos cristãos na região são como eu. Fazemos as duas coisas. Participamos tanto dos cultos na igreja quanto nas igrejas domésticas.

Liao: Com a conversão, sua saúde melhorou?
Li: A doença provavelmente piorou. É cada vez mais difícil me alimentar. Posso sentir o tumor preso aqui. Preciso confiar na sorte a cada refeição. Primeiro, tenho de tomar um pouco de água e então comer pouco a pouco. Se eu tiver sorte, a passagem se abre um pouco, e alguma comida pode descer suavemente. Às vezes, nem a água desce. Quando isso acontece, fico com fome. Mas me sinto mais relaxado e com o espírito elevado. Quando comecei a orar, costumava nutrir pensamentos egoístas. Estava à espera de um milagre, como se Deus me devesse isso. Em consequência, estava sempre confuso. Pensava que Deus não tinha poder para me ajudar. Deus não iria me salvar. Em quarenta anos passados, eu tinha vivido na

miséria, nada além da miséria total. Não era fácil mudar completamente. Meu pastor me instruiu a orar pelos amigos e parentes, a orar por aqueles que são vítimas dos desastres que acontecem no mundo todos os dias e a orar pelos indivíduos e nações que estão envolvidos em crimes de injustiça, ganância e assassinato e recusam reconhecer seus crimes. Devemos orar para que o Senhor perdoe esses indivíduos e nações e lhes ofereça outra chance de redenção. Eu devo orar pelos outros, e, se estiver profundamente comprometido, o Senhor vai me ajudar sem que eu perceba.

Liao: Você mencionou o suicídio; ainda tentaria cometê-lo se pudesse?
Li: Hoje acredito que isso é um pecado. A vida é dada por Deus. Apenas ele tem o direito de encerrá-la. Eu tive todo tipo de doença e passei por cirurgias. Vivi numa aldeia sem água. Achava que a vida era insuportável e que eu não seria capaz de sobreviver, mas sobrevivi. Acho que uma morte natural será muito mais suportável do que passar por uma cirurgia ou viver numa aldeia sem água. A morte será como uma folha que cai no chão. Minha alma flutuará até os braços dos anjos.

Epílogo

Liao publicou essa história em um *site* em língua chinesa no exterior. John Zhang, um pastor da Igreja Evangélica Reformada, situada em Bay Area, em San Mateo, Califórnia, comoveu-se profundamente com a coragem do paciente e angariou fundos através de sua organização sem fins lucrativos, a Humanitarian China, para cobrir o valor da cirurgia. Li Linshan pôde realizar a cirurgia. No momento em que este livro estava para ser publicado [novembro de 2010], o paciente se encontrava em fase de recuperação.

A COMUNIDADE

Li Linshan, o paciente com câncer, queria que eu o acompanhasse a um culto cristão para que pudesse compreender melhor o que Deus havia feito por ele. Anoitecia em 18 de agosto de 2009, quando saí da casa em que estava hospedado em Dali e me dirigi a um cruzamento nas proximidades, onde Li disse que me encontraria. Era uma noite agradável, com uma morna brisa quente ao sul e o céu róseo manchado pelas nuvens. As luzes da rua surgiam. Podia ver sombras de atividade humana a cintilar nas janelas das casas de teto baixo. Li estava esperando por mim, e partimos em direção a uma aldeia suburbana pelo lado leste na parte antiga da cidade de Dali.

Eu começava a me acostumar com os becos desordenados que conectavam a cidade aos subúrbios rurais. Uma combinação incompatível de edifícios novos e casas antigas demarcava o caminho. Máquinas gigantescas expeliam pó de uma pedreira. Caminhões e tratores corriam enlouquecidos nas ruas estreitas, espremendo os pedestres numa fila única junto às calçadas. Li Linshan parecia alheio ao ruído e agitação em torno de nós, movimentando-se de modo calmo e suave. Ele começou a cantarolar um hino, que elevou meu humor. O sol poente projetava ricas camadas de sombra púrpura. Por um instante, imaginei que estávamos dentro de uma pintura a óleo inacabada.

Li informou que íamos à aldeia Ganjia, perto do lago Erhai, embora a mistura caótica de edifícios altos e casas baixas no decorrer do percurso não oferecesse nenhuma indicação de onde uma aldeia terminava e outra começava. Eu apenas seguia Li, que disse que a área havia sido um milharal, mas recentemente fora transformada em fazendas para criação de suínos e aves. Isso explicava o fedor permeando o ar. Somente após passarmos por uma mercearia tocada por uma família e entrarmos num pátio, percebi que alcançáramos nosso destino. Na escada da casa, duas mulheres de trajes gastos nos cumprimentaram. Elas apertaram nossa mão com entusiasmo e nos conduziram ao interior da casa, tão amontoada de pessoas que imaginei estar submerso numa panela de sopa quente fumegante, borbulhando em ruídos e sorrisos. Era uma sala mobiliada de modo escasso, talvez 10 metros quadrados, com um teto extremamente baixo. Uma cama de casal, um armário ao velho estilo chinês e uma pilha de caixas de papelão preenchiam metade do espaço. Espremidas na outra metade, dezoito pessoas ou mais ocupavam um pequeno sofá e cadeiras e bancos espalhados. As pessoas se levantaram para abrir espaço para nós, oferecendo-nos doces e frutas. Encontrei um lugar encostado à parede, perto de uma minúscula mesa de café com um vaso de violetas plásticas e uma garrafa vazia. Li foi engolido no meio das saudações logo que entrou, e uma mulher o levou ao sofá, ao qual alguém jocosamente se referiu como “o trono de nosso honrado líder”. Após uns dez minutos, as conversas cessaram, e Li foi convidado a conduzir o cântico dos hinos. Ele escolheu “Deus está aqui...”.

Li se pôs em pé diante de sua plateia, com o hinário aberto, respirou fundo e iniciou o que soava como um uivo, mas à medida que todos se juntaram, numa mistura distintiva de acentos, a dissonância servil que atingia meus ouvidos gradualmente se dissolveu em harmonia, como a mescla de água e leite.

Eu tinha ouvido alguns hinos ocidentais em filmes, em que o coral da igreja, formado por

homens e mulheres, meninos e meninas, cantava lindamente, com vozes treinadas para o acompanhamento de órgão ou piano. Podia entender, certamente, por que alguns chamavam aquilo de divino. Mas o que eu estava cantarolando ali eram canções seculares populares da China, fáceis de acompanhar e fáceis de lembrar. Algumas delas me lembravam as músicas da década de 1980, quando o público chinês começou a abraçar a música *pop*. Presumo que o hino seja de Xiao Min, uma jovem camponesa da província central de Henan. Destaque num documentário chamado *The Cross: Jesus in China*, que eu havia visto recentemente, Xiao Min afirmava ser inspirada por Deus e, sem nenhuma formação musical, compunha e cantava hinos enquanto trabalhava no campo. Ela continuou a escrever melodias e letras após ser presa. Em questão de poucos anos, compôs mais de 1.200 hinos, que se difundiram por toda a China. Na casa de meu amigo Wang Yi, em Pequim, poucos meses antes, também cantaram um hino de Xiao Min:

> Com lágrimas e risos, com canções e silêncio,
> Passamos por altos e baixos,
> Caminhamos através do mais sombrio vale,
> Escalamos as mais altas montanhas.
> Ano após ano, o evangelho, a salvação, a alegria e a grandeza,
> Bênçãos por toda a China.

Durante os hinos cantados por Li, notei duas mulheres e um homem se misturando à multidão, e uma das mulheres se moveu para perto de mim. Ela era jovem e possuía longos e belos cabelos negros, como as modelos nos comerciais de xampu. Seu perfume me desestabilizou. Ela sorriu e pediu para compartilhar um hinário comigo, apontando para a boca aberta, insistindo para que eu cantasse mais alto.

Numa pausa entre os hinos e os testemunhos, iniciei uma conversa com a jovem. Disse que seu nome cristão era Rute e revelou ser uma pregadora e líder daquela comunidade cristã em particular. Ela não quis me dizer seu nome chinês.

Rute se vestia como uma *fashionista* urbana. Contou-me que era membro do grupo étnico *bai*, que costumava participar do culto aos antepassados e se curvar a uma variedade de divindades e deuses. Ela fora proprietária de uma loja na parte antiga de Dali e construíra um minialtar para o deus taoísta da fortuna. Queimava incenso todos os dias, na esperança de que seu negócio pudesse prosperar. Era casada, mas começou a se preocupar quando, após vários anos, não conseguia engravidar.

Rute: Visitei um templo budista, à procura das bênçãos da *bodisatva* Guanyin.[6] Mas a vida não se resolvia da forma que eu desejava. Meu marido me deixou. Nossa família estava falida. Eu me perdi totalmente. Não tinha disposição para gerir os negócios em Dali. Assim, voltei e fui morar com minha mãe na aldeia Ganjia. Ela é cristã. Certo dia, ela me arrastou para a igreja. Eu me vi rodeada de homens e mulheres de idade. Uma sensação muito estranha, ser lançada no meio daquele grupo de idosos. Embaraçoso e cômico.

Logo depois disso, peguei um ônibus para Xiaguang. Durante a viagem, uma pedra saltou de debaixo da roda e atravessou a janela. Acertou meu pé. Gritei de dor. Mas os outros passageiros permaneceram sentados, como robôs. Nenhuma reação. O ônibus se manteve silencioso como uma poça d'água. Fiquei pasma com o que aconteceu. Como podia ser possível? Alguém estava tentando me enviar um sinal?

Quando retornei da viagem, estava muito confusa e não conseguia superar o incidente. Procurei minha mãe, mas ela não estava em seu quarto. Sobre uma mesa, vi um exemplar da Bíblia, que nunca provocara interesse algum em mim, mas o segurei e abri ao acaso. A passagem que li foi Isaías 54:1: "Cante, ó estéril, você que nunca teve um filho; irrompa em canto, grite de alegria, você que nunca esteve em trabalho de parto; porque mais são os filhos da mulher abandonada do que os daquela que tem marido".

Fiquei atordoada. Como o Senhor podia saber que eu era estéril? Estaria ele me incentivando a continuar tentando? Emocionei-me profundamente. No domingo seguinte, fui à igreja e fiz minha oração de compromisso. Sentia como se tivesse renascido. Possuía um novo nome, do livro bíblico de Rute. Ela foi uma mulher valente que assumiu a responsabilidade de sustentar a sogra após a morte do marido. Ela recolhia os grãos caídos das espigas nos campos e trabalhou em todo tipo de emprego. Por fim, ela alcançou as bênçãos de Deus, casou-se com outro homem e deu à luz um filho.

Logo, meus amigos começaram a me chamar de Rute. Ofereci-me para trabalhar em uma escola numa região pobre do interior das montanhas. A escola era mantida pela igreja, e me davam 300 iuans [cerca de 75 reais] por mês para alimentação e despesas básicas. As condições de vida eram realmente severas. Por um tempo, hesitei na minha fé. Certa manhã, acordei me sentindo péssima e deprimida. Então eu me cobri com minha colcha e comecei a orar. Pedi ao Senhor que me dirigisse ao caminho correto. Orei por cerca de dez minutos antes de ouvir alguém murmurar algo. Havia uma menina na cama ao lado, e ela parecia falar enquanto dormia: "Acalme-se, Rute. Você vai ficar bem". Eu a acordei e perguntei o que ela estava dizendo. Ela ainda estava meio sonolenta e não entendeu minha pergunta. Com gentileza, ergui a voz e disse: "Você disse algo para mim. Tente se lembrar". A garota se sentou e, após um tempo, lembrou-se do sonho. "Você chorava. Com as asas, anjos acariciavam sua cabeça e lhe diziam para se acalmar", disse ela.

A história de Rute foi interrompida quando uma mulher sentada ao nosso lado sinalizou para nós pedindo silêncio. Outra sessão de hinos estava prestes a começar, e, em seguida, alguns dos membros reunidos naquela noite contariam suas experiências, uma oportunidade para derramar o coração ao Pai no céu. As mulheres da vila, muitas das quais semianalfabetas, estiveram privadas do direito de falar por um longo tempo e agora não apenas "contavam" suas histórias, mas também realizavam performances, articulando suas ideias com eloquência, como se cada uma fosse uma atriz profissional treinada. As histórias eram contadas com narrativas vívidas. A variação de tom e ocasionais explosões de lágrimas reforçavam o efeito, elevando suas performances a um alto nível emocional. Eram verdadeiras contadoras de

histórias. Eu era um pobre escrevinhador comparado ao dom delas.

Ao final de cada história, a plateia respondia “amém”.

O encontro de comunhão durou cerca de uma hora e meia: uma incomparável peça de teatro, completamente diferente de qualquer coisa que pudesse ter sido encenada ou idealizada. Depois, veio o momento “dos aplausos”, com todos em pé: “Em nome de Jesus Cristo, amém”. Seguiu-se um breve silêncio antes que a sala começasse a retomar uma condição secular, com turbilhões de conversas e gargalhadas aumentando continuamente em volume. Minha mente se demorou na cena que acabara de terminar, sons e imagens se revirando. Encontrei meu caderno de notas e, aproveitando a atmosfera descontraída e aberta para entrevistar os “irmãos”, descobri que o grupo de comunhão foi iniciado pela família de Rute. Muitos dos parentes dela constituíam o núcleo dos membros. Criada numa família de gerações de agricultores, Rute foi a primeira a deixar a aldeia. Sua mãe, de 59 anos, era crente havia nove anos, e Rute se juntou à igreja seis anos antes. Eles eram os cristãos “veteranos” na aldeia.

Dois dos tios e tias maternos de Rute tinham se convertido havia pouco tempo. O tio mais velho, com seus 50 anos, trabalhava como motorista de caminhão numa estação de energia elétrica da comarca. Foi batizado no fim de 2008. Antigamente, vivia em constante temor, pois seu caminhão entrava e saía de vales profundos e túneis escuros, onde deslizamentos de terra e desmoronamentos de túneis eram frequentes. Desde a conversão, porém, ele descobriu que a oração o acalmava em zonas de perigo e eliminava seu medo. Com isso, ele se tornou mais ativo.

O tio mais jovem era um agricultor, quieto e tímido. Parecia ter um pouco mais de 40 anos. Havia se unido à igreja apenas dois meses antes. A conversão foi motivada por uma doença súbita. Ele sofria de várias enfermidades, incluindo inflamação da vesícula biliar causada por pedras. O médico recomendou cirurgia, mas essa não era uma opção. “Não tínhamos condições de pagar a conta”, disse ele, “mesmo se vendêssemos tudo que tínhamos”. Sem alternativas, a mãe de Rute sugeriu que ele se voltasse para Jesus. Ela acreditava que a fé amenizaria as preocupações e a angústia mental de seu irmão e ajudaria a curar seus males físicos. Nos últimos dois meses, ele combinou oração com uma erva medicinal prescrita por um médico da aldeia. Sua condição melhorou. A mãe de Rute ainda precisava convencer o marido a se juntar à igreja.

Rute me apresentou a uma amiga que trouxera a filha consigo. A mulher, com seus trinta e poucos anos, era animada e articulada. Era difícil imaginar que essa jovem mãe costumava ser atormentada pela depressão e a insônia, pensamentos suicidas e dependência de medicamentos:

— Eu me livrei da longa dependência de remédios. Sempre trago minha filha aos encontros da comunidade. Eu a estou colocando sob os cuidados do Pai eterno.

Após ouvir casualmente nossa conversa, uma jovem mãe se aproximou, mas, antes que abrisse a boca, escorreram lágrimas por seu rosto. Ela começou a chorar de modo incontrolável, e pessoas em torno de nós enxugavam em silêncio as próprias lágrimas. O marido da mulher fora diagnosticado com câncer de vesícula biliar. A família vendeu tudo em casa a fim de pagar a cirurgia, mas não puderam salvá-lo. Ele havia acabado de falecer. Quando se acalmou, ela pediu desculpas e disse que a fé lhe proporcionava a força para

prosseguir. Ela puxou uma jovem menina em nossa direção e continuou:

— Minha filha é aluna da quarta série. Ela e eu lemos a Bíblia juntas. Quando ora, ela faz um trabalho muito melhor do que eu. Se o pai dela pode ouvi-la no céu, tenho certeza que ele estará muito orgulhoso.

A maioria das mulheres da comunidade era de meia-idade. Uma vovó de cabelos grisalhos me chamou a atenção; a meu ver, ela parecia uma cristã experiente. Em vez disso, descobri que era, relativamente, uma recém-chegada, que ingressara apenas três meses antes. Ela cresceu jejuando e entoando mantras budistas. Cultuava deuses locais, mas também frequentava igrejas cristãs quando jovem. Assim como a maior parte do povo *bai*, não se preocupava com suas adorações e estava disposta a aceitar qualquer coisa que lhe parecesse útil. Um dia, a caminho de casa após o trabalho na lavoura, sofreu um derrame e desmaiou à beira da estrada. Rute deparou com ela por acaso e a levou ao hospital. O tratamento a tempo salvou sua vida. Após a recuperação, Rute começou a pregar o evangelho para a mulher. Como era parcialmente surda, Rute erguia a voz e gritava em seu ouvido. Hoje, cada vez que sente o coração apertar, ela contrai o peito e ora, e imediatamente se sente melhor.

Passei os poucos minutos restantes com um casal de minha província natal, Sichuan. Falamos no dialeto de lá. Ambos cresceram na comarca de Anyue e se mudaram para Dali há mais de dezoito anos. Eles estavam trabalhando no ramo de mármore e granito. A esposa falava mais, enquanto o marido balançava a cabeça. Quando ela e o marido chegaram a Dali, mantinham empregos temporários e trabalhavam por longas horas. Tendo economizado dinheiro suficiente, abriram uma loja própria para vender placas de mármore. No tempo livre, disse a esposa, ela jogava *mahjong*, popular jogo de mesa de origem chinesa.

Esposa: Dez anos depois, me tornei viciada em *mahjong* e jogava sempre que encontrasse um momento vago. Isso não deve surpreendê-lo. Como sabe, Sichuan é considerada provavelmente a província número um de *mahjong*. Todo mundo sabe como embaralhar as peças. *Mahjong* envolve apostas. Sujeitos comuns apostam 10 ou 20 fens [ou centavos de iuan] para se divertir. Em alguns círculos, as apostas são muito mais altas. No início, eu não via meu vício como um problema sério. Pensava que seria como comer alimento de Sichuan com pauzinhos. Eu estava errada. Foi fácil adquirir o hábito, mas não conseguia mais me desvencilhar do jogo. Quando ansiava por uma partida de *mahjong*, não importava o que eu estivesse fazendo. Nada me impedia. Quando meu primeiro filho nasceu, eu cuidava dele com uma mão e movia as peças com a outra. Perdi muito tempo e dinheiro. Cada vez que perdia, ia orar num templo, queimar incenso, na esperança de que o misericordioso Buda me concedesse um pouco de sorte para que pudesse vencer da próxima vez. Se ganhasse, doaria parte dos rendimentos ao templo.

Não tive muita educação, mas era devota. Criei um altar em casa e adorava o deus da fortuna e a deusa da compaixão todos os dias. Ainda assim, minha sorte nunca mudava. Eu continuava a perder altas quantias. Meu marido tentava me convencer a parar de jogar, mas eu não queria ouvir. Ele começou a se frustrar. Por raiva, adquiriu também o vício e se meteu

num poço sem fundo. Com dois apostadores em casa, nos afundamos em dívidas. Às vezes, não tínhamos dinheiro nem para comprar comida. Ainda assim, não conseguíamos fugir do nosso vício. Nós dois acabamos por adoecer. Muitos pensavam que éramos viciados em heroína. Na verdade, era uma espécie de heroína.

Por sorte, recorremos a Rute, que generosamente nos ajudou quando não tínhamos para onde ir. Ouvi um sermão numa noite de sexta-feira. No domingo seguinte, participei deste grupo de comunhão e me ajoelhei para fazer minha oração de compromisso. Mudei meu nome para Yue Lang — Lua Resplandecente — a fim de marcar meu renascimento naquela noite enluarada. Quando voltei para casa à noite, empacotei as estátuas em meu altar e minhas peças de *mahjong* e as atirei dentro de um rio. Limpei a casa, por dentro e por fora, e estava ensopada de suor. Uma sensação boa. Eu havia sofrido de insônia por quatro anos, mas, assim que caí na cama, adormeci e dormi até a manhã seguinte. Ao acordar, abri as janelas e senti a brisa fresca. Isso aconteceu em 2005. Joguei *mahjong* uma única vez desde então. Não conseguia me concentrar. Sabia que estava pecando. Quando voltei para casa, me coloquei de joelhos, orando, e meu marido me viu e perguntou: “Para que isto? Vale a pena?”. Naquela noite, sonhei com uma cruz, que brilhava tão intensamente que feria meus olhos.

Não joguei desde então. Nossa situação familiar mudou para melhor. Não tenho mais insônia. Estou bastante saudável. Meu marido parou de fumar. Não tenho de implorar ao Senhor por coisa alguma. Ele conhece tudo. Cada progresso que faço, ele me recompensa com sua bênção. Vou seguir o caminho do Senhor e buscar redenção até morrer.

Às 23 horas, os irmãos em Cristo se despediam. Por ser o único não crente no grupo, as pessoas se revezavam para me incentivar a remover minhas preocupações e me submeter a Deus. A simplicidade e a sinceridade de seu oferecimento me comoveram. Eles acreditavam que a fé era uma dádiva valiosa, e queriam partilhar esse despertar espiritual com o convidado. No cruzamento, me separei de meu amigo Li Linshan, que se inclinou sobre o ombro da esposa e voltou para casa, passo a passo. Observei-o enquanto ele arrastava os pés rua abaixo. Eu sabia que o câncer o corroía por dentro, mas ele avançou com firmeza na direção de sua casa.

Capítulo 8

A escuridão no campo é verdadeiramente negra, negrume de tinta preta, quando as nuvens cobrem os céus e a lua é tão nova que ainda nem nasceu. Não havia visto escuridão assim por anos. Com o gélido sibilar do vento, senti-me sozinho, embora soubesse que meu companheiro de viagem se encontrava ao alcance do meu braço. O dr. Sun (usarei apenas o nome de família, pois ele deseja evitar a exagerada atenção das autoridades) me guiava, nessa noite escura, à aldeia Fakuai, nas montanhas da comarca de Tianxin, província de Yunnan. “Fakuai”, descobri, era uma gíria na linguagem local *yi* para “cintura da montanha”, que era, de fato, onde a aldeia se localizava, embora Sun fosse mais preciso ao explicar que íamos para o “umbigo” da montanha.

O dr. Sun, um médico missionário que eu conhecera em 2004, concordou em me apresentar a alguns líderes cristãos nas aldeias de etnia *yi*, onde ele realizava visitas três ou quatro vezes no ano. Iniciamos os preparativos, acredito, com a antecedência necessária, em 9 de dezembro de 2005, mas se aproximava o findar do dia quando nosso motorista atingiu o término da estrada de asfalto e o furgão começou a balançar, os pneus fazendo barulho ao longo da estrada de “balas duras”, feita de uma combinação de lama e pedras pequenas. O motorista, com os dentes batendo, não fez esforço nenhum para reduzir, e a caminhonete se lançou com ímpeto à frente. Sun encolheu os ombros — tão violento era o tremor do veículo que era difícil falar — e sorriu, irônico: “Você se acostuma”.

O dr. Sun era evidentemente conhecido por aquelas bandas; saudaram-no como a um irmão sumido quando entramos, por volta das 21 horas, no pátio da casa de um de seus assistentes, o grupo sentado em torno da fogueira pondo-se em pé num pulo e correndo na direção dele. O dono da casa ajudou a descarregar os sacos de roupas doadas que havíamos levado conosco. Era por volta da meia-noite, quando as roupas foram distribuídas, os aldeões partiram, e nos deixaram molhar os pés em bacias de água quente postas perante o fogo. Nenhum de nós tinha sono, então conversamos.

Liao Yiwu: Parece tão surreal sentar aqui com você, nesta remota aldeia na montanha. É tão bela e tranquila. Quando nos conhecemos, você me disse que nasceu na cidade de Nanquim. Como veio parar na província de Yunnan?

Dr. Sun: Tanto meus avós quanto meus pais eram praticantes da tradicional medicina herbal chinesa. Eles administravam um dos hospitais mais antigos e respeitáveis da cidade e obtiveram lucros enormes. Compraram lotes de terra como investimento. Quando apareceram os comunistas, o mundo virou de cabeça para baixo. Minha família tornou-se alvo de perseguição: membros da malévola classe de exploradores. O hospital foi confiscado, assim como as fazendas. Mas eles possuíam boa fama por suas habilidades médicas. Por isso, foram considerados valiosos aos olhos dos altos oficiais comunistas locais. Em consequência disso, escaparam da execução. Foi difícil ter nascido numa família com um passado político tão

sombrio. Eu era constantemente hostilizado na escola e proibido de participar de muitas atividades escolares. Em 1975, na segunda fase do ensino fundamental, me inscrevi como voluntário e fui a Xishuangbana, no extremo sul de Yunnan, quase o mais longe ao sul a que se pode ir. Ingressei numa fazenda estatal. Eu era o trabalhador mais jovem, mas mentia a idade. Queria me livrar de Nanquim, me livrar da minha família, desaparecer.

Como você sabe, Xishuangbana possui muitas etnias diferentes. O povo *dai* constitui o maior grupo. Em seguida, há os *hani*, os *lagu*, *bulang*, *yao*, *yi*, *wa* e os *bai*. É fácil desaparecer aqui. Fui designado para a comuna de Jinghong, perto da fronteira entre Mianmar e a Tailândia, que consistia de muitas aldeias *dai*.

Vivendo tão distante da cidade, pensei que poderia me livrar das campanhas políticas de Mao. Eu estava equivocado. Acontecia a mesma coisa em todos os lugares, mas com cerca de dez anos de atraso. Enquanto as cidades maiores haviam deslocado o foco do ataque político dos antigos latifundiários para os intelectuais e oficiais do governo, os líderes da minha comuna ainda realizavam sessões de condenação pública contra os proprietários de terra. No dia em que cheguei, encontrei um jovem colega, um *dai*. Ele parecia simpático. Até subia nas árvores, como um macaco, para pegar frutas para nós, os urbanos. Não sabíamos que ele era filho de um rico fazendeiro até que a milícia local o espancou. Ele apanhou muito.

Meu desapontamento com a sociedade e minhas dúvidas a respeito do comunismo começaram ali, acredito eu. Quanto mais velho, mais reacionário me tornava. Passei a perceber que todas essas palavras de ordem políticas — “As pessoas são donas do país”, “O partido é sempre grandioso, glorioso e correto” — constituíam um absurdo total.

Um dia, em 1976, enquanto colhia bananas, os alto-falantes da fazenda começaram a trombetear uma estridente música de luto, e a voz grave do locutor disse que nosso grande líder, o presidente Mao, havia falecido. Eu meio que ri e pensei em como nós costumávamos entoar “vida longa, vida longa” todo dia, e aí ele cai morto, assim como qualquer outro. Que boa notícia! Claro, eu não partilhava esses sentimentos com nenhum dos outros.

Mais tarde, fui designado para trabalhar na clínica da fazenda. Em 1977, quando a China retomou o sistema de vestibular para ingresso na universidade, passei em todos os testes e fui matriculado na Universidade de Medicina de Pequim. Cinco anos mais tarde, após obter meu diploma de médico, consegui um emprego num hospital afiliado à Faculdade de Medicina de Suzhou, perto de Xangai. Tornei-me cirurgião, trabalhando no departamento de emergência. Lidei com todo tipo de casos terríveis: fígados rompidos, estripação, ferimentos graves na cabeça, membros amputados. Foi assim que aprimorei minhas técnicas cirúrgicas. Em 1988, fui promovido ao cargo de administrador e em 1995 me tornei o vice-reitor da faculdade de medicina.

Liao: Você era jovem e tinha um futuro brilhante.
Sun: A importante habilidade que define um cirurgião de emergência é diagnosticar com rapidez e precisão e depois agir. Não se pode brincar. Mas, no papel de administrador, nenhuma das habilidades que eu adquirira se aplicava. Desempenhava-se um conjunto diferente de regras. Na minha posição de liderança, iniciei algumas medidas de reforma. A faculdade me concedeu um carro modelo Santana, mas eu pedi às autoridades para vender o automóvel e gastar o dinheiro no hospital. Eu subia em minha bicicleta para trabalhar todos os

dias. Aboli o tradicional banquete de funcionários durante os feriados e bani o uso de dinheiro público para comida e bebida. Também reforcei o reembolso das despesas. Todas essas medidas prejudicaram os interesses dos outros líderes; eles ficaram transtornados de ódio e conspiravam contra mim. Foi muito frustrante e deprimente. No início de 1990, nossa faculdade convidou alguns professores e estudantes estrangeiros para lecionar e estudar conosco. Foi por meio deles que segurei uma Bíblia. Estava fazendo um balanço da minha vida na época. Sentia uma frustração imensa com meu trabalho como vice-reitor. A Bíblia me ensinava a permanecer no temor de Deus e a amar, duas qualidades importantes de que o povo chinês carecia. Muitos chineses fazem qualquer coisa por ganhos materiais triviais e não têm consideração pela moralidade, ética ou lei. Como modificar isso? Podemos contar com o Partido Comunista? Podemos confiar nas regras e regulamentos do governo? Aparentemente, não.

Em setembro de 1990, participei de uma reunião de oração num dormitório de estudantes estrangeiros. Foi a primeira vez que orei. Vi vários estudantes chineses ali. Comecei a participar da missa dominical nas casas particulares e, aos poucos, criei o hábito de orar antes de dormir toda noite, refletindo sobre o que eu fizera no dia e como poderia melhorar. No inverno de 1991, passei as férias em Xishuangbana. Por acaso, era Natal. Ao participar de uma celebração de Natal na casa de um cristão, meu coração foi tocado de uma maneira que nunca havia sido tocado antes. Com o apoio de um missionário da Alemanha, fui batizado.

Liao: Você podia ser um cristão e um oficial do governo ao mesmo tempo?
Sun: Senti que precisava fazer uma escolha, mas, em grande medida, fizeram a escolha para mim. Um dos estudantes de minha primeira sessão particular de oração me delatou. Em 1997, meu superior apareceu com um formulário de adesão ao Partido Comunista. Ele me disse que, ao me unir ao Partido, eu poderia dissipar os "rumores" de minha associação com o movimento cristão, que eu estivera no sistema por muitos anos e havia me estabelecido na área médica, e que aquilo seria uma concessão menor e muitas portas se abririam para mim.

Disse-lhe que não podia preencher o formulário de adesão. Afirmei: "O que você ouviu não são rumores. É verdade". Meu superior ficou chocado e fingiu não ter ouvido o que eu disse. "Eu creio em Jesus Cristo", falei. "Já realizei minha escolha, e esta é a única opção."

Ele se aborreceu tremendamente. "Você é um oficial comunista. Você desfruta o salário e os benefícios de um oficial comunista e, ainda assim, acredita em Jesus Cristo. O que se pode fazer com Jesus? Ele pode providenciar alimentação e roupas para você?".

Olhei-o nos olhos e disse, totalmente decidido: "Estou parando por aqui. Preciso salvar minha alma".

O hospital me desobrigou de todos os meus deveres, e tive de sair da faculdade de medicina. Pouco depois, fui contratado pelo Hospital Jinghong, em Xishuangbana, mas não deu certo. Procurei a Zona Econômica Especial de Shenzhen e, por fim, aterrissei na Tailândia, onde viajei até a bela cidade de Chiang Mai, no norte. Fui recrutado como voluntário por um hospital mantido por uma organização humanitária internacional e fui para uma região montanhosa pobre em Mianmar, devastada pela guerra, doenças epidêmicas e pobreza. Havia plantações de papoula em todo lugar e guerrilheiros empunhando armas que mais pareciam bandoleiros. Ouvi disparos algumas vezes. O "hospital" era um amontoado de

barracões com telhados de palha no meio de uma floresta, mas contava com alguns médicos altamente qualificados, muitos deles do Ocidente, que vinham em turnos.

Liao: Como você se comunicava com os pacientes e os colegas médicos?
Sun: Muitos dos pacientes falavam chinês. Eu também sabia um pouco de *dai* e inglês. As condições eram duras, mas, surpreendentemente, tínhamos relações de trabalho amigáveis. Levávamos nosso emprego muito a sério, e não era incomum trabalharmos dias sem interrupção. Aprendi bastante trabalhando ali.

Regressei à China em 1999. Eu possuía credibilidade, mas já não tanta. Meu sobrinho me ajudou a conseguir um emprego como professor adjunto na faculdade de medicina da Universidade de Yunnan.

Liao: Com sua experiência, por que não um hospital governamental importante?
Sun: Sou cristão. Achava isso impossível.

Liao: Como a fé podia ser um obstáculo para sua carreira?
Sun: Não é isso. Eu não poderia trabalhar ali sem consciência. Digamos que um paciente, torturado pela doença, senta-se a sua frente, olhando para você, esperando que você possa encontrar uma cura para ele. Que tipo de medicamento você deveria prescrever? Muitos remédios produzem o mesmo efeito, mas os preços podem variar bastante. Eu prescreveria o mais barato e mais efetivo. Mas, se continuasse a fazer isso, a farmácia e o hospital se irritariam, pois eu estaria impedindo seus lucros, perturbando o acordo confortável que existe entre as companhias farmacêuticas e os hospitais. Quando se quebra regras ocultas e prejudica-se o interesse coletivo dos hospitais e médicos, você se torna muito malquisto.

Liao: Há um ditado, hoje, na China: “Médicos são como ladrões, corruptos e inescrupulosos”.
Sun: Você tem razão. Os médicos deveriam ser capazes de diagnosticar diversos tipos de doenças com facilidade e tratá-las com o tipo certo de medicamento. Deveria ser simples, como empurrar um barco encalhado de volta para a água corrente. A recompensa está em socorrer o paciente. Mas a realidade é completamente diferente na China. Hoje cobram centenas de iuans por uma consulta médica, mesmo para uma pequena indisposição. Em vez de um tratamento baseado em antibióticos ou ervas tradicionais, que custam 10 ou 20 iuans, e que inclui um lucro decente, hospitais querem médicos que cobrem dez vezes isso. É ganância. Como cristão, tenho que dizer a verdade a meus pacientes. Não posso mentir para tirar mais dinheiro deles.

Liao: Assim você foi forçado a se tornar um “médico itinerante”.
Sun: Ninguém me forçou a nada. Um dia, esbarrei num antigo aluno meu na igreja. No início, não o reconheci. Lecionei para muitos estudantes na Universidade de Yunnan. Ele me disse que havia crescido nas áreas rurais de Jiaoxi, na comarca de Luquan, na área mais remota das montanhas, junto ao rio Jinsha. A aldeia é afastada, mas seu povo acolhe bem os forasteiros. Todos os aldeões se converteram ao cristianismo. Meu aluno disse que uma mulher na aldeia estava morrendo de uma doença desconhecida. Perguntou se eu estava interessado em fazer uma viagem para lá. Eu fui evasivo, mas ele apareceu em minha porta no dia seguinte, e o acompanhei. Levamos o dia inteiro num ônibus para chegar ao lugar. Era a esposa de um

pastor local que se achava doente. Ela estava com câncer de mama; o tumor era tão grande quanto um ovo e precisava de uma cirurgia com urgência. O pastor explicou que levara a esposa a vários hospitais na capital da província, a cidade de Kunming, mas queriam 8 mil iuans [cerca de 2 mil reais] para a operação. Ele recorrera a parentes e companheiros da aldeia, mas tudo que conseguira juntar foram 2 mil iuans [cerca de 500 reais]. Disse ao pastor que faria a cirurgia de graça, que eu havia realizado cirurgias muito mais complicadas que a exigida ali, e que ele precisava confiar em mim. Ele me olhou com descrença, da mesma forma que os aldeões que se ajuntaram em torno de nós. Não tenho certeza de qual das minhas afirmações parecia mais difícil de acreditar.

Queria levar a mulher comigo para Kunming, a fim de usar uma sala de cirurgia adequada, mas ela não queria sair de casa. Naquela noite, ajoelhei e orei. Enquanto orava, um velho programa de televisão americano surgiu em minha mente: uma equipe de médicos divertidos realizando uma cirurgia enquanto contavam piadas, um hospital militar móvel, tendas num campo aberto, a Guerra na Coreia.

Liao: Você deve estar falando da série de televisão *M*A*S*H.*[7] Assisti a alguns episódios.
Sun: Sim. Eu me senti inspirado. No dia seguinte, comprei alguns instrumentos cirúrgicos básicos para complementar o material que carregava comigo, e realizamos a operação no quarto dela. A cama era uma prancha de madeira. Não havia necessidade de mesa. Tudo que tínhamos a fazer era limpar um pouco o quarto e aí poderíamos realizar o procedimento.

Liao: Alguém o ajudou?
Sun: Sim, outro pastor da aldeia. Ele estava com seus 60 anos, um jeito de vovô. O quarto era muito escuro. Mesmo após abrirmos as janelas, ainda estava bem ruim. Amarrei quatro lanternas juntas, e o vovô as segurou como luzes cirúrgicas. O vovô era forte e possuía ótima saúde. Ele permaneceu ali por horas sem se mover, mantendo a iluminação estável. Removi o tumor, o que tomou um bom tempo, mas não me senti nem um pouco cansado. Era uma sensação doce estar ali, com os aldeões pobres, e fazer a obra de Deus, embora eu nunca pensasse ter de realizar uma cirurgia naquelas condições.

Após a cirurgia, a notícia se espalhou mais rápido que o vento, e fui inundado de pedidos de ajuda dos aldeões. Acabei permanecendo mais de uma semana, fazendo inclusive uma caminhada de oito horas a pé de Jiaoxi a Zhaji, na comarca de Wuding. Não havia estrada. Subi morros, cruzei rios. No momento em que chegamos lá, meus sapatos se achavam quase inutilizáveis. Eu era bom em caminhadas, mas aquela viagem foi a mais longa e árdua que já havia feito.

Liao: Conheço a região. Os moradores usam burros para transportar seus produtos, e os animais escorregam e caem em barrancos o tempo todo.
Sun: Após a escalada e a caminhada, dormi profundamente e realizei duas cirurgias, uma relacionada a um câncer no queixo e outra a um câncer de pele. Ambas ocorreram sem problemas. Eu havia encontrado meu caminho e minha missão.

A comarca de Yiliang, na região de Shaotong, é uma das mais pobres de Yunnan. As árvores do topo das montanhas foram desmatadas, e as aldeias são espalhadas. Pessoas vivem em casas humildes de palha, com portas semelhantes a entradas de caverna, em que é preciso

se inclinar para entrar. Numa aldeia que visitei, as pessoas contavam com dois poços para extrair água, um para os animais e outro para os humanos. Quando a seca atingia a região, os aldeões tinham de carregar água de um rio no pé da montanha.

Eu viajei para lá em diversas missões médicas. Por vezes, não tínhamos água limpa, e eu passava dias sem tomar banho e até sem lavar o rosto. Mas não me importava.

Numa dessas viagens, encontrei um *yi* mancando com uma muleta rudimentar. Uma das pernas de sua calça pendia vazia, e um lado do rosto estava contraído. Quando perguntei a respeito de sua situação, ele disse que perdera parte da perna num acidente de trânsito. Perguntei se poderia examinar, e ele se sentou. Não sei que canalha realizou a amputação, mas a aparência era horrível. Faltava metade da perna direita, e o osso da coxa projetava-se para fora como uma faca; a carne em torno se deteriorara, e o cheiro era medonho. Disse a ele: “Tenho de corrigir isso, agora, ou você vai morrer”.

Ele me olhou, perplexo no início, mas compreendeu, e as lágrimas correram pelo seu rosto. Eu tinha de amputar o resto da perna se quisesse salvar-lhe a vida. Logo, me vi cercado por uma multidão. Ninguém sabia quem eu era, apenas que viera de Kunming. Mas estavam confiantes e ajudaram a carregar o homem para a casa dele e o deitaram na horizontal em sua cama. Abri minha mochila, esterilizei os instrumentos e a área infectada, injetei a anestesia e removi o tecido gangrenado.

Separei os vasos sanguíneos, costurei-os, como uma avó costura as solas de sapatos, e iniciei a amputação. O processo não tem nada de misterioso. É muito parecido com marcenaria. Você precisa de uma serra, uma lima, um cinzel, um martelo e uma plaina. Carregava comigo uma pequena serra com dentes afiados. O osso da coxa de um adulto é bastante duro; não tanto quanto aço, mas mais duro que madeira. Não é fácil cortar a perna de um homem. Meus braços ficaram dormentes com a vibração da serra, indo e voltando, indo e voltando. O suor escorria pelo rosto. Se estivéssemos num hospital normal, os enfermeiros teriam ajudado, mas tudo que eu tinha eram aldeões destreinados, que aguardavam ali, inocentes. Alisei e arredondei o osso cortado com um martelo e um cinzel e costurei a pele saudável e a carne.

Noutra ocasião, eu viajara para a prefeitura de Rio Vermelho, onde se localiza a famosa Fábrica de Cigarros de Rio Vermelho. Visitei um hospital de leprosos para operar um indivíduo com apendicite. Nenhum dos médicos na região o examinou. Um médico lhe enviou um remédio, mas não compareceu para um diagnóstico. Remoção de apêndice é uma cirurgia relativamente sem importância, e eu sabia que nada poderia me impedir de realizar a operação, embora os pacientes nas enfermarias estivessem surpresos. “Você certamente tem coragem de nos visitar aqui”, diziam. O paciente era um homem de meia-idade; as mãos e os pés pareciam deformados por causa da pele morta e moribunda. Ele estava bastante calmo, nunca reclamava da dor. Uma garota católica da província de Gansou me ajudou com a operação. Sem maiores problemas. Foi um procedimento simples, feito com anestesia local. Após os pontos, o paciente acenou, com apreço, e caminhou lentamente de volta a sua ala.

Falando em lepra, enquanto aguardava o ônibus à beira de uma estrada próxima a Shimenkan certo dia, vi ao longe uma casa de palha meio escondida entre as árvores numa colina. Pensando que pudesse ser a residência de um eremita ou de um sábio, decidi fazer uma visita. O guia parecia assustado e me parou: “Esta é a casa de dois pacientes com lepra”.

Impulsionado pela curiosidade, ignorei o aviso do guia e fui até lá. Avistei um casal de idosos cochilando ao sol. Quando os examinei, vi que não exibiam sintoma algum de lepra. Eram pessoas bastante saudáveis.

O velho senhor, Zhang Zhi-en, vivia numa aldeia próxima. Na década de 1970, enquanto desenterrava plantas nas montanhas, deparou com uma cobra, que os locais chamam de cobra *ma*. Ele a matou com uma enxada. Quando contou a história aos companheiros de aldeia, espalharam rumores de que ele tinha lepra. Segundo o folclore local, contrai-se lepra ao se deparar com uma cobra *ma*, cujo nome soa semelhante ao da doença. Ele ficou trancado num sanatório local por anos. A ex-esposa, que também fora acusada de ter lepra, foi queimada viva, quando estava acamada devido a outras enfermidades. A velha senhora que conheci naquele dia era a segunda esposa. Uma vida bastante infeliz, a do casal. Ninguém conversava com eles. Parte da casa havia desmoronado, mas eles não possuíam recursos para consertá-la. Contatei a igreja local e doei 2 mil iuans para o projeto de reforma. Colocamos telhas no telhado, e hoje a casa tem uma aparência realmente agradável. Compramos ainda alguns porcos e galinhas para eles criarem. A vida é muito melhor. Ele agora é aceito pelas pessoas na igreja.

Liao: Fale sobre o rapaz, Little Sun, da aldeia de Malutang.
Sun: Ele era trabalhador temporário num estaleiro na cidade de Guangzhou, casado, com filhos. A vida lhe parecia ótima até perder a função das pernas. Buscou tratamento em todo lugar. Um professor conhecido na Universidade de Medicina de Zhongshan o examinou, mas apenas balançou a cabeça. Com a progressão da paralisia, a esposa o abandonou. Os colegas de trabalho o enviaram de volta à aldeia natal, onde os pais cuidavam de tudo para ele, da alimentação aos excrementos. Uma situação bastante trágica. A cirurgia não constituía uma solução, nem a medicina ocidental, mas me ocorreu que a acupuntura tradicional pudesse ser a resposta. Eu não possuía treinamento formal em acupuntura. Por isso, tomei lições de um conhecido médico herbal chinês, sr. Liang. Foi uma experiência verdadeiramente divertida e gratificante. Assim que o sr. Liang assinou meu certificado, visitei Little Sun, e ele concordou em tentar o tratamento. Após minha primeira visita, ele disse que as pernas doíam, de modo que podia senti-las. Mantivemos o tratamento. Ao mesmo tempo, prescrevi algumas ervas. Lentamente, ele pôde levantar e hoje pode caminhar sem a bengala. Ele está tendo aulas de medicina comigo e pode cuidar de indisposições comuns.

Liao: Ele abriu uma barbearia no município, onde também faz trabalhos odontológicos.
Sun: Eu o apresentei a um dentista visitante dos Estados Unidos. Little Sun recebeu treinamento dele. Disseram-me que é muito bom no que faz.

Liao: Conheci vários de seus alunos.
Sun: Nos últimos oito anos, treinei uns trinta ou quarenta, e agora temos uma rede médica rural elementar. Embora seja importante ter médicos com formação profissional disponíveis, é mais urgente e realista contar com pessoas que possuam algum conhecimento médico básico no local. Nas áreas rurais, quando há uma emergência, leva tempo até um médico aparecer. A vida é realmente difícil para os aldeões nessas regiões montanhosas, a horas do município mais próximo, e mesmo lá os hospitais possuem equipes e equipamentos deficientes. Não há

problema se você estiver bem e saudável. Uma vez que um aldeão seja atingido por uma doença repentina, porém, ele se encontra em apuros. Muitos morrem a cada ano do que, na verdade, são doenças e lesões menores.

Liao: Mas a criação e o funcionamento de uma rede rural médica são de responsabilidade do governo.
Sun: O Partido Comunista é corrupto; como podemos confiar neste governo? Algumas instituições beneficentes estrangeiras têm sido de grande ajuda, mas é uma ajuda temporária. Na maioria das vezes, temos de confiar em nossos próprios recursos locais. Em 1999, contatei uma instituição beneficente em Cingapura. Eles enviaram três médicos, um dos Estados Unidos, um de Hong Kong e outro de Cingapura. Visitamos a região. Foi aí que conheci outro sujeito chamado Sun. Ele vive na aldeia Dazhuji, na comarca de Zehei. Ele possuía alguma experiência médica e dirigia uma pequena clínica, mas estava afundado em dívidas, e a clínica estava à beira da falência. A instituição ofereceu ajuda financeira. Mas creio que, mais importante, lhe oferecemos a confiança tão necessária. Disse a ele: "A ajuda externa é certamente boa, mas você não pode confiar nela. Você tem de descobrir um modo de usar os recursos locais. A melhor maneira de fazer isso é explorar as ervas chinesas. Elas estão prontamente disponíveis na região". No decorrer dos anos, o sr. Sun foi capaz de ajudar os outros e pagar suas dívidas. Hoje ele está bastante bem.

Liao: Encontrei dois médicos sino-americanos em sua casa em Kunming. Eles têm ajudado?
Sun: Eles viajaram para as regiões rurais várias vezes e estavam dispostos a contribuir financeiramente. Conheceram o que é a China nas áreas remotas do país. Aconselhei-os a se manter afastados dos oficiais do governo, para que o dinheiro possa beneficiar diretamente os moradores rurais.

Mas tenho de admitir que nossa ajuda é limitada. Muitas vezes, ficamos impotentes diante do sofrimento humano. Numa aldeia remota em Jiaoxi, reuni-me com o líder do vilarejo, que possuía um tumor enorme no pescoço. No início, o tumor era pequeno, e um médico tentou removê-lo, mas não o erradicou. O tumor retornou e cresceu mais e mais. Quando me encontrei com ele, o tumor já havia se espalhado até o ombro esquerdo e a parte traseira da cabeça. Era tão pesado que ele não conseguia manter o equilíbrio quando estava em pé. Era câncer dos gânglios linfáticos e havia avançado ao estágio em que uma cirurgia já não era possível. Tudo que podia fazer era me sentar com ele. Li algo da Bíblia e disse: "Sua vida neste mundo é finita, mas, para Deus, é infinita". Ele acenou para mim e sorriu. Segurei suas mãos e permaneci com ele em silêncio por uma hora. Morreu no dia seguinte.

Certa vez, fui levado à casa de uma senhora de 50 anos. Ela lutava contra problemas de respiração, um sofrimento enorme. Tinha hemorragia interna, e era tarde demais para qualquer tratamento. Pedi uma bacia de água morna e lavei seu rosto e penteei seu cabelo. No papel de médico, não havia nada que pudesse fazer por ela. Mas, como pessoa, podia lhe restituir alguma dignidade. Sentei-me com ela, segurei-lhe as mãos. Sua respiração era pesada, dolorosa. Senti-me muito triste por ela. Então sussurrei: "Grande irmã, sei que você sofreu muito nesta vida. Não se assuste. Não tenha medo. Isso terá fim. O portão do céu está aberto para você. Seus sofrimentos terminarão ali". Lágrimas escorreram por seu rosto, o corpo se

contraiu algumas vezes, e poucos minutos depois ela partiu. As coisas aconteceram bem rápido.

Agora, deixe-me contar uma história edificante. No verão de 2001, estava viajando na região de Jiaoxi e parei numa aldeia por volta de 3 horas da tarde. Após descansar por uma hora, um funcionário local perguntou se eu poderia ver um homem que estava morrendo de uma doença misteriosa. Foi uma caminhada de duas horas e meia em caminhos lamacentos nas montanhas. Escorreguei e caí diversas vezes. Eram 8 horas quando chegamos. Lembro-me do sol se pondo por trás das colinas. Devia haver cerca de cem aldeões em torno da escura casa de palha do paciente. Um caixão vermelho aguardava no lado de fora, a tampa escancarada. Um tanto assustador. O paciente tossia sangue. Havia manchas de sangue por toda parte. Ele parecia estar no limiar da vida. Os familiares disseram que ele tinha câncer de pulmão e me mostraram seus exames de raios X. O paciente se encontrava bastante lúcido. Apliquei uma injeção para interromper o sangramento e pedi o histórico de sua doença. Após uma análise, obtive a certeza de que aquilo não era câncer, mas tuberculose. Bastante grave, de qualquer modo. Não havia nenhum medicamento de tuberculose comigo. Na manhã seguinte, parti com as duas filhas do paciente para Kunming, chegamos no meio da tarde, e enviei-as de volta com alguns medicamentos e instruções sobre a dosagem correta. Quando liguei três dias depois, o caixão tinha sido removido da porta e a condição do homem vinha melhorando. Um *checkup* três semanas depois confirmou que ele passava por uma rápida recuperação.

Liao: Você percorre as áreas rurais, providenciando esses serviços às pessoas. Como se sustenta financeiramente? Você cobra as pessoas pelo tratamento?
Sun: Nos primeiros dois anos, uma organização eclesiástica nos Estados Unidos providenciou algum apoio financeiro para que eu pudesse realizar meu trabalho assistencial. Desenvolvi uma estreita amizade com uma jovem nessa organização. Mais tarde, o chefe dela mudou de ideia e interrompeu o auxílio financeiro. Mas confio em Deus. Não tenho muitos gastos. O único dinheiro de que preciso é para passagens de ônibus e trem. Quando viajo de aldeia a aldeia, hospedo-me nas casas dos camponeses, que me alimentam com uma tigela de arroz e feijão.

Liao: Mas esse não é de fato um plano de longo prazo.
Sun: As pessoas são realmente amáveis. Alguns camponeses insistem em pagar pelo tratamento: 10 ou 20 iuans [cerca de 2 a 5 reais]. Aqueles que requerem tratamento mais complexo oferecem 200 a 300 iuans [cerca de 50 a 75 reais]. Tenho alguns contatos dispostos a permitir que eu pague remédios pelo preço de atacado, e o dinheiro ofertado pelos camponeses cobre esses custos. Nos últimos dois anos, alguns médicos no exterior descobriram minha situação e se interessaram no que faço. Eles contribuem com medicamentos, e os dois médicos sino-americanos alugaram um lugar em Kunming para utilizar quando estão aqui. Eu cuido de seus pacientes quando eles estão nos Estados Unidos.

Liao: Eu estive no consultório deles uma vez.
Sun: O lugar pode acomodar seis pessoas por vez. Há médicos suficientes nas grandes cidades. Acho que vou passar o resto da vida neste lugar. É perfeito para mim.

Epílogo

Em 2009, o dr. Sun atraiu a atenção dos oficiais do governo de Yunnan, que o acusaram de nutrir “motivos ocultos” ao tratar os pobres de graça e, posteriormente, proibiram suas missões médicas na província. Entretanto, após Liao publicar a história num *site* chinês no exterior, o dr. Sun recebeu um convite de uma igreja chinesa nos Estados Unidos para conversar sobre seu trabalho. Ele foi aos Estados Unidos em 2009, mas não obteve permissão para regressar à China. Hoje, reside na Califórnia, tentando aprimorar seu inglês e buscando oportunidades missionárias na África.

Capítulo 9

O MÁRTIR

Há, acima da Grande Porta Oeste da Abadia de Westminster, no centro de Londres, dez estátuas que representam mártires cristãos do século 20 em todo o planeta. Uma das estátuas homenageia Wang Zhiming, que viveu e pregou na comarca de Wuding, província de Yunnan, e serviu à etnia *miao*. Preso em 1969 por sua atividade religiosa, Zhiming foi executado em 1973. Ele tinha 66 anos. A história de Wang Zhiming era bem conhecida entre a comunidade cristã em Yunnan, mas fora dali a maioria dos chineses nunca ouviu falar dele. Os familiares, muitos dos quais continuam sua causa, raramente falam com a imprensa.

Ouvi falar de Wang Zhiming em dezembro de 2005, quando viajava em Yunnan com o dr. Sun, que conhecia o filho de Zhiming, um famoso líder cristão. Fui no encalço dele em janeiro de 2007.

A igreja na aldeia Xiachangchong, no distrito de Gaoqiao, é de um branco impecável, com telhado rosa, e me lembrou um castelo mágico, com as altas montanhas como pano de fundo. No trajeto até a igreja, surgem vias lamacentas. Por uma delas, um aldeão local conduziu o dr. Sun e eu. Nós o seguimos por subidas e descidas de colinas, e por valas de arbustos e videiras. Perto da entrada da aldeia, encontrava-se Wang Zisheng, o filho de Wang Zhiming. Ele havia sido alertado de nossa visita e nos cumprimentou como a irmãos que andavam sumidos, com apertos de mão e tapinhas nos ombros.

Wang Zisheng, nascido em 1940, tinha acabado de completar 67 anos. Ele era pequeno, robusto, um toco de árvore, com um enorme chapéu de algodão. Trilhamos outro caminho irregular em torno da aldeia antes de alcançar o pátio de sua casa, uma caótica "fazenda" com porcos, cães e galinhas, o pungente odor das fezes dos animais a agredir meu nariz. Quando Wang Zisheng abriu a porta para entrarmos na casa, uma galinha e mais uma dúzia de pintinhos escorregaram entre nossos pés e sumiram no interior da casa.

A primeira entrevista, realizada no interior da casa, durou quatro horas. Após nos despedirmos e sairmos pelo pátio, a esposa de Wang nos alcançou, colocando em nossas mãos alguns bolinhos de trigo assados. Nunca me senti tão faminto e engoli-os imediatamente.

Seis meses depois, enquanto transcrevia a entrevista, descobri que metade das histórias de Wang fora acidentalmente apagada da fita. Examinei o aparelho de trás para a frente, batendo a cabeça contra a parede. Durante os dez anos anteriores, eu realizara mais de duzentas entrevistas. Esse foi meu primeiro acidente.

Desesperado, liguei para o dr. Sun, implorando que arranjasse uma segunda entrevista. Assim, em 5 de agosto de 2007, viajei até Kunming e me encontrei com ele.

O contratempo com a fita de Wang Zisheng foi apenas o início de uma série de infortúnios. No caminho para o terminal rodoviário de Kunming, deixei minha mochila no banco de trás do táxi. A mochila continha alguns de meus bens mais preciosos: uma flauta que me acompanhara por muitos anos, uma câmera, um gravador novo, meu caderno de notas e alguns de meus CDs prediletos. Nada adiantou visitar a delegacia de polícia e telefonar para o despachante do táxi. Eu tinha de avançar com minha tarefa. Reorganizei-me, comprei um gravador novo e voltei ao terminal rodoviário apenas para encontrá-lo congestionado de pessoas a caminho de uma festa

nas proximidades.

O mundo inteiro parecia ter se levantado contra mim, e, quando o dr. Sun sugeriu que viajássemos outro dia, recusei com teimosia. Por fim, convencemos um motorista de caminhão a nos levar. Enquanto aguardávamos num engarrafamento causado por um horroroso acidente, curvei minha cabeça e orei como um cristão, perguntando a Deus se ele estava testando minha paciência e confiança. Antes de anoitecer, quando nosso caminhão se aproximava do prédio branco com telhado rosa da igreja, na parte externa do povoado de Wang Zisheng, meu coração se encheu de gratidão.

O reverendo Wang estava cuidando da lavoura no campo. Parecia um pouco confuso quando nos viu. Enquanto caminhávamos lentamente até sua casa, o sol desaparecia por detrás das montanhas. Subitamente, dois arco-íris emergiram no céu, formando uma cruz colorida. Por alguns minutos, fiquei distraído com o exótico fenômeno natural.

As lâmpadas brilhavam fracas dentro da sala cavernosa de Wang. Assim, sentamos todos na varanda. Em meio a ataques de nuvens de mosquitos de verão pós-chuva, nossa segunda entrevista teve início. Conferi e conferi outra vez meu gravador. Estava funcionando.

Às 21 horas, finalmente completei minha missão e senti uma imensa sensação de alívio. Por sorte, uma entrevista apagada de uma fita podia ser recuperada graças à ajuda de amigos dedicados como o dr. Sun. Mas e se, como nação, perdêssemos coletivamente nossa memória do passado?

Liao Yiwu: Por que é que o cristianismo se tornou amplamente aceito entre os *miao*?

Wang Zisheng: O cristianismo foi introduzido nas aldeias *miao* por volta de 1906, com a chegada de dois pastores, um da Austrália — de nome chinês Guo Xiufeng; um de meus parentes que sabe inglês diz que seu nome é Arthur G. Nicholls — e o outro da Inglaterra. Só conhecia seu nome chinês: Shi Mingqing. Eles pertenciam à China Inland Mission e vieram para cá de Kunming montados em jumentos. Viajaram por três ou quatro dias e, quando finalmente alcançaram as aldeias *miao*, causaram grande agitação. O povo *miao* nunca havia visto ninguém com cabelos loiros, olhos verdes e um imenso nariz arqueado. Os dois pastores eram muito altos, muito mais altos que os *miao*. Atraíram uma atenção enorme.

Desde tempos ancestrais, o povo *miao* vive nas montanhas, cultivando, caçando e criando bichos-da-seda. Éramos bastante primitivos, nada melhores que os pássaros a voar nos céus ou os animais correndo na terra. No decorrer da história, o governo central sempre tentou conquistar as tribos *miao*.

O povo *miao* adorava todo tipo de espíritos e fantasmas e se prendia a muitas tradições e costumes. Cada vez que planejávamos um evento, grande ou pequeno, bom ou mau, tínhamos de, primeiramente, queimar incenso para adorar e buscar proteção de vários deuses e divindades. Para casamentos e funerais, tínhamos de convidar a nossas casas sacerdotes taoístas ou um xamã, pagando para que realizassem toda sorte de rituais, como tocar gongos, dançar e cantar para afastar quaisquer espíritos malignos. As famílias aqui eram tão pobres quanto os ratos que vivem dentro das tocas no campo, mas tinham de produzir apresentações

extravagantes. Se um indivíduo falecesse, a família sacrificava porcos e cabritos e convidava todos na aldeia para uma vigília que se estenderia durante a semana inteira. Ao mesmo tempo, a família precisava providenciar comida e bebida para cada visitante. As pessoas não podiam enterrar seus mortos de imediato. Elas passavam por rituais para demonstrar aos outros aldeões que haviam cumprido as obrigações familiares. Caso contrário, temiam eles, o castigo viria mais tarde. Por esse motivo, um morto acabava deitado no caixão por dez a vinte dias antes do enterro. Muitas vezes, o cadáver começava a cheirar mal e a se decompor.

No ano em que os ministros cristãos estrangeiros chegaram, a região sofria uma terrível calamidade, a pior em anos: uma pandemia. Num raio de 15 quilômetros, não havia uma única família em circunstâncias favoráveis. Lares estavam degradados por toda parte. Após uma tempestade, quando a casa das pessoas ruía, não havia dinheiro para os reparos. Seres humanos e animais conviviam fechados sob o mesmo teto. O pobre não podia se dar ao luxo de se importar com coisas como higiene pessoal. Em consequência, a peste bubônica e o tifo varriam as aldeias como o vento. Pessoas caíam mortas logo após a infecção. Não havia tempo suficiente para enterrar os mortos. Por vezes, três ou quatro mortos eram atirados numa única cova. Ainda assim, havia corpos por toda parte.

Os dois estrangeiros montados em jumentos iam a lugares perigosos de onde outros estavam fugindo. Contanto que alguém ainda respirasse, os ministros iam supri-los com medicamentos. Aos que não podiam ser salvos, eles se agachavam ao lado dos aldeões moribundos, curvavam a cabeça e realizavam uma oração em favor dos enfermos.

Os ministros também ajudaram as pessoas a reconstruir as casas e a retomar a vida. Ensinaram os moradores a isolar dos animais os aposentos dos seres humanos. Ensinaram a proteger as fontes de água e a prestar atenção à higiene pessoal. Também ajudaram as pessoas a obter uma percepção maior dos truques enganosos dos feiticeiros locais. Muitos sobreviventes abandonaram as práticas de adoração a espíritos e fantasmas e se tornaram cristãos. Com a mudança no velho modo de viver das pessoas, os ministros começaram a ensiná-los a ler a Bíblia e a orar. Por fim, decidiram tornar Sapushan a base para o trabalho missionário. Construíram uma igreja, a primeira na província de Yunnan.

As pessoas encontravam suporte espiritual na igreja. Todos os domingos, povos de diferentes etnias — *miao*, *yi* e *lisu* — vinham de todas as direções e se reuniam dentro da igreja para ouvir o evangelho, ouvir a Palavra de Deus. Nos dias da semana, oravam em casa ou em comunhão nas aldeias. Muitos pais traziam os filhos e pediam aos ministros estrangeiros para dar-lhes nome. Não lembro o nome original de meu avô, senão que foi alterado para Wang Sashi pelo ministro australiano Guo Xiufeng. O novo nome de meu avô significava “abandone o mundo secular para percorrer o caminho do Senhor”.

Meu pai, Wang Zhiming, nasceu em 1907. Aquele foi o segundo ano após a chegada dos cristãos estrangeiros. Nossa família vivia, na época, na aldeia de Bajiaojing, distrito de Dongcun, na comarca de Fumin. Ele começou a frequentar uma escola local em 1921, aos 14 anos. Três anos depois, meu avô o transferiu para uma escola administrada pela igreja em Sapushan. Ele se formou em 1926, com 19 anos. A igreja o convocou para pregar e lecionar nas escolas e pregar nas comarcas de Haoming e Lufeng. Ele retornou a Sapushan em 1935 e continuou a ensinar e a pregar nas aldeias vizinhas. Quando, dois anos depois, a guerra de resistência contra o Japão começou, os dois pastores estrangeiros partiram para assumir

funções em outros lugares. Meu pai foi escolhido para ser o pregador na principal congregação em Sapushan. Em 1944, tornou-se presidente da Associação Cristã de Sapushan.

Liao: Então Sapushan foi o lugar onde o cristianismo na região étnica *miao* teve início e se desenvolveu. Qual era a abrangência da paróquia?
Wang: Abrangia todas as igrejas *miao* nas cinco comarcas: Wuding, Luquan, Fumin, Lufeng e Yuanmou. Era a maior paróquia *miao* em Yunnan. Como o jumento era o principal meio de transporte, pregar o evangelho significava passar dias na estrada, subindo e descendo as montanhas. Era de fato muito difícil. Mas, sob a liderança de meu pai, a paróquia se desenvolveu rapidamente. Segundo documentos que obtive, antes da tomada comunista em 1949, cerca de 5.500 indivíduos dos povos *miao*, *yi* e *lisu* se converteram e se uniram à igreja em Sapushan. Em 1945, meu pai passou a viver na capital provincial de Kunming, Ele compilou uma coleção de salmos na linguagem *miao*. A coleção foi, provavelmente, o primeiro hinário *miao* na China.

Quando os comunistas apareceram, todas as atividades religiosas foram banidas. Em 1951, quando eu tinha 11 anos, meu pai viajou a Kunming e foi ordenado ministro por Chu Huai-an, de Xangai. Nessa época, todos os missionários estrangeiros foram expulsos da China. O governo comunista condenava as religiões estrangeiras como ópio espiritual, ferramentas de invasão para oprimir o povo chinês.

Liao: O Movimento da Reforma Agrária se iniciou em 1951. Sua família foi afetada?
Wang: A nossa era uma aldeia pobre. Não havia latifundiários ou agricultores ricos para perseguir. Três famílias relativamente abastadas foram postas na categoria de classe média, mas o resto pertencia à classe dos camponeses pobres, aliados da revolução. Mas, apesar de minha família ter sido categorizada como de camponeses pobres, éramos cristãos e recebíamos tratamento diferente. Não podíamos partilhar de nenhum dos "frutos da revolução": não nos deram terra, moradia ou dinheiro.

Liao: Sem um proprietário de terra malvado como alvo, de que maneira a aldeia conduzia as "sessões de luta de classes"?
Wang: Importávamos latifundiários de outras aldeias para usar como alvos. As pessoas erguiam as mãos para condená-los, contavam histórias amargas de como haviam sido exploradas e, em seguida, faziam os latifundiários desfilar em torno do campo. Você sabe, havia muitos espancamentos e torturas. A aldeia aqui não perdia uma única atividade prevista pela campanha. Meu pai tinha pena dos proprietários caídos. Ele suspirava em particular e dizia: "Não sei o que está acontecendo! Essas pessoas de bom coração concederam suas terras para nós. Elas nem sequer nos cobravam tanto dinheiro. Foi muita generosidade da parte delas fazer isso. Mas agora estão recebendo todo esse tratamento brutal".

O governo lacrou e confiscou a propriedade da igreja em Sapushan e ordenou a meu pai que voltasse para casa e trabalhasse no campo sob a supervisão dos camponeses revolucionários. Por ser um dos poucos alfabetizados na região, fizeram dele o contador da aldeia. Ele obedeceu, pois a Bíblia diz que você deve submeter seu corpo aos governantes, mas nunca deixou de praticar suas orações diárias.

Às vezes, os cristãos de outras aldeias se reuniam em nossa casa tarde da noite. O ambiente

político tenso deixava todo mundo nervoso. As atividades de oração passaram à clandestinidade. O governo então designou membros da milícia local para nos monitorar e interrogar. Obrigaram meu pai a confessar seus laços estreitos com pastores em países estrangeiros. A situação de meu pai complicou muito sua comunicação com outros cristãos locais, mas ele persistiu. Em 1954, o gabinete de segurança pública local prendeu meu pai sob a acusação de "recusar reparar seus procedimentos e continuar a se envolver em atividades religiosas e espionagem". Enviaram-no a uma prisão na comarca de Luquan.

Liao: Quanto tempo ele permaneceu na prisão?
Wang: Não muito. Veja, o caso de meu pai era singular; ele era uma figura de prestígio na região da etnia *miao*. Pelo fato de ele sempre ter trabalhado duro no campo e obedecido a ordens, os líderes do governo decidiram, após cuidadosa consideração, condenar meu pai publicamente, mas, ao mesmo tempo, torná-lo um modelo positivo para outros reacionários. Seria boa propaganda para o movimento de reforma do pensamento de Mao. Assim, soltaram-no em poucos meses e até o nomearam para a comissão preparatória da Conferência Política Consultiva na prefeitura de Chuzhou. Em 1956, no papel de ministro cristão, tornou-se representante de uma delegação, formada por representantes de vários grupos étnicos na região. Sua delegação viajou até Pequim para participar das celebrações do Dia Nacional. O presidente Mao chegou a se reunir com meu pai.

O encontro com o presidente Mao causou alvoroço por aqui. *O Diário do Povo* publicou a notícia com uma foto enorme. Mas o Partido Comunista nunca confiou em meu pai, e meu pai não acreditava na causa comunista. Embora tivesse se reunido com o presidente Mao, ele continuou alvo de toda campanha política. Ele escreveu muitas confissões e foi o tema de muitas sessões de condenação pública. Em 1964, durante a campanha "Quatro Modernizações", meu pai foi finalmente removido de todos os cargos públicos e expulso das fileiras revolucionárias. Mais uma vez, retornou à aldeia para trabalhar sob supervisão na lavoura. Acho que meu pai sabia o destino final para alguém como ele numa sociedade ateísta. Ele estava à espera daquele momento. Nunca teve medo.

Em 1966, começou a Revolução Cultural. As massas revolucionárias invadiram nosso pátio, saquearam nossa casa e espancaram todo mundo. Amarraram-nos e nos exibiram de aldeia em aldeia. Meu pai foi obrigado a usar um enorme chapéu de burro com as palavras "espião e lacaio dos imperialistas". Nas sessões de condenação pública, com participação de mais de dez mil pessoas, éramos os alvos de punhos furiosos. Os cuspes eram quase suficientes para nos afogar. Não importa quanto sofrêssemos, meu pai nunca parava de orar. Assim prosseguiu por três anos, até os rebeldes revolucionários começarem a lutar entre si e não restar mais tempo para nos importunar. O assédio diário, na maior parte, terminou. Meu pai reencontrou alguns antigos cristãos, e eles se encontravam em cavernas nas montanhas à meia-noite para reuniões de oração. Eles não possuíam nenhum exemplar da Bíblia, mas acreditavam que ela estava no coração de cada um. O povo *miao* era pobre, porém simples e honesto. O governo forçou-o a gritar "viva o presidente Mao", mas não podia destruir sua fé em Deus. Assim, o evangelho voltou a se espalhar nas aldeias vizinhas. Meu pai continuou a batizar pessoas. Logo, as autoridades descobriram as atividades de meu pai. Na madrugada de 11 de maio de 1969, ele foi preso. Meu pai estivera nas montanhas na noite anterior para

alguns batismos. Alguém deve tê-lo delatado.

Liao: Onde você estava quando o levaram?
Wang: Eu vivia de um lado da estrada, com minha esposa e filhos. Meus pais e meu irmão mais novo viviam do outro lado. Fui acordado por disparos mais barulhentos que uma tempestade. Soava como se a montanha tivesse se rachado. Vi três caminhões com faróis ofuscantes. Uma grossa multidão cercou a casa de meus pais. As lanternas que carregavam pareciam estrelas numa noite de verão. Ouvi outro estrondo, não um disparo, mas alguém chutando a porta aberta. Ouvi gritos barulhentos, mais penetrantes que a lâmina de uma navalha. Os soldados berravam. Minha mãe gritava de volta.

Mandei meus quatro filhos de volta para casa e disse a eles que permanecessem lá. Minha esposa e eu éramos incapazes de atravessar a estrada, bloqueada pelos soldados. Utilizamos, assim, uma rota indireta. No momento em que chegamos, os caminhões retumbavam ao longe; pude ver os faróis se dirigindo para as montanhas.

Meu irmão contou-me o que aconteceu. Dois soldados guardaram a entrada para o pátio enquanto outros dois, empunhando rifles carregados com baionetas fixas, chutaram a porta aberta, dispararam duas vezes e invadiram o interior da casa. Alertaram que qualquer um que resistisse seria baleado. Dentro da casa, encontraram meu pai na cama e berraram: “Levante-se! Venha conosco!”.

Meu pai estava bastante calmo. Sem dizer uma palavra, vestiu a roupa, mas, antes que seus pés tocassem o chão, dois soldados se adiantaram e agarraram e torceram seus braços. Ele olhou nos olhos dos soldados e disse: “Não há necessidade disso. Eu irei com vocês”. Em seguida, estendeu os braços, pedindo que lhe colocassem as algemas. Minha mãe gritou e não deixava meu pai partir. O soldado a chutou. Ela caiu e desmaiou.

Quando cheguei, meu pai tinha ido embora. Minha mãe fora levada de volta para casa, e a família de meu irmão permaneceu em torno dela. Ela havia sofrido incontinência, a calça encharcada de urina. Quando recuperou a consciência momentos depois, pedia água constantemente: “Estou com sede, estou com sede”. Tomou vários copos e disse que seu peito doía. A dor a acompanhou o resto da vida.

Meu pai permaneceu detido por quatro anos na comarca de Wuding. Em dezembro de 1973, eles o executaram.

Nunca o acusaram oficialmente, mas listaram cinco acusações contra meu pai: primeiro, ele era uma lacaio dos imperialistas estrangeiros e um espião incorrigível, que usava ópio espiritual para envenenar a mente das pessoas; segundo, ele era um contrarrevolucionário; terceiro, ele boicotava constantemente as políticas religiosas do governo; quarto, ele era membro de uma quadrilha local de latifundiários; quinto, ele liderou um amplo grupo de latifundiários malignos e seus seguidores na emboscada ao Exército Vermelho Comunista quando este atravessara a comarca de Lufeng na década de 1930, assassinando sete soldados comunistas. Os *miao* locais trocaram disparos com o exército de Mao na comarca de Lufeng. Ambos os lados sofreram baixas. A batalha ocorreu muito longe daqui. Meu pai não teve nada a ver com isso.

Liao: Você conseguiu visitar seu pai antes da execução?

Wang: Podíamos visitar o centro de detenção, mas não nos permitiam vê-lo. Podíamos deixar roupas, mas não comida. Não nos forneciam nenhuma informação a respeito de sua condição física. Éramos constantemente hostilizados pelos soldados e aldeões revolucionários: “Seu velho era um mau sujeito. Ele acreditava em Deus. Por que você não põe um ponto final nessa história?”; “Deus não é o salvador. O presidente Mao e o Partido Comunista são os salvadores do povo. Você acredita em Deus ou no presidente Mao e no Partido Comunista?”.

Por fim, recebemos uma notificação do governo local afirmando que ele seria executado. Rotulado como “incorrigível contrarrevolucionário”, as regras diziam que não poderíamos vê-lo. Mas, como nossa família pertencia ao grupo minoritário *miao*, o governo nos concedera um encontro final, por “razões humanitárias revolucionárias”.

Em 28 de dezembro de 1973, o dia anterior à execução de meu pai, membros da milícia local apareceram em nossa porta e nos informaram que poderíamos visitá-lo. Doze familiares se reuniram, e viajamos juntos. Precisamos de várias horas para alcançar o centro de detenção. Após atravessarmos diversos postos de fiscalização e níveis de muros altos, finalmente revimos nosso pai. O cabelo já estava grisalho, e ele, magro, como um esqueleto. A cada movimento, os grilhões nos tornozelos tiniam ruidosamente. Ao mancar em nossa direção, todos nós choramos.

Ele recebia o tratamento de um assassino. Ao ver a família inteira chorando e soluçando, um guarda rugiu contra nós: “Parem de chorar! Apressem-se e conversem com o pai de vocês, um por um. O tempo é limitado”. Ele nos fazia falar mandarim para que pudesse compreender o que conversávamos.

Minha mãe acenou para meu pai e disse: “Você é quem costumava guiar todas as conversas. Nós vamos escutá-lo primeiro”. Meu pai sorriu. Ele entendeu o que minha mãe queria dizer. “Não pude reformar meu modo de pensar”, disse meu pai, no tom usual de um ministro cristão. “Por não ter mudado, sou responsável e mereço o que recebo. Mas digo a todos vocês: não me acompanhem. Ouçam o que ‘o superior’ disser”.

Liao: Em termos seculares, a palavra “superior” significa governo, mas presumo que seu pai quis dizer “Deus”.

Wang: Exato. Os cristãos souberam de imediato o que ele quis dizer. Em seguida, ele acrescentou: “Vocês devem se engajar no trabalho físico, certificando-se de ter comida para comer e roupas para usar. Vocês devem prestar atenção à higiene pessoal e se manter saudáveis. Não adoeçam”.

As palavras de nosso pai aqueceram nosso coração. Ele dizia sempre que essas foram as palavras de seu próprio pai e dos missionários estrangeiros. Dei um passo na direção dele e solucei: “Papai, vamos ouvir o que o ‘superior’ nos disser, mas temos muitas crianças em casa que necessitam de você. Caso você não possa ser reformado e voltar para casa, o que as crianças farão?”. Na verdade, queria dizer que ele era o reverendo e líder da igreja. O rebanho desejava seu pastor.

Em seguida, minha mãe trouxe seis ovos e presenteou-os a meu pai. Ele estendeu as mãos feridas, tocou a cabeça de minha mãe, seu peito, seus ombros, e então separou os ovos, segurando três e devolvendo os outros três.

Liao: A Trindade?
Wang: Nós entendemos o simbolismo. Nesse momento, um oficial da prisão apareceu a anunciou: "Wang Zhiming foi sentenciado à morte. A execução será realizada amanhã após um julgamento público. O corpo do criminoso estará sob a responsabilidade do governo. Os membros da família não precisam se envolver".

Imploramos ao guarda uma explicação para não podermos levar o corpo conosco. Ele disse que, em resposta aos inúmeros pedidos das massas revolucionárias, o governo decidira destruir o corpo com explosivos. Ficamos chocados. Continuamos a implorar. Prometemos não erigir uma lápide nem colocar qualquer sinal de destaque que pudesse levar as pessoas a prestar tributo. O guarda não aceitou. "Ao longo da história, vocês, o povo *miao*, se tornaram conhecidos por sua superstição. Quem sabe o que acontecerá se permitirmos que sua família lhe conceda um enterro decente!".

Após levarem meu pai, recusamos sair, exigindo o direito de recolher o corpo. Enlouquecido, o funcionário da prisão convocou a milícia local para nos expulsar. Não resistimos a eles. Já estava escuro quando retornamos, e dezenas de moradores nos aguardavam em casa. Eles choraram após ouvir que o corpo de meu pai seria explodido em pedaços. Permanecemos em casa e oramos pela ajuda de Deus.

Na manhã seguinte, um oficial da aldeia apareceu e disse que deveríamos pedir uma carroça emprestada. Disse que poderíamos ir ao julgamento público de nosso pai, que teria a participação de dez mil pessoas. Posteriormente, poderíamos, nas palavras dele, "arrastar para casa o corpo do contrarrevolucionário".

É certo que Deus ouviu nossa oração, dizíamos uns aos outros. Na estrada, com discrição, cantamos hinos. O local da reunião se encontrava lotado de pessoas gritando palavras de ordem e agitando bandeiras vermelhas. Dois outros criminosos também estavam presentes para julgamento, mas não obteriam a pena de morte. Foram arrastados até ali para receber "educação".

Logo que chegamos, vários soldados armados se aproximaram e apontaram armas para nós: "Não se movam. Agachem-se com as mãos segurando a cabeça". Assim fizemos, com as costas viradas para a plataforma, mas durante a sessão, quando os soldados se distraíam, nos virávamos para obter uma rápida visão, por entre a cabeça das pessoas, do que ocorria com nosso pai. Havia duas fileiras de assentos na plataforma. Todos os líderes de comarcas estavam sentados ali. Meu pai, com mãos e pernas atadas com cordas, estava no meio da plataforma, os outros dois criminosos de cada lado. Havia sangue no canto de sua boca. Soubemos depois que um guarda usara a baioneta para cortar sua língua, de modo que não pudesse gritar ou pregar. Alguns antigos membros e líderes da igreja subiram à plataforma e denunciaram os crimes de meu pai. Depois disso, um líder agarrou o microfone e anunciou: "Wang Zhiming foi condenado à morte. A execução será realizada imediatamente". Soldados levantaram meu pai no ar para que todos pudessem enxergá-lo. A multidão urrava. Erguiam os punhos e gritavam, mas tudo que pude ouvir eram as palavras "abaixo o...", "esmaguem...", e "vida longa ao presidente Mao". Havia um ditado popular na época: "Quando as massas revolucionárias se regozijam, os contrarrevolucionários desfalecem".

Os soldados puseram uma placa de madeira nas costas dele — um "sinal de morte", como

chamavam. Tinha metade de sua altura e listava os cinco crimes que, segundo diziam, meu pai cometera. O nome dele também estava ali, com um enorme “X” vermelho por cima dos caracteres. Os soldados o levaram a um caminhão e o empurraram junto aos outros prisioneiros, com a cabeça inclinada. Dois carros abriram o caminho. O caminhão de meu pai estava no meio. Outro caminhão repleto de soldados armados veio em seguida. Uma metralhadora se assentava sobre a cobertura do último veículo. Disseram-me que exibiram meu pai pelas ruas por meia hora antes de levarem-no a um velho aeroporto, onde foi baleado.

Liao: Onde você estava?
Wang: Ainda estávamos no local da sessão, com armas apontadas para nós. Quando a maioria dos espectadores havia partido, os soldados amarraram todos nós com uma corda comprida e nos levaram ao centro de detenção, numa sala onde se encontravam os pertences de meu pai estendidos no chão. Um oficial da segurança pública disse: “Este é o lixo deixado pelo contrarrevolucionário. Levem para casa”.

Liao: Vocês não deveriam recolher o corpo de seu pai?
Wang: Amigos da aldeia fizeram isso por nós. Eles pediram uma carroça emprestada, e, quando chegaram ao aeroporto antigo, o corpo de meu pai estava cercado por centenas de curiosos, como corvos negros. Um soldado vigiava o corpo. Assim que teve certeza de que os aldeões eram quem disseram que eram, permitiu que levassem meu pai. Encontramo-nos com eles no centro de detenção. Limpei o rosto de meu pai com um pano molhado. Minha irmã envolveu o corpo num cobertor. Era uma hora da tarde. Fazia sol e o céu estava azul. A estrada estava vazia quando partimos, a carroça se movendo lentamente, conosco ao lado, caminhando juntos. Lembro-me dos pássaros, voando e chilreando, e a sensação de que meu pai ainda estava vivo em torno de nós.

Algumas pessoas do povo *miao* pararam nossa carroça e se despediram de meu pai. Alguns eram velhos, alguns jovens, alguns conhecíamos, alguns eram estranhos. Uma menininha subiu à carroça, abriu o cobertor e tocou o corpo de meu pai, da cabeça aos pés. Sorrimos com seu gesto inocente e, por um momento, esquecemos nosso pesar.

Quando chegamos à aldeia, o sol já havia se posto. Levamos o corpo de meu pai para o interior da casa. O rosto parecia em paz, como se apenas cochilasse. Os oficiais da aldeia e os membros da milícia guardavam a casa para impedir a entrada de visitantes, desejosos por prestar tributo. Mas, após a meia-noite, quando os guardas foram para casa dormir, companheiros cristãos bateram discretamente na porta e entraram para orar conosco.

Liao: Quantas pessoas apareceram naquela noite?
Wang: Entre setenta e oitenta. Vieram em silêncio por entre trechos acidentados, sem lanternas, por medo de serem descobertos. Eles vinham quietos como os sonâmbulos. Por volta das duas da manhã, os últimos terminaram suas orações e partiram. O corpo de nosso pai estava frio e rijo. Ele também havia partido.

Ao amanhecer, subi a colina com meus dois irmãos e meu cunhado e passamos cerca de duas horas ali cavando uma sepultura. Após o almoço, carregamos o caixão até a colina e o colocamos dentro da cova. Depois, voltamos para buscar o corpo.

Liao: Por que vocês separaram o corpo do caixão? Era um costume *miao*?
Wang: Não, não. Não tivemos escolha. Não tínhamos força suficiente para carregar o caixão com o corpo do pai dentro. Um caminhão com soldados havia chegado, aparentemente para evitar um possível motim entre o povo *miao*. Soldados com armas carregadas se espalharam em torno da aldeia. Apenas os familiares tinham permissão de se aproximar da sepultura. Nossa intenção era fazer um funeral breve, mas, com os soldados ali, os aldeões só podiam assistir a centenas de metros de distância. Eles ansiavam por ajudar, mas nada podiam fazer. Normalmente, necessita-se de oito pessoas para carregar um caixão, mas éramos somente quatro homens na família. Tentamos diversas vezes, mas não conseguíamos levantá-lo. Por fim, tivemos de separar o corpo do caixão. Os soldados não partiram até terminarmos de aterrar a cova e voltar para casa.

Liao: Muitas coisas mudaram em 1974. O presidente Mao e o primeiro-ministro Chu En-lai adoeceram e se aproximavam do fim da vida. A Revolução Cultural se dissipava.
Wang: Sim, a mudança era perceptível. O controle político afrouxou-se um pouco; em nossa aldeia, retomamos a oração e outras atividades religiosas. O governo local descobriu e reuniu o povo *miao* para uma conferência. Um líder nos ameaçou durante uma palestra: “Passaram-se apenas alguns meses desde que o contrarrevolucionário foi executado. Vocês não aprendem as lições. Pelo contrário, vocês se encontram secretamente para realizar atividades religiosas. Tal desprezo pelo Partido Comunista será punido. Quem é o líder de vocês? Apareça!”.

Fui o primeiro a dar um passo à frente. Em 1976, fui detido oficialmente e lançado na mesma cela de meu pai. Os agentes de segurança pública disseram que eu era mais incorrigível que meu pai. Se os crimes dele foram cometidos sem intenção, pois havíamos sofrido lavagem cerebral nos dias pré-comunistas, os meus eram premeditados. Nos primeiros quatro meses, confinaram-me na solitária, uma pequena sala escura com piso de cimento. A sala possuía uma bacia de porcelana e um recipiente para urina. Realizei todas as minhas atividades — comer, beber, urinar e defecar — naquele espaço minúsculo. Estava na escuridão todo o tempo. Uma pessoa não pode permanecer na escuridão. Uma planta morre sem luz solar. Animais enlouquecem após duas semanas.

Liao: Mas uma pessoa pode manter sua sanidade mental, pois ela pode pensar.
Wang: Eu tinha Deus em meu coração. Ele me manteve são. Durante a Revolução Cultural, sete membros da minha família foram perseguidos; meu pai foi executado; meu segundo irmão, Wang Zihua, reitor do Hospital do Povo na prefeitura autônoma da etnia *lisu*, em Nujian, tornou-se alvo de condenações públicas. Wang Zihua não suportou os espancamentos e as denúncias públicas intermináveis. Jogou-se no rio Nu. Suicídio. Meu irmão mais velho, Wang Zirong, seguiu o mesmo caminho que eu. Fomos presos no mesmo período; ambos fomos condenados a oito anos e soltos na mesma época. Fui enviado a um campo de trabalhos forçados na comarca de Yao-an, enquanto meu irmão permaneceu em Luquan. Prenderam também as duas irmãs de minha mãe e uma das irmãs de meu pai. Elas foram sentenciadas a cinco e três anos, respectivamente, por organização e participação de reuniões religiosas secretas.

Em 1979, a China abrandou o controle sobre a religião, e todos nós, após cumprirmos três

anos, fomos liberados antes do tempo previsto. No início de 1980, o vento parecia ter mudado a nosso favor. O governo decretou que eu seria escolhido representante do Congresso Popular da Comarca de Wuding, um órgão legislativo local. Não podia recusar a nomeação. Desenterrei meu "certificado de redução de sentença" e mostrei-o aos chefes do congresso popular local. Apontei as palavras impressas no documento: "O criminoso confessou seus crimes e lhe é concedida liberdade antecipada por bom comportamento". Disse: "Como pode um ex-criminoso ser adequado para a posição de legislador?". O rosto do oficial enrubesceu, e ele disse: "Fizeram um trabalho malfeito. Eu vou investigar isso". Dois dias depois, emitiram um novo documento, que me inocentava de todas as acusações. O nome de meu pai também foi limpo após a reversão oficial do veredicto. Podíamos, enfim, construir um túmulo para ele.

Liao: Creio que seja o único monumento conhecido a celebrar um cristão morto na Revolução Cultural.
Wang: Em 1996, a igreja daqui realizou um grande culto memorial para meu pai, o maior na história; somente o coro somava duas mil pessoas.

Liao: Em 1998, a Abadia de Westminster, em Londres, escolheu seu pai como um dos dez mártires cristãos do século 20 a serem honrados. Conte-me sobre isso.
Wang: Ele foi homenageado com uma estátua acima da Grande Porta Oeste da Abadia. Soube disso depois. Alguém nos enviou uma espessa pilha de documentos, todos escritos em inglês. Como eu possuía apenas metade do ensino fundamental — não tinha autorização para concluir o ensino por causa das "atividades contrarrevolucionárias" de meu pai —, não compreendi uma palavra. Em dezembro de 2002, o filho de um parente viajou a Londres e fotografou a estátua de meu pai na frente da Abadia de Westminster. Todos nós choramos quando vimos as fotos. Meu pai havia lutado contra os demônios naqueles dias sombrios e triunfou.

Liao: Você sente amargura com o passado?
Wang: Não, não sinto amargura. Como cristãos, devemos perdoar o pecador e seguir adiante. Somos gratos pelo que temos hoje. Há tanto que fazer. Em meados da década de 1960, quando meu pai pregava, havia 2.795 cristãos na comarca de Wuding. Em 1980, depois que ele foi "reabilitado" pelo Partido Comunista, o número de cristãos em Wuding cresceu para doze mil, e hoje temos cerca de trinta mil. Em nossa sociedade atual, a mente das pessoas está confusa e caótica. Elas precisam das palavras do evangelho mais do que em qualquer outra época.

Capítulo 10

O ANCIÃO DA IGREJA (2)

No último dia de 2005, o dr. Sun e eu saímos da comarca de Luquan, em Yunnan, e embarcamos num ônibus para a comarca de Zehei. Um pesado nevoeiro havia acabado de se levantar, e a vegetação exuberante da serra refrescava a visão. Nosso ônibus percorreu uma estrada estreita e sinuosa montanha acima, o tipo de estrada que vagueia entre ravinas profundas e penhascos íngremes. O dr. Sun disse que um ônibus carregado com vinte passageiros, malas e animais deslizara num desfiladeiro poucas semanas antes.

À distância, um ponto vermelho brilhante podia ser visto numa dobra rochosa da montanha Jiaozi, o pico coberto pela neve. Ao nos aproximarmos, o ponto se revelou uma cruz, uma cruz cristã, fixada no topo de uma imponente igreja branca de cinco andares sobre uma deprimente cidadezinha na comarca de Zehei.

“Muitos *yi* e *miao* vivem aqui”, disse o dr. Sun, enquanto andávamos pelas ruas vazias, observados por moradores sentados ou em pé sob o beiral de casinhas aparentemente idênticas. “Muitos deles são seguidores de Jesus.”

O dr. Sun me levou a uma das duas lojas no térreo da igreja — uma farmácia que ele ajudou a montar para servir aos moradores — e usou o telefone. Poucos minutos depois, uma moto roncou em nossa direção, e seu condutor, um jovem de pele queimada pelo sol, ajuntou as malas no banco de trás, e o seguimos até a parte alta da aldeia. O dr. Sun explicou que o centro da aldeia consistia, na maior parte, de lojas e pequenos comércios. A maioria dos moradores vivia nas partes altas e baixas da aldeia, que se estendiam até os campos agrícolas.

Caminhamos por trilhas de terra vermelha. Sobre um muro velho, rabiscada com uma tinta vermelha agora desbotada, a frase: “Todos os grupos étnicos são tratados igualmente”. Disseram ser um *slogan* da década de 1930, pintado durante uma passagem do exército comunista, que fugia das tropas nacionalistas. Entramos num pátio, e ali um casal de idosos, sorrisos se espalhando pela face enrugada, nos saudou. O homem era o mais respeitado ancião cristão na comarca de Zehei, Zhang Yingrong, e a mulher, sua esposa, Li Guizhi.

Zhang Yingrong: Nasci em 1922, embora não saiba a data exata, pois perdi minha mãe quando tinha 5 anos e meu pai não conseguia se lembrar. Ele era um ancião da igreja e devotou a vida a Deus. Tornei-me cristão ainda jovem, mas não entendia de verdade o que isso significava; lia a Bíblia porque meus pais queriam. Mas, aos 16 anos, dois cristãos estrangeiros vieram pregar na região. Participei de um culto e, com meus amigos, integrei um acampamento de estudos de três semanas. Meu coração foi tocado. Confessei meus pecados passados ao Senhor e me converti à fé cristã. Minha igreja em Salaowu me recomendou a uma escola bíblica frequentada por estudantes de todos os grupos étnicos da região: os *han*, os *yi*, os *li*, os *gan* e os *dai*. Estudei três anos ali.

Liao Yiwu: Visitamos o local do Seminário de Teologia do Sudoeste, fundado por dois missionários que morreram há mais de meio século. Você os conhecia?
Zhang: Sim. O homem veio da Austrália. Ele tinha uns 50 anos na época. Seu nome chinês era Zhang Erchang. A esposa era canadense. Não consigo lembrar o nome dela agora. O reverendo Zheng Kaiyuan, da Grã-Bretanha, foi o outro fundador. Ele administrava uma escola religiosa na província de Sichuan. Depois que o Japão invadiu o norte da China, ele aproximou-se de Yunnan e ajudou a fundar o seminário. Meses depois, transferiram o seminário para Salaowu. Após me formar na escola bíblica, estive no primeiro grupo de estudantes a cursar o seminário. Durante as férias de verão, acompanhava meus professores pelas redondezas para aprender a pregar.

Nossa comarca era remota e atrasada, bastante diversa etnicamente. Naquele tempo, havia apenas trilhas nas montanhas e usávamos cavalos, burros e as pernas humanas para nos locomover. Viajar a Kunming levava vinte dias; hoje, é possível fazer o trajeto de ônibus em dez horas.

Eu queria permanecer em Yunnan, mas, poucos dias antes da formatura, o seminário recebeu uma carta de um pregador da comarca de Zhaojue, na província de Sichuan. Era um médico de Londres, que planejava montar uma escola de medicina ali, mas só sabia falar mandarim, e a comarca se localizava no centro da região *yi*. A linguagem e a cultura *yi* eram bastante desafiadoras para o médico britânico.

O seminário me enviou, junto a outro estudante *yi*. Nós dois trabalhamos como intérpretes e ensinamos o médico a falar *yi*. Regressei para casa no Natal de 1950.

Liao: A China então estava sob o comunismo.
Zhang: Pouco antes do Natal de 1949, a província de Yunnan foi tomada pelos comunistas. No entanto, Zhaojue estava sob o domínio dos nacionalistas. Como cristão, eu não prestava muita atenção à política. Não importava quem governasse a China, as pessoas precisavam da orientação do evangelho. No final de 1950, o Partido Comunista estava ocupado demais com a mudança de regime para se preocupar com religião. Eles tinham acabado de iniciar o Movimento da Reforma Agrária e precisavam lidar com rebeliões armadas dos senhores de terra e das sociedades secretas locais. Eu tinha 30 anos e era casado. Infelizmente, minha família foi classificada como latifundiária.

Liao: Sua família era rica?
Zhang: Minha família tinha cinco rapazes e duas garotas. Eu era o segundo filho. Meu irmão mais velho era o chefe da comarca sob o governo nacionalista, mas não possuía muitos terrenos. Eu, como seminarista, não possuía nada em meu nome.

Liao: Como vocês obtiveram a classificação de latifundiários?
Zhang: Foram diversas razões. Naqueles dias, não havia tantos cristãos na comarca. A maior parte dos cristãos entre nós herdou dos pais a fé cristã. Nossa família se sobressaía. Segundo, o seminário me enviou à comarca de Zhajoue, que estava sob o comando do exército nacionalista. Os comunistas suspeitavam que houvessem me enviado numa missão secreta para os imperialistas estrangeiros. Terceiro, o passado de meu irmão mais velho comprometia a família inteira.

Liao: O que aconteceu em seguida?
Zhang: Quando o Movimento da Reforma Agrária teve início, eu ainda vivia no seminário. Assim que minha família foi classificada, arrastaram-me de volta para a aldeia e me trancaram com dezenas de outros “latifundiários”. No início, o trabalho do Partido Comunista local era confiscar e distribuir terrenos e outros bens. Não usavam tanta violência. Muitas famílias abastadas enterravam roupas e alimentos, pensando que poderiam desenterrá-los depois que a campanha tivesse fim. Mas a campanha se tornou mais e mais violenta. Os alimentos e as roupas enterradas foram encontrados, e esses proprietários foram severamente punidos. Quando me pediram dinheiro, eu podia dizer com honestidade que não possuía nenhum. Quando tentaram confiscar meus bens, eu não podia oferecer nada a eles. Eles procuraram por toda parte. Ficaram injuriados. Eles foram ao seminário e trouxeram meus pertences, que se resumiam a um cobertor. Eu não possuía sequer lençóis. Os oficiais se irritaram de verdade e me xingaram sem parar. Como podia um latifundiário ser tão pobre? Eles não acreditaram em mim. Fizeram-me ajoelhar no chão por três dias e três noites. Os milicianos locais me vigiavam com bastões enormes, e cada vez que eu adormecia, eles batiam em mim.

Liao: Colocaram você numa cadeia?
Zhang: Não, era uma prisão ao ar livre. Eles quebraram algumas telhas e tijolos, colocando-os sob meus joelhos. Chovia o tempo todo. Eu ficava encharcado e tremendo de frio, ajoelhado numa poça que subia até minhas coxas. Fechava os olhos e orava.

Eu não era o único ajoelhado no terreiro. Havia mais de dez na mesma situação. Éramos forçados a confessar nossos “crimes”. Supostamente, eu deveria dizer o que havia feito na província de Sichuan, o motivo oculto de minha viagem. Teria eu tentado contatar o exército nacionalista ali? Antes que o governo revertesse o veredicto contra mim no final da década de 1970, eu havia escrito centenas de confissões.

[Zhang para de falar, ou muito cansado ou sem vontade de continuar sua história. A esposa prossegue.]

Li Guizhi: Após levarem meu marido, passei a viver com meus pais em Salaowu. Como minha família não possuía terras e meus pais não tinham conexões com o governo nacionalista ou a igreja, não fomos afetados; estávamos classificados entre as massas revolucionárias. Tudo que me restava fazer era chorar o dia inteiro. Um dia, alguém me parou e disse que meu marido estava morrendo. Fiquei desesperada e corri para Zehei, que se localizava a uns 45 quilômetros de distância. Eu o vi ajoelhado na chuva, como um fantasma. Agachei-me diante dele, mas ele não me reconheceu. Temi que sua alma tivesse partido. Após chamá-lo pelo nome algumas vezes, ele começou a responder. Eu havia levado batatas cozidas e o alimentei. Um dos milicianos apareceu e gritou conosco. Eu o ignorei e continuei a alimentar meu marido. O sujeito nos acertou com o bastão. Uma batata caiu no chão. Ele estivera ajoelhado por três dias e três noites sem comida. Percebi que não havia nada que pudesse fazer naquele lugar infernal. Eles me expulsaram. Quando voltei para a aldeia, minha casa estava vigiada por membros da Associação dos Camponeses Pobres. Não me permitiram mais sair de casa.

No final da campanha, meu marido se arrastou de volta para casa. Na noite do regresso, eu não tinha conseguido dormir e, pouco antes do amanhecer, ouvi ruídos estranhos de raspões do

lado de fora. Quando abri a porta, havia uma pessoa coberta de lama a meus pés, as mãos estendidas para minhas pernas. Meu marido. Ele nem sequer tinha força para gemer. Puxei-o para dentro, envolvi-o num cobertor. Horas depois, a milícia local apareceu. Queriam arrastá-lo a uma sessão de denúncia pública. Quando os milicianos perceberam que ele não podia se mover, encontraram uma prancha de madeira e o levaram para fora, colocaram-no sobre a plataforma, e o forçaram a abrir os olhos.

Zhang: Havia cerca de três a quatro mil pessoas presentes. Eu não conseguia me mover. Havia outros dez na plataforma para a denúncia, todos amarrados com cordas. Meu irmão mais velho estava ao meu lado, os braços seguros por dois milicianos atrás de si, o corpo curvado num ângulo de 90 graus. Eu, deitado na prancha de madeira, olhando para cima. A chuva tinha parado. Em meio ao barulho dos gritos, eu podia ouvir o rio nas proximidades. As nuvens haviam se dispersado, e um azul límpido compunha o céu. Pensei: “As pessoas viveram em harmonia sob este mesmo céu, na mesma aldeia, por muitos anos. Por que agem desse modo agora? Por que se odeiam e se torturam assim? Então era isso a revolução comunista?”. Todas os “inimigos da classe” foram espancados. Os rostos estavam inchados, e as cabeças possuíam cicatrizes. As surras já não saciavam a sede. Eles começaram a matar. Depois daquela sessão, todos os antigos oficiais do antigo regime foram executados, incluindo meu irmão; os filhos deles foram condenados a dez ou vinte anos na cadeia, onde alguns enlouqueceram e outros morreram.

Eu não tinha envolvimento algum com política. Nunca havia explorado ninguém. Permitiram, portanto, que eu vivesse. A tortura me deixou aleijado pelo resto da vida. Fui obrigado a trabalhar sob a supervisão das massas revolucionárias. Não me era permitido pregar, obviamente. Em 1958, durante o Grande Salto Adiante, enviaram-me a um campo de trabalhos forçados. Na época, nossa comuna estava construindo uma barragem. Meu trabalho era escavar na lama. Depois disso, fui designado para um grupo diferente de reeducação e trabalhei num local de queima de carvão por dez meses. Nosso grupo tinha cerca de 250 membros; em um mês, um terço havia adoecido por falta de comida. Comíamos um mingau pastoso de arroz todo dia e não tínhamos força para o trabalho pesado. Eu não era mais um sujeito forte.

Isso aconteceu no verão de 1959, um ano de fome generalizada. Nós nos alimentávamos com qualquer coisa: casca de árvore, grama e folhas, coisas que os animais nem sequer tocavam. Muitos morreram por intoxicação alimentar. Um dia, três do meu grupo caíram mortos à beira da estrada. Andarilhos arrancaram suas roupas. Os dentes e a língua saltados para fora, como se ainda estivessem famintos. Tivemos de enterrar os corpos na maior profundidade possível, ou seriam desenterrados. As pessoas estavam desesperadas por qualquer coisa.

[Zhang interrompe a conversa para descansar.]

Li Guizhi: Quando o levaram para o campo de trabalhos forçados, nossa filha mais velha tinha apenas 3 meses. Ela chorava de fome o dia todo. Oito meses depois, ela morreu, e eu estava lamentando a perda quando meu primo me trouxe uma mensagem: “Seu marido está morrendo de inanição. É melhor você ir salvá-lo”. Se ele morresse, não creio que eu seria capaz de

continuar vivendo. Assim, na manhã seguinte, antes do amanhecer, aguardei o dirigente da aldeia na entrada da casa dele. Quando acordou, entrei e me ajoelhei a sua frente, implorando que me fornecesse alguns cereais para que eu pudesse levar alguma comida para meu marido. Ele me deu 5 quilos e 3 iuans para a passagem de ônibus até o campo. Havia corpos por toda parte. Num minuto, você via alguém em pé na frente do forno de queimar carvão; no minuto seguinte, você se virava e a pessoa estava caída no chão, morta. Meu marido não estava no dormitório; então ofereci a alguém um pouco da comida que havia trazido comigo e pedi que me ajudasse a procurar. Encontrei-o enrolado numa pilha de grama apodrecida. Tive de chamar seu nome diversas vezes e sacudi-lo antes que abrisse os olhos. Ele devorou um pouco da comida e sentiu força suficiente para se levantar. Antes que eu fosse embora, ele escondeu o resto da comida num lugar secreto. No outono de 1959, o campo foi dissolvido, e ele retornou para casa. Pouco depois, ficou paralisado. Ele teve reumatismo. Durante três meses, não conseguia se mover. Como não podia trabalhar na lavoura, nossa ração foi reduzida, e a doença se agravou. Implorei novamente ao dirigente da aldeia que nos fornecesse mais comida. O dirigente discutiu o caso com outros oficiais da aldeia, e, por fim, nos concederam um pouco de trigo, que eu usava num mingau misturado com plantas silvestres para alimentá-lo a cada dia. Uma luta diária.

Certo dia, um médico herbal passou pela aldeia e soube da doença de meu marido. Ele me orientou a cavar um buraco no quintal e enchê-lo com folhas secas de amoreira. Em seguida, queimamos as folhas e colocamos meu marido agachado sobre elas. A fumaça chamuscou a pele dele por um dia inteiro, do nascer ao pôr do sol. A umidade em seu corpo vazou gradualmente. No dia seguinte, enchemos o buraco com folhas secas de pinheiro e fizemos a mesma coisa. E, quer saber? O remédio de fato funcionou. Em pouco tempo, ele conseguiu se levantar, embora somente por alguns minutos. Depois, um amigo nos presenteou com uma garrafa de pó branco de Yunnan, que era eficaz contra reumatismo. Era muito difícil obter esse remédio na época. Graças a Deus, ele concluiu as dosagens e se recuperou aos poucos. Ele ainda não consegue realizar o trabalho pesado na lavoura, mas pode se movimentar sem problemas.

Zhang: Também aprendi a sobreviver. Quando precisavam de mim para sessões de denúncia pública, estava presente na hora. Antes que me forçassem, eu me curvava por conta própria. Sobrevivi às campanhas das “Quatro Modernizações” e da “Educação Socialista”. A campanha mais horrível foi a Revolução Cultural. Só me restava um dente na boca. Os guardas vermelhos o arrancaram.

Liao: O que aconteceu após o fim da Revolução Cultural?
Zhang: Antes de 1982, ninguém se atrevia a adorar a Deus em público. Caso nos apanhassem, teríamos de enfrentar as mesmas sessões de denúncia pública. De forma gradual, o cristianismo se difundiu secretamente entre as aldeias. Nos últimos dois anos, a política se afrouxou e houve um renascimento. As pessoas afluíam aos bandos para Deus, aldeia após aldeia. Antigamente, as pessoas eram adeptas fervorosas do comunismo. Ninguém acredita nisso hoje em dia. Até alguns membros do Partido Comunista aparecem para adorar a Deus e confessar seus pecados. Alguns chegaram a doar dinheiro para ajudar na reforma da igreja.

Enfrentei, no passado, toda espécie de sofrimentos. Cada vez que me encontrava mergulhado em desespero, eu orava e buscava a orientação do Senhor. Atravessei cinquenta anos de dor.

No decorrer da vida, passei por quatro testes. O primeiro aconteceu quando eu tinha 8 anos. Eu pastoreava cabras num dia quente de outono e adormeci. Quando acordei, todas as cabras haviam fugido. Preocupado com a repreensão de meu pai, comecei a me lastimar e atraí dois lobos, que se achavam bem atrás de mim, prontos para me arrebatarem. Não percebi que estavam atrás de mim. Eu apenas continuei chorando. Os lobos são animais ferozes, mas desconfiados. Creio que meu choro incessante os confundiu. Eles permaneceram ali. Aí meu pai chegou; ele sabia lidar com lobos. Cobriu a boca com as mãos e uivou. Em seguida, os cães pastores ouviram o uivo e começaram a latir. Os lobos ficaram amedrontados e fugiram. Naquela noite, encontramos as cabras desgarradas. Quando ouvem essa história, as pessoas acreditam que fui protegido por Deus.

Quando tinha 17 anos, adquiri varíola sem me dar conta. No caminho para casa certo dia, senti meu corpo febril, era como se diversos brotos de feijão germinassem dos meus poros. Encontrei um pequeno riacho e me rastejei para beber a água dali. Logo, desmaiei. Quando acordei, notei as manchas vermelhas surgindo como vermes no rosto e no corpo. Durante um dia e meio, alternei entre a consciência e a inconsciência. Então um cachorro me encontrou e começou a latir, atraindo a atenção de viajantes, que me levaram à casa de um médico. Se Deus não estivesse comigo, o cão não teria me encontrado.

Depois, sobrevivi aos brutais espancamentos e me recuperei do reumatismo durante o Movimento da Reforma Agrária, e minha esposa salvou minha vida quando eu estava morrendo no campo de trabalhos forçados em 1959.

Liao: Você tem uma boa esposa.

Zhang: Quando se casou comigo, ela estava com apenas 17 anos, uma menina bonita. Cresceu numa família pobre. Naqueles dias, ela podia escolher o homem que desejasse. Eu a conheci quando meu irmão e eu íamos pregar em sua aldeia. Pedi a ajuda de uma casamenteira. Por sorte, ela disse sim. Minha esposa sofreu demais por minha causa. No momento, estou razoavelmente saudável, mas ela está doente há mais de sete anos, com reumatismo e câncer. Não há esperança de cura. Ainda que seja incapaz de ajudá-la e de partilhar seu sofrimento, espero que ela possa ser confortada pelo amor de Deus. Sem minha esposa, eu estaria morto há muito tempo. Neste momento, ela está cada vez mais fraca. Eu também estou envelhecendo. Não posso tomar parte da dor dela. Este é, provavelmente, nosso último obstáculo na vida.

Epílogo

O ancião Zhang morreu tranquilamente em casa no ano de 2007, no dia do Festival da Lua,[8] tradicional celebração asiática. Ele tinha 85 anos.

Capítulo 11

O MINISTRO YI

Uma cena reminiscente da era Mao: a cada noite, membros de nossa comuna rural na província de Sichuan se reuniam numa casa com pátio e se sentavam em volta de lâmpadas de gás para sessões de estudo político ou de denúncia pública de senhores de terras e contrarrevolucionários, ou para ouvir os resultados dos rendimentos anuais, ou para discutir a respeito da distribuição de grãos. Após um dia inteiro de trabalho nas lavouras, todos estavam cansados e muitos acabavam cochilando.

A reunião, dessa vez, era diferente; para começar, todos estavam acordados, alertas e ansiosos, até entusiasmados. O motorista que eu contratara como guia disse que assistiríamos à eucaristia, e os líderes eclesiásticos de aldeias num raio de 200 quilômetros estariam presentes. Essa cerimônia, em particular, ocorria uma vez por mês, transferindo-se para uma aldeia diferente em cada ocasião, e pastores e anciãos regressavam a seus lares para entregar a sagrada comunhão às respectivas congregações.

O motorista disse ser uma honra tremenda hospedar uma cerimônia multialdeias. Com tantos vilarejos na região de Sayingpan, muitos tinham de competir pela oportunidade. Quando a vez deles chegava, os anfitriões transformavam a ocasião num imenso festival. Por curiosidade, perguntei por que as cerimônias não eram realizadas dentro de uma capela.

— Vi vários prédios brancos de igrejas no caminho até aqui — observei.

— Os cultos são normalmente realizados em casas particulares — respondeu ele. — Por isso, o anfitrião irá abater porcos e galinhas e preparar um banquete para cada irmão presente na cerimônia.

A comida chegaria amanhã, após as orações matinais. Hoje à noite, seria algo mais formal.

Pessoas começavam a se sentar. Encontrei um canto, distante do palco improvisado defronte a casa. Eu mal havia me sentado quando três pares de mãos se estenderam diante de mim, um deles segurando uma xícara de chá e os outros dois com taças cheias até a borda com doces macios e sementes de melancia preta. Hesitei e, em seguida, aceitei-as com gratidão.

A multidão se adensava, joelhos tocando joelhos, o odor de tabaco e alho pesando no ar. Acima, um céu límpido repleto de estrelas e uma lua crescente. A cerimônia havia aparentemente começado, mas eu não compreendia a linguagem, nem pude ver quem estava falando em meio à selva de cabeças à frente. Pelo que pude perceber, eu era o único *han* presente. Todos os demais eram *yi*, um pequeno mas distinto grupo étnico que totalizava cerca de oito milhões de pessoas na China, e eu não estava familiarizado com os costumes de seu clã. Claro, eu podia muito bem me achar na profunda e sombria África, em vez de estar num canto afastado de minha própria comarca. Mas me sentia bastante seguro, embora um tanto só. A voz vinda do palco prosseguiu ininterrupta por cerca de uma hora e meia. Não houve interrupções, nenhum cântico ou salmos.

Deveras constrangido após fotografar o ministro no palco com um *flash*, escapuli pelo pátio, onde esbarrei no motorista que, enquanto tentava me explicar o que estava sendo dito no palco, parou no meio da frase, me pegou pelo braço e levou-me a um senhor de cabelos grisalhos que havia acabado de sair do banheiro público.

— Este é o reverendo Zhang Mao-en — disse o motorista. — A pessoa que você deseja

entrevistar.

Zhang era o clérigo de posição mais elevada na região de Sayingpan; era ele quem presidia a cerimônia.

Trocamos saudações rapidamente, e aproveitei a ocasião para insistir por uma entrevista, que não foi confirmada de imediato. Ele parecia intrigado com o fato de eu estar trabalhando num livro sobre cristãos na China e disse:

— Verei o que posso fazer. É provável que demore um pouco. Tudo bem?

Assenti com a cabeça:

— Sem problema algum. Posso esperar.

— Você não precisa ficar por aí — disse ele. — Você teve um dia longo. Vá se hospedar em minha casa hoje à noite. Podemos conversar de manhã. Às seis? Seu motorista sabe onde moro.

Aceitei a oferta de Zhang. Eram quase duas horas da manhã quando chegamos à casa dele. A esposa de Zhang derramou água quente em duas bacias de madeira, e molhamos nossos pés. Em seguida, guiou-nos com uma lâmpada de óleo até um quarto no segundo andar, onde, exausto, caí ainda vestido na cama dura. Com o som dos latidos de cães, abri meus olhos e vi que já era manhã.

Zhang não se achava presente. Assim, refizemos nosso caminho e o encontramos na casa de um fazendeiro, junto a um fogão numa cozinha escura, com aparência de caverna, na companhia de seu assistente. Quase não dormira. Eles preparavam caixas com tabletes de hóstias em forma de moeda e garrafas de vinho vermelho para os pastores levarem e usarem na celebração da eucaristia.

Sentamos perto do fogão. O assistente, a nova face da igreja, retirou-se para um canto do cômodo fuliginoso, e Zhang fechou os olhos por alguns minutos antes de indicar que estava preparado para minhas perguntas. Era o amanhecer do dia 6 de agosto de 2006.

Liao Yiwu: Quando você se tornou um cristão?
Zhang Mao-en: Quando ainda estava dentro do ventre de minha mãe.

Liao: O que você quer dizer?
Zhang: Minha família tem sido cristã há 92 anos. Se meu irmão mais velho, Zhang Run-en, ainda vivesse, ele teria 92 anos. Meu pai se converteu quando Run-en nasceu e o batizaram. Somos uma das primeiras famílias cristãs na província de Yunnan. Uma família *yi* no outro lado do rio Pudu se tornou cristã ainda mais cedo. No início do século 20, existia intensa atividade comercial na região do rio Pudu, e os pregadores seguiram os mercadores a cavalo e levaram o evangelho a Dega, e, de lá, o evangelho se espalhou para as regiões montanhosas: Shengfa, Zehei, Malutang e Salaowu.

Essas áreas eram, no início da década de 1920, bastante pobres. Não havia escolas antes do aparecimento da igreja. Após o Japão invadir a China em 1937, um missionário australiano fugiu para a região e fundou aqui um seminário. Não sei seu nome inglês, mas o nome chinês

era Zhang Erchang. Na época em que nasci, em 1939, havia uma grande quantidade de cristãos: meus pais e irmãos, os pais de meus pais, parentes imediatos ou distantes, meus conterrâneos ricos e pobres. Assim que aprendi a falar, pude memorizar os hinos mais simples. O primeiro livro que meus pais me deram foi a Bíblia. Nas aldeias remotas *yi*, muitos eram analfabetos, mas só era preciso mencionar uma determinada passagem da Bíblia e os aldeões podiam recitá-la de memória.

Antes da tomada comunista, minha família era considerada abastada. Meu pai era presbítero na igreja. Ele pregava com o reverendo Zhang Erchang. Em casa, administrava os negócios da família. Meu pai foi criado numa família de quatro gerações de agricultores. No tempo de meu pai, os preços da safra haviam caído e quase não se obtinha dinheiro do trabalho agrícola. Começaram, assim, a criar gado, cavalos, porcos e patos. Criavam também abelhas. Para conseguir um preço melhor pelos animais, minha família vendia os porcos e patos para mercados maiores em Jiulong e Zhuanlong. Não existiam caminhões naqueles dias. Meus parentes tinham de guiar os porcos e os patos por todo o caminho. A viagem durava, normalmente, de dez a quinze dias. Nós também colhíamos mel duas vezes por ano e contratávamos carregadores para levá-lo à capital provincial de Kunming. Possuíamos cinquenta colmeias, que eram trabalhosas, mas bastante lucrativas.

Com o dinheiro obtido, meu pai podia doar alimentos e suprimentos para a igreja. Os negócios e a pregação logo se tornaram muito cansativos para ele. Quando eu tinha 4 anos, meu pai morreu e o irmão dele assumiu o controle.

O início da década de 1940 representou uma época de ouro para o cristianismo. Nossa igreja principal se localizava em Salaowu. Tínhamos doze pastores. Havia ramificações em Shengfa, Pufu, Zehei, Malutang, Dasongshu, Jiaoxi e Jiaoping. A congregação em Dega era a segunda maior, depois da igreja principal. Meu tio se tornou um ancião em nossa filial. Ele manteve a posição até a tomada comunista em 1949. Em seguida, todas as atividades religiosas foram banidas.

Meu irmão mais velho e eu nascemos no ano do coelho, mas ele tinha 24 anos a mais. Aos 20 anos, casou-se com uma mulher em Pufu e se mudou com a família da esposa. Seu sogro era um ancião da igreja em Pufu e precisava da ajuda do genro. Meu irmão tinha se formado num colégio cristão local. Era bastante esperto e dedicado. Ele se saía notavelmente bem no mundo dos seres humanos, assim como no mundo de Deus. Foi dirigente da comarca em Pufu e depois assumiu o comando do alistamento militar. Ele usava suas posições dentro do governo local para criar condições favoráveis à propagação do evangelho. Quando a igreja criou o Seminário Teológico do Sudoeste em Salaowu, abriu mão do emprego no governo e se tornou o administrador. Ele selecionava pessoalmente cada professor e se envolvia na aferição e recrutamento dos talentos locais. Ano após ano, doava mais de 100 quilos de cereais para auxiliar os pregadores. Todos os missionários estrangeiros gostavam dele.

Meu irmão também se dedicava a questões sociais. Historicamente, a região se notabilizara pela dependência do ópio, difundido tanto entre ricos quanto pobres. Além disso, o povo *yi* também se viciara no jogo de azar. Esses dois flagelos resultaram em muitas turbulências sociais. Ladrões e membros da tríade[9] agiam de maneira desenfreada. Uma dor de cabeça para todo governante no poder. Meu irmão mais velho acreditava firmemente que a fé cristã aperfeiçoava os valores morais das pessoas. A fé ajudaria a expulsar o vício no ópio e nos

jogos de azar. Ele promovia ativamente a fé como um modo de purificar os males sociais.

Liao: Seu irmão tinha um futuro promissor...
Zhang: Infelizmente, ele faleceu aos 36 anos.

Liao: Morreu de alguma doença?
Zhang: Não. Ele foi executado em 1951, quando eu tinha 12 anos. O falecimento deixou uma memória dolorosa em minha família, mas ele partiu deste mundo com dignidade.

Liao: O que aconteceu?
Zhang: Quando o Movimento da Reforma Agrária teve início, escolheram nossa família como alvo principal. A família de meu irmão mais velho foi classificada latifundiária. Meu irmão e seu sogro, o ancião local, foram trancados numa prisão da comarca. Foram torturados. Meu irmão havia servido ao governo nacionalista derrotado, mas tinha ficha limpa. Era bastante querido pelo pessoal daqui. Assim, quando o novo governo comunista enviou equipes de trabalho para diferentes aldeias e mobilizou o povo, repetidamente, a tomar posição e rejeitar meu irmão, ninguém se dispôs a agir abertamente. Na década de 1950, houve um grande impulso para execução de membros da tríade e latifundiários malévolos. Meu irmão foi poupado, no início. Mas o governo não o deixaria em paz. Em 1951, lançaram-no na cadeia da comarca de Luquan, e, sob pressão governamental, os oficiais da aldeia, outrora pobres e desabrigados, concordaram em “acertar contas” com meu irmão.

Não tínhamos permissão para visitá-lo; não sabíamos o que fazer para defendê-lo. Descobri mais tarde que, embora acusado de criminoso, nunca apresentaram detalhes do que ele havia feito. Eles precisavam de algo para justificar o motivo de trancafiarem-no por tanto tempo. Soube que um líder da equipe de trabalho leu as acusações forjadas por um dirigente local, mas, quando o primeiro pediu detalhes, o dirigente da aldeia não pôde responder e, ao sentir que a questão prejudicava seu prestígio, gritou contra o líder da equipe de trabalho. Como não existiam provas suficientes, outro oficial da aldeia sugeriu que meu irmão fosse poupado da pena de morte, mas um oficial em nível regional preocupou-se que o poupassem, o caso de meu irmão poderia abrir um precedente ruim e reduziria o entusiasmo das massas. Nesse período, para tornar-se candidato potencial à liderança da aldeia, bastava gritar o mais alto possível nas sessões de denúncia pública e ser impiedoso com os “os inimigos da classe”.

Você é jovem demais para entender como funcionava. Recebíamos tratamento pior que o dispensado aos animais. Pessoas nos torturavam sempre que sentiam vontade. Durante o auge da campanha, as equipes de trabalho do governo incentivavam o sentimento de ódio. Até os mais gentis e amáveis camponeses começaram a brandir seus punhos e nos estapear ou desferir pontapés. Perto do final, os camponeses revolucionários não precisavam de razões para matar um latifundiário. Nas sessões de denúncia pública, o povo se deixava levar por suas emoções e arrastavam alguém para o local e atiravam nele. *Bang-bang*, e o sujeito partia para sempre. Ninguém questionava ou assumia a responsabilidade por essa prática impiedosa. A maior parte dos membros das equipes de trabalho vinha das cidades. Eles não estavam cientes do que acontecia em nível local. O presidente Mao dizia que as autoridades deveriam escutar a voz do povo. E os membros das equipes de trabalho não ousavam ignorar a voz

popular. Assim que sofriam a lavagem cerebral da ideologia comunista e a propaganda de Mao, o modo de pensar do povo se tornava caótico. Toda a humanidade se perdia. No auge, até a equipe de trabalho encontrava dificuldade para refrear o fanatismo.

Deixe-me explicar. Nesta região, era raro encontrar alguém que não fosse viciado em ópio ou jogos de azar. Somente quem houvesse abraçado Deus possuía a energia necessária para se livrar de seus hábitos. Lembro-me que, quando criança, as pessoas na região não trabalhavam na lavoura. Em vez disso, criavam papoulas. Costumávamos correr em volta dos campos de papoula para caçar borboletas. As pessoas também apostavam pesado. Esse era um fenômeno muito estranho. A riqueza das pessoas passava de mão em mão, com uma velocidade espantosa. No entardecer, o sujeito podia ser um fazendeiro rico. À noite, ele estava desabrigado após ter apostado tudo: o terreno, a casa, até a esposa.

Quando apareceram, os comunistas baniram o fumo de ópio e os jogos de azar, e baniram o cristianismo. Além do trabalho nos campos, não havia muito que fazer à noite. As campanhas políticas se transformaram numa espécie de entretenimento. Dedicava-se toda energia extra para espancar pessoas, matá-las e confiscar a propriedade alheia. Os jogadores e os viciados sem teto de repente se tornaram aliados leais da revolução. Eles não tinham de pagar suas dívidas; as apostas e o consumo da droga, a pobreza, a prática de penhorar as esposas e os filhos para sustentar o vício, o desalojamento, tudo era culpa dos latifundiários exploradores dos revolucionários pobres. A pobreza se converteu em símbolo de honra, e os filhos dos pobres se tornaram a descendência do verdadeiro proletariado. Sentiam-se superiores aos demais e se alimentavam e se vestiam bem. Não precisavam sequer assumir responsabilidades quando matavam alguém nas sessões de denúncia pública. Algo mais divertido que fumar ópio e jogar, não acha?

Liao: Na era Mao, as pessoas se tornaram os verdadeiros senhores da nação. É o que dizemos.

Zhang: Talvez as políticas do Partido Comunista fossem bem-intencionadas, mas as pessoas que as implantaram tomaram uma série de liberdades e as interpretaram a sua própria maneira. Matanças aleatórias eram bastante liberadas. Meu irmão mais velho sabia que não iria sobreviver.

Liao: Onde você estava quando seu irmão foi morto?

Zhang: Depois que meu irmão foi preso, ninguém, nem mesmo a esposa e os filhos, conhecia seu paradeiro. Dois dias antes da execução, minha família foi informada de que meu irmão seria transferido de uma prisão na comarca de Luquan para Sayingpan, devido a uma sessão de condenação, e, em seguida, para outra prisão no distrito de Shengfa. Depois disso, ele seria enviado de volta a Pufu para ser executado. Se quiséssemos vê-lo pela última vez, tínhamos de nos levantar à meia-noite, caminhar 20 quilômetros a um lugar entre Sayingpan e Shengfa e esperar na margem de uma estrada. Assim agimos. Na noite anterior da partida de minha mãe, nós nos sentamos juntos e choramos. Tentávamos manter a voz baixa para que os vizinhos não nos ouvissem. Minha mãe abateu um frango e o cozinhou com arroz e saiu de casa com meu segundo irmão mais velho e minha irmã mais velha. Ela não permitiu que eu os acompanhasse, por medo de que pudesse ser traumático demais para mim. Eu tinha 13 anos. Perguntei se meu

irmão havia comido o frango. Minha mãe, de olhos vermelhos, fez que sim com a cabeça. Com o passar dos anos, minha mãe me contou sobre esse último encontro.

Eles aguardaram no local designado por cerca de três horas. O caminhão que trazia meu irmão parou, e ele desceu. Minha mãe implorou aos milicianos que tirassem as algemas para que ele pudesse comer sua última refeição. Eles tiraram. Meu irmão comeu o frango e a sopa. Quando terminou de comer, sussurrou para minha mãe:

"Eu partirei em breve. Não se entristeça. Eu não temo a morte. Quando me trancafiaram na cadeia, eu carregava uma Bíblia em miniatura e a trouxe comigo às escondidas. Eu estive orando em meu coração. Sei que não poderei escapar da morte. As pessoas na região me acusaram de muitos crimes, embora nem mesmo me conheçam. Sou inocente, e as acusações são falsas. Não admitirei culpa. Mas também não irei recorrer. Sei que é inútil. Eles me enviarão de volta a Pufu para me matar. Estou contente por voltar a Pufu. Tenho minha Bíblia comigo. Serei enterrado no local onde eu trabalhava e pregava. Mãe, todos nós vamos morrer um dia. Não desanime por minha morte. Prossiga com sua fé".

No dia da execução, os milicianos apareceram e disseram a minha cunhada: "Vamos executar seu homem. Traga alguma comida gostosa".

Como fizera minha mãe, a esposa de meu irmão preparou um frango cozido e um pouco de arroz. Ele comeu tudo. Ela soluçava. Meu irmão enxugava suas lágrimas e lhe dizia que seguisse as palavras do "líder". Pediu-lhe que se concentrasse nas crianças e não se incomodasse com as provocações e os insultos.

Nós sabíamos exatamente o que significava a palavra "líder". Ele não queria comprometer a esposa na frente dos guardas. Minha cunhada compreendeu. Ela parou de chorar. Eles o levaram. Após uma sessão final de condenação pública, os milicianos atiraram nele na beira da estrada e despejaram o corpo na cova rasa de um barranco. Cerca de dez meses depois, fomos notificados de que poderíamos recolher o corpo. Sabe o motivo? O barranco se localizava bem perto da estrada principal, e o cadáver exposto de meu irmão assustava as pessoas. A liderança do condado decidiu que nossa família devia levar o corpo do contrarrevolucionário para que ninguém tivesse de olhar para ele.

O cadáver em decomposição parecia uma árvore caída presa num córrego. Meu segundo irmão mais velho e minha mãe desceram até a água para trazê-lo para cima, e o corpo se quebrou em pedaços. Recolhemos e lavamos os ossos e os colocamos dentro de uma caixa que trouxemos conosco.

Entrelaçada no meio das roupas apodrecidas, minha mãe encontrou a pequena Bíblia. Tinha cerca de dois centímetros de espessura, não maior que a palma da minha mão. Embora a carne e as roupas tivessem apodrecido após dez meses na água no fundo de um barranco, a Bíblia sobreviveu. Todos nós paramos o que estávamos fazendo e começamos a orar, não uma oração formal, mas orações silenciosas de agradecimento. Deus havia permanecido com ele por todos aqueles meses. Sabíamos que sua alma se encontrava no paraíso.

Liao: Como estava a aparência da Bíblia?

Zhang: Estava encadernada com couro e barbantes. Algumas páginas tinham se grudado, algumas palavras estavam borradas, e havia manchas de sangue. Nós a conservamos por muitos anos. Com uma campanha política atrás da outra, porém, já era difícil o bastante

preservar nossa vida, e a Bíblia constituía uma “evidência contrarrevolucionária”. Durante a Revolução Cultural, minha mãe a queimou. Ela não teve escolha.

Tivemos sorte por não nos prenderem como a meu irmão mais velho, mas nos expulsaram de casa. Minha mãe, meu segundo irmão mais velho e eu fomos classificados como proprietários de terra.

Minha irmã se casara com um homem na região de Jiaoxi, e eles também eram da classe de proprietários. Meu tio, um ancião da igreja, foi rotulado latifundiário contrarrevolucionário. Toda a família estava em apuros. Ficamos desabrigados e vivíamos em estábulos. Diversas vezes, quando me encontrava com os filhos dos camponeses nas ruas, acusavam-me de usar boas roupas e me faziam tirá-las. Não possuíamos o suficiente para comer e éramos, com frequência, alvo de sessões de condenação.

Caso estivessem mal-humorados, os oficiais da aldeia nos insultavam ao nos encontrar nas ruas, ou então nos agrediam. Se estivessem de bom humor, mandavam-nos trabalhar na lavoura para realizar o trabalho deles, mesmo com nosso estado de fraqueza por causa da fome. Éramos alvo de perseguição a cada nova campanha. Meu tio passou por trezentas sessões de condenação pública. Sua saúde se deteriorou rapidamente. Morreu em 1958. Tuberculose.

Em 1953, reclassificaram minha mãe. Rebaixaram-nos de proprietários para camponeses ricos, e pudemos reaver uma pequena porção de terra e nossa casa, que fora apreendida pela aldeia.

Meu segundo irmão mais velho — doze anos mais velho que eu — possuía problemas de audição. Ele era um cristão devoto. Manteve suas orações por toda a década de 1950, quando minha família sofria nas mãos das equipes de trabalho. Um dia, viram-no de joelhos orando e delataram o fato à equipe de trabalho. Ordenaram que ele dissesse que a crença em Deus era superstição e contrarrevolucionária. Ele recusou renunciar a sua fé. Em vez disso, fechou os olhos e continuou orando. Amarraram suas mãos e seus pés e o penduraram numa árvore por vários dias. Quando o desceram, ele se ajoelhou novamente, orando para que Deus perdoasse seus algozes. Sua saúde declinou. Ele contraiu tuberculose. Mas persistiu. Antes da morte, em 1999, ele viajou por toda a região, orando e ajudando os pobres e enfermos.

Nos últimos anos da Revolução Cultural, fui preso três vezes por pregar secretamente o evangelho. Sofri, mas sobrevivi. Em 1979, o governo suavizou o controle sobre a religião. De 1979 a 2003, servi como ancião da igreja. Depois, fui ordenado ministro na região de Sayingpan. Sou o primeiro ministro ordenado na família. Como ocorreu com meu irmão, também sofro de tuberculose e uso todo tipo de medicamento. Nenhum que tenha ajudado muito. Meu segundo irmão morreu aos 72 anos. Tenho 68 anos. Não sei o que Deus planejou para mim, mas, enquanto for capaz, quero tentar fazer mais. Como você pôde ver na noite passada, mais e mais moradores estão seguindo Jesus. Isso me encoraja.

Capítulo 12

O BANQUETE

As baladas *yi* podem ser animadas e jubilosas, ou serenas, ou reminiscentes de espíritos viajantes solitários, repletas de tristeza e melancolia. Meu primeiro contato com a balada *yi* ocorreu num bar em 2007, quando eu estava viajando em Dali. Conheci um músico francês que havia acabado de retornar de uma jornada a diversas aldeias *yi* na região de Daliangshan. Com seu equipamento caro, ele havia coletado dezenas de antigas baladas e as gravou em três CDs. Bebemos juntos, e ele tocou uma seleção para mim.

Aquelas canções entraram em meu sonho certa noite. Uma melodia simples e repetitiva ecoava dentro das desnudas e sombrias montanhas, cada nota derramando uma lágrima, escorregadias feito minhocas. Quando acordei, meus pés estavam gelados, algo que gosto de atribuir a minha interpretação subconsciente da cultura *yi*: um povo oriundo de montanhas escuras e úmidas, cuja existência compunha-se de uma combinação de deuses, espíritos e humanos.

No início de agosto de 2006, fui convidado pelo reverendo Zhang Mao-en a participar de um culto realizado não numa igreja, mas no pátio da casa de um paroquiano. Enquanto ele me conduzia por uma trilha estreita e lamacenta que se entremeava na aldeia, abrindo espaço para a passagem do gado adornado com sinos e de cavalos galopantes com barriga arredondada, eu andava cuidadosamente, evitando as pegadas dos cascos, que eram seguidas por excrementos exalantes. Zhang parecia alheio às agruras triviais da vida rural.

A visão e o cheiro de tanto estrume me fizeram lembrar de um artigo alegórico que fui obrigado a ler na escola durante a Revolução Cultural. Um grupo de jovens urbanos enviado às regiões rurais para receber “reeducação” tropeça em um monte fresco de esterco de vaca num caminho lamacento semelhante ao nosso. Enquanto procuram uma pá para remover o monte, aparece uma garota camponesa, que enche as mãos com o esterco e o carrega até o tanque comunitário de estrume. A jovem camponesa demonstra um exemplo poderoso para os jovens da cidade, que são incapazes de enxergar além de seus hábitos burgueses mesquinhos. Nosso professor nos apresentava uma série de questionamentos: Qual era pior, o esterco do cavalo ou o mesquinho modo de pensar da burguesia? Quem possuía a mente mais pura, a camponesa ou os jovens da cidade? Quarenta anos mais tarde, os professores já não mesclam as fezes de vaca com a ideologia comunista. O povo chinês sabe que bosta fede, e que qualquer um em sã consciência usaria uma pá para recolhê-la, seja proletário, seja burguês.

O que devia ser uma caminhada de cinco minutos durou meia hora, e, no instante em que chegamos, minha calça e meus sapatos estavam uma bagunça enlameada. Bati os pés no chão seco, tentando me livrar da sujeira, quando alguém me tocou no ombro e disse: “Não desperdice energia. A lama secará em pouco tempo e vai se soltar com facilidade”. Ao nos aproximarmos do pátio da casa do paroquiano, pude ouvir os hinos estourando nos dois alto-falantes da era Mao, muito parecidos com os usados pelos militares do partido durante as sessões de denúncia, mixados numa estática sofrível que castigava meus tímpanos e, por um momento, me lançava de volta a épocas mais sombrias.

O sol já ia alto. O ar estava úmido, e a música das cigarras ressoava por todo canto. Lambi

meus lábios ressecados, olhei ao redor para me orientar e percebi que naquele lugar, na noite passada, eu encontrara Zhang. A casa e o pátio pareciam bastante diferentes à luz do dia, o que era surreal e mágico tornou-se surrado e rude, a multidão indistinguível de qualquer outro amontoado de camponeses simples e ordinários, exceto que todos sorriam, o que só posso atribuir à felicidade induzida pela fé.

A cabeça grisalha de Zhang desapareceu depressa no interior da casa. Único ministro ordenado na região de Sayingpan, aquele era seu espetáculo. Observei os paroquianos, e o que à primeira vista parecia caótico, resolveu-se em ordem conforme os recepcionistas arranjavam os assentos e distribuíam chá e doces enquanto os cozinheiros trabalhavam na cozinha.

Os cristãos nas principais metrópoles da China estão altamente divididos em relação às igrejas sancionadas pelo governo, mas os aldeões daqui não são tão políticos. Eles frequentam cultos dominicais nas igrejas patrocinadas pelo governo e administradas por Zhang, mas também participam de cultos realizados pelas famílias dos pastores.

Ao meu redor, no pátio, a conversa cessou, e meus ouvidos se esforçavam para ouvir a voz de Zhang, que aumentava e diminuía no ar cálido matinal. Eu escutava, mas não entendia uma palavra. Ele falava na língua *yi*. Era como a sensação que tive, quando jovem, ao escutar uma fita do poeta T. S. Eliot lendo seus poemas. Podia somente decodificar o significado por meio dos tons e ritmos e com os olhos, o nariz e a mente. Deixei a imaginação preencher as lacunas e senti que podia ver o sangue de Jesus, cheirar o ar fétido anterior a sua morte, e partilhar a exultação dos outros a meu redor com a ressurreição. Não foi um culto longo, e logo a multidão pronunciou "amém" e a vida retomou a ruidosa condição secular.

A língua impossibilitava entrevistas com os participantes, mas muitos haviam me visto chegar com Zhang, de modo que pude me movimentar livremente com a câmera, tentando capturar rostos interessantes e cenas inusitadas. Montes de lixo e sujeira empilhados ao longo dos muros perto da entrada do pátio. Noutro canto, uma pocilga e um galinheiro. Animais e humanos viviam lado a lado, compondo um quadro harmonioso. Quatro senhoras de idade sentadas próximas umas das outras nas escadas inferiores da casa, debaixo do sol escaldante. Uma delas se levanta, balançando-se, hesitante, à frente. Focalizo seu rosto calejado, a testa profundamente enrugada.

Aproximava-se o meio-dia, e as moscas zumbiam de um lado para o outro. Quando os aldeões a meu redor gesticulavam, ou riam, ou se cumprimentavam, as moscas subiam e giravam em torno deles. Quando parados, as moscas pousavam sobre sua cabeça, ombros, braços e pernas. Pequenas nuvens de moscas pairavam sobre as conversas mais animadas.

Zhang acenou para mim, e entrei na casa, onde estava mais fresco e havia menos moscas. Ele me apresentou a diversos pastores de outras aldeias, mas nossas conversas em mandarim eram simples e limitadas a frases comuns. Todos pareciam bronzeados, rubros como a terra vermelha do planalto de Yunnan-Guizhou, o rosto transpirando bondade e nobreza. Quando as palavras se esgotaram, sorvemos um gole de chá e sorrimos uns para os outros.

Lá fora, quatro mesas eram preparadas para a comida. Tendo crescido nas áreas rurais da província de Sichuan, eu havia participado de toda espécie de banquetes — casamentos, funerais, aniversários —, mas nada comparável a esse. As pessoas em Yunnan estavam

acostumadas a bancos baixos e mesas pequenas, enquanto o povo em Sichuan preferia bancos mais altos e mesas compridas. Mas os costumes do banquete eram os mesmos. Dos tempos ancestrais até a modernidade, pessoas em cada província mantinham as tradições de celebração: abate de porcos e cabritos e grandes pratos e tigelas recheados com carne meticulosamente preparada, além de travessas com legumes.

Os cozinheiros, apressados, entravam e saíam da cozinha. A anfitriã convidou Zhang e os outros pastores e pregadores a ir até o pátio. Todos se levantaram e se curvaram uns para os outros. "Por favor, vá primeiro, eu posso esperar". Ninguém se moveu. Poucos minutos depois, a anfitriã apareceu novamente, incitando Zhang a sair. "Por favor, vá primeiro, eu posso esperar." Após um terceiro diálogo do tipo, Zhang agarrou meu pulso e disse a todos: "Vamos para fora e começar". Zhang guiou os outros líderes da igreja escada abaixo, acenando para a multidão, trocando algumas palavras aqui e ali no caminho até as mesas. Cada uma delas estava ocupada por oito a dez aldeões; mais aldeões aguardavam na parte externa do pátio, à espera de se juntar à segunda sessão.

Carne de porco, cordeiro, frango, pato, tofu, amendoins e legumes fritos, cozidos, ensopados e crus: a maioria dos pratos aparentava e cheirava como se temperados com grande quantidade de ardida pimenta vermelha. Em minutos, a mesa estava coberta por uma dúzia ou mais de pratos. O sol, agora, posicionava-se sobre a multidão. Eu estava faminto. As moscas mais pareciam corvos, tentando abocanhar a comida. Em outros banquetes, as pessoas tilintariam seus copos e, aos berros, brindariam ao próximo. Nesse dia, o pátio estava em silêncio, salvo o zumbido das moscas. A montanha se avultava à distância, gloriosa na luz solar.

Zhang se levantou, olhou ao longe, e abaixou a cabeça para conduzir uma oração. Elevou-se sobre nós, nos bancos baixos. Cada palavra *yi* que pronunciou soava melódica e bela.

Zhang estava orando.

Senti-me assolado por um conjunto inteiramente diferente de emoções. A escuridão úmida e solitária em meu sonho evaporou em torno de mim. Sua voz, profunda e densa, e as palavras melódicas me faziam pensar na bela e inspiradora música *gospel* dos negros americanos ou nos cânticos que arrebatam a alma das antigas tribos africanas.

Zhang estava orando.

Com seu "amém" repetido em coro por todos os presentes, meus ouvidos retornaram aos sons e atividades normais da vida, os pauzinhos a estalar por entre a comida. Mais pratos foram servidos. Zhang se envolveu em algumas conversas animadas com os vizinhos em torno da mesa. Riam, aberta e livremente, com alegria.

Nesse momento, recordei uma passagem da Bíblia, que eu havia lido antes da viagem. "Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho". Realmente, uma festa memorável e uma celebração da vida.

O banquete terminou por volta das 13 horas. Após me despedir do reverendo Zhang, meu motorista recomendou uma visita ao local do antigo Seminário Teológico do Sudoeste, em Salaowu.

O carro deslizava numa recém-pavimentada estrada de concreto. Tratores pequenos expeliam colunas de fumaça negra, contaminando o ar puro. Quando o motorista se deteve na

margem de um milharal, pude ver o contorno do seminário, assentado como uma ilha solitária entre um mar verde de hastes de milho. Comecei a me sentir estranhamente animado e ansioso. Saltei valas e andei a passos largos. Pensei no dr. Sun, que me deliciava com histórias sobre o seminário e seu fundador, um missionário australiano chamado Zhang Erchang. No início do século 20, o seminário se tornou uma incubadora para a liderança cristã na região. Quando morreram, Zhang Erchang e a esposa foram enterrados nas proximidades. Quase todos os líderes cristãos que eu havia entrevistado na região mencionavam o seminário e comentavam sua tremenda influência sobre a comunidade cristã local. Minhas expectativas aumentavam enquanto eu atravessava com ímpeto o milharal, e o motorista atrás de mim, ofegando e gritando, pedindo que andasse devagar.

Dois ou três pequenos prédios desbotados com telhas cinzentas compunham a totalidade do *campus*. Se a pessoa não conhecesse a história, presumiria que o terreno consistia em uma simples coleção de casas de fazenda. Não havia prédios no estilo ocidental, nem vitrais ou afrescos bíblicos.

Um aldeão nos guiou até a capela, com a estampa de um sol crescente amarelo pintado sobre uma janela do segundo andar. Seguimos vários aldeões por uma pequena entrada. O interior era espaçoso, com vigas de madeira expostas. A pintura do teto descascava. As luzes da tarde entravam filtradas através das amplas janelas. Havia um balcão e um quadro-negro na parede frontal, com uma cruz vermelha pendurada acima. Fileiras de extensos bancos verdes podiam acomodar mais de uma centena de pessoas.

Uns seis aldeões sentaram em silêncio no interior do ambiente vazio, como estudantes diligentes que chegam antes à classe a fim de se preparar para as lições. Corri os olhos pelo lugar, em busca de traços de sua antiga glória. Vaguei pelo lado de fora da capela, em torno do pátio, e até escalei uma colina, com a esperança de localizar o túmulo ou a lápide de Zhang Erchang. Nada.

Espiei cada sala nos prédios adjacentes. Tudo que pude ver foi poeira, aranhas, moscas e dejetos de animais. Um cão de aparência feroz amarrado com uma pesada coleira de ferro fundido dormia dentro de uma sala dilapidada. Noutro prédio, subi até o segundo andar; o piso de madeira parecia mofado e apodrecido. Andei uns passos à frente e ouvi um estrondo. Um grande buraco apareceu. Uma pequena multidão se reuniu no andar inferior e olhou para cima, tentando descobrir o que estava acontecendo.

Nós descemos. O motorista me seguia de perto, preocupado que eu me envolvesse em mais confusões embaraçosas.

Desanimado, sentei num lance de escadas de pedra na frente da capela. Um grupo de pessoas passou por mim para participar de um culto vespertino. Parei uma mulher de aparência piedosa e perguntei, lentamente, em mandarim: “Você conheceu um missionário chamado Zhang Erchang? Você sabe algo sobre o Seminário Teológico do Sudoeste?”.

A mulher parecia confusa e balançou a cabeça. Ela não tinha ideia do que eu estava resmungando.

A VISITA SECRETA

Xu Wenli era um notório ativista dos direitos humanos, e não deve surpreender que, em sua apertada casa com pátio na rodovia Baiguang, em Pequim, eu encontrasse pela primeira vez um membro do movimento clandestino chinês de "igrejas domésticas". Isso aconteceu em julho de 1998. Sedento por um pouco de chá, eu parara na casa de meu amigo, que tinha outro visitante, um homem de meia-idade com óculos, que me foi apresentado como Xu Yonghai, um neurologista. Acenamos um para o outro com a cabeça. Os dois Xus não eram parentes, mas pareciam irmãos, ambos magros e pálidos, de rosto fino; Wenli calvo no topo, Yonghai perdendo lentamente o cabelo.

Após a habitual troca de cumprimentos, Wenli fez sinal para que eu me sentasse e disse, como se pedisse desculpas: "Deixe-me só concluir a conversa com Yonghai". Sentados próximos um do outro, a dupla sussurrava, mas com os fragmentos de conversa que pude reunir, deduzi que planejavam imprimir alguns materiais proibidos. Yonghai estava tenso e, quase de minuto em minuto, erguia a cabeça furtivamente e olhava para fora a fim de ver se havia alguém lá. Aparentemente eles haviam terminado suas atividades quando Yonghai se aproximou de mim e sussurrou: "Temos de ser cuidadosos. Acho que a casa de Wenli está grampeada". Assenti com a cabeça, reconhecendo sua cautela.

Ele queria a ajuda de Xu com uma publicação para os membros das igrejas domésticas de Pequim e, com entusiasmo, falou sobre o conceito de salvação por intermédio de Deus. Eu sabia pouco sobre o cristianismo na época e estava interessado no que ele tinha a dizer, mas no fundo rejeitei seu proselitismo. Por fim, eu disse:

— Eu não vou à igreja.

Ele riu:

— Eu também não vou à igreja... Elas são todas controladas pelo governo.

Quatro meses depois, após retornar a Sichuan, descobri que haviam sentenciado Wenli a treze anos de prisão por fundar um partido de oposição na China. Soube ainda que, pouco antes da prisão, Yonghai ajudou a remover o manuscrito do meu livro *Meus testemunhos* que eu havia escondido na casa de Wenli, mas que agora se achava num lugar mais seguro.

Yonghai e eu conversamos algumas vezes por telefone até eu descobrir, em 2002, que seu aparelho havia sido desligado. Por meio de informantes, descobri também que o neurologista era pregador e líder nas "igrejas domésticas" em Pequim. Depois que sua casa foi marcada para ser demolida por uma empresa particular, Yonghai liderou um protesto de moradores contra o tratamento injusto, mas as numerosas petições por ajuda ao governo foram ignoradas. Após sua casa ser reduzida a escombros, considerou o suicídio como forma de firmar um posicionamento, mas foi dissuadido pelos companheiros cristãos. Contaram-me que ele havia abandonado seu consultório médico e se dedicado a seguir o caminho de Deus. Em 2004, li uma reportagem dizendo que Yonghai e outro cristão, Liu Fenggang, foram detidos enquanto pregavam o evangelho na província de Zhejiang. O governo bloqueou qualquer informação sobre o paradeiro ou a saúde dele. Ocasionalmente, via postagens *on-line* de sua esposa, a enfermeira Li Shanna, que convocava os companheiros cristãos a orar pela segurança do marido. Yonghai passou três anos na prisão.

Curioso sobre a história de Yonghai, decidi que precisava entrevistar um cristão das “igrejas domésticas” para compreender melhor o que os impulsionava a rejeitar a alternativa sancionada pelo governo. Voltei a Pequim em fevereiro de 2004, quando uma amiga pregadora, Liu Min, ligou para dizer que tinha um número de telefone para mim, caso eu quisesse conversar com Yuan Xiangchen, uma figura respeitada na comunidade cristã no norte da China. Entrei em contato com a esposa dele de 86 anos, e ela concordou em se encontrar comigo. Anotei o endereço e as instruções de como chegar até lá de metrô. Entusiasmado com a rara oportunidade de conversar com um casal cristão cuja vida atravessou grande parte do século 20, convidei uma documentarista de Taiwan, que atendia pelo nome de srta. Wen e que havia feito diversos filmes sobre questões sociais em sua terra.

Uma semana depois, nós três nos encontramos na estação de metrô de Xuanwumen. Ondas de vento frio e árido dos altos edifícios cinzentos açoitavam nosso rosto de forma implacável. Nós nos encolhemos e, instintivamente, apertamos os braços sobre o peito. Antes de descermos as escadas até as plataformas de trem, Liu Min avistou uma igreja católica no acostamento da rodovia, o sol pálido de inverno assinalando uma camada dourada na cruz que se erguia sobre o campanário da igreja. Liu sugeriu uma rápida visita. Dentro do amplo salão de oração, Liu se ajoelhou no piso para uma breve prece.

Embarcamos no metrô e descemos no Hospital Yangqiao. Liu Min, uma nativa de Pequim que, supostamente, era nossa guia, se perdeu. Demoramos, assim, outra meia hora para atingir nosso destino.

— Queremos visitar o tio Yuan — disse Liu Min ao guarda de segurança do edifício, que conseguimos encontrar com a ajuda de estranhos. — Ele mora no segundo andar.

— Quem é você? — perguntou o guarda, mas Liu Min o ignorou e apertou a campainha do apartamento 202.

A srta. Wen, que não conhecia muito bem a rígida situação política da China, tirou a câmera de vídeo da mochila e começou a filmar. Sua ação chamou a atenção do guarda. Naquele momento, porém, um morador que estava de saída abriu a porta principal e nós entramos.

O apartamento do reverendo Yuan Xiangchen era pequeno, mas confortável. Havia uma cruz na parede e vários pergaminhos em que estavam escritos provérbios bíblicos. Um retrato de família acima do sofá — de Yuan e a esposa cercados por mais de trinta pessoas — apresentava quatro gerações de uma família numerosa, e pude identificar mais de dez rostos na relativamente espaçosa sala de estar. Liu nos apresentou e depois se sentou perto da esposa de Yuan. Elas nunca haviam se encontrado, mas agiam como se conhecessem uma à outra há anos. Senti-me um pouco desconfortável perto de Yuan, que possuía a aura de parecer maior do que sua pequena ossatura deveria sugerir. Yuan tinha dificuldades auditivas, e, cada vez que eu dizia algo, ele moldava a mão direita em forma de concha sobre o ouvido a fim de captar minhas palavras. Para quebrar a tensão, Liu contou algumas histórias de amigos ativistas cristãos e seus quase sempre cômicos encontros com oficiais da polícia. Logo, todos estavam à vontade e sorrindo.

Peguei meu gravador e o bloco de anotações, a srta. Wen montou sua câmera sobre uma mesa próxima, e, ao sinal dela, comecei a entrevista mencionando a aparição de Yuan no

documentário de Yuan Zhiming, *A cruz: Jesus na China*. Assim que Yuan começou a falar sobre seu envolvimento inicial na igreja, alguém bateu na porta.

O ar parece de fato congelar quando pessoas numa sala cheia ficam tensas exatamente no mesmo momento, e depois tremula de forma difusa, como um arco teso por completo. Num instante, a câmera de vídeo, o gravador e os materiais de leitura cristã desapareceram como os objetos num número de mágica. O filho mais velho de Yuan atravessou a sala em silêncio e colocou o ouvido na porta. *Toc, toc, toc*. O filho tossiu e perguntou em tom casual:

— Quem é?

— Somos a polícia da sucursal local.

— Por quê? O que aconteceu? — perguntou o filho de Yuan através da porta.

— Alguns vizinhos relataram que três estranhos com uma câmera de vídeo vieram a sua casa para entrevistas — disse a voz lá fora.

— Não há nenhuma entrevista aqui — respondeu o filho.

— Abra a porta. Estamos aqui para realizar uma verificação de rotina.

O filho de Yuan olhou ao redor para certificar que todos estavam prontos e, enfim, como se o diretor tivesse acabado de gritar “ação”, girou a maçaneta da porta.

Um oficial de polícia uniformizado, que disse estar no comando do distrito, e uma mulher, que se apresentou como a nova diretora do comitê de rua, foram convidados por Yuan a sentar. O policial olhou para mim, Liu e a srta. Wen:

— São vocês que estão realizando uma entrevista midiática aqui?

A esposa de Yuan disse:

— Ninguém está fazendo entrevistas midiáticas. Eles são companheiros cristãos. Estão aqui para uma visita casual.

O oficial se dirigiu a nós novamente:

— Vocês são todos amigos cristãos de Yuan?

— Sou cristã — disse Liu. Soube que o tio Yuan está doente. Então parei para uma visita rápida. Esses dois são meus amigos.

Balancei a cabeça e disse:

— Sim, estou curioso sobre a igreja e quero conversar com o sr. Yuan.

O oficial se virou para a srta. Wen:

— E você?

A srta. Wen corou — seu sotaque taiwanês a denunciaria — e, com rapidez, apontou para a garganta com um dedo.

— O que significa isto?

A srta. Wen abriu a boca, gesticulando com as mãos, os olhos piscando por trás dos óculos grossos.

Liu disse:

— Ela tem uma terrível infecção de garganta e não pode falar.

— OK, se ela não pode falar... — disse-lhe o oficial, o que significava que ele ao menos aceitava que Liu representasse o restante de nós — me diga quais temas vocês estão planejando discutir aqui.

Liu era esperta e transformou a interrogação numa palestra sobre o cristianismo. “No princípio...” até a ressurreição de Cristo. Ela era uma pregadora nata, confundindo o oficial e

a diretora do comitê de rua. Os dois pareciam desnorteados. O policial tentou interromper Liu, mas ela não lhe dava oportunidade. Ele então desistiu e a deixou falar. O tempo passou bem rápido, e, quando estava pronta para uma pausa, Liu sorriu e perguntou ao oficial:

— Você tem alguma pergunta?

O policial balançou a cabeça, mas a diretora do comitê perguntou:

— Por que as pessoas acreditam em Deus? O que isso faz de bom por nós?

A sala riu e, embora enrubescida pelo constrangimento, ela também. Pensei que estávamos a salvo, quando o telefone do oficial tocou. Ele saiu. Olhamos uns para os outros, nervosos. Logo ele voltou, e Liu começou a responder à pergunta da diretora do comitê quando o telefone tocou novamente. Dessa vez, ele retornou com um policial mais velho, que entrou e cumprimentou Yuan como quem cumprimenta um amigo. Era o diretor adjunto da sucursal local do Gabinete de Segurança Pública. Ele exigiu ver nossa carteira de identidade. Eu sabia que a srta. Wen não possuía uma carteira de identidade, e a minha era de Sichuan.

— Quem andaria por aí com esses documentos durante o dia? — perguntei, tentando parecer irritado. — As coisas não são mais como se ainda estivéssemos na época da Revolução Cultural.

Liu apresentou sua identidade e disse:

— Eu trabalho para uma companhia americana. Posso me responsabilizar por eles?

O diretor adjunto pensou por alguns minutos, segurou a carteira de identidade de Liu e pediu que escrevêssemos nosso nome, telefone e endereço. A srta. Wen e eu colocamos nomes falsos. Liu usou seu nome real, bastante popular e partilhado com dezenas de milhares de pessoas em Pequim.

Com a audiência aumentada, Liu simplesmente prosseguiu de onde havia parado. Nossos “servidores públicos” pareciam atentos, balançando a cabeça vez ou outra, como se realmente a escutassem. Ela continuou a pregar, mas a tensão era palpável. O telefone do diretor adjunto tocou quatro vezes. A cada vez, o rosto de Liu se mostrava tenso, os olhos buscando involuntariamente os meus. O rosto da srta. Wen permanecia austero e enigmático. Yuan se impacientou. Por duas vezes, perguntou ao diretor adjunto:

— Você tem alguma outra pergunta para nós?

Sua mensagem implícita era: “Por favor, tirem o traseiro de vocês daqui. Não nos incomodem mais”. Mas eles continuavam sentados.

Impasse.

No momento em que dissemos adeus, eles também se despediram. Um dos filhos de Yuan entregou um pedaço de papel dobrado em minha mão. Andamos por um tempo depois que deixamos o edifício, os olhos atentos ao redor, como ladrões, mas não havia ninguém nos seguindo. Paramos um táxi e pulamos a bordo. O papel dobrado dizia: “Esperem na igreja católica próxima da estação de metrô”. Liu passou as instruções ao motorista, e chegamos ali em tempo hábil, mas nos surpreendemos por encontrar, ao entrarmos no pátio, um Audi novo estacionado perto da entrada. Eu desconfiava de automóveis Audi novos desde que notei um similar diante da casa de um amigo dissidente que eu visitara vários dias antes. Na ocasião, assim que entrei, diversos policiais desceram do Audi, seguraram a porta e me empurraram para fora. Por fim, percebi que não havia motivo para preocupação. Observamos o Audi

estacionado diante da igreja por cerca de meia hora, quando um jovem com um bonito terno saiu e foi embora com o carro.

Nós três procuramos abrigo contra o vento frio sob a entrada arqueada da igreja. Eu disse que Liu me lembrou um personagem comunista ilegal num drama popular da televisão.

— Você enfrentou seus inimigos com inteligência e tranquilidade — disse, usando um dos clichês comuns do programa.

Liu simulou seriedade.

— Eu estava morrendo de medo — disse, com uma voz infantil, e todos nós rimos e andamos ao redor da igreja para nos manter aquecidos.

Após uma hora, aproximadamente, o segundo filho de Yuan, Yuan Fusheng, apareceu, carregando uma sacola de plástico. Dentro dela, a câmera de vídeo, o gravador e meu bloco de anotações, embrulhados em camadas de jornais antigos. Yuan Fusheng, de aparência magra e frágil, tinha muita experiência no trabalho com a igreja clandestina.

Yuan Fusheng me passou um número de telefone para que pudéssemos reagendar nossa entrevista. Já estava escurecendo quando nos despedimos. No caminho de volta, notei que o céu se enchia de nuvens vermelhas, a cor banhando tudo abaixo, as ruas e os carros, os prédios e as pessoas.

Capítulo 14

Após a tentativa frustrada de entrevistar o reverendo Yuan Xiangchen, personagem notório na comunidade cristã clandestina em Pequim, contatei seu segundo filho, Yuan Fusheng, em 3 de março de 2004. Yuan Fusheng ajudava o pai a ministrar aos cristãos que recusaram frequentar as igrejas oficiais que operam sob o controle governamental na capital.

Era, necessariamente, uma entrevista secreta, conduzida na relativa segurança de um lugar público, no caso um McDonald's próximo ao Templo da Terra. Nós dois chegamos adiantados e, após nos vermos, andamos separadamente em direções diferentes por um momento para assegurar-nos de que não havíamos sido seguidos. Eu tinha visto vários policiais nas ruas, já que o Congresso Popular Nacional se encontrava em sessão. Atravessamos a ponte de pedestres e entramos no McDonald's lotado de adolescentes apaixonados por hambúrgueres. Encontramos uma mesa num canto relativamente tranquilo, e comprei uma Coca-Cola para cada um. Coloquei o gravador sobre a mesa, cobri-o com um guardanapo e o aproximei de Yuan.

"Há muita tensão hoje", sussurrou Yuan. "É sempre assim nesta época do ano. Meu pai está sob estreita vigilância. Farei a entrevista em nome dele. Meu pai espera que você possa nos visitar novamente."

Eu fingia observar um jovem casal sentado à mesa oposta e balancei a cabeça após suas palavras.

"No momento, meu pai organiza uma vigília para um pregador, dr. Xu Yonghai, que foi preso ao propagar o evangelho na província de Zhejiang. Num culto, não muito tempo atrás, meu pai disse que o dr. Xu é um exemplo maravilhoso para todos os jovens cristãos."

Alegrei-me por ouvir a menção do nome de Yonghai. Meus olhos continuavam a se mover em torno do restaurante, sondando rostos, alerta a qualquer coisa fora do comum. E assim conversamos por três horas.

Yuan Fusheng: O nome de meu pai é Yuan Xiangchen. Nasceu em junho de 1914. Ele esqueceu a data exata, mas prefere celebrar o dia em que renasceu, quando se tornou cristão: 29 de dezembro de 1932. Meu pai diz que cada pessoa deveria ter dois aniversários, um para o corpo e outro para a alma. Quem o batizou foi o reverendo Wang Mingdao, na água pura do riacho que vem do Palácio de Verão, bem atrás da montanha Wanshou.

Meu pai nasceu na cidade de Bengbu, província de Anhui. Meu avô era natural de Guangdong. Quando jovem, meu avô trabalhou na construção da ferrovia Pequim-Guangdong, e a família inteira se mudou para o norte, de Guangdong para Bengbu, e por fim se estabeleceu em Pequim. Meu avô havia recebido uma educação ao estilo ocidental num colégio chinês, e, após trabalhar com os ocidentais na construção da ferrovia, seu inglês se aperfeiçoou bastante. Meu pai nasceu, portanto, numa família ocidentalizada. Aos 13 anos, entrou numa escola

administrada pela Associação Cristã de Moços, estudou inglês e memorizou diversas passagens da Bíblia.

Os anos da adolescência foram difíceis. A mudança constante dos pais não lhe permitia criar raízes. Por um tempo, ele mergulhou em profunda depressão e tentou o suicídio duas vezes plugando uma tesoura numa tomada elétrica. Meu pai diz que dois professores exerceram enorme influência sobre ele. Um era americano, de nome chinês Xiao Anna, e o outro era chinês, Shi Tianmin, ambos cristãos devotos. Eles lhe ensinaram ciência moderna e o novo pensamento social defendido pelo dr. Sun Yat-sen após a queda da dinastia Qing e o nascimento da nova república. Eles também propagavam o evangelho. Meu pai se interessou por religião e foi apresentado ao reverendo Wang Mingdao.

No verão de 1934, meu pai concluiu seu ano de calouro numa escola do ensino médio. Os pais queriam que ele continuasse a estudar, obtivesse a graduação e conseguisse um emprego para que pudesse se casar, ter filhos e viver uma vida confortável. Mas meu pai resistiu. Ele abandonou a escola. Inspirado pela Bíblia, matriculou-se num seminário em Pequim, afiliado ao Colégio de Teologia do Extremo Oriente. Estudou ali por quatro anos. No verão de 1936, uniu-se a outros duzentos mil cristãos e participou de um retiro nacional de leitura e consulta da Bíblia. Em 1937, começou a publicar artigos inspiradores e traduziu do inglês para o chinês um manual para pregadores.

Naquele ano, o Japão invadiu a China. Foi um momento caótico. Sua futura esposa e minha mãe, Liang Huizchen, havia fugido da terra natal e chegado a Pequim após a ocupação japonesa. Ela também era cristã, e os dois se conheceram e se apaixonaram. Depois que meu pai concluiu os estudos no seminário, os dois ficaram noivos e se casaram em Pequim, em julho de 1938. O casamento foi metade ocidental e metade chinês, e com isso quero dizer que ele usou um terno, e ela usou um vestido de noiva ao estilo ocidental, mas foram levados à recepção numa carroça chinesa puxada por cavalos. Muitos cristãos chineses e missionários estrangeiros participaram do casamento.

No ano de 1939, minha mãe engravidou do meu irmão mais velho. Na mesma época, meu pai foi convidado pelo reitor do seminário a ficar como tradutor, o que lhe proporcionaria uma renda modesta para sustentar a família. Mas meu pai declinou, optando por ajudar a espalhar o evangelho nas áreas rurais. Assim, com a esposa e o filho, ele acompanhou um ministro evangélico americano para pregar no sul da província de Hebei e em partes da província de Shandong. Após o ataque a Pearl Harbor, as tropas japonesas cercaram os americanos e os colocaram num acampamento na comarca de Wei em Shandong. Uma noite, os soldados japoneses levaram o ministro americano, a esposa e seus dois filhos. O apartamento de meu pai também foi saqueado. Minha mãe era jovem e bonita e por muitos anos manchou o rosto com fuligem para evitar ser notada. Ela e meu irmão se escondiam num porão atrás da igreja.

Meu pai, relutante em desistir, mudou-se com a família para uma aldeia e vivia e trabalhava com os lavradores. A porção sul da província de Hebei estava, durante o dia, sob o comando das tropas japonesas. À noite, agitava-se um movimento de resistência organizado por guerrilhas comunistas. Com sua bicicleta, meu pai viajava a diferentes aldeias para pregar. Ele sempre carregava dois tipos de licença e de moedas, uma emitida pelos japoneses e outra pelos comunistas chineses. Cada vez que entrava numa das partes, tinha de pagar uma

taxa na moeda respectiva, embora se declarasse neutro. Sua pregação atingiu um amplo número de aldeões. Ele havia se transformado completamente de um intelectual urbano em um lavrador, vestindo agasalhos pretos infestados de pulgas e comendo trigo puro e bolos de milho. Pregava dentro das aldeias ou nas margens da lavoura. Era tão dedicado que, quando seu pai faleceu, ele, o filho único, não teve sequer a chance de voltar para casa e dizer adeus.

Em 1945, na véspera da rendição do Japão, meu pai retornou a Pequim para cuidar da mãe, gravemente doente. Ele continuou a pregar numa igreja próxima e realizava trabalhos ocasionais para sustentar a família. Na época, a família havia aumentado para sete membros. Meu pai esperava que a situação melhorasse para retornar ao campo, onde se sentia mais necessário. Depois que as tropas japonesas deixaram a China, no entanto, os comunistas e os nacionalistas se envolveram numa guerra civil. Meu pai se inquietou. Ele orava sem cessar, tentando descobrir o plano de Deus para si. Nessa época, descobriu uma igreja cristã japonesa na rua Fuchengmen, 160. O pastor japonês havia fugido da China, e o governo nacionalista fechou a igreja. Meu pai conseguiu persuadir os oficiais do governo a deixar que ele alugasse a igreja. O aluguel mensal equivalia a 150 quilos de arroz. Com alguns bicos, ele providenciava suporte financeiro para a igreja e para a família. De certo modo, foi uma benção. A experiência reforçou sua habilidade como organizador, assim como seu espírito independente. Ele recusou qualquer ajuda de organizações governamentais, insistindo que a igreja deveria ser um lugar santo, sustentado pelos seguidores de Deus.

No final de 1948, com as tropas nacionalistas próximas da derrota, a situação em Pequim se deteriorou. Muitos missionários e cristãos deixaram a China. Meu pai decidiu permanecer. No dia 3 de fevereiro de 1949, tropas comunistas entraram em Pequim e desfilaram diante da igreja na Fuchengmen. Três semanas mais tarde, líderes de várias denominações religiosas se reuniram para discutir a forma de sobreviver num governo ateu. No encontro, meu pai pediu calma, pois os comunistas haviam anunciado que as pessoas poderiam usufruir de liberdade religiosa. Ele também acreditava que a religião deveria ser mantida separada da política secular. Sempre nos dizia: “Cristãos chineses devem possuir sua própria igreja independente. Devemos nos mover na direção da autossuficiência”.

O novo governo, no início, estava ocupado em manter a ordem e construir bases de apoio entre todos os setores da sociedade. O setor religioso teve autorização para operar sem interrupção. Um dia, meu pai levou vários de seus seguidores às ruas. Eles batiam tambores e gongos para atrair pessoas à igreja. Em pouco tempo, atraiu uma grande multidão. Ele também chamou a atenção dos soldados comunistas que patrulhavam as ruas. Os soldados dispersaram a multidão e levaram meu pai à Comissão de Controle Militar. Interrogaram-no brevemente. Ele citou a política de “liberdade religiosa” do governo como defesa. Ele ainda estava argumentando quando os interrogadores lhe disseram, de forma polida: “Você certamente pode desfrutar sua liberdade. Nós acabamos de tomar o controle e libertar a cidade. Há caos por toda parte. Pessoas com todo tipo de formação estão circulando por aí. Você não deveria pregar lá fora”. No fim, o líder militar permitiu que ele saísse sem causar nenhum transtorno.

Dentro do Partido Comunista, havia, na época, uma política interna para restringir as atividades religiosas, reformar os adeptos e, por fim, eliminar todas as práticas religiosas na China. No mundo da religião, nem todo mundo era tão santo quanto afirmava ser.

Liao Yiwu: Você está se referindo a Wu Yaozong?
Yuan: Sim, estou me referindo ao sr. Wu, assim como a outras personalidades religiosas, como Ding Guangxun e Liu Liangmo. Vou lhe fazer uma breve contextualização sobre Wu Yaozong. Ele nasceu em 1893 e se tornou cristão cedo. Wu estudou num seminário em Nova York antes de retornar à China como ministro ordenado. Quando os comunistas tomaram a China, Wu tornou-se um grande apoiador do regime e aceitou a ideologia comunista. Ele dizia que havia experimentado as duas principais transformações na vida. A primeira foi ter recebido o cristianismo como sua fé, passando de um ateu a um homem com uma crença; a segunda foi sua aceitação das teorias sociais marxistas, que eram antirreligiosas. Sem nenhum pudor, ele misturava suas crenças religiosas com a ideologia comunista ateísta.

Wu foi eleito membro do Comitê Nacional de Conferência Consultiva das Políticas Populares Chinesas. Ele se reuniu três vezes com o primeiro-ministro Chu En-lai para traçar as estratégias de reforma do cristianismo na China. Seu plano era cortar todos os laços com os "imperialistas estrangeiros" e adotar os princípios de governo autônomo, sustentação autônoma — isto é, livre do apoio financeiro estrangeiro — e propagação autônoma, que significava trabalho missionário nativo. Esses são os princípios das Três Autonomias. Logo após o plano de Wu se tornar público, a China se juntou à guerra contra os americanos na Coreia. Os princípios das Três Autonomias rapidamente se transformaram num movimento patriótico. Todos os cristãos na China tinham de escolher entre "apoiar o próprio país" e "apoiar os imperialistas estrangeiros". Virou fanatismo. Se não expressasse abertamente seu patriotismo, você era um contrarrevolucionário. Por volta de 33 mil cristãos na China assinaram apoio ao chamado Movimento Patriótico das Três Autonomias.

Apesar da pressão política, muitos cristãos mantiveram-se firmes e rejeitaram os princípios das Três Autonomias. Nessa época, havia aproximadamente sessenta igrejas e organizações cristãs em Pequim. Líderes representantes de onze igrejas declararam publicamente seu desacordo, dizendo que as igrejas na China já haviam adotado os princípios de governo autônomo, sustentação autônoma e propagação autônoma. Não havia necessidade de assinar novamente. Incluído entre esses corajosos líderes eclesiásticos, estava o amigo de meu pai, Wang Daoming.

Meu pai não estava entre os veementes líderes, mas havia muito defendia a separação entre a igreja e a política. Sua frase favorita era: "Deixe Deus cuidar de seus afazeres, e César tratar dos dele". Nossa igreja não deveria ser usada para promover os interesses do Partido Comunista. Sua posição o indispôs com muitos de seus seguidores, e vários o abandonaram. A partir de 1952, os oficiais do governo passaram a envolvê-lo em conversas, pressionando-o a passar para o lado deles. Meu pai rejeitou as solicitações e recusou participar das sessões de estudo político.

No início, oficiais dos escritórios religiosos locais faziam visitas, na tentativa de convencê-lo a mudar de ideia. Agiam de modo semelhante ao dos oficiais de polícia em nossa casa naquele dia. Por volta de 1955, a tolerância do governo chegou ao fim. Acabou por ser a maior calamidade desde a Rebelião Boxer em 1900, quando mais de vinte mil cristãos foram assassinados. Em 1955, mais de mil igrejas foram incendiadas. Dezenas de milhares de cristãos foram detidos. Milhares e milhares foram executados sob a acusação de pertencerem

a seitas. Em Pequim, o governo acreditava que os líderes religiosos rebeldes se intimidariam com o que acontecia nas outras partes do país. O presidente Mao chamava isso de “cercar seus inimigos”.

Liao: Ainda assim, ninguém se apresentou para apoiar o Movimento das Três Autonomias?
Yuan: Exato. Na noite de 7 de agosto de 1955, o reverendo Wang Mingdao e sua esposa foram presos, juntamente com dezenas de outros pregadores.

Liao: Os líderes eclesiásticos pegavam longas penas de prisão.
Yuan: De quinze anos à prisão perpétua. Sob a ameaça de tortura física, o reverendo Wang escreveu uma confissão, e soltaram-no imediatamente, mas ele foi assombrado por sua traição. A tortura espiritual era mais dolorosa do que a tortura física. Ele se entregou à polícia. Disse: “Passarei o resto do meu tempo na prisão para que possa aplacar a ira do Senhor”.

Meu pai também vacilou. Após as prisões de 7 de agosto, muitos pregadores, inclusive meu pai, cederam à pressão e participaram das sessões de estudo político. Um oficial comunista lhe disse: “Você ainda é jovem e tem um futuro brilhante pela frente. Você deveria tentar se reformar”. Ele encorajava meu pai a expressar abertamente seu apoio às políticas do partido nas sessões, mas meu pai optava por permanecer em silêncio. No fundo, ele estava dividido. Por fim, depois de orações e refletir, ele tomou sua decisão, e em 1957, quando convocado a declarar seu apoio aos princípios das Três Autonomias, disse que a política religiosa do governo era injusta. A liberdade religiosa era garantida na Constituição chinesa, mas os cristãos já não podiam desfrutar dela. Alguns cristãos, os favoritos do novo governo, abraçaram os princípios das Três Autonomias, mas eram hipócritas. Quando os japoneses apareceram, renderam-se aos invasores. Quando os americanos apareceram, trataram de participar de suas folhas de pagamento. Agora, congraçavam-se com o novo governo. Aquelas pessoas não eram patriotas. Eram simplesmente oportunistas que se aproveitavam da religião para servir os próprios interesses. Depois disso, meu pai disse que nunca se sentira tão exultante e liberto.

Em vez de prendê-lo, os grupos de estudo foram informados de que o governo requeria que cada um deles identificasse quatro “direitistas”, ou seja, pessoas que haviam se desviado da linha do partido. Desse modo, meu pai se tornara um inimigo do povo.

No entanto, uma vez que o declararam direitista, meu pai não precisava fingir ser politicamente progressista e parou de comparecer às sessões de estudo político. Ele permanecia em casa e manteve sua rotina de oração e estudo bíblico. Ele pregava. “O cabeça da igreja é Jesus, não um oficial do escritório de assuntos religiosos”, dizia quando os amigos pediam cautela. O pastor Qi, um velho amigo da família, disse a meu pai ao jantar conosco:

“Irmão Yuan, quero lhe dar alguns conselhos. Sei que você não ouvirá, mas, como amigo, sinto a obrigação de dizê-los. Você se encontra numa situação muito perigosa agora. Sob esse novo teto, eu o aconselho a curvar a cabeça e controlar seu temperamento. Se não for possível, você deve ao menos fingir ser submisso e continuar a comparecer às sessões de estudo político. Se continuar a ser teimoso e arraigado a seus pontos de vista, você pode enfrentar consequências inimagináveis. Faça isso pelo bem da sua família. Você tem de cuidar de sua mãe doente e de seus filhos. Se algo lhe acontecer, o que você espera que eles façam? Seus

filhos carregarão o perverso rótulo de contrarrevolucionários pelo resto da vida. Não é justo com eles”.

O pastor Qi se emocionou enquanto falava. Lágrimas caíam por seu rosto. Meu pai não se comoveu. No fim, o pastor Qi disse: “Se os comunistas exigem que apoiemos as políticas das Três Autonomias, temos de aceitar. Que opções nós temos?”.

No final de 1957, o governo entrou em contato com a minha família pela última vez, a fim de “salvar” meu pai. Um diretor do Gabinete de Segurança Pública ligou para minha mãe e pediu que ela e minha avó comparecessem ao escritório local de assuntos religiosos. Quando chegaram, o diretor adjunto recebeu-as com alguns conselhos duros: “Convidei vocês na esperança de que possam conversar com Yuan Xiangchen e mudar seu modo de pensar. Como diz o ditado chinês: ‘Puxe as rédeas do cavalo à beira do precipício’. Não podemos aguentar a atitude complicada dele por mais tempo. Ele ainda é jovem, apenas 44 anos. Vocês deveriam ajudar o governo a resgatá-lo. Não confundam nossa benevolência com fraqueza. Se quisermos prendê-lo, nós o prenderemos num instante. Quando isso acontecer, a família inteira será prejudicada”.

Liao: O ditado “Puxe as rédeas do cavalo...” era usado durante a Revolução Cultural como um ultimato.
Yuan: Meu pai soube imediatamente o que aquelas palavras significavam.

Liao: Seu pai não poderia fazer algumas concessões em favor da família? Não havia justificativa para submeter a família a um sofrimento desses.
Yuan: Ele havia pensado com cuidado sobre essas questões. Também se aconselhara com muitos amigos. Mas o maior infortúnio para um cristão não reside na calamidade que se abate sobre ele neste mundo. É a traição a Deus por causa das coisas seculares da terra. Ainda que você seja capaz de proteger seus parentes e posses materiais, sua alma será trancada para sempre nas trevas, sem perspectiva alguma de salvação. Meu pai acreditava que essa fosse a mais terrível calamidade.

Liao: Eu estive na cadeia por um longo tempo, mas ainda não consigo me ver tão determinado quanto seu pai. Se as autoridades usassem meus parentes e amigos como reféns para me ameaçar, forçando-me a desistir de minha fé, eu teria escrito confissões, mentido, feito o que fosse preciso.
Yuan: Mas você não cortaria a mão direita e juraria nunca mais escrever novamente, não é?

Liao: Claro que não.
Yuan: É o mesmo princípio. Meu pai não trairia sua fé, porque a fé era sua vida. Quando um indivíduo perde a vida, o que lhe resta para deixar à família?

Nessas longas noites sem dormir, meu pai se ajoelhava e orava por coragem. Ele tinha dois caminhos à frente: expressar sua disposição de mudar e se unir à igreja governamental das Três Autonomias, ou aceitar a prisão e a separação da família.

Meu pai orou por dez dias, período em que ninguém apareceu para importuná-lo. Ele começou a acreditar que, o governo pudesse ter mudado de ideia quanto a prendê-lo. Por volta das 11 horas da noite de 19 de abril de 1958, a polícia apareceu atrás dele. Bateram

polidamente na porta. Dois policiais da divisão local aguardavam do lado de fora. Eles "convidaram" meu pai para uma rápida reunião no escritório local do Gabinete de Segurança Pública. Lá, vários policiais estavam a sua espera. Eles leram o mandato de prisão e o algemaram. Ele foi acusado de ser "um ativo contrarrevolucionário". Ao mesmo tempo, um grupo de soldados revistava nossa casa, amontoando no chão e pisoteando cópias da Bíblia, hinários e outros materiais de leitura cristã. Eles abriam e esvaziavam malas, vasculharam todos os armários. Com barras de ferro, procuraram esconderijos sob o piso de madeira e nas paredes, arrancando partes da estrutura sempre que ouviam um som oco. Fizeram busca até no tanque usado nas cerimônias de batismo. Nada encontraram de incomum para um pregador. Nenhuma pepita de ouro, nenhum material anticomunista. Às 4h30 da manhã, os soldados partiram com uma carga de livros e tudo que tivesse algum valor. Nós, as crianças, permanecemos imóveis e observamos. Nunca esquecerei aquela noite.

Meu pai não voltou para casa novamente por 21 anos e 8 meses. Mamãe, agora esposa de um ativo contrarrevolucionário, foi destituída de seu emprego como diretora do comitê de rua. Meu irmão de 17 anos, que fora eleito líder de uma organização comunista juvenil, foi removido da posição na escola. Eles nos forçaram a sair da rua Fuchengmen, e nós oito nos apertamos numa casa minúscula de 15 metros quadrados na rua Baitasinei, que, ironicamente, integrava o que costumava ser a ala oeste da residência de um lama tibetano próximo ao templo da Torre Branca.

Para sustentar a família, minha mãe arrumou um emprego temporário na construção civil. Um trabalho pesado, árduo, que ninguém mais queria. Minha mãe era grata por qualquer emprego, embora mal pagasse alguma coisa.

Liao: Entre 1955 e 1958, ministros cristãos foram presos e igrejas por todo o país foram fechadas. Em Pequim, mais de sessenta igrejas foram unificadas em quatro, e, na Revolução Cultural, as quatro foram fechadas. De certa maneira, o governo conseguiu o que queria: a eliminação de toda atividade religiosa na China.

Yuan: Mas eles não podiam controlar o que se encontra no coração das pessoas. Naqueles anos difíceis, nós nos juntávamos com nossa mãe em oração todos os dias. Um dia, ela não encontrou nada para alimentar os seis filhos. Ela ajoelhou e orou: "Deus, não temos arroz. Não temos farinha. Não temos nada para comer. Vai ser assim amanhã. Se o Senhor acha que devemos sofrer assim, nós iremos aceitar o sofrimento. Eu alimentarei as crianças com água quente...".

No dia seguinte, uma mulher apareceu à porta. "É esta a casa do irmão Yuan?", perguntou. Minha mãe balançou a cabeça. A mulher tirou um envelope do bolso e entregou-o a minha mãe. Dentro do envelope havia 50 iuans. Mamãe tornou o olhar para agradecer à mulher, mas ela havia partido. O dinheiro era suficiente para alimentar a família por dois meses. Mamãe se ajoelhou e ofereceu sua gratidão a Deus. Durante as duas décadas seguintes, recebemos regularmente dinheiro anônimo pelo correio.

Liao: Quando vocês descobriram o destino de seu pai?

Yuan: Não tivemos notícias de seu paradeiro até novembro de 1958, quando um funcionário do tribunal local veio a nossa casa e entregou uma cópia do veredicto da corte para minha

mãe. Ele havia pegado prisão perpétua. Quando enfrentavam a perseguição das autoridades seculares, os cristãos nunca recorriam. Assim, minha mãe manteve essa tradição. Teria sido inútil, de qualquer modo.

Em dezembro, meu pai nos enviou um cartão-postal de uma prisão em Pequim, que indicava a data de permissão de nossa primeira visita familiar. Minha mãe levou a mim, minha irmã caçula e minha avó para a rodovia Zixing.

A sala de espera estava lotada de visitantes. Pequenos grupos eram liberados para trinta minutos por vez. A cabeça de papai fora raspada, e ele parecia fraco. Estávamos tão emocionados por rever uns aos outros. Nós simplesmente nos demos as mãos e não sabíamos o que dizer. Minha mãe pretendia dizer que mais irmãos e irmãs cristãos haviam sido presos, mas um guarda permaneceu a nosso lado durante toda a visita.

Liao: Seu pai encontrou colegas cristãos na prisão?
Yuan: Sim. Uma noite, em 1959, os prisioneiros estavam assistindo a um filme doutrinário do lado de fora, quando ele percebeu que, sentado a sua frente, estava seu mentor, reverendo Wang Mingdao. Eles se entreolharam por alguns segundos. Nada disseram, mas ambos olharam para o céu. Aludiam ao Senhor no paraíso. Às vezes, meu pai esbarrava num cristão conhecido, mas tinha muita cautela. No centro de detenção, um antigo católico delatou às autoridades que meu pai continuava a pregar durante o encarceramento. Ele foi punido.

No final de verão de 1960, havia fome em muitas partes da China e as taxas de criminalidade aumentaram de forma drástica. As prisões em Pequim estavam superlotadas. Assim, o governo decidiu enviar prisioneiros com sentenças longas para os campos de trabalhos forçados em Xingkaihu, na província nordeste de Heilongjiang, na fronteira com a então União Soviética. Meu pai foi um deles.

Quando chegaram lá, dormiam em tendas cercadas com arame farpado e produziam tijolos para construir a própria prisão. Quando ficou pronta, eles passaram a dormir lado a lado numa única cama de 50 metros de comprimento.

No inverno, a temperatura em Heilongjiang caía para -30ºC. Trabalhando na lavoura certo dia, um companheiro da prisão notou que o nariz de meu pai parecia descolorido. Papai correu para dentro a fim de se aquecer e foi poupado de danos mais sérios no nariz. Algumas pessoas, sem a mesma sorte, perdiam suas orelhas no frio. Meu pai viu vários prisioneiros congelarem até a morte, como troncos de árvores pelados no campo. É difícil imaginar como meu pai, um intelectual magro e fisicamente frágil, conseguiu sobreviver àqueles longos e frios invernos. Ele disse que nunca adoeceu. Em 1962, a China e a União Soviética romperam de maneira oficial sua amizade e se preparavam para entrar em guerra. Os campos foram fechados. Entre os mais de dois mil prisioneiros, cinquenta eram contrarrevolucionários — os mais perigosos dos criminosos — e foram enviados para Pequim. Meu pai considerou isso uma benção. Ele poderia rever a família, e a comida seria melhor. Em Heilongjiang, os prisioneiros viviam com pão feito de palha de milho ou vegetais silvestres. Em Pequim, ele podia ao menos comer batata-doce. As famílias tinham permissão de enviar comida extra para complementar a escassa ração da prisão.

Em outubro de 1965, eu me formei no ensino médio e fui designado para uma fazenda militar na província noroeste de Ningxia. Antes de partir, visitei papai. Ele agarrou minhas

mãos e as segurou por um longo tempo: “Você já tem 18 anos e vai começar uma nova vida no interior. Você deve aprender a cuidar de si mesmo. Está seguro quanto a sua fé? Sabe cantar os hinos?”. Depois que respondi “sim” a todas as questões, ele sorriu. Eu poderia dizer que ele estava muito feliz. Não o vi novamente por catorze anos.

Liao: Como os guardas lidavam com a crença religiosa dele?
Yuan: Os guardas foram doutrinados com a ideologia comunista. Na mente deles, não havia diferença entre religião e superstição. Monges e pregadores eram como feiticeiros e xamãs. Certo dia, um oficial da prisão distribuiu alguns panfletos sobre como eliminar as práticas supersticiosas na China. Meu pai se levantou após receber o material e disse: “Eu não me envolvo com práticas supersticiosas. Minha fé é verdadeira”. As pessoas a seu redor ficaram nervosas. Mas o oficial da prisão ficou curioso: “Você alega possuir a verdadeira fé. Os monges nos templos são considerados fiéis autênticos do budismo. Você era um monge?”. Meu pai respondeu num tom sério: “Não, eu não era um monge num templo chinês nativo. Se você realmente deseja usar um monge como referência, direi que sou um monge com cabelo num templo estrangeiro”. O oficial da prisão explodiu em risos, e, depois desse episódio, meu pai foi apelidado de “monge estrangeiro”.

Liao: Esse oficial parecia ter a mente aberta.
Yuan: Comparado com outras províncias, os oficiais da prisão em Pequim eram muito mais educados e civilizados. As condições eram igualmente melhores. Mas os bons tempos não duraram muito. Em 1966, a Revolução Cultural teve início, e muitos intelectuais e antigos oficiais do governo foram classificados como contrarrevolucionários. Dentro de pouco tempo, as prisões em Pequim estavam cheias, e as autoridades voltaram a transferir prisioneiros com sentenças longas para Heilongjiang. Meu pai foi enviado para outra fazenda. Eles tiveram de recomeçar o trabalho. Produzir tijolos, construir novos dormitórios. No final de 1966, até os prisioneiros foram mobilizados pela Revolução Cultural e ordenados a expor as atividades e os pensamentos contrários ao partido uns dos outros. Meu pai era um “lacaio dos imperialistas estrangeiros” e foi transferido para uma prisão de supervisão mais rigorosa. Isso significava que ele teria de participar de sessões de estudo político todos os dias, ouvir discursos políticos e escrever autoconfissões. Na área política, meu pai era um analfabeto. Ainda que participasse de muitas sessões de estudo político, sua mente estava em outro lugar. Ele nunca prestava atenção. Um dia ele estava ouvindo o noticiário com um grupo de prisioneiros quando, distraído, perguntou em voz alta: “Como é que nunca ouvimos o presidente Liu Shaoqi em nosso noticiário diário? Ele perdeu o posto? Isso significa que há disputas políticas internas no Partido Comunista?”.

Liu Shaoqi havia sido destituído por Mao, e os comentários de meu pai foram relatados. Ele foi acusado de “esconder más intenções” contra o partido. Durante o interrogatório, a resposta foi curta: “Yuan Xiangchen, você ainda acredita em Deus?”. “Sim, eu acredito.” O oficial pensou ter ouvido mal. Repetiu a pergunta, e meu pai disse calmamente: “Sim, eu acredito”. O oficial se enfureceu. “Você é um maldito teimoso, incorrigível e contrarrevolucionário extremo. Seu problema não pode mais ser resolvido por meio de sessões de estudo. Você merece punição severa”.

Meu pai foi trancado numa pequena e escura cela, medindo cerca de 2 metros de comprimento por 2 metros de largura. Não havia janela nem ventilação. Meu pai disse que era como estar no interior de um túmulo. Duas vezes ao dia, alguém empurrava comida por uma pequena abertura na parte interior da porta, a “fresta para alimentar o cão”. Meu pai viveu ali por seis meses. Ele recebia ordens para sentar, encostar-se à parede e refletir sobre seus erros. Os guardas o monitoravam. Se demorasse a sentar, os guardas o espancavam.

Com a deterioração da situação política, mais pessoas eram removidas e lançadas na cadeia, e as prisões superlotavam cada vez mais. Com o intuito de acomodar o número crescente de pessoas “más”, a prisão forçava meu pai, algumas vezes, a partilhar sua minúscula cela com outro detento, mas a maioria apenas recebia punição extra por alguns dias e logo partia. Meu pai era um morador permanente.

Ele permaneceu na cela por seis meses — seis meses sem banho, sem trocar de roupas, sem ver o sol — e quando saiu, parecia um esqueleto, sujo e tão fraco que mal podia caminhar. Ao se levantar, o chão se inundou de pulgas. A luz do sol o cegou por um longo tempo, mas, lentamente, ele se recuperou.

Liao: Quando vi seu pai naquele dia, não pude acreditar que ele tinha quase 90 anos. Cabelos ainda escuros, a aparência forte e enérgica. Ele não carrega marcas de ter sofrido tanto.
Yuan: Sua longevidade e boa saúde são muito comentadas. Isso pode soar estranho, mas a sentença de prisão o protegeu da perseguição mais severa em Pequim. Durante a Revolução Cultural, muitos pastores foram espancados até a morte pelos guardas vermelhos. Pequim estava no centro do tumulto. Por sorte, a situação no nordeste não era tão tensa.

Na primavera de 1969, a cadeia de meu pai estava superlotada. Assim, ele e outros infratores graves, cerca de mil prisioneiros, foram enviados para a remota região de Nenjiang. Mais uma vez, eles construíram seus próprios dormitórios e se reinstalaram.

Liao: Quantas vezes ele teve de construir a própria prisão?
Yuan: Essa era a quarta vez. Logo após a chegada, deparou com um velho amigo, Wu Mujia, um dos onze líderes da igreja que recusaram endossar a política das Três Autonomias. Wu cumpria uma sentença de quinze anos. Meu pai o avistou quando estava trabalhando numa lavoura de vegetais. As regras da prisão proibiam os presidiários de conversar uns com os outros. Meu pai então começou a cantarolar em voz alta um hino como forma de saudação. Wu ouviu a melodia, ergueu os olhos e reconheceu meu pai. Eles se entreolharam por alguns segundos, e, em seguida, Wu se virou e partiu. Meu pai pensava que Wu iria acompanhá-lo na melodia do hino. Mas Wu não o fez, e meu pai ficou chocado com a reação do amigo. Os dois possuíam uma longa amizade e haviam passado por muitas coisas na vida. Mais tarde, meu pai descobriu que Wu desistira da fé. A notícia lhe causou bastante desânimo.

Liao: Ainda que não seja o caso, mas, enquanto alguns cediam sob a pressão política, outros mais se determinavam a perseverar. Lembro-me de um pregador cristão com o nome de Bafo na cidade de Yinchuan, no noroeste, que permaneceu na cadeia por muitos anos. Quando o presidente Mao morreu, liberaram-no antes do previsto. Nos documentos de sua soltura, as autoridades afirmavam que ele havia confessado seus crimes, o que não havia acontecido, e Bafo queria que corrigissem o registro. “Vocês não têm que me liberar. Eu nunca confessei

meus crimes". Sua requisição foi rejeitada, e Bafo pediu para ser enviado de volta à cadeia. Recusaram. Ele então construiu uma pequena cabana do lado de fora da prisão e viveu ali, jejuando cinco dias por semana para aplacar o que chamava de a ira de Deus. Bafo viveu no interior da cabana por mais de vinte anos antes de morrer.

Yuan: A crença de meu pai o sustentou espiritualmente, tornando possível que ele seguisse adiante. Nenhum dos membros da família acreditava que ele pudesse sobreviver. Sob circunstâncias normais, muitos dos que pegavam prisão perpétua acabavam por cometer suicídio ou enlouqueciam. Meu pai sofreu terríveis torturas físicas, mas sobreviveu. Ele até graceja, dizendo que deveria ser grato. Num campo de trabalhos forçados no noroeste do país, ele tinha de carregar cestos de lixo equilibrados nas pontas de um bastão, mas as estradas eram escorregadias, e ele precisava manter as costas eretas ou achataria o rosto no chão. Hoje ele anda com as costas eretas, não mais curvadas, e não sofre com falta de ar, ao contrário das pessoas de sua idade.

Um dia, em dezembro de 1979, após meu pai voltar da lavoura, um oficial apareceu em seu dormitório e lhe entregou uma folha de papel, que dizia: "Concede-se liberdade condicional ao criminoso Yuan Xiangchen. Durante o período de liberdade condicional, que se inicia na data de soltura e vai até 1989, não lhe é permitido deixar sua residência em Pequim. Yuan deve reportar com regularidade suas atividades e sua maneira de pensar ao gabinete de segurança pública local". Com o documento nas mãos, juntou seus pertences e, imediatamente, caminhou 3 quilômetros até o ponto de ônibus, pegou um trem na cidade seguinte e chegou a Pequim. Seu telegrama com a notícia de que estava voltando para casa causou uma surpresa imensa.

Meu irmão mais velho tinha escrito ao tribunal local, dizendo que meu pai havia sido injustamente acusado pelos fanáticos na época de Mao, e pedindo que o juiz seguisse a política do governo e revertesse o veredicto de meu pai e limpasse seu nome. Responderam-lhe que meu pai era o líder de uma facção contrarrevolucionária e que o veredicto seria mantido. Ele recebeu uma carta formal que declarava: "Revimos cuidadosamente vossa solicitação. Acreditamos que o veredicto original determinado por nosso tribunal contra vosso pai ainda se sustenta. As acusações contrárias a ele permanecem inalteradas". A carta, datada de 16 de novembro de 1979, trazia o carimbo do tribunal.

Liao: E apenas um mês depois, seu pai está em liberdade condicional...

Yuan: O Partido Comunista pode ser imprevisível. Nós estávamos na estação para encontrá-lo, mas, ansioso por voltar para casa, ele decidiu não aguardar e embarcou num ônibus noturno no ponto de Baitashi. Ao chegar, caminhou pelo bairro, à procura de nossa casa, e começou a gritar o nome de minha mãe. Minha cunhada estava em casa e ouviu o chamado. Era a primeira vez que os dois se encontravam. No momento em que chegamos, papai estava lavando os pés numa bacia de água quente.

Liao: Como seu pai se ajustou à vida fora da prisão?

Yuan: Não foi fácil. Ele estava completamente desconectado da realidade da vida moderna, mas, enquanto precisava se reconectar ao mundo físico, permanecia em sintonia com o espiritual. Na verdade, sua fé havia se fortalecido. Após 1979, muitas pessoas que estiveram

encarceradas por suas crenças religiosas foram libertas. Caso expressassem abertamente apoio às igrejas das Três Autonomias sancionadas pelo governo, o Gabinete de Assuntos Religiosos lhes designariam emprego, ofereceriam indenizações e lhes garantiriam moradia. Wu Mujia se uniu a uma igreja das Três Autonomias e conseguiu um emprego de professor na Academia Teológica de Yanjing. Ele levava uma vida bastante confortável. Meu pai nem se preocupou em pedir ao tribunal que limpasse seu nome e logo retomou suas atividades religiosas.

Ele transformou nossa casa numa igreja. Inicialmente, meu pai pregava para dez pessoas. Em alguns anos, a congregação cresceu para trezentos membros, e sua igreja doméstica era a maior em Pequim. Nossa casa, claro, era pequena demais para acomodar tanta gente — desmontávamos a cama para abrir mais espaço — e logo a viela inteira se enchia de seguidores quando ele pregava. Havia uma piada costumeira: “Falta tudo em casa, exceto Bíblias e bancos, que, por sua vez, nos foram presenteados”. Meu pai ainda mantém a opinião de que o governo e a igreja devem estar separados e que a igreja também deve ser autossustentável. Diversas organizações cristãs estrangeiras, tais como a Portas Abertas Internacional, oferecem ajuda por meio de doações de Bíblias. Papai não acredita que sua igreja doméstica precise ser registrada como uma organização sem fins lucrativos, já que isso o colocaria sob a autoridade governamental. Nossa casa foi revistada várias vezes, e sempre somos assediados, mas a posição dele permanece inalterada. Meu pai continua a pregar, e o número de fiéis aumentou muitas vezes desde então. Anos atrás, nós nos mudamos para um novo apartamento. Aquele que você visitou.

Liao: Decidi visitar os seus pais depois de assistir a uma entrevista deles num documentário recente, *A cruz: Jesus na China*. Há uma cena em que seu pai canta um hino para a câmera, com a voz rouca, mas animada: “Sim, eu amo a mensagem da cruz/ Té morrer eu a vou proclamar/ Levarei eu também minha cruz/ Té por uma coroa trocar”. Com sua mãe cantarolando junto, ele estendia os braços no ar, e seu rosto exalava entusiasmo. Era difícil acreditar que ele se aproximava dos 90 anos e que estivera trancado numa prisão por tanto tempo. Muito emocionante.
Yuan: O nome do hino é “Rude cruz”. Meus pais são jovens de coração. Devo mencionar a noite de 3 de junho de 1989,[10] quando soldados armados tomaram as ruas e começaram a reprimir os protestos estudantis. Podíamos ouvir os disparos intermináveis de nossa casa. Meu pai não se intimidou. Ele insistia que os cultos da igreja prosseguissem sem nenhuma interrupção. Na manhã seguinte, acordou às 5 horas. Como não havia serviço de ônibus, ele pedalou 15 quilômetros até a casa de minha irmã e pregou aos cristãos de lá. Durante o sermão, condenou a ação do governo contra os estudantes e cidadãos. Invocou a Palavra de Deus para consolar as vítimas do massacre. Olhando para trás, deve ter sido bastante assustadora sua viagem solitária naquele dia. Ainda havia soldados disparando aleatoriamente nas ruas, mas meu pai, que já estava com quase 80 anos, partiu com calma e sem medo.

Liao: Quais são, hoje, as reações governamentais às atividades de seu pai?
Yuan: Somos assediados o tempo todo. Ano após ano, a polícia acusa meu pai de organizar encontros ilegais e ameaça colocá-lo na prisão novamente. A frequência do assédio policial

costuma coincidir com a situação política em Pequim. Por exemplo, quando o Congresso do Partido ou o Legislativo estão em sessão, ou durante o aniversário do Massacre da Praça da Paz Celestial, ou no Dia Nacional, ou quando chefes de Estado de países importantes visitam a China, ficamos sob vigilância policial 24 horas por dia. O telefone de casa começa a falhar ou é desligado por completo. Eles tornam praticamente impossível que companheiros cristãos se reúnam e ouçam os sermões de meu pai. Se o presidente Obama, ou líderes religiosos ou de organizações internacionais dos direitos humanos visitam a China, a polícia busca meus pais e os coloca num hotel qualquer para assegurar que meu pai não converse com a imprensa estrangeira ou faça algo que possa criar dificuldades para o governo. Em outras ocasiões, fica tudo bem.

Liao: Acredito que muitos dissidentes em Pequim recebam tratamento similar.
Yuan: Ao contrário das atividades dos outros dissidentes, as ações de meu pai não pretendem ser contrárias ao governo. Ele está aqui para realizar a obra de Deus.

Liao: Como seu pai lida com esse tratamento?
Yuan: Anos de encarceramento não mudaram nada nele. Na verdade, ele tem se mostrado cada vez mais resistente e determinado. Cada vez que aparecem em casa, ele se adianta e confronta a polícia: "Se meus companheiros cristãos desejam vir, não posso impedi-los, a menos que vocês coloquem um cadeado em minha casa e me prendam. Sou uma pessoa de fé. Quando a lei religiosa do país viola minha fé, sinto muito, mas tenho de seguir a Palavra de Deus". Muitas vezes, os oficiais de polícia só podem balançar a cabeça. Como você pode ver, meu pai recusa ser influenciado pelo poder secular.

Liao: Ouvi dizer que o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, certa vez convidou seu pai para participar do Café da Manhã de Oração da Casa Branca, evento anual que conta com a presença de líderes cristãos de todo o mundo.
Yuan: Sim, mas meu pai recusou o convite, pois o governo americano também convidou os líderes das igrejas das Três Autonomias. Ele não tinha nenhuma intenção de orar na mesma sala com indivíduos que se curvaram ao poder e abriram mão de sua fé. Além disso, ele não queria participar de atividades religiosas organizadas pelo governo, seja dos Estados Unidos, seja da China. Por último, ainda que ele tivesse aceitado o convite, o governo chinês não teria emitido um passaporte. Meu pai não se sente compelido a se aliar ao dinheiro ou ao poder. Não é fácil hoje em dia, mas nossa família inteira colabora com ele. Todos nós somos cristãos, e, apesar dos desafios, penso que o futuro parece promissor aqui na China.

Epílogo

O reverendo Yuan Xiangchen faleceu em 2005, aos 92 anos. Ele teve seis filhos, todos cristãos devotos. Seu filho, Yuan Fusheng, que entrevistei para este relato, permanece ativo na comunidade cristã em Pequim.

Capítulo 15

E stou desesperada”, sussurrou ela. “Não posso mais permanecer na China. Eu quero fugir.” Na última vez que a vi, Liu Shisheng era jovem e bonita. Agora, sua pele estava ressecada e áspera, a testa marcada por rugas profundas. Líder do movimento poético vanguardista em Sichuan na década de 1980, Liu saíra de cena, desaparecera. Fazia anos que ninguém tinha notícias dela. Vê-la vestida de preto e caminhando em minha direção, enquanto eu estava sentado com amigos no lado de fora da Livraria 31 em Chengdu no ano de 2002, causou-me surpresa, assim como suas palavras. Ocupamos uma mesa separada. Liu começou a chorar. Ela se tornara uma ativista católica e estivera encarcerada durante sete meses por fazer proselitismo nas áreas rurais.

Liu me deixou preocupado. Levantei algumas informações de interesse dela, mas, quando tentei marcar um encontro, Liu não respondeu a meus recados, e eu não tinha outras formas de entrar em contato com ela. Eu a vi novamente três meses mais tarde. Era o terceiro dia após o ano-novo chinês. Ela estava dando uma palestra numa casa de chá, ao ar livre. Parecia calma e relaxada. “Minhas preces diárias me proporcionam muita paz interior”, disse. Liu contou que estava reunindo informações sobre o padre Zhang Gangyi, figura-chave na comunidade católica chinesa.

Liu veio de uma família de oficiais comunistas. O pai lutara por Mao Tsé-tung durante a guerra civil chinesa. Ele estava presente quando os nacionalistas fugiram para Taiwan e ajudou a estabelecer o novo governo em Chengdu. Por anos, seu pai se encarregou da Liga da Juventude Comunista em Chengdu. Ele conheceu a mãe de Liu durante a campanha de nacionalização das empresas privadas da China. Ela trabalhava numa fábrica têxtil e dedicava-se à causa comunista. Casaram-se. Liu nasceu na primavera de 1961, período de fome na China quando pouquíssimos bebês sobreviviam.

Liu Shisheng: Eu era uma rebelde, uma ovelha negra. Não tinha nada em comum com meus pais. Quando criança, com apenas 18 meses, fui enviada por eles a um jardim de infância específico para filhos de oficiais superiores do governo. Frequentei uma escola especial no ensino médio e, depois, a faculdade. Estava saturada da ideologia comunista. Meus pais eram mais dedicados ao trabalho do que à família. Quando visitavam meus irmãos e eu, parecia uma visita à prisão, curta e formal. Depois que se aposentaram, o partido já não precisava mais deles, e eles descobriram que não tinham vida fora do partido. Eles nem mesmo sabiam o que era viver como uma família. Ambos estavam com seus setenta e poucos anos, mas brigavam o dia inteiro. Tornaram-se muito irracionais e atacavam-se verbalmente como inimigos jurados.

Liao Yiwu: Eles tinham colocado a fé no comunismo...
Liu: ... e essa fé resultou em nada. Dedicaram a vida ao Partido Comunista, e o partido

preencheu um cheque polpudo para eles, mas nunca poderão descontá-lo, pois o partido está falido. Gerações e gerações de chineses foram enganadas pelo partido. Tornaram-se todos fanáticos. Muitos antigos oficiais do governo sentiram-se atraídos pela prática da Falun Gong, e, não importa quanto o partido tentasse, não conseguia impedi-los de se juntar a algo que o governo declarava constituir uma seita. A razão era simples. Esses praticantes estavam desiludidos com o partido. Eles haviam dedicado a vida por aquele cheque prometido, apenas para descobrir que não valia o papel em que fora escrito. Hoje, quando meu pai menciona os principais líderes comunistas, é sempre com uma saraivada de impropérios. Ele e outros veteranos de guerra planejavam uma reunião na Praça de Tiananmen para uma manifestação pacífica. Planejavam vestir o uniforme, usar as medalhas e protestar contra a perda das antigas tradições e valores revolucionários. Na percepção deles, a imagem do Partido havia sido manchada pela nova liderança. A polícia soube de seus planos e tentou dissuadi-los, consolando-os e prometendo benefícios. Meu pai entrou num debate intenso com os oficiais de polícia e, mais tarde, disse que a discussão lhe causou a sensação de que o governo prestava atenção a suas queixas. Os veteranos desistiram. Nada conseguiram além de palavras.

Eu estava farta de meus pais e de sua ideologia. Foi por isso que busquei um renascimento espiritual na igreja. Quando fui batizada, até mudei de nome. Meu nome atual me foi dado pelo padre Zhang Gangyi. Levei algum tempo antes de encontrar meu caminho. Deus mudou meu destino, e encontrei significado na vida. Não é fácil. Fui casada certa época e vivi desviada por um longo tempo.

Liao: Não se esqueça de que eu era amigo de seu ex-marido.
Liu: Como posso esquecer? Quando morávamos na rua da Reencarnação, tentávamos escrever juntos poemas de fluxo de consciência.[11] Lembra-se de como ficávamos tão bêbados? Ligávamos o gravador e falávamos frases sem nexo no microfone. Achávamos que estávamos criando a poesia mais extraordinária. Somente uma linha surgiu daquela experiência: “Um lobo vermelho embebido em vinho, a boca a gotejar”. Em 1986, quando os poemas de vanguarda tomaram o país de assalto, a minha casa se transformou num hotel, um grupo de malucos saindo, outro esperando para entrar. Eles dormiam por todo canto, comendo, bebendo e evacuando em minha casa. Eu me tornei cozinheira em tempo integral, comprando comida e bebida alcoólica. Eu só cozinhava e cozinhava. Uma noite, me tranquei na cozinha e liguei o gás. Tentei me matar.

Liao: Por quê?
Liu: Esses meus amigos artistas em tese constituíam a elite cultural, mas não passavam de um bando de animais inúteis e desalmados. Certa vez, eu os vi embebedando e praticando sexo grupal. Era nojento. Onde estava a visão artística naquilo? Tudo se tornou tão sem sentido. Comecei a ouvir vozes...

Em 1989, eu lecionava numa universidade e, quando o movimento estudantil teve início, fiquei animada e vi esperança para a China. Ofereci grande apoio a meus alunos. Mas então aconteceu a repressão do governo. Fiquei seriamente deprimida. Deixei de conviver com as pessoas, rompi contato com meus amigos poetas. Eu vagava pelas ruas, sem objetivo. Numa manhã de domingo, passei pela igreja católica na rua Zouma. Podia ouvir os cânticos e, por

curiosidade, entrei e vi centenas de pessoas sob aquele belíssimo teto alto e arqueado cantando com o coral e o órgão. Permaneci no fundo, com a cabeça baixa, e logo percebi que estava cantarolando a melodia com eles. Senti alguém tocar meu cotovelo. Uma velha senhora sorria para mim. Seu rosto estava enrugado como a casca de uma árvore de mil anos. Ela gesticulou para que eu levantasse a cabeça e cantasse. Fiquei envergonhada. Eu nunca tinha ouvido o cântico de hinos antes. Eu nunca havia escutado música tão pura e celestial. As lágrimas rolaram de meus olhos. Aquela velha vovó me entregou seu hinário. Quando ela sorriu outra vez, notei que só lhe restava um dente na boca. Ela permaneceu ali, estufando seu peito seco e achatado e cantando com o coração. A igreja inteira estava sob o fascínio de Jesus, sem o mínimo de distração. Tudo era tão brilhante e puro. Nunca vou esquecer o primeiro hino que cantei:

> O Senhor é meu pastor; de nada terei falta.
> Em verdes pastagens me faz repousar
> E me conduz a águas tranquilas;
> Restaura-me o vigor.
> Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome.
> Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte,
> Não temerei perigo algum: pois tu estás comigo...
>
> [Salmo 23]

Não me atrevia a cantar alto demais, por medo de estragar a harmonia. Eu estava possuída de felicidade, como uma criança extraviada que encontra o caminho. Olhei para a cruz sobre o altar e para Jesus, que carregou os sofrimentos dos homens. Eu me sentia tocada; meu corpo, eletrificado. Eu queria escrever poesia, mas não a porcaria vanguardista que costumava escrever.

Liao: Eu estive na igreja que você descreveu. A Igreja Patriótica Católica da Província de Sichuan.

Liu: Naquela época, eu não tinha ideia de que havia igrejas patrióticas das Três Autonomias sancionadas pelo governo e igrejas domésticas clandestinas. Após o culto, fui ao escritório local da Associação Católica Patriótica Chinesa para perguntar sobre a adesão à igreja. O padre parecia desconfiado. Por que eu queria me tornar membro da igreja? Ele me explicou a política do partido sobre a religião e os princípios de governo autônomo, sustentação autônoma e propagação autônoma. Enfatizou a necessidade de ser patriota. Perguntei a respeito do Vaticano. Ele disse: "Nossa igreja chinesa não tem relação nenhuma com o Vaticano. Eles não têm controle sobre nós". Com isso, retomou sua explicação e me falou sobre o processo de inscrição. "É bom que você queira se juntar à igreja", disse ele, "mas você tem de conseguir uma recomendação de sua universidade. Depois, a inscrição será analisada pela igreja. Em seguida, deverá ser aprovada pelo Gabinete de Assuntos Religiosos local. Seu arquivo será mantido lá". E ele não parava mais de falar. Achei aquilo ridículo. Então eu o interrompi: "Você não acabou de me dizer que todos são iguais e que temos liberdade de religião neste país?". O padre tomou a defensiva. "Claro, temos liberdade de fé neste país. Você só precisa passar pelos canais apropriados. Por que você não compra um exemplar da Bíblia e a lê? Depois, pense a respeito".

Assim que voltei para casa, comecei a ler a Bíblia que ele me vendeu. Que decepção. Era uma versão abreviada, e no verso havia um organograma que colocava o Gabinete de Assuntos Religiosos do Partido Comunista no topo, a Associação Católica Patriótica Chinesa abaixo, depois a Confederação Episcopal Católica Chinesa e, em seguida, os bispos, padres e assim por diante. Era estranho ver que, dentro da hierarquia da igreja, o Partido Comunista era o chefão. Não era Deus? Retornei ao escritório e pedi a devolução do dinheiro. A recepcionista disse que o padre tinha saído e que eu deveria voltar mais tarde. Fiquei furiosa e estava expressando minha raiva perto da entrada do prédio, quando uma mulher veio até mim e disse: "Não se incomode tentando obter um reembolso. Você deveria jogar isso fora". Esse foi meu primeiro encontro com a professora Bai, minha mentora. Ela me emprestou seu exemplar da Bíblia e disse: "Se quiser ser uma verdadeira filha do Senhor, você deve se afastar daqui. A Associação Católica Patriótica Chinesa é satânica".

A professora Bai me levou a sua casa. Lá, várias pessoas realizavam uma missa, que se aproximava do fim. Ela me apresentou a cada um: "Temos uma nova irmã, que está sofrendo. Vamos orar por ela". Cerca de dez mulheres recitaram a Oração da Novena das Rosas para mim. Desde então, sempre que enfrento problemas na vida, entoo a Novena das Rosas.

Liao: Você ainda está com sua mentora?
Liu: Não. Ela foi presa logo depois que a conheci. Pegou sete anos, sob a acusação de realizar atividades religiosas ilegais. O governo tem invadido muitas igrejas domésticas em Chengdu desde o final da década de 1990. Diversos líderes das igrejas clandestinas são presos por jurar lealdade ao Vaticano, não ao Partido Comunista. Muitos deles tentam manter contato com o Vaticano por meio de canais secretos. É uma longa história. De qualquer modo, antes de ser presa, a professora Bai me apresentou ao padre Zhang Gangyi, e, na Páscoa de 1993, viajei à aldeia Zhangerce, na comarca de Gaoling, província de Shaanxi, onde ele me batizou. O padre Zhang tinha 86 anos e seu nome cristão era Antônio. Espero que você sempre se lembre deste nome.

Liao: Por quê?
Liu: Porque ele inspirou uma nova geração de católicos, como eu. Espero escrever um livro sobre a vida dele algum dia.

Liao: Conheço apenas a história do cardeal Gong Pingmei, preso na década de 1950 por se recusar a renunciar ao Vaticano e a reconhecer a igreja sancionada pelo governo. Ele foi sentenciado a trinta anos. No final da década de 1970, quando ainda estava na prisão, o papa o nomeou cardeal secretamente e tornou a nomeação pública em 1991. Foi publicado um artigo na seção internacional do *Diário do Povo* sobre o Ministério do Exterior acusar o Vaticano de interferir em assuntos internos da China. A nomeação só foi publicada após o cardeal se mudar para os Estados Unidos.
Liu: Nos últimos cinquenta anos, muitos cristãos morreram por causa da opressão e perseguição do Estado. Como o governo controla a mídia, não obtemos informações sobre a maioria desses mártires. Você e outras pessoas souberam do cardeal Gong porque ele foi apontado pelo jornal do Partido como um alvo de condenação. Foi assim que eu soube do padre Zhang. O *Diário do Povo* publicou uma reportagem sobre ele para demonstrar como a

religião era “nociva” para as pessoas. “Elimine a superstição e modifique velhos costumes e tradições”, dizia. O jornalista era bastante sarcástico. A reportagem consistia em algo assim [*Liu narra*]:

> Uma pandemia atingiu recentemente a região, e muitas pessoas adoeceram. Algumas pessoas más usaram a oportunidade para espalhar rumores de que a pandemia era resultado da rejeição popular a Deus. Certo dia, depois da meia-noite, moradores afirmaram ter visto uma auréola brilhante sobre o túmulo de um missionário estrangeiro. Dentro da auréola, a figura de Jesus com uma cruz nas mãos. Imediatamente, um antigo sacerdote católico reuniu um pequeno grupo de aldeões, de pensamento político atrasado. Ele envenenou a mente das pessoas com demagogia. Disseram que ele teria dito: “Esta será a última vez que o Senhor aparecerá para vocês. Deus está pedindo que suas ovelhas retornem ao caminho correto”. Esse antigo padre chegou a proclamar-se Pedro, o discípulo de Jesus. Além disso, alguns moradores locais também espalharam histórias falsas contando como esse antigo criminoso recolheu a água de uma vala malcheirosa próxima e bebeu. Em poucos segundos, a vala se transformou num riacho de água limpa.
>
> Em vista disso, muitos doentes ouviram as fábulas e migraram aos montes para o local onde a auréola havia aparecido e beberam a água do riacho de água limpa nas proximidades. As pessoas ficavam curadas de imediato, e a saúde delas nunca havia sido melhor. Esse mito tem enganado as massas, e, dia após dia, um afluente de pessoas invade a aldeia Zhangerce, achando que descobriram uma panaceia para suas doenças. Quando visitou a área para este artigo, o repórter descobriu que a vala imunda ainda se encontrava ali, e não havia vestígio do riacho limpo. Não havia nenhum sinal da aparição santa.
>
> No final do artigo, o repórter alerta as pessoas de não acreditarem em superstição e as aconselha a informar o departamento público de saúde caso exista uma pandemia. O repórter também adverte as pessoas de “serem vigilantes contra quem espalha boatos e a darem parte de pessoas más à polícia”.

O antigo sacerdote era o padre Zhang Gangyi. Não sei se as alegações sobre a auréola e o riacho limpo eram verdadeiras ou não. Talvez o jornal do partido tenha inventado a história para difamar o padre Zhang, ou talvez algo realmente tenha acontecido e os moradores embelezaram o fato. Você sabe como as pessoas são. Essa história “negativa” tornou o padre Zhang e a aldeia Zhangerce famosos por todo o país. Cristãos chegavam de toda parte, alguns com o artigo nas mãos. Vinham para orar e buscar a bênção do padre Zhang. O padre Zhang ajudou a reavivar o catolicismo na região. Até o dia de sua prisão, no final de 1989, ele realizava uma grande missa na igreja local toda Páscoa.

Liao: O que você sabe sobre ele?
Liu: O padre Zhang Gangyi nasceu em 1907 numa família católica na aldeia Xincheng, no distrito de Xiyang. Hoje, está na atual comarca de Sanyuan, província de Shaanxi. Aos 18 anos, juntou-se ao monastério Tongyuanfang. Em seguida, foi transferido para um monastério na diocese de Ankang, parte sul da província de Shaanxi. Em 1930, ele foi escolhido para ingressar na Ordem Franciscana, uma das mais conhecidas ordens religiosas dentro da Igreja Católica. Os franciscanos patrocinaram seus estudos na sede em Roma. Ele se tornou noviço em 1932 e foi ordenado padre em 15 de agosto de 1937.

Quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, o papa Pio XII enviou o padre Zhang para trabalhar como capelão num campo de prisioneiros de guerra no norte da Itália. Milhares de soldados aliados estavam detidos ali. A Itália sob Mussolini assemelhava-se a um imenso acampamento militar. Havia postos de verificação por toda parte. Segundo a versão popular da história, o padre Zhang foi detido e, durante o interrogatório, disse em inglês fluente: “Eu sou um sacerdote, não um prisioneiro de guerra”. Mas seu interrogador não concordou: “Você vem de um país inimigo, e nós o consideramos um prisioneiro de guerra”. O padre Zhang rebateu: “Aos olhos de Deus, não existe algo como um país inimigo. Há somente Satanás”. O

interrogador gargalhou: “Em tempo de guerra, nossos inimigos são satânicos”. O padre Zhang foi feito prisioneiro de guerra e enviado para um campo, provavelmente como aqueles comuns na Segunda Guerra Mundial: arame farpado, refletores e torres de vigilância. Ele passava o tempo ministrando aos prisioneiros aliados, cuidando dos feridos, rezando por aqueles que necessitavam de suas preces e realizando a missa todos os domingos. Criou-se uma fama tão grande sobre o padre que até Mussolini quis conhecê-lo. Após esse encontro, o padre Zhang tornou-se capelão para todos os campos de prisioneiros de guerra na região e tinha relativa liberdade para se deslocar. Depois que a Itália se rendeu às Forças Aliadas, no final de 1943, os campos foram tomados pelos alemães, e, no fim de 1944, o padre Zhang descobriu que quatro mil prisioneiros americanos e britânicos seriam executados. Ele viajou até o campo numa noite chuvosa, abriu o portão principal e declarou: “Vocês são filhos de Deus. Ninguém, exceto Deus, tem o direito de privá-los da liberdade. Sigam-me e deixem este inferno na terra. Vão para casa e se juntem a seus parentes. Que Deus os abençoe!”. Os prisioneiros avançaram, desarmaram os guardas e fugiram com êxito.

Quanto ao que aconteceu com o padre Zhang, existem duas versões dos fatos. Uma delas, que se encontra na internet, diz que o padre Zhang foi capturado pelos nazistas e condenado à morte por um tribunal militar na Alemanha. Ele seria executado no dia 15 de janeiro de 1945, mas uma operação aérea aliada o resgatou, e o padre Zhang passou o restante da guerra no Vaticano. A outra versão eu ouvi em Shaanxi, e não encontrei confirmação nenhuma a respeito, mas é divertida. Depois que os prisioneiros escaparam, o padre Zhang colocou um vestido de mulher, cobriu a cabeça com um xale, percorreu a Itália até Roma e se infiltrou na Basílica de São Pedro por uma porta dos fundos. Ele seguiu um sacerdote por entre os cavernosos corredores, tentando não se perder, quando o sacerdote sumiu de vista. Enquanto tentava descobrir para onde ir, derrubaram-no no chão. Era o sacerdote, crente que estava sendo seguido por uma mulher. Após descobrir que a mulher era, na verdade, um homem asiático travestido, o sacerdote puxou o xale do padre Zhang e perguntou: “Todos os homens orientais usam lenços na cabeça?”.

Liao: Esta é certamente uma... rendição dramática.
Liu: O padre Zhang teve uma audiência com o papa. Comovido com a história, o papa pediu-lhe que continuasse a servir na cidade do Vaticano. Quando a guerra terminou, o padre Zhang pediu para retornar à China. “O Vaticano é apenas uma cidade, mas seu território espiritual cobre o Ocidente e o Oriente”, teria dito o padre Zhang. “Nós, no papel de missionários, deixamos pegadas de Deus ao redor do mundo”.

Antes de partir, o padre Zhang foi premiado com uma medalha pelo governo italiano pós-guerra por salvar os prisioneiros de guerra, e ele foi convidado a celebrar a missa numa catedral no centro de Roma. No início de 1947, o padre Zhang regressou à China. O generalíssimo Chiang Kai-shek se encontrou com ele em Nanquim, então capital do país, e lhe outorgou uma medalha de “herói nacional”. Ele retornou para a província de Shaanxi e continuou a pregar. No final de 1949, a guerra civil chinesa se aproximava do fim, e o governo nacionalista estava à beira do colapso total. Muitos de seus amigos tentaram convencê-lo a deixar a China, mas ele preferiu permanecer. “Deus me escolheu para servir ao povo *han*, que tem sido afligido por catástrofes e sofrimentos, e para permanecer aqui, neste mundo caótico”.

Em 1950, proibiram o padre Zhang de pregar em Ankang. Ele retornou para Sanyuan e, em 1959, estava entre os que boicotaram a Igreja Patriótica das Três Autonomias sancionada pelo governo e mantiveram sua lealdade ao Vaticano. Foi preso como um espião contrarrevolucionário e condenado à prisão perpétua.

Em 1980, com a abertura chinesa para o Ocidente, o governo havia abrandado o controle sobre a religião e, perto do fim do 21º ano de seu encarceramento, o padre Zhang foi solto. Quando retornou à terra natal, Zhangerce, recebeu cartas do Vaticano e do governo italiano. O Vaticano estivera monitorando sua situação por duas décadas. Depois que a China e a Itália estabeleceram relações diplomáticas, oficiais italianos tentaram tratar a questão por meio dos canais diplomáticos. Nem o Vaticano nem o governo receberam uma resposta do governo chinês. Quando o presidente Mao morreu e a Revolução Cultural teve fim, um amplo número de cristãos na China foi convidado pelo Vaticano a reunir informações a respeito do padre Zhang, e descobriu-se que ele estava preso na província de Shaanxi. Nosso novo líder, Deng Xiaoping, que havia estudado no exterior quando jovem, concedeu liberdade ao padre Zhang. Deng permitiu ainda que o padre Zhang realizasse uma peregrinação ao Vaticano, que ele não visitava há 35 anos. A cidade estava repleta de turistas e romeiros, um nítido contraste com a cidade quase deserta durante a guerra de que ele se lembrava. Os prédios eram os mesmos, mas as pessoas eram diferentes. O novo papa, João Paulo II, estava ocupado, e, após esperar por três dias, o padre Zhang reuniu-se com um representante do Vaticano, e a conversa ocorreu mais ou menos desta maneira:

O representante do Vaticano o cumprimentou: “Em nome do papa, nós lhe damos as boas-vindas. Entendemos que você sofreu tremendamente nas últimas duas décadas”.

O padre Zhang permaneceu em silêncio.

O representante continuou: “Sua situação na China deverá melhorar muito em breve. Há muito sabemos que o governo chinês estabeleceu organizações eclesiásticas patrióticas, que são independentes do Vaticano. Você pode se unir à igreja e oferecer seus serviços, caso esteja disposto”.

O padre Zhang perguntou: “É isso o que o novo papa deseja?”.

O representante balançou a cabeça: “Desde que Deng Xiaoping assumiu o poder, as atividades religiosas na China comunista foram retomadas. Você deve ir cuidar da igreja de sua nação e do povo sob a liderança do Partido Comunista”.

“São estas também as palavras do novo papa?”, perguntou o padre Zhang.

O representante do Vaticano assentiu com a cabeça.

O padre Zhang se enraiveceu: “Pois então vá e diga a ele que existe um único centro. E o centro é o Vaticano. O Vaticano é a capital espiritual para católicos de todo o mundo”.

O ímpeto do padre Zhang atordoou o representante, que se levantou e o abraçou: “Em nome do papa, bem-vindo ao lar”.

O padre Zhang foi dominado por emoções quando o papa João Paulo II o recebeu. Ele disse ao padre Zhang durante o encontro: “Pensamos que você pudesse ter sofrido lavagem cerebral pelos comunistas. Estamos felizes que você não tenha mudado”.

O padre Zhang citou um trecho bíblico: “Honrarei aqueles que me honram”.

As notícias do encontro papal espalharam-se rapidamente, e o padre Zhang, mais uma vez,

tornou-se famoso na comunidade católica chinesa. Ele atingira uma idade avançada, mas a mente continuava afiada. No retorno, voltou para casa, com a promessa de prosseguir num caminho considerado herético na China. Ele ergueu uma igreja em sua aldeia com o dinheiro que o governo italiano lhe concedera por suas ações heroicas durante a Segunda Guerra Mundial e construiu estradas para a aldeia. As atividades do padre Zhang desencadearam uma série de controvérsias na região. Os partidários locais apresentaram artigos que o acusavam de difundir superstição. Deng Xiaoping ordenou que o governo local fosse tolerante. Ele não queria desviar o movimento de reforma integral do país.

Liao: Do início até metade da década de 1980, a China experimentou um renascimento da religião.
Liu: Sim, o catolicismo, antes considerado "o ópio espiritual dos imperialistas estrangeiros", teve permissão de se expandir. Os pregadores católicos podiam exercer a função abertamente. Em 1980, cerca de trezentos líderes católicos na China reuniram-se em Xangai, o primeiro encontro do tipo após a Revolução Cultural. O Vaticano solicitou, por canais diplomáticos, que um enviado do papa tivesse permissão para participar do encontro. O governo chinês rejeitou o pedido. Como a Igreja Católica estava sob jurisdição do Gabinete de Assuntos Religiosos, a premissa para qualquer espécie de liberdade religiosa era o patriotismo. O padre Zhang se indignou e pediu aos oficiais governamentais que reconsiderassem a solicitação do Vaticano: "O papa no Vaticano é o líder físico e espiritual dos católicos no mundo, incluindo os católicos de cada diocese na China. Ele encarna o poder supremo de Jesus Cristo, e nenhum governo secular encontra-se na posição de alterar isso com quaisquer desculpas seculares".

Devido a seu posicionamento, o padre Zhang se tornou alvo de condenação dos líderes eclesiásticos. Diversos padres e bispos o repreenderam, acusando-o de traidor do próprio país e de guiar os católicos chineses a um caminho perigoso. Parecia uma denúncia pública da era Mao.

O padre Zhang citou a carta bíblica de Paulo a Timóteo: "Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória". Em seguida, perguntou: "Vocês acreditam que os oficiais no Gabinete de Assuntos Religiosos compreendem o significado dessas palavras? Eles, incluindo muitos de vocês, provavelmente não leram a Bíblia. Vocês sabem que revisar as palavras do Senhor é considerado um pecado mortal e imperdoável?".

Considerando o eminente *status* internacional do padre Zhang, a direção não o excluiu do encontro. Em vez disso, colocaram a solicitação do padre Zhang em votação, a fim de demonstrar a natureza "democrática" do corpo de líderes. Quando pediram que os participantes erguessem as mãos para definir se o papa é o único líder espiritual dos católicos na China, houve silêncio total. Uma única mão se ergueu: a do padre Zhang. Ele manteve o braço levantado durante as quatro horas da reunião, enquanto os outros 351 clérigos o ignoraram.

Liao: O que aconteceu depois?
Liu: O padre Zhang saiu da igreja, ainda com o braço erguido. Já havia escurecido e as ruas

estavam lotadas. Ele olhou para o céu, gritou “Senhor!”, e depois caiu nas escadas. Foi levado a um hospital.

Após a repressão do governo na Praça de Tiananmen em junho de 1989, o padre Zhang condenou publicamente o uso da força. Na missa, orou pelos mortos e feridos. Em 21 de novembro, um grupo de bispos e padres que recusaram a união com as igrejas do governo se reuniram na aldeia Zhangerce. Eles formaram a Confederação Episcopal Católica Chinesa. O bispo Fan Xueyan, da diocese de Baoding, foi eleito presidente. A organização foi concebida para combater a influência da Confederação Episcopal Católica Chinesa pró-governo. Apenas duas semanas depois, o padre Zhang foi detido pela polícia local para interrogatório. Ele ficou preso até 12 de junho de 1990. O padre Zhang continuou a luta para que a igreja fosse independente do Estado até morrer, em 1997. Ele tinha 90 anos.

Liao: O que ele inspirou em você enquanto católica? Você está disposta a seguir os passos dele e pregar, apesar dos perigos adiante?
Liu: Eu tento. Viajei para as áreas rurais, visitei minas de carvão — uma vez, preguei o evangelho no subterrâneo, na escuridão total — e rezei em cemitérios por crianças que haviam morrido de maus-tratos. Fui perseguida pela polícia em diversas ocasiões, e entrei e saí da prisão muitas vezes. A sentença mais longa durou oito meses. Fui proibida de rezar, e, cada vez que eu rezava, era espancada. Inventaram todo tipo de meios de me torturar. Minha vontade tem se enfraquecido. Estou morrendo de medo. Não quero morrer na China. Eu quero partir.

Liao: Alguma sorte até o momento?
Liu: Eu tranco minha porta e fico em casa para rezar. Eu faço a Novena das Rosas três vezes por dia. Espero poder superar meu medo e alcançar um país favorecido por Deus.

Capítulo 16

O MÚSICO CEGO

Wen Huachun é um músico de rua cego em Chengdu. Ele mora no segundo andar de um edifício precário num apartamento de mobília escassa. Há uma mesa, quatro bancos, uma televisão velha e uma série de instrumentos musicais, que Wen diz ter construído sozinho. Wen é um talentoso tocador de erhu de duas cordas [tipo de violino chinês]. Na parede ao lado da janela, há um imenso pôster dos Beatles.

Um amigo poeta, Jiang Ji, ouviu falar do meu projeto e, em 25 de março de 2006, levou-me para conhecer Wen. Eu havia assistido a uma apresentação dele, cantando e tocando o erhu enquanto pedalava um órgão feito em casa, no distrito de Baiguolin, onde moro, e até lhe joguei 2 iuans no dia em que ele cantou “Entrando numa nova era”. Há um verso de que eu particularmente gosto: “A nova liderança carrega adiante a causa de nossos pioneiros e nos conduz a uma nova era...”.

Fomos recebidos na entrada do prédio pela esposa de Wen, vinte anos mais jovem que ele. Ela vem de uma aldeia rural. Seu lindo rosto exalava vivacidade e determinação. Ela disse que se sentiu atraída pelo talento e pela personalidade forte de Wen e sabia que passaria o resto da vida com ele. Após o casamento, ela comprou um triciclo com uma espécie de plataforma, no qual conduz, pedalando, o marido e seu equipamento musical por toda a cidade. “Eu sou esposa, motorista, babá, guarda-costas e os olhos dele”, brincou. Wen deve ter ouvido nossa conversa no corredor e abriu a porta. Reconheci seu rosto sorridente de imediato.

Falei a ele sobre sua execução de “Entrando numa nova era” e mencionei que a canção parecia popular entre os músicos cegos de rua. Eu a ouvira em Urumqi, no extremo noroeste, e em Pequim, mas gostei mais da versão dele porque eles haviam usado amplificadores estridentes.

Wen zombou, fingindo agressividade:

— Você está caçoando de nós?

Eu sorri:

— Será que eu ousaria?

Wen Huachuan: Você sabe, os tempos mudaram e a sociedade está avançando. Temos de guardar o passado e ser otimistas quanto ao futuro. Encarar o Partido Comunista é como lidar com um tigre enorme. Você pode dar tapinhas e escová-lo, mas tem de ser gentil. Se escová-lo na direção errada, estará em grandes apuros. Acho que isso se aplica tanto a cegos quanto a sujeitos normais. Temos de “entrar numa nova era”.

Liao Yiwu: Conte-me sobre sua vida. Como você perdeu a visão?
Wen: Nasci em 8 de dezembro de 1944, em Huangjiaoye, na parte sul da cidade de Chongqing. Quando criança, segundo minha mãe, eu tinha a visão perfeita. Todos gostavam de mim porque

eu nunca chorava. Lembro-me de minha mãe me levando a banquetes de casamento ou funerais e as pessoas na mesa me tratando como um prato, passando-me em volta e lambendo os lábios para gracejar comigo. Os anfitriões sempre enchiam meus bolsos com doces. Lembro também de perseguir e capturar galinhas no quintal. Ainda hoje, posso ver em minha mente as velhas ruas e as lojas próximas de casa. Minha avó costumava me carregar nas costas. Ela comprava sopa de tofu de vendedores ambulantes para mim. Então, em setembro de 1947, antes de completar 3 anos, minha ama-seca percebeu que eu tinha o que os nativos chamavam de “olhos de galo”.

Liao: O que é isso?
Wen: Eu podia enxergar bem à luz do dia, mas à noite, nada. Eu me assemelhava a um galo. Era como se meus olhos estivessem cobertos por uma cortina pesada que não pudesse ser erguida. Não sei se você repara nisso, mas, quando um galo olha para algo no chão, ele curva a cabeça. Quando comecei a ficar cego, eu fazia a mesma coisa, curvando a cabeça para tentar ver. Às vezes, meu pescoço se estendia para frente. Por fim, não conseguia ver nada e chorava e esfregava os olhos.

Liao: Era algum tipo de infecção?
Wen: Não sei. Meus pais estavam ocupados com os negócios na cidade. Fui criado no interior por uma ama-seca. Naquela época, as crianças não eram tratadas como são hoje. Minha ama-seca tinha vários filhos. Ela precisava trabalhar na lavoura durante o dia e realizar as tarefas domésticas à noite. Ela me amamentava durante os intervalos. Eu passava, portanto, a maior parte de meus dias engatinhando no chão, o rosto coberto de sujeira e lama.

Mas você sabe como as pessoas em Chongqing adoram comida apimentada! Eu comecei a comer alimentos picantes numa idade muito precoce, antes ainda que pudesse caminhar com firmeza. Carregava uma tigela enorme de arroz coberta com uma espessa camada de pimenta vermelha. Era tão ardido que o suor, a secreção do nariz e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Bom demais. As pessoas que não me conhecessem pensariam que eu estava sendo punido por algum delito. Nos dias de verão, eu sentava em torno de uma panela quente e mergulhava a carne crua no caldo de pimenta. Minha roupa se encharcava de suor. Eu tirava quase toda a roupa. Quando me levaram de volta para a cidade, meus pais tiveram de tomar um pote inteiro de pimentas de mim, pois irrompiam urticárias por toda parte do meu corpo, nos cantos da boca, nas axilas e nas costas. Havia duas feridas vermelhas enormes em cada lado de minhas têmporas, do tamanho de amendoins. Eu continuava a coçá-las, e elas ficaram infectadas. Meus pais tiveram de me levar a um médico. Vendo como era doloroso, me proibiram de comer alimentos apimentados. Comecei a recusar comida e quebrei minha tigela em protesto. Talvez tenha sido, portanto, o excesso de comida picante que causou a cegueira.

Minha ama-seca veio me visitar um dia, e, quando a ouvi conversando no pátio, corri para fora de casa, mas estava tateando meu caminho e tropecei e machuquei a cabeça. Ela me apertou contra o peito, examinou meus olhos ao sol e disse: “É terrível. A criança tem olhos de galo”. A ama-seca também contou a minha avó que havia me levado a um vidente certa vez e que o mestre dissera que a deficiência faria parte de meu destino.

Provavelmente, portanto, eu estava destinado a ser cego. Mas, segundo minha ama-seca, o

mestre viu outro futuro possível ao montar seus cálculos baseados na hora, data e ano de meu nascimento. “Esta criança poderá ser uma figura poderosa, um oficial do governo, ao menos em nível de comarca. Mas você tem de mantê-lo no campo até ele completar 3 anos de idade. Caso contrário, seu destino pode se alterar. Ele poderá terminar com uma deficiência, no rosto ou nos pés”. Infelizmente, meus pais me trouxeram de volta para a cidade três meses antes de meu terceiro aniversário.

Liao: Você acredita nessas coisas?
Wen: Acredito. Minha avó me levou a outro vidente quando completei 4 anos. Essa pessoa disse coisas similares sobre meu futuro.

Liao: O que os médicos dizem a respeito de sua visão?
Wen: Eu tinha uma irmã, um ano mais velha. Ela morreu de varíola em 1946. Por ter me tornado o único filho, meus pais possuíam um carinho enorme por mim. Levaram-me a hospitais e gastaram muito dinheiro com oftalmologistas. Minha mãe teve de penhorar quase tudo para cobrir as despesas médicas. Todos os médicos apresentaram o mesmo diagnóstico: meus olhos tinham o nervo ótico danificado. Eu havia tentado todo tipo de remédios. Ervas, comprimidos, pomadas, injeções. Consultei, provavelmente, mais de vinte médicos no espaço de um ano. Meus pais desanimaram. A família estava falida e eu continuava cego. Naquele momento de desespero, alguém recomendou que consultássemos um médico estrangeiro, um missionário.

Esse amigo disse que o estrangeiro era pastor e trabalhava para um hospital da igreja no alto da montanha Wang. Ele afirmava que estava realizando a obra de Deus. Meu pai era um pouco cético. Será que o estrangeiro trataria um não crente? Nosso amigo, que era adepto dessa religião estrangeira, assegurou a meu pai que Deus tratava cada sofredor de forma igualitária. Decidimos ir. O amigo nos levou ao hospital.

Liao: Deve ter sido um hospital católico.
Wen: Não faço ideia. Em minha vizinhança, as pessoas chamavam o cristianismo de “*yang-jiao*” ou “religião estrangeira”. Era bastante popular. O governo nacionalista havia transferido temporariamente a capital de Nanquim para Chongqing durante a invasão japonesa. Muitos americanos acabaram residindo em minha cidade. E mais, o generalíssimo Chiang Kai-shek e a esposa eram cristãos. Antes e depois da Segunda Guerra Mundial, muitos missionários ocidentais vieram para Chongqing. Eles construíram várias igrejas, hospitais e centros de caridade. Nossas religiões locais, o budismo e o taoísmo, exigem apenas que as pessoas queimem incenso e adorem.

Liao: Onde se localiza a montanha Wang?
Wen: Não muito distante de minha casa em Huangjiaoya, perto de Huangshan, em Chongqing, onde Chiang Kai-shek costumava ficar. Meus pais partiram de manhã e não voltaram até o findar da tarde. Eles trouxeram um frasco de colírio. Eu estava brincando na entrada. Disseram-me, com entusiasmo: “Meu bem, sente-se. Vamos lavar seus olhos”. Eu me sentei. Estava cansado de permanecer no escuro. Para quem nasce com a cegueira, a escuridão é a única realidade conhecida, mas para mim, que anteriormente podia ver, era difícil.

Antes de usarem o colírio, lavei os olhos com um pano molhado — vovó consumia até duas bacias de água — e a área em torno de meus olhos foi limpa e esterilizada com bolas de algodão embebidas em álcool que meus pais trouxeram do hospital. O médico missionário deve tê-los instruído a fazer aquilo tudo. Cerca de uma semana depois, eu podia dizer a diferença entre a luz e a escuridão, e após alguns meses, podia saber quando o sol estava se pondo. Era como um banho de luz a respingar sobre mim. Eu podia discernir pessoas por suas sombras e podia apontar para as árvores. Todos choravam de entusiasmo, e os vizinhos se aglomeravam para descobrir a causa da comoção. Alguém disse: “Esta criança é abençoada de verdade. Deus realizou um milagre”.

Meus pais se sentiram bastante encorajados pela melhoria, e, com a continuação do tratamento diário, a neblina começou a dissipar. Minha avó preparou um presente para meus pais entregarem ao médico.

Liao: O que havia nos colírios?
Wen: Não tenho ideia.

Liao: Seus pais não lhe disseram o nome do medicamento?
Wen: Não creio que meus pais soubessem.

Liao: Quanto seus pais pagaram?
Wen: Nem um centavo. O médico disse que estava realizando a obra de Deus. Minha visão melhorava pouco a pouco quando completei 5 anos. As tropas comunistas se aproximavam da cidade. Podíamos ouvir os disparos e os tiros de canhões dia e noite. Havia tropas nacionalistas na cidade. Demorou um longo tempo até os comunistas esmagarem as defesas. Balas perdidas sobrevoavam nosso teto como gafanhotos, destruindo muitas telhas. Ninguém se atrevia a sair de casa.

Quando o frasco de colírio acabou, e apesar do caos e dos perigos, meus pais insistiram em sair para conseguir mais. Eles partiram no início da manhã e voltaram antes do anoitecer, exaustos, perturbados. Com a iminência da derrota do governo nacionalista, todos os estrangeiros em Chongqing, incluindo os missionários, haviam se retirado. Quando meus pais chegaram, o hospital já se achava deserto. O tiroteio prosseguiu por mais três dias e em seguida, de forma bastante abrupta, cessou. Minha avó disse que as tropas comunistas haviam tomado a cidade. Houve fogos de artifício. As pessoas dançavam e cantavam. Chongqing estava “liberta”.

Era tudo destino. A fundação da nova China comunista furtou-me de minha visão, mas eu sabia que nunca diria isso em público. Por poucos anos seguintes, ainda pude enxergar a luz e podia distinguir as pessoas por suas sombras, mas, gradualmente, retornei à escuridão. Meus pais continuavam tentando encontrar a cura que o médico estrangeiro lhes oferecera. Cada vez que me levavam a um médico chinês diferente, ele ou ela dizia sempre a mesma coisa: era tarde demais. Meus olhos estavam encolhendo. Se você olhar para mim agora, verá que minhas órbitas oculares parecem vazias.

No final, desistiram e atentaram para a outra advertência do mestre, de que eu deveria aprender uma técnica para poder me sustentar por conta própria. Eu era bastante inteligente na época e bastante disposto. Descobri assim que tinha talento para a música e gostei disso.

Ficou decidido, então, que eu deveria me tornar um músico cego.

A rua na frente de casa era apelidada de Rua dos Artistas. Muitos músicos e artistas de rua — dançarinos, acrobatas, violinistas, tocadores de erhu e flautistas — gostavam de se reunir ali. Eu seguia os músicos por todo canto e adquiri algumas técnicas. Um vizinho, que eu chamava de tio Yuan, ensinou-me a tocar flauta. Não muito depois, tive aulas de erhu com o sr. Li, um cego que morava perto. Em pouco tempo, podia me apresentar sozinho. Eu estava distante de ser um tocador de erhu ou um flautista de primeira classe, mas era capaz de tocar algumas músicas razoavelmente bem.

Tínhamos de compor um monte de músicas revolucionárias a fim de angariar apoio para as diversas campanhas políticas nacionais e locais, tais como a guerra contra os americanos na Coreia, o Movimento Três Anti,[12] as campanhas de prevenção contra incêndio e roubo e de exposição de espiões imperialistas, a aliança sino-soviética, a campanha Antidireitista e o Grande Passo Adiante. Tivemos de criar muitas canções, mas eu as aprendia muito rápido. Só precisava ensaiar um par de vezes e já conseguia memorizá-las.

Havia antigamente uma canção para alertar pessoas contra espiões imperialistas: “Quando está escuro, é preciso trancar a porta. Se um estranho bate, é preciso perguntar, é preciso pensar antes de falar. É preciso abrir os olhos e aguçar os ouvidos, pois talvez a pessoa esteja coletando informações”. Outras canções encorajavam pessoas a protestar contra os contrarrevolucionários e direitistas.

O comitê de rua me designou para tocar erhu numa pequena orquestra. Eu havia memorizado milhares de músicas e conquistado uma série de prêmios. Durante a fome, as pessoas estavam na miséria, mas o governo insistia em nos enviar para apresentações. Eu era muito jovem. Não recebia salário, mas ganhava um monte de cupons, que podiam ser trocados por alimentos, mas que só funcionavam quando havia comida para trocar. Minha família passou fome diversas vezes.

Liao: O que você tocava nos anos da fome?
Wen: As velhas canções revolucionárias otimistas de sempre, louvando a grande liderança do partido e cantando sobre a vida maravilhosa que tínhamos. Como eu trabalhava duro, continuei a ganhar prêmios. Nos encontros públicos para deficientes, o presidente do comitê de rua me chamava ao pódio e me entregava um certificado vermelho. Após o encontro, eu podia trocar o certificado por uma tigela de batata-doce. Nossa trupe de apresentação se dispersou durante a Revolução Cultural, pois muitas trupes revolucionárias de canto e danças se formaram. Não precisavam mais de pessoas deficientes para apresentações. De modo que fiquei desempregado.

Liao: Você foi afetado de outras maneiras pela Revolução Cultural?
Wen: Não, pelo menos não no início. Eu apenas permanecia em casa, sem coisa alguma para fazer. Nos últimos dias da Revolução Cultural, com todo mundo cansado das limitadas opções de entretenimento, alguns jovens começaram a me visitar. Eu os ensinava a tocar erhu, e, por isso, minha casa vivia cheia. Eu ensinava as velhas canções da década de 1950, até algumas canções românticas do período pré-comunista. Eu acompanhava o canto deles com meu erhu ou minha flauta. Vez ou outra, eu resgatava alguns LPs antigos do sótão e tocava para eles num

velho gramofone. Também escutávamos rádios de ondas curtas e ouvíamos programas musicais do exterior. Tínhamos de ser cautelosos, pois qualquer um apanhado ouvindo rádios de ondas curtas era enviado para a prisão. Mas os jovens gostam de correr riscos, de modo que nos divertíamos muito. Logo, porém, o comitê de rua soube disso e me denunciou à polícia, com a acusação de que eu dirigia um “clube clandestino”. A polícia apareceu certa noite e revistou minha casa. Levaram-me para interrogatório. Não encontraram nada, e eu fui liberado. No decorrer dos anos seguintes, revistaram minha casa no meio da noite diversas vezes. Eu vivia entrando e saindo do centro de detenção. Mas, por eu ser cego, eles encontravam dificuldade em me prender.

O presidente Mao finalmente morreu. A Revolução Cultural terminou. Eu tinha de ganhar a vida. Tentei me apresentar nas ruas e descobri que as pessoas apreciavam minha música. Consegui o bastante para sobreviver. A polícia me perturbava de vez em quando. Eles confiscavam meus instrumentos musicais ou me detinham por alguns dias. Logo que me liberavam, eu voltava às ruas. Acho que eles simplesmente não sabiam o que fazer comigo.

São trinta anos desde que comecei minha carreira de músico de rua. Sou um veterano hoje em dia. A mídia tem escrito muitas histórias positivas a meu respeito. Mas a polícia ainda me vigia de perto, me detendo e me aplicando multas. Estou acostumado com isso.

Liao: Por que você tem um pôster dos Beatles em sua parede?
Wen: Eu adoro as músicas deles. Algum dia, espero viajar para o exterior e tocar nas ruas da América. E quando estiver lá, quero descobrir que tipo de colírio o missionário americano me ofereceu. Isso tem me incomodado por anos e anos.

Liao: Ainda assim, se você não tivesse perdido a visão, não teria sido o brilhante músico de rua que você é.

Epílogo

O que havia no colírio do missionário que quase salvou a visão de Wen Huachun? Consultei Liu Shahe, um famoso historiador em Chengdu. “Óleo de peixe”, disse ele. “É um suplemento comum para os padrões de hoje. Mas, para o povo das montanhas, dificilmente se encontrava peixe no cardápio, e óleo de peixe, que ajuda o organismo a absorver nutrientes, era algo impensável. Quem imaginaria que os olhos precisam de alimentação, assim como a boca? Bem, os médicos ocidentais descobriram isso, extraíram óleo de peixe e o transformaram em colírios.”

De acordo com Liu, colírios feitos de óleo de peixe ajudaram muitas pessoas cegas na China antes da revolução comunista.

Capítulo 17

O ORFANATO

Eu nasci sob o comunismo na China e fui educado por este sistema — certas coisas eram "verdades" e deveriam ser aceitas, jamais questionadas. E na China de Mao a religião era "má", e aqueles que acreditavam nela eram, na melhor das hipóteses, iludidos e necessitavam de reeducação e, na pior, ritualistas ou espiões imperialistas cujo objetivo era corroer o país internamente. Fui criado acreditando que os orfanatos e hospitais cristãos estavam entre os lugares mais assustadores do planeta.

Na escola fundamental, minha professora dizia que os missionários estrangeiros vieram para a China a fim de escravizar e assassinar o povo chinês. As freiras que dirigiam os orfanatos eram monstros, diziam, e, embora mais tarde eu viesse a compreender o estereótipo humorístico da freira disciplinadora entre católicos de todo o mundo, elas assumiam, na China, características apavorantes. Crianças de famílias pobres eram criadas em potes, e quando chegavam à adolescência, as freiras quebravam os potes e as soltavam. Nessa altura, as crianças teriam se transformado em pigmeus e seriam forçadas a sentar à mesa todos os dias e orar para o "Deus" das freiras. Os pigmeus nunca tinham permissão para se divertir.

No decorrer de minhas pesquisas, deparei com uma antiga reportagem publicada pela agência estatal de notícias Xinhua, em 5 de junho de 1964, e escrita por um jornalista chamado Zhong Yuwen. Ilustra, de modo prático, como se utilizava o trabalho missionário cristão para cultivar uma ampla hostilidade contra o Ocidente:

O MUNDO MUDOU

Visita a um hospital infantil em Nanquim
5 de junho de 1964

Em 1º de junho, Dia Mundial da Criança, muitos jovens professores e alunos do ensino fundamental visitaram o Hospital Municipal de Crianças de Nanquim. Atendendo ao pedido do grupo, um médico partilhou com os jovens visitantes a história da instituição.

Em 1937, após explorar impiedosamente e oprimir de forma brutal seu povo por muitos anos, o governo nacionalista e outros reacionários iniciaram uma guerra civil, que mergulhou o país no caos e trouxe mais dificuldades ao povo. Muitas famílias foram arruinadas. Milhares de crianças inocentes tornaram-se órfãs. Na época, instigadas pelos imperialistas estrangeiros, um grupo de freiras estrangeiras, camufladas pela religião, chegou à cidade. O objetivo final era servir os contrarrevolucionários. Elas se utilizavam de uma máscara benevolente de caridade para conquistar as pessoas. Construíram uma casa perto da rodovia Guangzhou e iniciaram a "Casa da Criança do Sagrado Coração", adotando crianças abandonadas. Elas abusavam das crianças e transformaram a Casa da Criança do Sagrado Coração num inferno na terra, um campo de extermínio infantil. Sem piedade alguma, reduziam a ração alimentar das crianças, acrescentando um pouco de leite a 200 gramas de um mingau ralo de arroz e ervilha em pó a cada dia. Para uma criança de 1 ano, a alimentação consistia em mingau de arroz quatro vezes ao dia. Para crianças de 3 a 4 anos, o mesmo mingau ralo de arroz três vezes ao dia. Em consequência disso, as crianças sofriam de subnutrição. Tinham a aparência magra, como madeira seca. A osteoporose predominava. Muitas crianças de 3 anos tinham dificuldades em manter as costas eretas; algumas de 4 anos ainda não conseguiam andar. O peso de muitas crianças de 3 anos permanecia entre 5 e 6 quilos. As freiras nunca cuidavam bem das crianças, e a maioria sofria com eczema e feridas provocadas pela permanência prolongada na cama. O choro seria o comportamento instintivo de uma criança, mas muitas delas não tinham sequer força para chorar. Elas permaneciam ali, esperando para morrer. A taxa de mortalidade no hospital ultrapassava 70%. Quando as crianças morriam, as tais filantropas murmuravam a seguinte frase, com deleite: "Devemos estar felizes por sua morte, pois sua alma vai conquistar o céu".

Além de abusar das crianças fisicamente, as freiras também envenenavam a mente delas. Manhã após manhã, as crianças mais velhas eram forçadas a ajoelhar no chão de cimento gelado da igreja e orar, pedindo que Deus perdoasse

> seus pecados. Elas invocavam Deus constantemente para intimidar as crianças, exigindo que implorassem o perdão de Deus. Em razão disso, as crianças viviam em constante medo e possuíam a autoestima muito baixa. As freiras também concediam às crianças nomes ocidentais, tais como Maria, André, Felipe e Matilde, impondo-lhes educação estrangeira para que permanecessem ignorantes sobre a própria pátria. Desse modo, as crianças poderiam ser facilmente escravizadas pelos imperialistas.
>
> Depois que os comunistas apareceram e libertaram a cidade, as crianças foram resgatadas. Atuando para atender às demandas das grandes massas, o governo do povo puniu os imperialistas estrangeiros de acordo com a lei e assumiu o comando da Casa da Criança do Sagrado Coração, providenciando assistência médica para as crianças. Sob os cuidados do Partido Comunista, as crianças cresceram saudáveis, como mudas secas que são regadas com uma chuva farta. Em 1953, o governo transformou o local onde as crianças chinesas eram violentadas pelos imperialistas estrangeiros num hospital infantil. Sob os cuidados e estímulo do Partido Comunista, médicos e enfermeiros têm dado sua parcela de contribuição na proteção da saúde das crianças chinesas.

Partilhei essa história com meu amigo historiador Liu Shahe, de 75 anos, que vive próximo ao Templo da Benevolência no centro de Chengdu. Ele disse que o governo comunista não foi o primeiro a inventar mentiras e atiçar o ódio contra missionários cristãos.

Liu Shahe: Quando criança, eu costumava ouvir que as freiras católicas eram vampiras que sugavam o sangue das pobres crianças chinesas e arrancavam seus olhos para usar como decoração. As pessoas começaram a espalhar boatos infundados antes da Rebelião Boxer, um movimento anticristão no norte da China, que durou de 1898 a 1901. Houve um incidente notório na província de Sichuan. Em 1896, um hospital cristão, que hoje é o Hospital do Povo de Chengdu nº 2, foi atacado por moradores que afirmavam que os médicos haviam atraído crianças ingênuas ao hospital com doces e, em seguida, mataram-nas, socaram seus corpos em frascos de conserva e comeram a carne. Centenas de moradores enfurecidos quebraram as janelas e tomaram o hospital. Todos os médicos e enfermeiras fugiram e alguns se esconderam dentro de uma igreja na rodovia Shaanxi. Os moradores atacaram a igreja e a incendiaram. Por fim, descobriu-se que um morador havia passado pelo laboratório do hospital e visto amostras de tecido de um bebê morto armazenado em formol. A história tomou vida própria e se espalhou entre o público.

Liao Yiwu: A hostilidade contra missionários continuou sob o regime comunista.

Liu: A máquina de propaganda do governo perpetuou esses rumores e espalhou novas mentiras para atiçar o ódio contra cristãos e forçar as pessoas a abandonar a religião. A reportagem da Xinhua que você me mostrou é um exemplo perfeito.

No período pré-comunista, especialmente em torno da Segunda Guerra Mundial, muitos americanos, incluindo diplomatas, militares e missionários, vieram a Chongqing e Chengdu. Eles construíram aeroportos, hospitais e muitos orfanatos. Na primavera de 1945, Chengdu foi atingida por uma epidemia de cólera. Corpos se acumulavam nas ruas. Os caixões se esgotaram, e os hospitais estavam repletos de pacientes terminais. Um hospital cristão francês na rua Pinganqiao abriu as portas ao público, e os pacientes fervilharam. Quando todas as camas foram ocupadas, os pacientes lotaram os corredores e transbordaram para o pátio. Os médicos e enfermeiras franceses trabalhavam noite e dia. Quando os medicamentos se esgotavam, administravam soros fisiológicos orais ou intravenosos. Por vezes, quando os

pacientes eram trazidos, já não havia o que fazer. Ainda assim, os médicos e enfermeiras cristãos não desistiam e esforçavam-se ao máximo para salvar vidas.

Eu conheci uma freira americana. Como seu primeiro nome iniciava-se com a letra M, que soava como a palavra chinesa “Mann”, nós a chamávamos de irmã Mann. Ela havia morado em Chengdu por muitos anos e oferecia treinamento e oficinas para jovens mulheres que quisessem ser parteiras. Antigamente, como você sabe, as mulheres que cresciam em famílias abastadas não queriam a obstetrícia como carreira, ao passo que as mulheres de famílias pobres talvez se interessassem pela ocupação, mas não possuíam dinheiro para frequentar uma escola. Em vista disso, a taxa de mortalidade na província de Sichuan era alta. Naturalmente, o governo nacionalista também se envolvia em projetos similares, mas creio que as contribuições da irmã Mann tiveram maior destaque. Ela pertencia a um hospital missionário cristão daqui. A irmã Mann também era escritora e publicou vários livros. Você provavelmente já ouviu falar da escritora Han Suyin,[13] que mantinha relações estreitas com a primeira geração de líderes comunistas chineses. No final da década de 1930, Han Suyin trabalhava no mesmo hospital que a irmã Mann. As duas se tornaram boas amigas. Han praticava seu ofício na máquina de escrever da irmã Mann. Após a tomada comunista em 1949, Han Suyin passou a exercer a medicina no sudoeste asiático, mas a irmã Mann permaneceu em Chengdu e continuou a conduzir sua oficina. Ela considerava Chengdu seu lar permanente. No início da década de 1950, o governo exigiu que todas as escolas pendurassem retratos do presidente Mao nas salas de aula. Cristã, a irmã Mann rejeitou as exigências do governo. Os líderes locais vieram falar com ela, para convencê-la a obedecer. Ela permaneceu irredutível. Um dia, enquanto a irmã Mann estava ausente, os líderes colaram um pôster de Mao na parede acima do quadro-negro. Quando voltou, ela percebeu o pôster e se indignou. Achou uma escada, subiu e rasgou o cartaz ao meio. Isso ofendeu extremamente as autoridades. Os líderes locais a acusaram de espiã imperialista e a expulsaram do país.

A irmã Mann regressou aos Estados Unidos, e Han Suyin a visitou na década de 1960. Han descobriu que a irmã Mann não tinha interesse algum em política. Ela nunca difamou o Partido Comunista. Ela não rasgou o pôster de Mao por razões políticas. Ela simplesmente acreditava que o governo secular não devia colocar sua autoridade acima da autoridade de Deus.

Liao: Essa era a atitude predominante?

Liu: A história da irmã Mann não é a única. Quando ascenderam ao poder, os comunistas reescreveram a história e retrataram os missionários cristãos ocidentais como monstros e sabotadores. Muitos missionários que trabalharam e viveram na China por décadas foram forçados a sair do país. Todo o trabalho filantrópico foi usado como evidência contra os países ocidentais, que, segundo o governo, tentavam colonizar e escravizar o povo chinês. O cristianismo está prosperando novamente na China. É tarefa dos historiadores e escritores descobrir a verdade histórica e explicá-la ao público.

Capítulo 18

O NOVO CONVERTIDO

Outrora, Shangshuyuan abrigou um seminário católico, o Seminarium Annuntiationis [Seminário da Anunciação], cuja construção foi iniciada pelo bispo Marie-Hulien Dunand, um missionário francês da diocese de Chengdu, em 1895. Demorou treze anos para ser concluído, um vasto edifício em estilo gótico, abrangendo 18 mil metros quadrados, que produziu uma geração de padres para servir ao sudoeste da China. Um século mais tarde, era um edifício decadente. Os excessos da Revolução Cultural ajudaram a apressar o que a chuva e o vento já vinham deteriorando. Quando visitei o seminário pela primeira vez, no início de 2000, encontrava-se desguarnecido, abandonado e com a estrutura aparente.

Em maio de 2008, quando dois recém-casados, o noivo num terno preto e a noiva num alvo vestido de casamento ao estilo ocidental, posavam para fotos em frente ao local, a terra começou a tremer e as estruturas restantes da capela desmoronaram em torno deles. Em segundos, o que restava do Seminarium Annuntiationis se perdeu. Imagens se difundiram rapidamente na internet. O terremoto de 2008 de Sichuan causou a morte de quase setenta mil pessoas. Um terremoto poderoso, ainda mais poderoso que a Guarda Vermelha.

Na tarde de 13 de janeiro de 2010, enquanto tomava chá com minha irmã no distrito de Bailu, em Shangshuyuan, ouvi um grupo de jovens com roupas da moda falando sobre o terremoto de Sichuan e fui atraído pela conversa. Dela surgiu a revelação de que um deles, Ho Lu, de 24 anos, tornara-se cristão recentemente, e quando admitiu que o terremoto "ainda o assustava" e sugeriu que mudássemos de assunto, perguntei-lhe se poderíamos falar sobre o que o levara ao cristianismo.

Ho Lu: Comecei a ir à igreja com minha mãe quando criança. Depois, quando estava no colégio, eu era bastante rebelde. Odiava tudo que meus pais faziam por mim e desisti da igreja. Nos últimos dois anos, porém, acho que fui me tornando mais maduro e decidi voltar para a igreja. Fui batizado seis meses atrás.

Liao Yiwu: Então você voltou ao ponto de partida.
Ho: Acho que sim. Imagino que nós provavelmente teremos de dar muitas voltas na vida, mas, quanto mais voltas damos, mais confusos ficamos. Olhe aquelas velhas senhoras no parque. Toda manhã e toda noite, elas saem, fazem umas danças esquisitas, praticam *tai chi* e aeróbica e cantam com empolgação umas músicas da ópera chinesa. Elas balançam seus traseiros e fazem todo tipo de coisa estranha. Às vezes me pergunto por que se dão a esse trabalho. Elas querem se livrar da gordura em torno da barriga carnuda? Será que esperam viver para sempre?

Liao: Ei, ei, seja gentil. Elas poderiam ser seus pais, ou avós.
Ho: Não importa. Meu pai é budista, e minha mãe acredita em Jesus. Meu avô ensina literatura

chinesa antiga na Universidade de Sichuan. Sempre que o visito, lá está ele balançando a cabeça e recitando alguns poemas ou prosas ancestrais; ele ama a filosofia taoísta e vive tagarelando para mim versos de Zhuangzi, o mestre taoísta: “Na escuridão do norte há um peixe e seu nome é Kun. O Kun é tão enorme que eu nem sei quantos mil *li* ele mede. Ele se transforma e se torna um pássaro, cujo nome é Peng. As costas de Peng medem não sei quantos mil *li*... Blá, blá, blá”.[14]

De qualquer modo, três religiões são praticadas em nosso país. Cada uma toma conta de si. Por que não criam uma religião familiar unificada, para que não tenhamos de brigar o tempo todo? É meio estranho. Quando criança, eu ia com meu pai ao templo budista e imitava os gestos e expressões faciais das estátuas budistas. Eu me sentava com as pernas cruzadas, na posição de lótus, com os olhos fechados. Eu fazia os adultos rirem muito. Quando estava com minha mãe, eu participava dos cultos numa igreja antiga. As pessoas cantavam hinos. Um lance grandioso e legal.

Eu prefiro o cristianismo. Budismo é regional demais, antigo, e não é legal. Aqueles senhores e senhoras de idade, aqueles empresários ricos ou oficiais do governo, vão aos templos, queimam incenso e suplicam por coisas triviais: mais dinheiro, mais promoções e mais sorte. O taoísmo é intelectualizado demais, inatingível. Acho que o cristianismo é o único totalmente abrangente. Jesus foi crucificado, e seu sangue nos redimiu de nossos pecados. Imagine que doloroso foi para ele, mas ele fez isso para a salvação da humanidade.

Meus pais solicitaram divórcio alguns anos atrás. Lembro que eles discutiam sobre religião o tempo todo. Mamãe queria que meu pai desistisse do budismo e se convertesse ao cristianismo. Papai a ignorava por completo. Mamãe pedia que meu pai pensasse com mais seriedade no cristianismo. Papai rebatia: “Não acho que preciso pensar mais. O budismo é apropriado para chineses do meu tipo”. Mamãe não cedia: “O budismo veio para cá da Índia. Olha o que o budismo tem feito aos dois imensos países atrasados e pobres”. Papai prosseguia: “OK, vá em frente e use sua fé cristã para tornar a China um país rico e avançado. Eu sou feliz onde estou, atrasado e pobre”. Minha mãe terminava sacudindo a cabeça e dizendo: “É muito degradante viver sob o mesmo teto de um pagão”.

Liao: Quando sua mãe se tornou cristã?
Ho: Quando engravidou de mim.

Liao: Em 1985? Poucos anos após o governo abrandar o controle sobre a religião.
Ho: Minha mãe descobriu Deus por acaso. Um velho amigo lhe apresentou uma igreja protestante na vizinhança. Ela participou de alguns cultos dominicais. Sentiu-se inspirada. Um pastor de 70 anos a batizou. Havia várias pessoas presentes. Minha mãe era professora do ensino médio. Ensina chinês. Naqueles dias, era uma grande coisa a conversão de uma professora de ensino médio. Muitas pessoas não aprovavam.

Liao: Parece que sua mãe pertence a uma igreja das Três Autonomias.
Ho: Sim. Eu vi uma placa na entrada. Afirma que a igreja é parte do Movimento Patriótico Chinês Cristão das Três Autonomias. A igreja de mamãe é bastante antiga, com mais de cem anos de história. O pastor começou a servir no caminho da igreja antes que os comunistas aparecessem. Ele acabou de falecer. Você deveria ver o interior, muito legal, antigo, com

decoração tradicional.

Liao: Presumo que a igreja tenha revisto a história e o passado político da sua mãe. O governo controla indiretamente o processo de recrutamento.
Ho: Não sei se controlam ou não. O que sei é que a igreja tem cautela de verdade com novos membros. Eu ouvi falar que o chefe da minha mãe na escola tentou convencê-la a sair da igreja, mas ela foi bastante persistente. No final, as autoridades escolares aprovaram o pedido e definiram alguns parâmetros. O principal: ela não tinha permissão de conversar sobre o cristianismo com os alunos. Quando criança, minha mãe costumava dizer que eu era meio convertido, porque estava dentro de seu ventre quando ela foi batizada.

Liao: Você conhece algum membro de uma igreja clandestina?
Ho: Não. Quando minha mãe se uniu à igreja em 1985, não havia nenhuma igreja clandestina em Chengdu... Não acho que seja grande coisa. Temos um só Deus, que guia todos nós. Não importa onde você adora.

Liao: Você já ouviu falar no reverendo Wu Yaozong?
Ho: O nome soa familiar. Não sei a qual dinastia ele pertenceu.

Liao: Ele foi um dos fundadores do Movimento Patriótico das Três Autonomias na China no início da década de 1950. Eles propunham que as igrejas cristãs chinesas rompessem os laços com os imperialistas ocidentais e se engajassem em governo autônomo, sustentação autônoma e propagação autônoma. Muitos cristãos não concordavam com ele. Eles não acreditam que as igrejas tenham de estar sob o domínio do governo chinês.
Ho: Concordo. Acho que a ideia de Wu Yaozong era maluca e insana. O Senhor Jesus vem do Ocidente. O cristianismo é essencialmente uma religião ocidental. Como você pode se desprender do Ocidente?

Liao: É uma observação interessante. O que o induziu a ser batizado?
Ho: É uma longa história. Mamãe vivia me aborrecendo com minhas tarefas de escola. Ela até me enviou a uma escola de pintura. Acho que ela tinha a esperança de que eu estaria entre os melhores da sala. Quando pequeno, eu era fraco demais para enfrentá-la; aceitava tudo que ela mandasse. Depois que cresci, já não obedecia mais. Durante meu último ano no colégio, recusei participar dos vestibulares nacionais. Mamãe teve um ataque. Ela chorava e orava todo dia, pedindo que Deus lhe concedesse mais convicção e poder. Para falar a verdade, eu estava sofrendo de fobia pré-vestibular. Não conseguia me concentrar nas aulas. Eu tinha quatro aulas na parte da manhã. Quando chegava a quarta aula, começava a me sentir dominado por um impulso de gritar. Eu queria arrebentar as mesas e cadeiras. Aí contei a minha mãe sobre isso. Ela me levou a um médico, que me diagnosticou como portador de “ansiedade intermitente”. Percebendo que eu não estava muito longe de ser um lunático, ela me deixou em paz e parou de me pressionar. Ela também me incentivou a jogar e a navegar na internet. Aproveitei bastante. Estava muito ligado em estrelas *pop*, especialmente astros chineses de *rock*.

Liao: Diga-me, você saía com meninas no ensino médio?

Ho: Sair com meninas? Seu caipira! Nós começamos a sair com meninas no ensino fundamental. Eu provei meu “fruto proibido” aos 14 anos. No ensino fundamental eu já era um veterano. Que escolhas você tem? A nossa alimentação contém muitos hormônios; nosso corpo amadurece rápido.

Liao: Interessante. Desculpe a digressão. O que aconteceu depois?
Ho: Eu não fiz faculdade. E também não conseguia encontrar um emprego para me sustentar. Ficava à toa em casa o tempo todo. Quando a estação de televisão de Hunan exibia o programa *Ídolos Chineses*, eu não perdia um único episódio. Adorava todas as concorrentes femininas, especialmente Li Yuchun. Ela é diferente e *sexy*. Ela é demais. Cada vez que ela aparecia, eu me excitava, ficava agitado.

Liao: Li Yuchun? A cantora que parece andrógina? Não consigo entender uma palavra do que ela canta.
Ho: Você parece minha mãe falando. É exatamente o que ela dizia. Mas, de verdade, é inútil discutir coisas triviais. Agora que sou cristão, me tornei mais sério a respeito da vida. Sinto vergonha por meu comportamento selvagem na adolescência. Sabe como é, quando eu estava no ensino médio, minha mãe me incentivava a ler a Bíblia. Em vez de estudá-la, eu procurava erros para dificultar as coisas para ela. E não era difícil. Por exemplo, em Gênesis, é dito que Deus criou Adão e Eva e permitiu que eles vivessem sem preocupações no Éden e poderiam ter tudo o que quisessem, mas não a fruta que lhes permitiria distinguir o bem do mal. Adão e Eva não puderam resistir à tentação que Satanás colocou diante deles e comeram o fruto proibido. Assim, os seres humanos iniciaram sua longa história como exilados. Depois de ler isso, eu acreditava que Deus era como o governo chinês, tentando dominar as pessoas com uma política para mantê-las na ignorância. Eu deixava minha mãe louca da vida.

Liao: Ao menos você lê as coisas com um espírito crítico.
Ho: Legal que você pense assim. De qualquer forma, eu estava à toa em casa havia dois anos e me envolvia constantemente em brigas com minha mãe. Como eu já tinha passado da idade de prestar vestibular, ir à escola não era mais uma opção. Assistir ao *Ídolos Chineses* não podia ser contado como profissão. Então eu disse a ela que ia procurar um emprego. Mas foi difícil. Eu não tinha nenhum talento ou habilidade. Além disso, eu ficava tempo demais em casa. Meus membros tinham enfraquecido. O mínimo de trabalho físico fazia meu coração bater mais rápido e me causava dores musculares. Aí meu pai me arranjou um emprego por intermédio de um amigo. Eu tinha que trabalhar como guarda de segurança de uma companhia. No primeiro dia no trabalho, levei meu aparelho de MP4. Um dia meu chefe tentou conversar comigo, mas não pude ouvi-lo porque eu estava com os fones de ouvido ligados. Continuei andando, curtindo as músicas da Li Yuchun. Quando me alcançou, meu chefe me agarrou pelo ombro e gritou com sua voz de trovão: “Suma daqui. Você está demitido”.

Meus pais ficaram realmente mal por mim. Cansaram até de me repreender. Papai e mamãe se encontraram para descobrir o que fazer comigo. Meu pai agitava a cabeça, dizendo: “Não sei quando ele vai crescer. Vamos dar um tempo nessa coisa de empregos. Deixe que ele permaneça em casa até completar 25 anos. Talvez até lá ele esteja maduro o suficiente para lidar com um emprego”. Mamãe teve de concordar. Ela se consolava, dizendo: “Há tantos

jovens que permanecem em casa hoje em dia. Pelo menos ele não está sozinho”.

Liao: Como você encarou isso?
Ho: Eu não estava nem aí. Eu não tinha pressa. Não havia uma namorada para me aborrecer. Mamãe cozinhava para mim e me comprava roupas. Eu sempre tinha algum dinheiro no bolso. Não era ruim. Um dia, porém, fiquei entediado em casa. Abri a Bíblia e folheei as páginas e parei numa passagem no livro de Jeremias: “‘Se você voltar, ó Israel, volte para mim’, diz o Senhor. ‘Se você afastar para longe de minha vista os seus ídolos detestáveis, e não se desviar, se você jurar pelo nome do Senhor, com fidelidade, justiça e retidão, então as nações serão por ele abençoadas e nele se gloriarão’”.[15]

Eu fiquei, tipo, totalmente atordoado. Minha mente se apagou por uns minutos. Meu Deus, eu pensava em todos aqueles detestáveis ídolos *pop* que eu havia adorado — Li Yuchun, Jay Chou. Eles passaram pela minha mente como nuvens flutuantes. O Senhor me conhecia bem. Ele compreendia bem minha geração. Nós havíamos sido mergulhados num poço sem fundo de adoração a ícones *pop*. Eu não conseguia me livrar, e minha vida havia sido quase arruinada. Deus finalmente se revelou a mim. Suas palavras eram severas. Eu precisava remover todos os ídolos da vista dele, e eu jurei ser bom.

Quando minha mãe voltou para casa naquela noite, disse a ela que queria ser cristão e queria me batizar. Ela parecia confusa e não sabia o que dizer.

Liao: Essa foi uma mudança um tanto repentina.
Ho: Se você realmente acredita em Deus, tem de ser batizado. Se não acredita, faça como quiser. Era assim que eu pensava na época. Eu sou um protótipo da geração pós-1980. Por anos, segui todos os tipos de ícones *pop* e sabia cantar todas as canções. Quando um novo aparecia, eu descartava os antigos. Passei a vida inteira perseguindo ídolos como um cão persegue um osso. Mas aí aprendi a cantar hinos e nunca me canso deles. Os hinos me comovem num nível mais profundo. Eles me transformam. Estamos habituados a ter discussões bastante livres na igreja. Quando confessei a meus irmãos cristãos meus problemas e dúvidas a respeito da vida, ninguém riu de mim ou pensou que eu fosse estúpido. Quando disse a eles que não tinha um emprego, todos me ajudaram. Realizei várias entrevistas em diferentes companhias. Durante cada entrevista, eu dizia: “Eu sou cristão. Sou jovem e inexperiente, mas sou esforçado e dedicado. Se você não quer me oferecer o emprego, ofereça-me um estágio ou um trabalho voluntário. Se decidir que sou realmente bom, você me contrata ou me paga depois”.

Liao: Você conseguiu um emprego?
Ho: Sim. Eu faço manutenção da *web* para uma empresa.

Liao: Você já participou de cultos na casa de alguém?
Ho: Algumas vezes. Conheço alguns cristãos que se reúnem e adoram dentro dos escritórios. Mas não parece certo. Adorar dentro de uma igreja me causa uma sensação boa. Acho que minha geração só gosta de coisas bonitas.

Liao: Vocês jovens prestam atenção a coisas superficiais, à embalagem, não ao conteúdo.
Ho: O que há de errado com isso? Desde os tempos antigos, a humanidade sempre se sentiu

atraída por coisas bonitas. No começo nos cobríamos com pele de animais. Depois começamos a usar roupas. Tudo tem a ver com a embalagem e a aparência. Quando encaramos o Senhor, precisamos parecer limpos e decentes. Quando o Senhor está no paraíso, ele também mantém o palácio limpo e arrumado para que possa estar disposto a ouvir as orações de seus seguidores. Se nós escolhermos qualquer lugar aleatório e torná-lo uma igreja em nome do Senhor, então qual é o propósito de construir igrejas? Eu vi fotos de igrejas lindas em todas as partes do mundo. Deve haver uma finalidade em construí-las, não acha?

Liao: Várias pessoas se recusam a participar de cultos nessas belas igrejas porque elas são controladas pelo Gabinete de Assuntos Religiosos do governo.
Ho: Será que isso importa? A figura santa na cruz por cima do púlpito é o meu Senhor, seja acima do púlpito numa igreja governamental ou dentro de uma sala de estar. Não é o presidente Hu Jintao ou o presidente Mao.

Liao: Bem...
Ho: As pessoas na sua idade são politizadas demais. É diferente com minha geração. Às vezes isso me incomoda. Eu participei de uma igreja doméstica certa vez. Quando nós estávamos lendo a Bíblia, um ministro ou ancião se levantou de repente. Sem obter a aprovação de todos, ele começou a transmitir uma declaração política e depois pediu que todos orassem por esse e aquele que haviam morrido pelo Senhor, e depois por esse e aquele que haviam sido presos pelo governo. Pediu também que orássemos pelos pecados do governo. Ele modificou totalmente o clima do encontro, tornando-o deprimente e trágico. Diversos membros começaram a chorar após ouvir o apelo político dele. Acho que eu era jovem demais e não tinha tanta experiência. Eu me senti estranho. Pensava: "Por que não deixamos Deus realizar a obra de Deus e César realizar a obra de César? Por que nós sempre misturamos os dois?". O governo quer politizar a religião, e alguns cristãos estão fazendo a mesma coisa. Essas coisas matam meu apetite espiritual.

Liao: Bem, essa é uma perspectiva interessante. Você conhece um cristão chamado Wang Yi? Eu me pergunto qual seria a resposta dele para seu argumento.
Ho: Eu ouvi falar de Wang Yi. Ele vive em Chengdu, certo? Não é ele o cabeça da comunidade cristã chamada Bênção de Outono? Ele é um conhecido intelectual independente e constitucionalista, ou algo assim. O Partido Comunista mantém os olhos atentos nele, tenho certeza. Acho que seu grupo sofreu batidas policiais algumas vezes.

Liao: Sim. Há outro escritor, Yu Jie. É um cristão em Pequim. Eles são todos intelectuais de talento e bastante corajosos. Não têm medo de detenção ou prisão.
Ho: Também existe um monte de intelectuais talentosos entre as igrejas do governo. Algumas pessoas optam por expressar suas opiniões abertamente, outras optam por ser discretas. Alguns querem lutar a luta política, e outros querem se manter longe dela. Essa é a realidade. Eu vi o documentário do reverendo Yuan Zhiming, *A cruz: Jesus na China*. Achei muito tendencioso. Ele se concentra demais em histórias passadas. O presidente Mao e Deng Xiaoping morreram há muito tempo. A maioria dos chineses não se preocupa mais com comunismo ou revolução. Mesmo os oficiais comunistas não se importam tanto com o

comunismo. Como diz o ditado, vendem carne de cão na embalagem de cabeça de ovelha. Esses oficiais comunistas enviam seus filhos ao Ocidente para receberem um tipo diferente de educação. Então por que nós ainda desperdiçamos nosso tempo tentando encontrar falhas neste governo? Eles já se sentem muito inseguros por seu passado criminoso. É melhor não provocar os comunas.

Talvez eu tenha informação demais na cabeça. Já que meu cérebro tem *gigabytes* de memória limitados, eu só cuspo as palavras sem filtrá-las. Desculpe, eu espero que isso não ofenda caras mais velhos como você. Eu preciso deletar alguns arquivos desnecessários na minha cabeça, acho. Por sorte, eu tenho Jesus como meu guia. Eu estou focado. Acho que se continuar realizando um *upgrade* na mente, eu vou ficar legal.

Liao: Você usa um servidor *proxy* para entrar em *sites* estrangeiros?
Ho: Claro.

Liao: Você está a par de Liu Xiaobo e de um documento que ele e outros elaboraram? Chama-se "Carta 08". É uma espécie de declaração a favor da democracia e dos direitos humanos, incluindo o direito à liberdade religiosa. Muitos intelectuais chineses conhecidos assinaram seus nomes no documento.
Ho: Você não precisa de um *proxy* para acessar e ler a "Carta 08". Eu a vi postada em diversos *sites* nacionais. A polícia continua removendo, mas outras postagens aparecem. Por enquanto, não conseguiram acompanhar o ritmo.

Liao: Você é a favor dos pontos de vista descritos na "Carta 08"?
Ho: No longo prazo, sou a favor, mas não apoio no curto prazo. Não vai muito longe porque não tem apoio popular. Mas tenho de dizer que foi uma conduta maldita, coisa de arruaceiro, prender Liu Xiaobo antes do Natal e, em seguida, sentenciá-lo a onze anos na cadeia. Desculpe, como cristão não deveria praguejar, mas acho que Deus vai me perdoar desta vez. Você sabe, Liu Xiaobo não praguejou. Ele expressou sua opinião de maneira civilizada. Ainda que o governo não concorde com ele, não devia trancafiá-lo. O que vão fazer em seguida? Para minha geração, Han Han é considerado um escritor crítico. Ele é meu herói e herói de milhares de jovens hoje em dia. Ele escreveu alguns comentários políticos bastante afiados. Vão enjaulá-lo também? Quando Liu Xiaobo cumprir sua sentença, ele terá mais de sessenta anos. Mesmo que a democracia apareça na China até lá, ele vai estar velho demais para fazer qualquer coisa. Ele poderia se juntar à igreja, ser batizado e ordenado e depois se tornar um pastor. Desse jeito, ele poderia pregar aos outros. Caso contrário, não vejo outra possibilidade para ele, não é?

Veja, ele pertence a um nível mais alto, o nível dos professores. Eu estaria na categoria dos calouros. Se você usar o computador como metáfora, ele é como um *Pentium* 6 ou 7, enquanto eu sou só um *Pentium* 2. Ele está muito à frente, e eu nunca vou estar de igual para igual, mas, se você prestar atenção, ele e outros caras como ele fazem sentido.

[1] Na Antiguidade a China era conhecida como Império do Centro. (N. do T.)

[2] A Falun Gong é uma prática que visa ao autodesenvolvimento do corpo e da mente, com raízes em princípios taoistas e budistas. Desde 1999, quando foi banida da China sob a acusação de ser uma seita de “culto diabólico”, seus seguidores enfrentam intensa perseguição por parte do governo chinês. (N. do T.)

[3] Local em que a comida é preparada em conformidade com as leis islâmicas. (N. do T.)

[4] A campanha Grande Salto Adiante foi lançada na era Mao em 1958 com o objetivo de acelerar o desenvolvimento econômico e a igualdade entre o povo chinês em tempo recorde. A medida foi desastrosa, pois levou caos à economia e fome ao campo, resultando na morte de milhares de camponeses. (N. do T.)

[5] O best-seller publicado em 1933 apresenta uma localidade utópica, Shangri-lá, onde a juventude é eterna e a felicidade, plena. A obra ganhou duas versões para o cinema. A primeira, de 1937, com direção de Frank Capra; a segunda, de 1973, foi dirigida por Charles Jarrot. (N. do T.)

[6] *Bodisatva* é um termo budista referente a seres de sabedoria elevada, seguidores de práticas espirituais que visam o despertar universal. Guanyin é a *bodisatva* mais popular na China, associada à compaixão. (N. do T.)

[7] Comédia dramática, de forte apelo antibélico, a série norte-americana *M*A*S*H*, baseada no filme homônimo de Robert Altman, inspirado por sua vez na obra de Richard Hooker, retratava o cotidiano de médicos militares, cuja função era cuidar dos feridos na Guerra da Coreia. Ficou no ar por onze anos. Seu último episódio, exibido em 1983, permaneceu como recorde de audiência da TV americana até 2010. (N. do T.)

[8] Também conhecido como Festa do Meio Outono, o Festival da Lua é uma festa móvel que reúne as famílias chinesas para celebrar o fim da colheita. A tradição representa a união familiar e a felicidade. (N. do T.)

[9] Ramificação de uma organização criminosa (ou máfia) surgida no século 16 e que atua até os dias de hoje. (N. do T.)

[10] Noite que antecedeu o Massacre da Praça da Paz Celestial ou Massacre da Praça de Tiananmen. O episódio ficou conhecido depois que o exército chinês reprimiu violentamente um protesto em massa por liberdade e democracia, deixando um saldo de 3.600 mortos e sessenta mil feridos. (N. do T.)

[11] “Fluxo de consciência” é uma técnica literária que consiste na transcrição do pensamento contínuo e integral de um personagem, com o raciocínio lógico sendo entremeado com impressões pessoais momentâneas e associação não linear de ideias. (N. do T.)

[12] Campanha da era Mao lançada em 1951 com o objetivo de combater a corrupção, o desperdício e a burocracia. (N. do T.)

[13] Han Suyin é autora de diversos livros, incluindo o romance *A Many-Splendoured Thing*, cuja história Hollywood recriou num celebrado longa-metragem de 1955, *Love Is a Many-Splendoured Thing*. No Brasil, o filme recebeu o título *Suplício de uma saudade*. (N. do T.)

[14] *Li* é uma medida chinesa tradicional, padronizada hoje em 500 metros. (N. do T.)

[15] Jeremias 4.1-2.